

JÉSSICA ANITELLI

ELE DEVERIA TER MORRIDO, MAS SUA
VIDA MUDOU COMPLETAMENTE.

O
PUNHAL

Livro 1

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



ELE DEVERIA TER MORRIDO, MAS SUA
VIDA MUDOU COMPLETAMENTE.

O
PUNHA

Livro 1

O PUNHAL – LIVRO 1

JÉSSICA ANITELLI

Copyright © Jéssica Anitelli
Todos os direitos reservados
Edição Digital
- 2014 -

Capa: Livia Lorena

Revisão: Janaína Ogawa e Paula Vendramini

Diagramação: Jéssica Anitelli

O Punhal

2ª edição

AVISO!

A obra *O Punhal* é cem por cento nacional, e seu compartilhamento em PDF ou em qualquer outro formato, tanto por e-mail quanto por grupos, não é autorizado pela autora. A distribuição gratuita não ajuda na divulgação, apenas prejudica o autor. O incentivo deve se dar por meio da compra do e-book, que está com preço acessível.

Antes de ler qualquer livro em PDF informe-se de como adquiri-lo legalmente, assim você está ajudando o autor a continuar com o seu trabalho e incentivando a literatura nacional para que cresça ainda mais.

A cópia parcial ou total dessa obra é proibida.

Diga não à pirataria!

Para minha mãe, sempre.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Agradecimentos](#)

[A autora](#)

[Outras obras da autora disponíveis na Amazon:](#)

Prólogo

Um arrepio percorreu sua espinha, um mau pressentimento. Diogo olhou para os lados vendo apenas a rua deserta. O vento batia forte contra o seu rosto suado e balançava a copa das árvores deixando a noite mais assustadora. Limpou a testa na manga da camiseta e não mais andou, e sim correu.

O coração martelava violentamente contra o peito reverberando até seus ouvidos. Não prestava mais atenção em nada ao seu redor, só queria chegar em casa o mais rápido possível, não deveria ter saído daquele jeito.

Seus pés seguiam um caminho já conhecido, por isso pareciam ir automaticamente, pois não visualizava o ambiente por causa do seu nervosismo. O arrepio voltou e Diogo fechou os olhos e mordeu a boca. Precisava chegar logo em casa.

Virou uma esquina qualquer e dessa vez a sua noção das coisas ao redor retornou da pior forma possível. Estarreceu ao ver um grupo de homens assaltando duas moças. Não soube o que fazer, como agir. Continuou ali parado observando as mulheres chorarem e os homens as segurarem violentamente. Sua respiração praticamente sumiu e as pernas, antes agitadas pela correria, agora bambeavam. Demorou para raciocinar, e quando o fez, pensando em dar meia volta e ir por outro caminho, um dos assaltantes o viu.

O sujeito gritou para o menino, que sequer entendeu as palavras. Diogo apavorou-se no momento em que o homem veio em sua direção. O que faria agora? O ladrão parou diante dele e

balbuciou frases sem nexo para o jovem, que só conseguia sentir um forte odor de algo que não conhecia invadir suas narinas.

O homem franziu o cenho ao não receber respostas. Diogo não sabia se o seu não entendimento era por causa do medo que o dominava ou se o outro não pronunciava coerentemente. Mesmo assim, não saiu do lugar. O pavor o consumia e não o possibilitava mover os membros inferiores. Só se expressou, arregalando os olhos, quando viu um punho muito perto de seu rosto e, ao ser atingido, caiu batendo com a cabeça na guia da calçada. Desmaiou no mesmo instante.

No entanto, teve um ligeiro despertar, e viu aquele homem de sempre. Aquele que o vigiava desde criança com seus olhos sombrios. Ele estava lá brigando com os bandidos, levantando-os com apenas uma mão, com os olhos vermelhos... Não pôde ver o restante, pois sua consciência se foi.

Acordou ao som de soluços. Olhou para os lados e percebeu que se encontrava no carro, deitado no banco traseiro com a cabeça apoiada no colo de sua mãe, que chorava. Seus pais o levavam para o hospital da cidade. Não entendia como fora parar ali.

Depois de passar por consulta e terem feito um enorme curativo no pequeno machucado em sua cabeça, os pais lhe contaram que ouviram um barulho muito alto vindo da porta da sala e, ao saírem, o encontraram encostado na parede da garagem. Perguntaram onde ele esteve e o que aconteceu. Diogo cogitou a hipótese de contar a eles, mas as lembranças de sua infância tomaram conta de sua mente. Apenas deu de ombros e disse que não sabia o que havia acontecido. Por incrível que pareça, os pais não insistiram mais no assunto.

Logo que chegaram em casa, eles o acomodaram no quarto e depois o deixaram sozinho. Não conseguia ficar deitado, andou por todo o cômodo e pensou consigo mesmo: *aquele homem misterioso salvou minha vida.*

Capítulo 1

Novamente o observava, os mesmos olhos profundos e frios. Sentia mais medo deles do que da figura que os portava, um homem alto, magro e com a pele extremamente pálida. Desde criança era perseguido por ele, mas nunca soube o porquê. Sua lembrança mais antiga, quando tinha por volta de 4 anos de idade, era daquele homem; lembrança muito assustadora para uma criança. Aqueles olhos castanhos que pareciam sem vida penetraram em sua alma. Mesmo tão pequeno já sabia que aquela pessoa estava ali por alguma razão, mas mesmo com essa sensação que surgia em seu íntimo, não era capaz de afastar o medo.

Diogo contou aos seus pais sobre isso, disse que toda noite via um homem vestido de preto, com o rosto muito branco e que o seguia. Recordava perfeitamente da feição de sua mãe ao ouvir seu relato. Os olhos dela encheram-se de lágrimas, era como se já estivesse esperando por aquilo. Até chegou a pensar que seus pais fariam algo a respeito, porém se enganou, apenas disseram que era coisa de sua imaginação. Aos 8 anos ainda persistia em contar a eles, pensava que talvez algum dia acreditassem, mas, como sempre, não davam importância.

Desde então, Diogo desistiu de contar o que via, pois ninguém nunca acreditava nele. Não sabia o porquê, mas sentia e via que sua mãe perturbava-se com o assunto. Nunca entendeu aquilo. Com o passar dos anos, acabou acostumando-se com a presença daquele ser, mesmo que às vezes lhe causasse arrepios com aqueles olhos fundos e a pele esbranquiçada.

Lembrou-se de quando tinha 12 anos. Depois de uma discussão em casa, saíra para esfriar a cabeça. Andou por quase toda a pequena cidade onde morava, e só depois de algumas horas se deu conta de que já estava muito tarde, precisava voltar.

Hesitou um pouco, mas acabou tomando o caminho que o levaria de volta. Não suportava a ideia de que quando chegasse em casa aquela maldita menina estaria lá. Odiava sua irmã mais nova. E foi naquela noite, na qual levou um soco de um bandido, que viu o sujeito que sempre o seguia em ação. Ele o salvou dos assaltantes e ainda o levou para casa. Graças a ele estava vivo.

Agora, depois de alguns anos, novamente via o homem em sua incansável tarefa de observá-lo. Diogo, com 17 anos, era um garoto alto, com cabelos negros e olhos extremamente verdes. Nos últimos meses via aquela figura com mais frequência, pressentia que algo aconteceria, só não sabia o quê. Mesmo perturbado com aquela sensação, toda vez que encarava os olhos profundos, frios e o rosto muito pálido e sereno do seu perseguidor, sentia-se, de alguma forma, tranquilo...

— Diogo, você está bem?

— Hã? O quê? — piscou os olhos, havia esquecido por um momento de Júlia. — Ah... Estou ótimo, por que pergunta?

— É que você estava distraído como sempre, olhando para o nada — disse ela, com sua voz suave. Beijou-o. — Você me assusta quando fica assim.

— Me desculpa — voltou rapidamente o olhar para onde o homem se mantinha, esperando fixar seus olhos nos dele, mas infelizmente já havia sumido. Isso sempre acontecia, quando voltava a olhar nunca o encontrava.

— Vamos, Diogo, estamos atrasados — puxou-o pela mão.

Decidiu parar de pensar naquele homem pelo menos por enquanto e direcionou toda sua atenção para Júlia. Como sua namorada era bonita: possuía os cabelos ondulados, compridos e ruivos, os olhos eram grandes e castanho-claros, às vezes davam a impressão de serem dourados, muito sedutores para uma garota de 16 anos.

Viu-a pela primeira vez no início das aulas. Ele estava sentado em um banco no pátio da escola, quando sua atenção se direcionou para uma garota de cabelos ruivos que vinha caminhando tranquilamente ao longe. Ficou impressionado, nunca nenhuma garota havia lhe chamado tanta atenção assim. Já havia escolhido, seria ela a primeira menina que sairia com ele naquele início de ano escolar. Não demorou muito para ir conversar com ela, disse que a achava linda e queria conhecê-la melhor. Contudo, para sua surpresa, ela recusou.

Nunca, em toda sua vida, isso acontecera. Sabia que todas as meninas o achavam lindo e com isso conseguia sair com qualquer uma que quisesse (isso quando elas não vinham até ele), mas o fato de ser recusado por alguém não entrava em sua cabeça. Passou alguns dias pensando no fora que havia levado daquela garota ruiva. Não conseguia entender por que ela não aceitou.

Continuou tentando mesmo que ela não correspondesse aos seus olhares, seus recados e não aceitava de jeito nenhum sair com ele. Entre essas tentativas, descobriu que se chamava Júlia, havia sido transferida de outra escola e frequentava o segundo ano do Ensino Médio. Não conseguia mais tirá-la de sua mente, às vezes passava o intervalo todo a observando. Começou a perceber que ela

era uma garota muito tímida e meiga, e sentiu-se um idiota por ter chegado nela da forma que chegou; ela não era como as outras garotas com quem saía, era diferente.

Todos na escola comentavam sobre o que acontecia entre ele e a menina de cabelos ruivos, esta com fama de ser a garota mais difícil do colégio, pois nunca nenhuma outra disse não para o garoto mais cobiçado, ainda mais tantas vezes. Não imaginava como a menina se sentia com todo aquele comentário, só sabia que não podia deixar as coisas daquele jeito, queria sim sair com ela, não pelo seu orgulho, mas porque havia se apaixonado.

Em uma manhã, passou as primeiras aulas debruçado sobre a carteira, pensando. Ao ouvir o sinal para o intervalo, levantou-se correndo e foi procurá-la. Assim que a encontrou se aproximou, porém não conseguiu pronunciar uma só palavra, os olhares de todos pesavam sobre eles. Respirou fundo para conter o nervosismo e disse que precisava conversar com ela a sós. As amigas dela se afastaram, deixando-os sozinhos. Antes que pudesse dizer algo, ela começou a falar, muito nervosa, que não seria mais uma na imensa lista dele; que não aguentava mais todos a olhando daquela forma e que não queria mais que ele se aproximasse dela.

Júlia lhe deu as costas, mas antes que pudesse sair ele a pegou pelo braço, contou que ela não seria mais uma em sua lista porque ela era especial, disse também que só agora conseguia entendê-la. Pediu desculpas por tudo que havia feito e prometeu que aquilo não se repetiria. Ficou um instante em silêncio, notou a surpresa dela com suas palavras, soltou-lhe o braço e a olhou profundamente, suspirou e revelou calmamente que começara a gostar dela e que sentia muito mesmo por tudo.

No dia seguinte não a procurou, fez de tudo para não vê-la. Todavia, ao sair da escola a viu parada do outro lado da rua, e assim que ela o notou veio em sua direção. Pediu desculpas por ter falado com ele daquela forma no dia anterior; contou que ficou surpresa pelo fato de um garoto como ele se interessar por ela, que soube de sua fama desde o primeiro dia de aula e que não queria ser apenas uma — queria ser única — pois gostou dele desde o início.

Não conseguia acreditar que aquela linda menina estava na sua frente; mesmo envergonhada ela continuava ali contando o que sentia. Uma onda de felicidade tomou conta de seu corpo, não esperou que terminasse de falar, pegou-a pela cintura e a beijou na frente de todos. Júlia não esperava por aquilo, mas correspondeu-lhe o beijo. Nunca beijara lábios tão macios iguais aos de Júlia, não existiam palavras para definir o que sentiu no momento, sabia apenas que queria ficar perto dela, nada mais.

Não demorou muito para que o pedido de namoro fosse feito. Estavam juntos já havia seis meses, os melhores seis meses de sua vida. Júlia era um amor, adorava seu jeitinho tímido e meigo. Amava-a muito, pena que nunca teve coragem para dizer isso a ela, sabia que essas palavras eram importantes, porém, por algum motivo desconhecido, não conseguia dizê-las.

Júlia o cutucou no abdômen e o fez voltar à realidade, olhou para o lado e viu certa preocupação no rosto de sua namorada.

— Hoje você está muito distraído, Diogo, está mesmo tudo bem?

— Me desculpa, linda, estou bem, sim — passou a mão no rosto da namorada e sorriu ao ver as poucas sardas que ela tinha

em volta do nariz. — Juro que não faço mais isso, minha pimentinha.

— Já disse que não gosto que você me chame assim — cruzou os braços e olhou feio para o namorado. Diogo riu e tentou beijá-la, não conseguindo. — Você só vai me beijar se prometer que nunca mais vai me chamar de pimentinha.

— Tudo bem, eu prometo — ele a abraçou e a beijou.

— Vamos andar mais rápido, a festa já começou faz tempo.

— Vamos sim, minha pimentinha — Júlia lhe deu um tapa no braço e mostrou-lhe a língua, o garoto riu e a abraçou com força, adorava deixá-la brava daquela forma.

Caminhavam em direção à casa de Ruth, melhor amiga de Júlia, era seu aniversário. Mesmo não gostando da garota, aceitou ir só para não deixar que sua amada fosse sozinha. O vento que batia nas árvores das ruas deixava a noite com um cheiro maravilhoso, o cheirinho agradável que só quem mora no interior conhece.

Leme não era uma cidade grande, podiam ir a quase todos os cantos apenas andando. É claro que era preferível ir de automóvel, mas como não era possível no momento, a caminhada tornava-se uma boa alternativa. Depois de saírem da casa de Diogo, andaram alguns quarteirões, chegando à Praça Rui Barbosa, mais conhecida como a Praça da Matriz, no centro da cidade. Desceram a Avenida 29 de Agosto, que possuía um grande movimento de carros e pessoas por ser sexta-feira.

Passaram na frente do Cine Alvorada e desceram até os carrinhos de lanches, que se localizavam ao lado do Clube 29 de Agosto. Ruth morava dois quarteirões depois do clube. Ao chegarem em frente da casa, puderam ouvir a música alta e viram alguns

colegas logo no portão, cumprimentaram a todos e entraram. Eram muitos os convidados, a maioria da escola, todos riam e conversavam.

— Que bom que você veio! — o casal de namorados virou-se ao mesmo tempo. — Minha melhor amiga.

— Eu já deixei de vir a algum aniversário seu? — Júlia soltou da mão de Diogo e abraçou Ruth. — Feliz aniversário, aqui está seu presente.

— Muito obrigada, mas não precisava — olhou para o acompanhante da amiga, ele sabia que ela também não gostava dele. — Oi, Diogo.

— Ah... Oi, Ruth, feliz aniver...

— Venham, vou levar vocês até uma mesa — saiu puxando a garota ruiva pela mão.

Caminhou atrás das duas. A melhor amiga de sua namorada era uma garota alta, quase da mesma altura dele, magra com o corpo bem modelado, seios volumosos que se destacavam, cabelos loiros compridos e olhos verdes. Muito bonita e sensual.

Porém, a odiava, achava-a a pessoa mais insuportável do mundo. Como podia Júlia suportar sua presença? No começo de seu namoro tentava ser o mais educado possível, mas ela não facilitava as coisas. Quando Júlia não estava por perto, era a hora de ela soltar todo o seu veneno. Perdeu as contas das vezes que ela lhe deu mole. Não era cego, ela era uma linda garota, porém também não era burro o suficiente para sair com a melhor amiga de sua namorada. Depois de perceber que não conseguiria nada com ele daquela forma, passou a tratá-lo mal e sempre que tinha

oportunidade apresentava sua amiga para algum garoto. Como a odiava.

Quando chegaram à mesa, a menina loira comentou algo no ouvido de Júlia, que sorriu meio sem graça. Ruth olhou para o rapaz com desprezo e se afastou. Os dois se sentaram.

— O que ela te disse? — perguntou um pouco irritado.

— Nada não, Diogo.

— Não minta pra mim, Júlia, eu sei que ela falou alguma coisa. Se você não me contar, vou eu mesmo perguntar pra ela.

— Bom... — hesitou. — Ela... ela falou que você está parecendo um...

— Um? — sua irritação já estava em um nível alto, dali não sairia nada de bom.

— Um... um idiota... e que me apresentaria um primo dela — abaixou os olhos, sabia que seu namorado não gostava de Ruth e ela muito menos dele.

— Vou mostrar pra ela quem é o idiota aqui! — ameaçou se levantar, mas Júlia pediu que não fizesse aquilo.

— Por favor, não faça nada, eu te peço — pegou em sua mão e lhe deu um beijo. — Ela só estava brincando.

— Brincando? Já te disse que ela me odeia e... — não conseguiu continuar, podia ver em seus olhos castanhos que ela não queria mais falar sobre aquilo. Devia ser difícil escolher entre o namorado e a melhor amiga. Encostou-se na cadeira e respirou fundo. — Você quer beber algo? — perguntou mudando de assunto.

— Sim, quero.

— Eu já volto.

Foi até a mesa do bolo de aniversário e o observou: como era enorme, no centro dele se via as velas, que juntas formavam o número 17. Pegou dois copos descartáveis e encheu-os de refrigerante. A decoração era muito bonita, apesar de ser quase tudo cor-de-rosa. A aniversariante era o tipo de garota que se importava mais em comprar roupas, sapatos e ir ao cabeleireiro do que qualquer outra coisa, uma típica patricinha. *Ainda bem que Júlia não é assim*, pensou Diogo. Sentiu uma mão em seu ombro, virou-se e encarou seu amigo Carlos.

— Pensei que você não fosse vir, que surpresa! — disse Carlos, um garoto moreno, com os cabelos cacheados e compridos na altura dos ombros, olhos negros e uma barba que começava a crescer. — Você não me disse que odiava a aniversariante? — soltou-lhe o ombro.

— E odeio, só que Júlia é melhor amiga dela, lembra? — percebia-se o desânimo em sua voz.

— Como melhores amigas podem ser tão diferentes? — perguntou Carlos com um olhar pensativo. — Júlia é superdescontraída e tudo mais, e Ruth, bom... é linda, beija muito bem, na cama ela... bem, isso não vem ao caso, só que não tem como ter uma conversa inteligente com ela, você me entende, não? — Diogo balançou a cabeça positivamente.

Carlos era um dos ex-namorados de Ruth e não fazia tempo que haviam terminado. Contou uma vez a Diogo que eles só ficavam se beijando e se agarrando, e quando paravam não tinha conversa. Esse foi um dos vários motivos do fim do namoro.

Os rapazes conversaram mais um pouco, mas como sempre, Carlos se perdia em seus pensamentos. Ele era muito distraído.

— Júlia está me esperando lá na mesa. — comentou olhando para o amigo que ainda mantinha aquele olhar pensativo. — Quer ir se sentar com a gente?

— Não, não, não quero atrapalhar seu namoro, vou apenas falar um oi pra ela.

Ao se aproximarem da mesa, viu-a conversando com Mário. Seus cabelos loiros e seus olhos azuis destacavam-se entre os convidados. Os dois estudavam na mesma turma. Percebendo a chegada de Diogo, Mário ficou um pouco vermelho e disse atropelando as palavras:

— Oi, Diogo, como vai? Eu e Júlia estávamos falando de você — ele parecia nervoso. — Bom, já vou indo, até mais — saiu com tanta pressa que nem ouviu sua amiga se despedir.

— Você demorou! — falou séria. — Oi, Carlos, só agora que vi você, como vai? — sua expressão séria se transformou em um lindo sorriso. — Sente-se aqui com a gente.

— Muito obrigado, mas só vim pra te falar um oi... Bom, oi — ficou um pouco sem graça. — Agora vou deixar você interrogar esse cara aqui em paz. Até mais — saiu e foi em direção a um grupo de garotas.

— Minha senhora... — disse sentando-se. — Qual vai ser a primeira pergunta do interrogatório? — segurava-se para não rir, adorava provocá-la, como ficava linda séria. Porém dessa vez ela sorriu e mostrou-lhe a língua.

— Não seja bobo, Mário me disse que tinha visto você e o Carlos conversando, daí me fez companhia.

— Aquele cara é muito esquisito, toda vez que me vê sai correndo — murmurou olhando para os lados para ver se o

encontrava, não o achou. — Acho que ele gosta de você.

— Não, ele é só um amigo — pegou um dos copos que o namorado havia colocado em cima da mesa e bebeu um gole do refrigerante, seus olhos encheram-se de lágrimas. — Não tinha outra coisa a não ser isso?

— Sei que você não curte muito refri, mas só tinha isso, o resto é só breja.

Ficaram sentados por algum tempo conversando e namorando. Amigos foram se juntando a eles, e logo se tornou uma reunião de umas dez pessoas. O assunto estava muito animado e a festa foi indo madrugada adentro. Como era bom estar com os amigos. Desde que havia começado o namoro, preferia ficar mais com sua amada a sair com eles. No entanto, naquela noite podia aproveitar a companhia de todos. Tudo caminhava muito bem, quer dizer, tirando os olhares de ódio que Ruth jogava em cima dele, do resto, tudo continuava bem.

Foram embora acompanhados de alguns amigos, o papo ainda fluía com facilidade. Diogo morava duas ruas acima da escola Newton Prado. Logo chegaram à sua casa. Seus pais dormiam. A escuridão predominava no ambiente e eles não acenderam a luz para não chamarem atenção. Caminharam silenciosamente para seu quarto que era bem simples, só possuía uma cama, um guarda-roupa e seu computador. Nas paredes brancas havia alguns pôsteres das bandas de que gostava.

— Meus pés estão me matando — falou Júlia, sentando-se na cama, retirando as sandálias e massageando-os. — Nunca mais vou usar salto na minha vida.

— Você sempre diz isso — acomodou-se ao seu lado. — Prometo que a primeira coisa que vou fazer quando tiver minha carteira de motorista é te levar pra dar uma volta.

— Promete? — olhava-o nos olhos. Diogo assentiu com a cabeça.

Aqueles olhos o deixavam tonto. Colocou a mão delicadamente no rosto dela, que sorriu e fechou os olhos. Aproximou-se mais. Encostou seus lábios perto do olho direito dela, repetiu o gesto carinhoso algumas vezes, na testa, na bochecha e no nariz de sua amada. Afastou seu rosto para poder observá-la melhor. Ela sorriu levemente. Não mais aguentando, começou a beijá-la. Seus lábios estavam frios por causa do vento da rua. Passou a beijá-la no pescoço. Júlia estremeceu. Voltou para a boca. Suas mãos tocavam sua cintura e desceram suavemente para as coxas. Ela usava saia. Começou a subir. Podia ouvir a respiração dela mudar. Colocou uma das mãos por debaixo da blusa de sua namorada. Pôde sentir o corpo quente. Subiu mais. Encostou no sutiã...

— Não... — disse ela com a voz fraca. — Diogo, não! — segurou as mãos dele tirando-as de suas coxas e debaixo da blusa. Soltou-as e distanciou-se um pouco dele. — Eu já te disse que ainda não.

— Mas por quê? — tremia por causa das sensações causadas ao ficar daquele jeito com ela. — Eu gosto tanto de você... — sua voz falhou.

— Não é só pelo fato de gostar. Quando tiver que ser vai acontecer naturalmente.

— Mas...

Ficou séria. Não devia ter insistido, sabia que ela não gostava. Contudo, era quase impossível ficar ao seu lado sem beijá-la e tocá-la. Só uma vez ela deixou que lhe tocasse como queria, sem ao menos dizer um único não. Nesse dia ela também havia passado as mãos por partes de seu corpo. Chegou a pensar que finalmente ela se entregaria, mas se enganou; como sempre ela não deixava que fosse além daquilo.

— Me desculpa, é que eu...

— Tudo bem — ela sorriu. — Ainda vamos ter nossa noite. Não fique desesperado.

— Não estou desesperado — retrucou e tentou ficar sério, mas caiu na risada com ela. Depois que conseguiram parar de rir, perguntou, levantando-se: — Quer que eu arrume a cama pra você?

— Não precisa, pode deixar.

Andou até o guarda-roupa, pegou um lençol, um cobertor e um travesseiro. Colocou-os de lado. Abriu uma gaveta e escolheu uma bermuda e uma camiseta. Começou a se trocar. Percebeu que Júlia o olhava. Segurou as roupas de cama e se dirigiu até a porta.

— Eu vou dormir no sofá. Boa noite.

— Espere um pouco! — correu até ele. Sorriu timidamente e o puxou para um beijo demorado. Olhou-o nos olhos. — Você não ficou chateado comigo, ficou?

— Claro que não. Eu te respeito muito. Vou esperar o momento certo.

— Que bom. Boa noite.

Caminhou até a sala. Forrou o sofá com o lençol e se deitou. Fechou os olhos e pensou em Júlia. Por que ela fazia jogo duro? Deixava-o louco e depois recuava, era como lhe jogar um balde de

água fria. O pior é que sua amada estava só a alguns metros dali, talvez estivesse trocando de roupa agora, deitando em sua cama...

Passou as mãos no rosto, livrando-se do suor causado pela elevada temperatura de seu corpo. Ela não sabia o sacrifício que foi convencer sua mãe para que a deixasse dormir lá. Dona Sílvia tinha medo de que ele fizesse algo com a garota. Seu pai, Renato, defendeu-o, alegava que já era hora da namorada do filho dormir em sua casa. Deu-lhe até alguns pacotes de camisinhas. Mas pelo andar da carruagem nunca as usaria. Coçou a cabeça e passou novamente as mãos pelo rosto. Era melhor conter os ânimos, senão realmente ficaria desesperado.

Capítulo 2

Acordou assustado com o som da televisão. Sentou-se no sofá, esfregou os olhos e coçou a cabeça. Esticou os braços e sentiu as costas estralarem. Seu pai entrou na sala logo em seguida e quando viu Diogo, olhou ao redor como se fosse fazer alguma coisa errada, e sentou-se ao seu lado.

— Teve uma boa noite, filhão? — tinha um largo sorriso no rosto. — Não precisava vir dormir aqui na sala, podia ter ficado no quarto com a Júlia.

— Bom dia pra você também, pai.

— Você não vai me contar nada?

— Não tenho nada pra contar.

Seu pai sabia que ela era jogo duro. Olhou-o. Como podia ser tão diferente dele? Tinha alguns traços da mãe, principalmente os olhos, porém de seu pai não tinha nada. Sempre quis saber porque não nascera com os cabelos castanho-claros dele, ou pelo menos algum traço, mas nada, nem pareciam parentes. Ele ainda esperava uma resposta sua. Respirou fundo.

— Ela não quis.

Renato colocou a mão em seu ombro, quando ia falar algo, sua mãe adentrou o cômodo. Olhou para os dois no sofá, os olhos verdes iguais aos seus pareciam penetrar-lhe a alma. Não tinha uma feição alegre.

— Onde está a Júlia? — colocou as mãos na cintura.

— Está no quarto. — levantou-se. — Não precisa me olhar assim, não aconteceu nada.

Antes que sua mãe pudesse responder, já andava pelo corredor. Sofria muita pressão de sua família. Seu pai apoiava-o em tudo, já a sua mãe morria de medo que ele engravidasse a menina. Fazia marcação cerrada. *Que saco!* Se pelo menos tivessem feito algo. Mas não, não haviam feito nada e pelo jeito continuaria virgem por um bom tempo.

Nessas horas é que o arrependimento batia, deveria ter aproveitado as oportunidades que teve com as outras garotas. Pelo menos se já tivesse acontecido estaria mais calmo e não desesperado para ter sua primeira experiência.

Entrou no banheiro, escovou os dentes e lavou o rosto. Olhou seu reflexo no espelho e a primeira coisa que notou foi seus olhos verdes. Como podiam ser daquele jeito? Tirando as mulheres da família de sua mãe, nunca encontrara olhos iguais aos dele, e também não entendia como podia só sua família nascer com os mesmos olhos por gerações. Deu de ombros e voltou a pensar na atitude de dona Sílvia. Esfregou o rosto. Mal havia acordado e já se irritara.

Parou em frente à porta do quarto. Suspirou pesadamente, não queria que ela o visse assim. Abriu-a lentamente.

— O que você tá fazendo aqui, sua pestinha? — falou ao ver que Natália, sua irmã mais nova, uma garotinha de apenas 6 anos, estava ali no quarto.

— Não fale assim com ela, Diogo! — repreendeu Júlia.

Natália sentava-se em seu colo. Sua irmãzinha adorava a namorada. Muitas vezes ficava no quarto dele para que Júlia trançasse seus cabelos e com isso atrapalhava o namoro.

— Tato, não fale assim comigo — sua voz era suave e infantil. Parecia uma bonequinha com os cabelos castanho-claros e os olhos da mesma cor. Ela sim parecia com seu pai.

— Você não deveria estar no seu quarto?

— O Tato é muito chato — a pequena franziu o cenho e contorceu os lábios rosados. Virou-se para Júlia: — Como você consegue namorar esse chato?

— Sabe que nem eu mesma sei? — pegou-a pela cintura e colocou-a em pé no chão. — Mas fazer o quê, eu gosto dele — disse sorrindo.

Júlia beijou-a na bochecha, Natália sorriu e caminhou em direção à porta. Parou em frente ao irmão, mostrou a língua e saiu correndo.

— Nana, volta aqui, sua pestinha! — ameaçou correr atrás dela, mas sua namorada pediu que não fizesse isso.

— Ela é só uma criança.

Diogo fechou a porta e sentou-se ao seu lado na cama.

— Gostei muito daquilo que você disse.

— O quê?

— De gostar de mim.

Ela abaixou o rosto, envergonhada. O rapaz a pegou pelo queixo. Aproximou-se tanto dela que podia contar as poucas sardas no rosto da amada.

— Também gosto muito de você — respirou fundo. Essa seria a hora de dizer. Encarou aqueles olhos dourados. — Júlia, eu te...

A porta abriu com um baque ensurdecido. Júlia assustou-se tanto que pulou da cama. Dona Sílvia parou em frente à porta com

as mãos na cintura.

— Por que a porta estava fechada? — olhou para a menina. — Bom dia, querida.

— Bom... bom d-dia, dona Sílvia — ela gaguejou.

— Por que a senhora não bate antes de entrar? — Diogo levantou-se. Sua mãe olhou-o como se ele estivesse preste a cometer o maior pecado do mundo.

— O almoço já está pronto — virou-se para sair do quarto, porém parou. — Mantenham a porta aberta, está muito calor para ficar fechada — saiu.

— Por que ela faz isso? — deixou-se cair sentado na cama.

— Ela teme que a gente faça algo — sorriu.

Ele por sua vez respirou fundo. Quase conseguiu falar, mas sua mãe o interrompeu. Como podia uma frase tão simples daquela ser tão difícil de dizer? Voltou os olhos para a namorada. Agora não adiantava mais, dona Sílvia já havia quebrado todo o clima. Assim que tivesse outra oportunidade diria a Júlia o quanto a amava. Contudo, não agora, já tinha perdido a coragem. Levantou-se e a pegou pela mão.

— Vamos almoçar?

— Vamos.

Depois que almoçaram permaneceram no quarto. Ouviram um pouco de música e jogaram no computador. Por muitas vezes teve que mandar Natália sair de seu aposento, mas a irmãzinha sempre voltava com uma desculpa para poder ficar com eles. Mesmo

fazendo tudo aquilo, ela era uma gracinha. Sentiu-se um completo idiota por ter tanto ciúmes dela com os pais quando era mais novo; chegava a trancá-la no quarto e esconder a chave. Entretanto, agora a amava muito, mesmo ela não o deixando em paz.

Beijava Júlia quando ouviu a voz daquela pessoa. Afastou-se da namorada e encarou a porta. Droga, o que ela queria? Pediu em silêncio para que ninguém entrasse em seu quarto. De nada adiantou, pois a fechadura girou e a porta começou a se mover. Antes que ela estivesse completamente aberta, encarou a namorada e disse:

— Eu não tenho culpa.

Não entendeu o significado daquelas palavras de imediato, e assim que olhou em direção à porta do quarto pôde entendê-las. Uma linda garota entrava por ela, seu cabelo escuro, preso em um rabo de cavalo, balançava de um lado para o outro conforme seu andar. Os olhos verdes dela passaram por Júlia e pararam em Diogo.

— Olá, primo, como você está? E você... — disse voltando a olhar para a garota. — Como é seu nome mesmo?

Diogo se pôs em pé pegando a namorada pela mão fazendo com que ela também se levantasse.

— O nome dela é Júlia e você sabe muito bem disso — falou sério.

Sofia sorriu e caminhou em direção a eles, olhou a menina dos pés a cabeça e depois se aproximou de seu parente, dando-lhe um beijo no rosto. Diogo tentou se afastar, não conseguindo a tempo.

— Por que está tão bravo comigo, priminho?

— Você sabe o porquê.

— Não sei, não — sorriu novamente. — Você não deve tratar sua prima assim, já se esqueceu de tudo o que aconteceu entre nós? E você sabe muito bem que amor entre primos é para sempre, não sabe? — riu e se afastou. — Vim aqui apenas para buscar a Nana. Tchauzinho, priminho lindo — saiu.

Deixou-se cair sentado na cadeira e passou a mão no rosto. Por que Sofia fazia questão de lembrar que eles já saíram? Mesmo sendo um ano mais velha, quando crianças contavam segredos um para o outro, e muitas vezes chegou a fazer companhia para sua prima à noite, pois ela morria de medo dos sonhos que tinha e daquele homem de preto, que também sempre via. Envolveram-se quando Diogo tinha 15 anos e todos da família ficaram horrorizados, diziam que primos tão próximos não podiam ter aquele tipo de relação. Ela era filha de sua tia, irmã mais velha de sua mãe. Ninguém queria que ficassem juntos, mas assim que o relacionamento chegou ao fim, todos perguntavam o porquê do fim do namoro. Realmente não entendia a reação dos parentes.

Olhou para Júlia e a viu mirando os próprios pés. Sabia que ela não gostava nem um pouco de Sofia, também não era para menos, sua prima fazia questão de fazer pouco de sua namorada. Depois de Ruth, ela ficava em segundo lugar na sua lista de pessoas odiadas. Abraçou fortemente a namorada.

— Por que ela faz isso? Por que ela sempre precisa dizer que saiu com você?

— Eu realmente não sei. Mas tenta esquecer, ela não é importante pra mim.

— Mas não gosto dela — alterou a voz. — Não quero nunca mais ver ela na minha frente e muito menos perto de você,

aquela idiota, horrorosa, desengonçada... — ele começou a rir. — Qual é a graça?

— Nunca tinha visto você com tanto ciúmes.

— Não estou com ciúmes — fechou a cara.

Fez de tudo para que a linda namorada não ficasse mais brava por causa de sua prima.

No final da tarde, nem ela e nem ele lembravam mais que Sofia havia passado por ali. Esperavam as horas passarem deitados na cama, quando o celular de Diogo fez um som avisando que chegara um SMS. Enquanto lia a mensagem, sua expressão se alterava.

— O que aconteceu?

— Nossa! — bateu a mão na testa. — Eu disse que levaria o DVD de jogos para o Robson hoje.

— Você vai lá na casa dele?

— Tenho que ir, ele até me mandou uma mensagem — estendeu seu celular para ela ver. — Você vai comigo, não vai?

— Diogo, o Robson mora muito longe, e você disse que me acompanharia até em casa.

— Mas eu vou. Vamos primeiro na casa dele e depois te levo até a sua.

— Você esqueceu onde eu moro? É praticamente do outro lado da cidade.

— Nossa, que exagero, amor. Juro que vai ser rápido, eu prometo, nós vamos de bicicleta — Júlia mordeu o lábio e abaixou a cabeça, não gostava de andar de bicicleta, sempre reclamava de ter de ir pedalando para a escola. — Por favor, Ju — beijou-a na

bochecha e acariciou seus cabelos. Sabia que não resistia quando fazia isso.

Ela suspirou e andou pelo quarto. Parou perto da porta e colocou as mãos na cintura. Lembrou-se de sua mãe.

— Tudo bem, então.

Pegaram as bicicletas e saíram. Foram pela Avenida Carlo Bonfanti que não estava movimentada, podiam até andar um do lado do outro. Mesmo estando em pleno inverno, o calor que fazia chegava quase a ser insuportável. Devia ter feito sua namorada passar protetor solar antes de saírem de casa, a pele dela era mais clara que a sua. Sentia-se desconfortável por vê-la debaixo daquele sol.

Passavam pela Praça da Maristela quando Júlia freou a bicicleta.

— O que foi? — freou a sua também.

— Podemos parar aqui um pouco?

— Claro.

Desceram dos veículos não motorizados e começaram a andar pelos caminhos sinuosos da praça. Ao ver o balanço, Júlia saiu correndo, encostou a bicicleta em uma árvore e sentou-se em um. Um sorriso iluminava seu rosto.

— Não sabia que você gostava de balanços — sentou-se em outro ao seu lado.

— Faz anos que não venho aqui.

— Mas a sua avó não mora aqui perto? Pelo que sei, você ficava muito na casa dela, podia ter vindo aqui quando quisesse.

— E eu vinha, só que desde que aconteceu aquilo com meu tio, nunca mais voltei. Ele que me trazia aqui e ficava horas me

balançando — olhava para baixo. Diogo teve a impressão de ter visto uma lágrima caindo de seu rosto.

— Você nunca me contou do seu tio.

— Nunca contei a ninguém — ficou em silêncio. Quando ia perguntar algo, ela começou a falar. — O nome dele era Cláudio, era um rapaz muito bonito, pelo que me lembro. Sempre que voltava do trabalho me trazia aqui. Eu devia ter em torno de uns 8 anos. Era tão legal, eu o considerava meu melhor amigo, acho que ele não devia ter mais de 20 anos, era um garotão. Foi assim durante vários meses, até que aconteceu aquilo... — sua voz falhou, segurou as mãos geladas da namorada. Começou a soluçar.

— Se você não quiser mais contar...

— Não — puxou suas mãos e esfregou os olhos. — Fiquei tempo demais guardando isso, preciso contar — lágrimas escorriam pelo seu rosto. Respirou fundo para tentar contê-las. — Ele começou a desaparecer da casa dos meus avós, ficando às vezes dias fora. Todos ficavam preocupados, mas quando perguntavam onde ele ficava durante os dias e as noites, recusava-se a dizer — fez uma pausa olhando para um garotinho que passeava com seu cão pela praça. Esfregou mais uma vez os olhos. — Me lembro até hoje daquele dia. Meus pais me levaram para a casa dos meus avós para que eu dormisse lá. Gostava muito de ficar com eles. Perguntei pelo meu tio, pois queria que ele me trouxesse aqui. Mas ninguém respondeu.

“Eu dormia na sala quando ouvi um barulho na porta; acordei assustada, já era de madrugada. Vi meu tio entrar, ele esbarrou em uma mesinha e quase caiu, depois disso foi direto para o quarto.

Fiquei feliz por ver ele, levantei e fui atrás. Passei pela porta do quarto e me aproximei, chamei por ele...”

Ela colocou as mãos no rosto.

— Foi horrível, Diogo, foi horrível. — soluçava. — Ele... ele olhava para o chão com a cabeça baixa. Voltei a chamar. Quando ergueu a cabeça, pude ver seus olhos vermelhos, parecia um monstro e a roupa suja e rasgada ajudava a me assustar. Fiquei horrorizada, saí correndo e gritando de lá — enxugou os olhos com as mãos. — Depois disso, as coisas só foram piorando. Ele começou a roubar para poder manter o vício; primeiro foram as coisas de sua própria casa, depois passou a assaltar as outras, até que foi preso.

“Quando eu tinha 10 anos, minha avó me levou até o presídio para visitar ele. Vi meu tio atrofiando, havia se infectado com o vírus HIV, e ainda por cima se recusava a tomar os medicamentos, aquele coquetel, sabe? Não era mais o mesmo rapaz bonito de que me lembrava, agora era muito magro e fraco, seus cabelos, que eram sempre volumosos, estavam ralos, não conseguia nem ficar em pé direito.”

— O que aconteceu com ele?

— Mais ou menos um mês depois disso, houve uma rebelião no presídio e ele foi morto. Lembro-me do caixão lacrado no velório, pois ele havia morrido queimado.

Diogo a abraçou, pois a namorada começara a chorar muito. Ficou um bom tempo assim com ela, até que Júlia disse:

— Já estou melhor — soltou-se de seu abraço.

— Nunca imaginei que você havia passado por tudo isso, é realmente muito traumatizante para uma criança — foi a vez dela pegar-lhe a mão.

— Já me sinto melhor, nunca havia contado isso a ninguém — sorriu e beijou-lhe. — Acho que posso vir aqui com você agora, não é?

— É claro.

— Eu me sinto tão bem agora, tenho ótimas lembranças desses balanços — colocou as mãos nas correntes e deu um leve impulso para que balançasse. — Acho que isso era a única coisa que você não sabia sobre mim. E você, tem algo para me contar que eu não saiba? — sorriu.

— Bom, na verdade, tenho — lembrou-se daquele homem de preto.

— Tem? — afundou um pouco os pés na areia para que o balanço parasse. — Nossa, eu estava só brincando. O que é?

Hesitou um pouco de princípio, porém acabou contando-lhe tudo sobre aquele homem. Disse que ele sempre o seguia e tudo mais, e que não imaginava tudo isso, pois Sofia também o via. Falou também que nas últimas semanas o notava com mais frequência.

— Quando foi a última vez que você o viu?

— Ontem, na esquina de casa.

— Então é por isso que às vezes você fica olhando para o nada?

— Não é exatamente para o nada, é para ele.

— Nossa! — passou as mãos nos braços. — Dá arrepios só de pensar — encarou-o. — Você já contou isso para seus pais?

— É claro, mas eles disseram que era coisa da minha imaginação. Depois que vi que nem meus próprios pais acreditavam em mim, nunca mais contei a ninguém.

— Mas, pelo que você disse, ele é uma pessoa, não imaginação sua, não é?

Meneou a cabeça positivamente. Será que ela acreditaria naquilo, ou pensaria que ele era um louco que via homens de roupas escuras em todos os lugares?

— Quando você o vir na próxima vez, me fala para que eu possa ver também?

— Você tem certeza?

— Claro que tenho.

O sorriso de sua namorada foi tão caloroso que se sentiu confortável. Agora sabia que podia contar tudo a Júlia, pois ela não o acharia um maluco.

Só não sabia que seu tempo com ela começava a acabar...

Capítulo 3

Aquele homem. O rosto pálido e as roupas pretas eram inconfundíveis... Sangue. Via sangue por todo lugar... Os olhos daquela mulher o hipnotizavam, eram grandes e negros. Ela o odiava... Muitas pessoas vestiam roupas pretas... Os olhos acendiam-se, muito assustadores, vermelhos... O que era aquilo? Dentes pontudos. Pessoas com dentes pontudos... Um punhal, era muito bonito, via algumas pedras em seu cabo. Havia sangue no punhal. Muito sangue... Sentiu um gosto em sua boca, um líquido quente escorria para dentro de sua garganta, era sangue, sangue, por que gostava daquilo? Um barulho muito alto. Sentia dor, podia ouvir Júlia gritar, mas não a via. Desespero. O que estava acontecendo? Dor, muita dor...

Diogo acordou sobressaltado e todo suado. Passou as mãos no rosto. Que pesadelo horrível! Tentou levantar-se da cama. Tontura. Caiu sentado. Balançou a cabeça como quem quer se livrar do pesadelo. Olhou ao redor e viu seu quarto. Que horas eram? Será que havia dormido demais? Respirou fundo e levantou. Tudo rodava. Andou até a mesinha do computador e pegou o celular. *Que droga!* Já era oito e meia da noite. Precisava se apressar.

Depois que saíram da praça foram para a casa de Robson. Após uma longa conversa, ele comentou que todo o pessoal iria ao República Bar, perguntou se eles não gostariam de ir. Tudo foi combinado. Como Carlos era o único da turma que possuía carteira de motorista, ele pegaria o carro do pai, passaria na casa de Robson, depois na sua e por fim buscariam Júlia.

Correu em direção ao guarda-roupa. *Droga!* Onde havia guardado aquela camiseta? Saiu do quarto chamando pela mãe.

— O que foi, querido? — veio em sua direção. — O que aconteceu? Você está pálido — colocou a mão em sua testa.

— Nada não — afastou-se um pouco, fazendo com que ela retirasse a mão dele. Percebeu que ela estava bem vestida, perguntou: — Aonde você vai?

— Seu pai e eu vamos à inauguração de um restaurante de um amigo dele em Campinas. Vamos passar a noite em um hotel. Nós já tínhamos falado pra você.

— Ah, é? Não lembro, mas e a Natália?

— Vai ficar na casa da tia Roseli. Esqueceu que a Sofia veio buscá-la? O que você queria, querido?

— Ah... é verdade, você viu a minha camiseta preta que tem um dragão nas costas?

— Está no cesto de roupa pra passar.

— Você pode passar pra mim enquanto eu tomo banho?

— Sim, querido, mas aonde você vai?

— Vou sair com a Júlia e com uns amigos.

— Por que você não fica em casa hoje? — passou a mão no peito e franziu o cenho. — Estou com um mau pressentimento.

— Relaxa, mãe, não vai acontecer nada — beijou-lhe o rosto. — Você não confia no seu filhão aqui? Não se preocupe e se divirta com o pai, vocês estão precisando — sorriu para a mãe, que o abraçou e passou a mão em seu rosto.

— Se cuida, meu lindo.

— Pode deixar, mãe.

Correu para o banheiro e ligou o chuveiro. Enquanto a água aquecia começou a se despir. Entrou debaixo da água já quente. Passou as mãos pelos cabelos, fazendo com que se molhassem mais rápido. Lembrou-se do pesadelo. Por que sempre tinha aquele tipo de sonho? Pensou em Sofia, esta os tinha com mais frequência que ele. Só que os dela eram muito confusos, já os dele pareciam reais. Primeiro, via aquele homem, depois as outras pessoas, via muito sangue também. Quando criança tinha muito medo daquele tipo de sonho, mas agora não dava mais importância. Como odiava aquilo, como odiava aqueles pesadelos, como odiava os dentes pontudos...

Antes das nove horas, já arrumado, aguardava. Carlos queria dar uma volta no centro da cidade antes de irem para o bar. Passaram para buscá-lo no horário combinado. Ao descer do carro para chamar a namorada, ficou paralisado. Aquele homem se encontrava a poucos metros da casa dela, em um terreno abandonado em frente. Seu corpo estremeceu e o coração acelerou. O pesadelo voltou ainda mais vívido em sua mente. Vampiros. Já havia pensado na hipótese daquele homem ser um vampiro. Riu de si mesmo, que besteira, vampiros não existiam.

— Ei, Diogo! O que aconteceu, você não vai chamar a Júlia?
— Carlos gritou de dentro do carro.

Andou em direção ao portão. Júlia morava em uma casa bem simples. Sua família tinha uma situação financeira um pouco difícil, seus pais ajudavam seu irmão mandando todo mês uma pequena quantia em dinheiro, pois ele estudava em uma Universidade em outro Estado. Sabia também que Jeferson não gostava de tirar dinheiro de seus pais assim, mas tinha que aceitar, pois os livros que precisava comprar não eram nem um pouco baratos e necessitava

de dinheiro para se manter lá. Com isso a renda da família era bem apertada.

Chamou-a. A porta da sala se abriu e a viu passar por ela.

— Tome cuidado, querida.

— Pode deixar, mãe. Tchau.

Caminhou até o portão e o abriu.

— Oi, amor.

— Oi — respondeu.

Ela estava linda como sempre, vestia uma saia de prega num tom escuro, uma meia-calça preta por baixo e um tomara que caia branco com o busto todo decorado com pequenas pedrinhas que brilhavam conforme seus movimentos. Olhou para seus pés.

— Pensei ter ouvido alguém dizer que nunca mais usaria salto na vida. — Júlia sorriu. Lembrou-se do que havia prometido a ela. — Olhe no terreno em frente, ele está lá — sussurrou.

Ela arregalou os olhos e virou-se rapidamente para olhar, o rapaz virou-se também. Mas onde ele foi parar? Havia sumido. Bom, era sempre assim, na segunda vez que olhava ele nunca se encontrava.

Entraram no carro e saíram. Passaram pelo centro da cidade primeiro e depois foram para o República Bar. Havia muita gente lá e não demorou até encontrarem a galera.

— Oi, Ju, que bom que você veio — Ruth a abraçou. Antes que Diogo pudesse ter dito algo, ela já havia puxado sua namorada para uma rodinha só de garotas.

— Não liga, não, você sabe que ela é assim. Quer beber algo? — perguntou Carlos.

— Valeu, mas agora não.

— Parou de beber?

— Nem sei — desde que começara a namorar, eram raras as vezes que bebia, pois Júlia não gostava. Recordou-se das vezes que chegou em casa bêbado, sua mãe só faltou ter um ataque.

Juntou-se a um grupo de amigos perto da entrada. Conversavam sobre tudo, desde carros a garotas. A todo instante procurava sua ruivinha com os olhos, e sempre a via com aquela idiota da Ruth. Voltou sua atenção para os garotos e notou que todos tinham uma latinha de cerveja nas mãos, sentiu sua boca seca. Não mais resistindo — e por estar um pouco irritado por ficar longe de sua namorada — caminhou até o balcão e comprou uma também. Nossa! Como fazia tempo que não bebia. Abriu-a, levou-a aos lábios e sorveu o líquido gelado, só que antes de sorver o segundo gole alguém a puxou de sua mão.

— Ei! — já tinha se irritado pelo fato de fazerem isso, quem será que era o maldito que... — Júlia! — nem tinha visto ela se aproximar.

— Por que você está bebendo isso? Sabe que eu não gosto, e você não pode beber, é menor de idade, lembra?

— E daí? — puxou a latinha da mão dela e bebeu outro gole. Enxugou a boca com as costas da mão. — Até parece que alguém aqui está se importando com o que eu bebo — deu mais um gole. — Você não pode deixar sua melhor amiga esperando, é falta de educação, Júlia — quando ia para mais um gole, ela voltou a puxar a latinha de sua mão, e dessa vez a jogou no chão. — Você ficou louca?

— Então é isso? Ficou emburrado só porque eu estou ali com a Ruth? Eu sei que você não gosta dela e tudo mais....

— Não é isso — interrompeu-a. Olhou para baixo. — Não é nada disso — deu-lhe as costas. — Vou lá fora com os meus amigos — disse secamente, afastando-se antes que ela tivesse a oportunidade de dizer algo.

Comprou outra cerveja e saiu do meio de toda aquela gente, queria respirar um pouco. Seus amigos encontravam-se encostados em um carro quando chegou. Todos muito animados.

— E aí, cara, como vão as coisas?

— Vão bem — não tinha notado que Fernando havia chegado.

— Cadê a Júlia? Não vai me dizer que vocês terminaram. Bem, isso não seria novidade vindo de você. Nunca te vi passar tanto tempo com uma única garota.

— Não, não, ela está lá dentro com a Ruth.

— Você parece irritado por ela estar lá, não é?

— Não, eu estou bem.

— Eu não acredito que você está com ciúmes da Júlia com a Ruth — disse Marcelo.

— Você está certo, cara, até eu sentiria ciúmes — comentou Cícero, colocando a mão sobre o ombro de Diogo. — Aliás, quem iria preferir você se tem a Ruth por perto? Mas pensando bem, cara, imagina só como seria lindo ver as duas se pegando! — todos deram risada, menos Diogo.

— Vocês não têm mais do que falar, não?

— Olha só, ele ficou bravinho — Jorge caiu na gargalhada. Dessa vez nem o próprio garoto alvo das piadas conseguiu segurar o riso.

Ficaram por algum tempo dando risadas de tudo que viam, e quando perceberam que um punhado do cabelo de Jorge estava

grudado e para cima, não aguentaram, só faltou rolares no chão.

— Você tá parecendo o Nino do Castelo Rá-Tim-Bum! — Diogo esfregava os olhos, pois chorava de tanto rir.

Depois de se recompor, lembrou-se de Júlia. Havia deixado-a lá dentro sozinha. Disse para o pessoal que ia lá e que já voltava.

Parecia que as pessoas tinham se multiplicado, era difícil de andar lá dentro sem esbarrar em alguém. *Onde será que ela está?* Perguntou-se. A resposta veio rápida: lá se encontrava ela. Mas o que era aquilo? Tinha um sujeito muito perto dela. Ruth, ao lado daquele idiota, sorria, e o rapaz olhava fixamente para Júlia, esta por sua vez fitava o chão. Só podia ser isso, só podia ser aquela maldita... fazendo aquilo de novo...

— Posso te ajudar, cara? — perguntou quando chegou perto deles. Júlia ergueu os olhos para ele. Passou o braço pela cintura dela. — E então, o que você quer com a minha namorada? — mordida-se de raiva, tinha certeza de que era tudo armação da Ruth.

— Namorada? — perguntou o rapaz. Virou-se para a garota loira ao seu lado. — Você não disse que ela era solteira? Bem que desconfieei da aliança no dedo dela, mas você me disse que era só um anel qualquer — olhava para ela com certo desprezo, voltou a olhar para Diogo. — Foi mal, cara, eu não sabia.

— Tudo bem, tinha certeza de que era coisa dessa aí — estendeu sua mão, ele a apertou, desculpou-se com Júlia e saiu.

— Quem você pensa que é pra falar assim de mim, seu babaca? — Ruth alterou o tom de voz.

— Olha aqui, sua vagabunda — apontou o dedo para ela —, a próxima vez que você colocar Júlia e eu numa situação dessas — sua voz também se alterou —, não vou responder por mim!

— Tire esse dedo imundo da minha frente, seu imbecil! — deu um tapa na mão do garoto. — Você se acha muito bom, não é? Pois fique sabendo que você não passa de um moleque idiota dando uma de gostosão! — virou-se para sua amiga. — Você merece coisa melhor que...

— Não, Ruth! — foi a vez de Júlia falar mais alto que os dois. — Não, Diogo é a melhor pessoa que já conheci, não mereço nada melhor! — seus olhos já se enchiam de lágrimas. — Ele é a melhor coisa que já me aconteceu.

— Você está sobrando — disse Diogo sarcasticamente.

— Espero que um dia você suma da vida dela, Diogo, e nunca mais volte! — deu as costas para eles, ameaçou sair, porém se virou. — Só mais uma coisa — um barulho ecoou pelo recinto, muitas pessoas à volta deles pararam de conversar para ver o que causara o som. Ruth havia dado um tapa no rosto do namorado de sua amiga. — Isso é pelo “vagabunda”! — virou-se e saiu.

— Volte aqui sua...

— Não, Diogo, é melhor você parar também.

— Você vai proteger ela agora? Viu o que ela me fez? — esfregava o rosto com a mão.

— Vi sim, mas é melhor isso acabar aqui.

Esfregou mais uma vez o rosto. Como ardia. Sentia muita raiva, mas achou melhor ouvir sua namorada, pois se fosse atrás de Ruth poderia perder a cabeça. E bater em uma mulher era algo que não se devia fazer, por pior que fosse a situação.

Perguntou se ela não gostaria de ir lá fora já que os meninos estavam lá. Ela aceitou. Ao chegarem, viu que mais pessoas se juntaram a eles. *Eu não acredito que ela está aqui*, pensou olhando

para Suelen, uma de suas ex-namoradas. Não ficaram muito tempo juntos, cerca de um mês no máximo, passavam praticamente o dia todo discutindo por causa do ciúme que ela tinha, e também dos boatos que ouvia de que seu namorado a traía. Mesmo sendo verdade, sempre negava. Já não suportando mais a situação, Suelen terminou o relacionamento, disse que era melhor que fossem apenas amigos. Não tinha problemas com ela, realmente se tornaram bons amigos, só que quando Júlia descobriu o que havia acontecido entre eles, passou a detestá-la. Tinha certeza de que era ciúmes o que sua atual namorada sentia.

— Oi, Diogo — Suelen cumprimentou sorrindo.

— Oi — respondeu sem jeito. Não podia mentir para si mesmo, ela era muito bonita, não querendo se gabar, mas já se gabando, só namorava as mais bonitas. Seu cabelo preto era liso e enrolava nas pontas, olhos castanhos e a pele num tom marrom que a destacava das demais. Sentiu sua mão sendo apertada por Júlia.

— O que aconteceu que o seu rosto está vermelho? — perguntou Francine.

— Foi aquela idiota da Ruth.

— Então ela te bateu?! — Fernando já tinha caído na gargalhada.

Não gostou do comentário do amigo, mas acabou rindo também, sabia que se ficasse irritado a zoação seria maior. Permaneceram com eles por muito tempo. Júlia conversava com algumas de suas amigas, podia ver que agora ela se divertia, toda hora que a olhava via seu lindo sorriso.

Depois de algum tempo o local começou a esvaziar. Carlos, já meio alcoolizado, perguntou se eles não gostariam de subir até o

Tribunal, um barzinho que se localizava três ruas acima do República Bar. Todos aceitaram a sugestão do amigo e foram andando até lá.

Assim que se aproximaram da Avenida Berta Buhrnheim, viram a quantidade de pessoas aumentar. Os dois sentidos da avenida estavam tomados pela multidão. Alguns carros se arriscavam a passar pelo local, e se não tomassem cuidado atropelariam alguém com uma facilidade tremenda. A dificuldade para andar entre os outros aumentava conforme chegavam mais perto do bar Tribunal.

Quando o casal de namorados conseguiu pisar na calçada, ela avisou que iria ao banheiro. Diogo ficou esperando do lado de fora. Observou sua namorada entrar e depois começou a conversar com Robson, que havia se aproximado. Poucos minutos depois a viu saindo de dentro do bar, e logo que ela chegou do lado de fora, um homem a pegou pelo braço, puxando-a para perto dele, o rosto se aproximando muito do de sua amada.

— Ei! — gritou correndo até os dois. Entrou na frente de Júlia e o empurrou. — O que você pensa que está fazendo? Ela é minha namorada.

— Sua namorada? — riu. — Ela é bonita demais para ser sua namorada — fixou o olhar na garota. — Vem comigo, lindinha, deixa esse babaca aí.

— Presta atenção, seu idiota! — gritou zangado. — É melhor você sair daqui agora.

— E se eu não sair, o que um pirralho como você vai fazer?

Fechou os punhos de tanta raiva. Seu sangue ferveu quando o homem à sua frente começou a gargalhar. Não resistindo o

empurrou novamente, fez uso de tanta força que o rapaz se chocou com as grades do bar.

— Você não devia ter feito isso — o homem partiu para cima do menino de olhos verdes, e antes que pudesse ter feito algo, um moço próximo o segurou e Diogo foi impedido por Robson.

— Me solta, cara! Vou acabar com a raça desse pirralho aqui mesmo! — gritava o homem para seu companheiro.

— Não seja idiota! — disse o outro.

— Deixa ele vir! — esbravejou Diogo, tentando se soltar de Robson. — Vamos ver quem é que pode mais.

Sentia-se ansioso pela briga, queria arrebentar a cara dele e mostrar que com sua namorada ninguém mexia. Carlos apareceu à sua frente acompanhado de seus outros amigos, sem mais demora o arrastaram de lá.

— Nem chegamos e você já arrumou briga? — perguntou Fernando.

— Não foi culpa minha, ele que começou. Aquele maldito...

— Já chega, Diogo! — Júlia falou séria. — Vamos parar por aqui. E não me olhe com essa cara, você que começou a intriga.

— Ele estava dando em cima de você.

— Mas não pedi pra você ir até lá. Eu podia muito bem me livrar dele sozinha! — percebeu que seu namorado ficara emburrado. Aproximou-se dele. — Não fica assim, esquece o que aconteceu e vamos nos divertir.

O sorriso dela o deixava tranquilo e confiante. Beijou a namorada e resolveu que deixaria tudo o que havia acontecido de lado, o mais importante agora era se divertir com os amigos e ficar com a amada.

As horas foram se passando sem que percebesse. Conversou muito com os amigos e toda vez que eles levavam um fora de alguma garota, caía na gargalhada.

— Não tô vendo graça nenhuma — resmungou Robson se aproximando deles depois de ouvir um não de mais uma garota.

— Você é muito ruim, cara — ria Diogo.

— Você fala assim porque tem namorada, se não tivesse tenho certeza de que estaria na mesma situação que eu.

— Mas é claro que não. Posso conquistar qualquer uma assim — estalou os dedos.

— Duvido — disse Fernando.

— Quer apostar?

— Apostado — apertaram as mãos.

— Vocês estão vendo a Júlia por aí?

— Ela foi no banheiro com a Francine — avisou Jorge.

— Ótimo — esfregou as mãos. — Vou mostrar pra vocês como um profissional faz. Podem escolher qualquer uma.

— Beleza então, ô gostosão. Quero ver você conquistar aquela ali — Fernando apontou para uma moça muito bonita de cabelos compridos e bem cacheados.

— Apenas me observem — estalou os dedos das mãos e o pescoço.

Caminhou tranquilamente, aproximou-se da garota com um largo sorriso, disse algo em seu ouvido que a fez rir, acariciou seus cabelos e lhe beijou o rosto. A moça ficou envergonhada e sem jeito. Aproximou sua boca dos lábios vermelhos da garota, ela fechou os olhos, mas na hora do beijo, Diogo virou o rosto. A moça abriu os olhos espantada. Ele apenas sorriu para ela e pediu desculpas,

pegou sua mão e a beijou. Deu-lhe as costas e fez o caminho de volta mais tranquilamente ainda. Ao chegar, com ar de vitorioso, não aguentou segurar o riso.

— Como você consegue? — indagou Cícero incrédulo.

— São muitos anos de prática. Um dia vou escrever um livro com todos os meus truques para conquistar uma mulher, daí você pode comprar e conhecer todos eles, mas para que todos deem certo você precisa apenas de alguns requisitos.

— Quais?

— Ser bonito como eu e possuir esses olhos verdes — riu.

— Ai ai... E você ainda presta atenção no que ele diz — falou Fernando, balançando a cabeça para Cícero. Encarou Diogo. — Para de se gabar, foi apenas sorte.

— Mas por que você não beijou ela? — perguntou Cícero.

— Não seja idiota, esqueceu que tenho namorada?

— Quem te vê agora pensa que você sempre foi fiel às suas namoradas, né Diogo? — riu Fernando. — A Júlia fez um bom trabalho com você.

— Por que fiz um bom trabalho com ele? — questionou Júlia se aproximando.

— Não é nada, minha linda, como sempre eles estão falando besteira — beijou-a.

Queria evitar que ela soubesse do que acabara de fazer e principalmente das várias vezes que traiu suas namoradas anteriores.

Continuaram no local até todos começarem a se dispersar. Percebendo que a maioria de seus amigos já havia ido embora, o jovem casal resolveu procurar por Carlos e Robson para que também

voltassem para suas casas. Depois de andarem alguns metros, viram o garoto de cabelo cacheado sentado no canteiro no meio da avenida de cabeça baixa. Aproximaram-se.

— Carlos! — chamou Diogo. — Ei, Carlos, você tá legal?

Carlos não respondeu. Quando ia perguntar de novo, viu Robson atravessar a rua e perguntou:

— O que aconteceu com ele?

— Encheu a cara. Vamos, me ajude a pôr ele em pé.

Pegaram-no pelos braços, colocando-o de pé, ele cambaleou e quase caiu, mas Diogo e Robson o seguraram antes. Arrastaram Carlos até a calçada do outro lado da rua. Júlia foi buscar uma cadeira. Eles o colocaram sentado nela, contudo, não conseguia manter o próprio corpo ereto, ameaçando cair de frente.

— O que vamos fazer? Olha só o estado dele, Diogo, está sem condições de dirigir — disse Júlia.

— Eu sei, o pior é que todo mundo já foi. Se pelo menos algum de nós soubesse dirigir. Acho que teremos de ir andando.

— Mas e o Carlos?

— Eu fico aqui com ele — falou Robson. — Meu pai sai do trabalho às cinco, ele é segurança, posso ligar e pedir pra vir nos buscar.

— Beleza — virou-se para a menina. — Vai querer esperar?

— Por mim eu ia andando, mas você mora muito longe daqui.

— Vamos até a sua casa, vai demorar um pouco pra gente chegar, mas a gente chega. Se meus pais estivessem aqui na cidade eu poderia ligar pra eles, só que saíram, foram na inauguração de não sei o que em outra cidade. Acho que vou ter de dormir na sua casa.

— Não tem problema — falou Júlia.

— Vocês vão ficar bem? — perguntou Robson.

— Pode deixar, cara, vamos ficar bem sim.

Saíram andando. A casa de Júlia não era tão longe dali, talvez desse uns quarenta minutos andando, só precisavam seguir pela Avenida Joaquim Lopes Águila que não demorariam a chegar.

Naquele horário poucos carros passavam pela rua, e os que por ali se viam, estavam em alta velocidade. O silêncio do ambiente o deixava mais sinistro, apenas se ouviam alguns latidos de cães e sons de grilos. Às vezes se assustava ao ver algo saindo debaixo de alguma árvore à margem do córrego que se estendia por toda a avenida, mas ainda bem que nunca era nada, apenas simples gatos.

Percebeu que as mãos e os braços de sua namorada estavam gelados. Passou um dos seus pelos ombros dela e a abraçou. Não queria de jeito nenhum que ela se resfriasse. Já caminhavam perto da Avenida 7 de Setembro quando ela reclamou de dor nos pés. As duas avenidas se cruzavam naquele ponto. Atravessaram e chegaram ao lado de um terreno extenso com pouca iluminação. Notaram dois homens sentados na guia da calçada quase encoberta pelo mato alto. Júlia apertou sua mão. Logo que passaram eles se levantaram.

— Ei, garoto, pode me falar a hora? — perguntou o mais alto dos dois.

— Quinze pras quatro — informou olhando no visor do celular e colocando de volta no bolso da calça.

O homem alto sorriu e ergueu a camiseta para mostrar a arma. Ele a retirou do cós da calça e apontou para eles.

— Vamos subir ali pra conversar melhor — apontou para o terreno.

Júlia começou a chorar. Diogo apavorou-se, contudo, manteve a aparência firme e puxou a mão da menina, levando-a para que entrassem no terreno. Ela afundou os pés inúmeras vezes em vários buracos e chorava cada vez mais desesperadamente. Ela abaixou-se para retirar as sandálias, suas mãos tremiam.

— Vai ficar tudo bem — sussurrou em seu ouvido. Sua vontade era de chorar também, mas não podia, tinha de ficar firme para que ela não entrasse ainda mais em desespero.

— Aqui tá bom — disse o mais baixo que usava uma touca na cabeça. — Vão passando tudo que vocês têm aí.

Diogo entregou o celular e a carteira e Júlia sua bolsa. Os dois assaltantes começaram a revirar a bolsa e a carteira, o mais baixo colocou o celular do garoto no bolso da calça, enquanto o outro pegava o dinheiro da carteira.

— Mó *playboy* feito você só tem dez contos na carteira?

— É tudo que tenho. Podemos ir agora?

— É claro que não, se você tivesse no mínimo uma oncinha tudo bem, mas nem tem — falou o mais baixo. E olhou para Júlia. — E então ruivinha, vamos dar uma voltinha? — ela arregalou os olhos, lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Me solta! — Diogo começou a gritar, pois o mais alto o tinha segurado e o outro puxava sua namorada. — Me solta! Júlia! Solta ela, seu filho da puta. Me larga! — levou um soco no rosto, sangue escorreu de seu nariz.

— Diogo, não! — berrava e chorava enquanto o homem de touca a arrastava. — Diogo, Diogo! — levou um tapa.

— É melhor você ficar de boca fechada, se não vou ter que machucar o seu lindo rostinho — ameaçou-a. Ao notar que sua ameaça funcionara, decidiu se aproveitar da situação, passou a mão pelos seios da garota. — Vamos fazer uma festinha hoje — gargalhou.

— Júlia! Tira a mão dela, seu maldito! — esbravejou. — Me larga seu cuzão, me larga! — tentava se desvencilhar do homem que o segurava, este por sua vez ria. Deu outro soco no menino, só que dessa vez no estômago. Encostou o cano frio da pistola na cabeça dele.

— É melhor você calar o bico, já matei por muito menos, moleque — forçou o cano na cabeça de sua vítima. — Sabe o que a gente vai fazer com sua namoradinha? Vamos transar com ela a noite toda, até ela não aguentar mais — sua gargalhada se intensificou.

Tem que ser agora, pensou Diogo, dando um soco no braço do homem que segurava a arma apontada para sua cabeça. Pego de surpresa, deu um passo para trás. Aproveitando a brecha, chutou cravando o bico borrachudo de seu *All Star* entre as pernas do bandido.

— Seu filho da puta! — gemeu o ladrão colocando as mãos no local atingido.

Uma oportunidade única. Saiu correndo em direção ao outro que puxava sua amada. No entanto, antes de alcançá-los ouviu disparos, dois, um seguido do outro. Sentiu uma dor que nunca havia sentido antes, perdeu o controle de seu corpo que caiu com tudo na terra vermelha. Respirava com dificuldade, sentia dor, podia ouvir Júlia gritar, mas não a via, desespero, o que estava

acontecendo? Dor, muita dor, os gritos dela foram ficando mais baixos até que sumiram, sentia frio, tudo ficava escuro, dor, muita dor.

Capítulo 4

Levantou-se da cama e começou a se trocar. Por último, colocou o sobretudo negro. Antes de sair, acendeu a luz e se olhou no espelho, sua imagem refletida era um pouco assustadora: olhos fundos e castanhos. Passou as mãos pelo cabelo curto e volumoso, mas de nada adiantou, ele sempre se desarrumava. Sua pele adquirira uma cor extremamente pálida: *preciso de sangue*, pensou. Saía do aposento quando ouviu a voz de Samantha:

— Aonde você vai, Augusto? — sentou-se na cama, seus cabelos negros caíram sobre os ombros.

— Vou vigiar o garoto — abriu a porta.

— De novo? Você já não foi ontem?

— Fui, mas sinto que preciso ficar mais perto dele agora — saiu sem mais nada dizer.

Entrou em um de seus vários carros sem ao menos escolher e deixou a garagem da casa cantando pneu. O cheiro da noite sempre o agradava, abaixou o vidro e colocou a cabeça para fora, inspirando profundamente como se seus pulmões precisassem de ar, trazendo junto diversos aromas imperceptíveis aos humanos. Expirou lentamente e um discreto sorriso apareceu ao canto da boca. Como adorava sua vida noturna e sua cidade.

Deixando aquelas sensações de lado, lembrou-se de sua tarefa. Primeiro passaria na casa da namorada do garoto, era quase certeza de que estaria lá. Minutos depois, estacionou o carro duas ruas para cima da casa da menina. Desceu e olhou para os lados, não havia ninguém por perto, sorriu. Usando sua velocidade

vampírica, desapareceu. Nenhum humano era capaz de vê-lo e muitos vampiros tinham certa dificuldade. Chegou ao terreno em frente à casa, ficaria esperando até que o garoto aparecesse.

Enquanto aguardava, pensou em tudo aquilo. Estava chegando a hora, no máximo esperaria mais uns três anos para tê-lo a seu lado. Faria exatamente como Henrique queria, traria sua cria para a vida escura e lhe entregaria o que lhe era de direito. Precisava do garoto, sem ele não poderia ter seu irmão de volta. Se tudo corresse como os seres do submundo haviam dito, poderia tê-lo novamente em sua companhia. Recordou-se de Henrique, mesmo depois de tantos anos ainda sentia falta dele. Saudade. Como podia um vampiro do seu nível ainda sentir e se render a esse sentimento humano...

Um veículo estacionou em frente à casa, Diogo desceu e paralisou quando o viu. *Como ele pode ser tão parecido com o Henrique?*, perguntou-se. Podia ouvir as batidas aceleradas do coração do rapaz. *Ele tem medo de mim.* Viu-o dirigir-se ao portão da casa, não demorou até que a garota aparecesse. Escutava com clareza o que diziam, e quando o garoto avisou-a de sua existência, desapareceu da vista deles.

Seguia-os de carro sempre mantendo uma boa distância. Quando estacionaram, passou por eles já sabendo aonde iriam, podia ouvir aquela música alta tocando. *Como esses jovens podem gostar dessas músicas barulhentas?* Acelerou o veículo e saiu.

Precisava se alimentar, não queria mais tomar sangue doado pelos seus subordinados. Devia fazer quase um mês que não bebia aquele líquido maldito vindo direto de um corpo humano. Mas para onde iria? Decidiu pegar a estrada que se direcionava para os

bairros rurais afastados da cidade, pois tinha certeza de que encontraria alguém desprotegido na estrada. Era sempre assim em lugares onde se localizavam sítios ou fazendas, por essas pessoas serem humildes, trabalhadores do campo, não temiam assaltos, até porque eles não ocorriam com frequência na região rural, e os moradores não tinham nada de valor que temessem ser levado. Contudo, para ele, o vampiro responsável por aquele Município, a vida deles era muito mais valiosa do que qualquer coisa.

Pelos dois lados da estrada sem acostamento se via cana-de-açúcar, uma prática muito comum naquela região do interior do Estado de São Paulo. Não havia luminosidade pelo caminho, apenas os faróis de seu carro. Às vezes podia se ver uma pequena e fraca luz vinda de alguma casa afastada, no meio do nada, entre plantações. Para um vampiro seria fácil chegar lá e matar a todos, porém isso com certeza repercutiria pela região, e o que ele não precisava era da atenção de todos voltada para sua cidade.

Cerca de dez minutos depois avistou o que procurava: um homem em uma bicicleta velha, com chapéu de palha e roupas surradas. Freou o automóvel quase atropelando o sujeito.

— Vê se toma cuidado com essa porra aí — reclamou o homem, enquanto Augusto descia do carro.

— Desculpe-me — disse solícito.

O homem estranhou aquela figura bem vestida de preto, e quando o encarou melhor, notando sua feição um tanto alegre para o momento e a face extremamente pálida, seu coração acelerou e um arrepio o percorreu, alertando-o de algo nada bom. Augusto ouviu as batidas desesperadas e sentiu no suor de sua vítima o cheiro do medo.

Um largo sorriso se formou, revelando caninos pontiagudos. O trabalhador arregalou os olhos, porém não conseguiu fazer absolutamente nada. Seu pescoço foi envolvido por uma mão forte e mesmo lutando, não impediu que fosse arrastado para dentro do canavial.

— O que você quer comigo? Eu não tenho dinheiro, não tenho nada. Por favor, me solta! — começou a gritar. Por causa disso, Augusto apertou-lhe com mais força a garganta.

— Eu sei que você não tem dinheiro, mas não é isso o que quero. Satisfaço-me apenas com sua vida, seu sangue — seus olhos acenderam em um tom avermelhado e os caninos aumentaram de tamanho, alongando-se para fora da boca.

O homem começou a esbravejar e a se debater. Assim que percebeu que não tinha forças suficientes para escapar, começou a rezar. Augusto gargalhava.

— Deus não vai te salvar.

Sem mais demora, ergueu o sujeito pelos cabelos e cravou os dentes na jugular. Aquele líquido quente escorreu para dentro de si, chegando até o estômago vazio, causando conforto. O homem ainda lutava, entretanto, como o sangue saía de seu corpo rapidamente, logo uma tontura o acometeu, e o último suspiro de vida escapou pelos seus lábios, amolecendo nos braços do vampiro.

Jogou o corpo inerte no chão e limpou com as costas da mão o sangue que escorrera da boca. Vasculhou os bolsos até encontrar o que queria. O punhal de Henrique. Agachou-se e começou a retalhar o defunto. As marcas de suas presas já não apareciam mais, só se notava um corte bem profundo no local. Sangue ainda escorria do sujeito, era melhor assim, não podia deixar

vestígios do que ocorrera. Seria apenas mais um simples assassinato.

Pegou o corpo e o levou mais fundo no canavial. Só o achariam depois de muitos dias, já em estado avançado de decomposição, isso se realmente o encontrassem, seria mais um caso que a polícia não conseguiria resolver. Voltou ao carro e saiu do local.

Estacionou o veículo em uma estrada de terra quase encoberta pela cana-de-açúcar perto do rio Mogi. Resolveu andar à margem do rio, tinha certeza de que encontraria alguém bem vulnerável pescando. Como os humanos eram previsíveis.

Depois de uma longa caminhada, encontrou uma dupla de homens, um deles deitado sobre a grama com os braços cruzados atrás da cabeça e o outro sentado perto das varas de pescar. Sem cerimônia e com o punhal em mãos acendeu os olhos, fez com que seus caninos se alongassem e com um grunhido pulou no indivíduo que estava sentado. O outro acordou assustado com os gritos do companheiro, pegou a pistola ao seu lado e com muito esforço para controlar as mãos que tremiam, atirou.

Augusto sentiu a pele queimar, soltou o primeiro homem ainda vivo e atacou o outro que havia disparado de novo. Tirou a arma de sua mão e o pegou pela garganta.

— Seu miserável, como ousa atirar em mim? — apertou ainda mais o pescoço, os olhos da vítima encheram-se de lágrimas. — Essa merda não causa dano algum em mim, mas não posso dizer o mesmo de você — encostou o cano da arma na cabeça do homem e disparou.

Pelo orifício que se abriu o vampiro pôde beber uma boa quantidade de sangue. Retornou ao indivíduo ainda vivo e bebeu mais um pouco.

Satisfeito, retalhou o pescoço de sua vítima e deixou o outro com o buraco de bala na testa. Esfregou as mãos livrando-se dos vestígios de sangue e admirou a cena: dois corpos sem vida. Dessa vez não se preocupou em escondê-los, até porque nunca descobririam o que realmente aconteceu ali naquela noite.

Deitou-se no banco traseiro do carro com os ânimos mais calmos. Alimentara-se bem, o suficiente para aguentar mais um mês sem sangue. Lembrou-se de quando se transformara em vampiro: nos primeiros anos precisava matar alguém pelo menos três vezes na semana, a sensação era ótima, aqueles imbecis tinham medo, gritavam e choravam, e isso só dava mais sabor ao sangue. *Henrique e eu sempre caçávamos juntos.*

Mirava a noite estrelada pela janela quando um mau pressentimento o dominou. Sentou-se sobressaltado. Que horas eram? Precisava ver o garoto. Olhou para o relógio no painel do carro: 3h30.

Pulou para o banco do motorista e saiu em alta velocidade. Parecia que alguém queria lhe avisar de algo, mas quem? E por quê? Essa sensação não lhe era estranha, era a mesma sensação de morte que sentiu no ano de 1896, no dia em que ele e Henrique foram transformados em vampiros. E agora, em 2007, tudo se repetia.

Não devia ter se afastado tanto da cidade, demoraria muito para chegar. Pisou mais fundo no acelerador não se importando com nada e ninguém ao redor. Depois de alguns

minutos, avistou a rotatória que separava a estrada da cidade. Virou à direita, seguiria em direção à Avenida Joaquim Lopes Águila. Se Diogo fosse para a casa da namorada, passaria por lá.

Colocou a mão no nariz, o cheiro que exalava daquele córrego o incomodava muito. Para os humanos era um odor muito fraco, que nem chegava a ser percebido, mas para ele às vezes era insuportável. E para piorar a situação, o córrego se estendia por toda a avenida.

Não aguentando mais, retirou a mão do volante e a direcionou para o pequeno botão que fecharia a janela do carro. No entanto, antes de alcançá-lo ouviu sons: tiros. Em seguida aquele cheiro doce invadiu suas narinas: sangue. Podia senti-lo a quilômetros.

Continuou seguindo em frente, a cada segundo o odor se intensificava. Passou reto pela rua onde a namorada de seu protegido morava, o cheiro não vinha dali, mas tinha certeza de que se aproximava do local.

Poucos metros à frente, viu o que sua sensação lhe indicava: morte. Mesmo eles estando em um local sem iluminação, enxergava-os com clareza. Viu o garoto inerte no chão, um homem segurava sua namorada e o outro se aproximava deles. Parou o veículo na subida ao lado do largo terreno em que se encontravam, desceu batendo a porta, o que chamou a atenção dos bandidos.

— Que foi, meu irmão? Perdeu alguma coisa aqui, caralho?
— ameaçou o mais alto apontando a arma.

Augusto abaixou a cabeça e riu. Em menos de um segundo agachou-se ao lado do corpo de Diogo, vendo os dois furos causados pelos tiros, o sangue esvaía em grande quantidade. Se

fosse um novato, aquele cheiro o deixaria louco, mas isso há décadas não acontecia, podia controlar totalmente seu instinto.

— Como que ele apareceu ali, porra? — indagou irritado o mais baixo, puxando a garota que gritava cada vez mais. — Fecha a matraca, maldita — deu mais um tapa no rosto de Júlia.

Augusto olhou mais uma vez para o rapaz baleado e se ergueu, desapareceu da vista dos homens e reapareceu ao lado da menina, puxou-a pelo braço fazendo com que o sujeito a soltasse.

— Q-Quem-é-é-vo-você? — gaguejou, lágrimas escorriam de seus olhos vermelhos pelo rosto machucado e inchado.

— Um amigo — respondeu o vampiro.

Colocou uma das mãos próxima ao pescoço da garota e apertou. Ela arregalou os olhos e ainda mais lágrimas começaram a escorrer, mas antes que pudesse gritar, eles se fecharam e ela caiu nos braços de Augusto, que a colocou no chão.

Mirou por alguns segundos o corpo da garota caído, depois se virou e foi andando em direção aos dois homens. O mais alto começou a descarregar a arma, porém apenas um tiro o acertou. Continuou caminhando sem se abalar. O pavor que emanava deles já era sentido pelo vampiro, que adorava causar aquela emoção. Os homens não se moviam, o medo pregou suas pernas no chão. Augusto percorreu os últimos metros usando sua habilidade vampiresca e os pegou pela garganta, içando-os, impossibilitando que tocassem o solo.

— Vocês não deveriam ter mexido com o meu protegido — avisou, arremessando-os cerca de dez metros à frente. Antes de se levantarem já os tinha alcançado. Pegou o mais alto pela garganta novamente e apertou. — Foi você que atirou, não foi? Bom, não

precisa responder, vou te matar assim mesmo — seus olhos se acenderam.

O homem de touca caído ao chão sentou-se, com o olhar fixado na figura de preto, e quando viu aquelas luzes saindo dos olhos dele, começou a gritar e se arrastar para longe.

Augusto apertou o pescoço até poder ouvir os ossos se quebrarem, o sangue começou a escorrer pela sua mão e a cabeça do bandido se separou do corpo. *Foi uma morte muito rápida.* Fitou os restos mortais, deu de ombros e virou-se, caminhando tranquilamente até o outro enquanto passava a língua no sangue em sua mão. Ao se aproximar, pôde sentir um forte cheiro de urina vindo daquele bandido.

— Você não acha que já é meio grandinho para mijar nas calças? — riu Augusto. O homem ameaçou levantar-se, mas levou um chute que o fez rolar alguns metros. — Você não passa de um marginalzinho que ficava na sombra daquele ali, seu merda — disse aproximando-se dele. Usando um dos pés o virou, seu rosto molhado pelas lágrimas fez com que muita terra vermelha e grama se grudassem nele.

— Por favor, não me mata — choramingou.

— Mas é claro que vou te matar, aposto que ninguém vai sentir a falta de um merda como você — começou a pisotear o peito do rapaz.

As costelas foram quebradas e os órgãos esmagados. Os berros do sujeito não perduraram por muito tempo. Quando parou, notou que sua calça havia se manchado de sangue, viu o homem inerte no chão com os olhos esbugalhados e um grande buraco no lugar do peito.

Adorava matar humanos, era música para seus ouvidos os gritos e lamentos para manterem suas vidas. Caminhou até Diogo, agachou-se ao seu lado, virou o corpo e limpou toda a terra do rosto do garoto. Ouvia o coração dele batendo lentamente, se esperasse mais morreria. Pegou o punhal do bolso e com ele fez um corte em seu próprio pulso. Colocou o objeto cortante sobre o peito do menino e com a mão livre abriu a boca de Diogo, depositando uma grande quantidade de seu próprio sangue nela.

— É, garoto, você vai se tornar vampiro antes da hora — pegou o corpo do mais novo membro da vida noturna e o colocou em seu ombro. Mais à frente apanhou Júlia e os levou ao carro, ajeitou o menino no banco traseiro e a menina no dianteiro. Depois recolheu os corpos dos dois homens e os enfiou no porta-malas, daria um jeito nisso mais tarde.

Entrou no veículo e deu a partida. Todavia, antes de sair olhou para o garoto desacordado no banco traseiro, sorriu levemente, cuidaria dele exatamente como Henrique teria feito.

Os olhos verdes de sua família estavam agora em seus sonhos. Eles percorriam rostos diferentes. Sempre, sempre os mesmos olhos. Avó, mãe, tia, irmã, filha e sobrinho. Todos com a mesma cor.

A imagem voltou aos olhos de seu sobrinho que se fecharam e não abriram mais. A imagem se dissolveu. Ouviu tiros. Os mesmos olhos verdes voltaram a aparecer, só que dessa vez no

rosto de sua filha. Chorava, mas no lugar de lágrimas via gotas de um sangue espesso escorrer por eles.

Acordou amedrontada e com o coração quase lhe saindo pela boca. Sentiu um aperto no peito. Diogo. Levantou-se da cama com os pelos do corpo arrepiados e uma agonia latente dentro de si. Caminhou até a saída e ao abrir a porta assustou-se com o que viu: sua filha sentada de frente para o quarto, abraçada às próprias pernas. Roseli se aproximou e se agachou ao seu lado, Sofia chorava desesperadamente.

— O que foi, querida? — perguntou com um nó na garganta, pois temia a resposta.

Sofia a encarou com aqueles olhos extremamente verdes. Tentou falar, mas não conseguiu de imediato. Muitas lágrimas escorriam pelo rosto da jovem. Roseli voltou a sentir um forte aperto no peito. Abraçou a filha e começou a chorar.

— Mãe... o Diogo... — não conseguia terminar a frase.

— Eu também senti — abraçaram-se com ainda mais força.

Assustaram-se com o som do telefone e se encararam. Sem pensar muito sobre aquilo, Roseli correu até a sala, Sofia a acompanhou de perto. Atendeu com as mãos trêmulas e com o coração chocando-se violentamente contra o peito, a respiração não facilitava o pronunciamento de palavras. Não ouviu nenhuma voz, apenas o choro desesperado de sua irmã. Depois de alguns segundos, esta tentou se controlar para que sua voz fosse ouvida.

— O Diogo... não consigo falar com ele... ninguém atende o celular... — disse entre soluços.

Nada mais foi dito. Lágrimas escorriam pelos olhos verdes de ambas. O sentimento de perda tomava conta daquelas três mulheres de uma família amaldiçoada. Não sabiam o porquê, mas sentiam que aquilo já era esperado.

Capítulo 5

Fazia muito barulho ao seu redor, pessoas conversavam alto, gritaria e choros. O que estava acontecendo? Onde se encontrava? Júlia abriu os olhos. Uma luz os invadiu cegando-os brevemente. Quando pôde enxergar, percebeu que estava deitada em uma cama que não era a sua, olhou ao redor: havia mais três daquelas camas e uma senhora deitava-se em uma delas. O ambiente era todo branco e claro. Ao sentar-se, dores percorreram seu corpo e notou seu braço preso a um equipo por onde gotejava o soro. Só podia estar em um hospital, mas por que estaria em um?

A porta do quarto se abriu desviando a atenção da jovem de seus próprios pensamentos. Viu sua mãe entrar e paralisar. Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas e ela correu até a filha, abraçando-a fortemente.

— Que bom que você acordou, filha, que bom — disse soluçando.

— Onde eu estou?

— No hospital, nós te encontramos na garagem de casa logo após ouvir uma forte batida na porta da sala. Seu pai, Jaqueline e eu ficamos muito assustados e chamamos a ambulância quando vimos você toda machucada — a mãe a soltou, reparou o rosto e os olhos dela vermelhos. — O que aconteceu com você e com o Diogo?

Não respondeu, não conseguia se lembrar de nada. Olhou para as mãos um pouco raladas, tocou o rosto e sentiu alguns curativos. Por que não se lembrava? Ao endireitar-se melhor na cama, sentiu uma forte dor próxima ao pescoço, colocou uma das

mãos no local e um *flash* veio em sua mente. Os dois homens, o assalto, seu namorado no chão e aquele homem todo de preto. Cobriu os olhos com as mãos, tentou segurar, mas foi impossível conter o choro desesperado.

— O que foi, filha? — Júlia não respondeu e sua mãe voltou a perguntar, segurando-a pelos ombros.

Seu peito doía ao cogitar aquela hipótese. Não queria acreditar, não podia! Respirou fundo engolindo o choro e jogou o lençol de lado.

— Tenho que sair daqui — ameaçou levantar-se da cama.

— Você não pode sair, Júlia! — sua mãe a agarrou para que não conseguisse se levantar. — Você precisa descansar, amanhã vemos o que fazer.

— Você não entende, por favor, mãe, me solta! — começou a gritar. — Me solta, me solta, eu preciso ver o Diogo, me solta!

Usando toda a força que conseguiu juntar no momento, desvencilhou-se da mãe e pulou da cama. Arrancou com violência o equipo de seu braço, o que fez o sangue escorrer em grande quantidade pelo novo ferimento. Passou pela porta da enfermaria e correu sem saber para onde ia aquele corredor do hospital.

Ouviu sua mãe gritar pedindo que a parassem e isso só a deixou mais angustiada para sair dali. Contudo, seu pai e sua irmã aparecerem à frente, o que a fez parar e correr para o outro lado. Não conseguiu seguir muito, pois algumas pessoas vestidas de branco a cercaram. Tentou de tudo para se livrar delas, às vezes conseguia, mas sempre aparecia outra que a agarrava.

Chorava e esperneava. Não podia ficar ali, será que eles não entendiam sua aflição? Precisava de qualquer jeito ir atrás do Diogo. Seu desespero era tanto que conseguiu forças para se livrar de três mulheres e voltar a correr. Não conhecia muito bem o interior da Santa Casa, porém sabia que se encontrava no térreo e que, se passasse pela porta logo à frente estaria na recepção, e dali para a saída seriam só alguns passos.

Chegou a pensar que conseguiria escapar de lá, mas assim que se aproximou da passagem, deu de cara com um homem alto que a segurou com muita força. Por mais que lutasse não conseguia se livrar dele. Outras pessoas surgiram e a levaram para o quarto onde havia acordado. Colocaram a garota na cama e a seguraram.

Júlia continuou a esbravejar, a chorar e a se debater, tudo em vão. Outro homem adentrou o recinto com uma seringa em mãos. Assim que percebeu o que ele faria, usou suas últimas forças para tentar sair dali. Não soube ao certo, mas devia ter mais ou menos umas cinco pessoas a segurando no leito. Depois de muito esforço e com a ajuda de uma mulher, o enfermeiro, que mantinha em mãos a seringa, conseguiu aplicá-la na jovem. Mesmo após a inserção do medicamento, continuou a se debater, mas a cada segundo que se passava sentia-se mais fraca. Pouco a pouco foi perdendo a força, não pôde mais gritar, a cabeça e os olhos começavam a pesar, a última coisa que conseguiu pronunciar antes de cair em sono profundo foi o nome do namorado.

Capítulo 6

Um gosto estranho predominava em sua boca seca, mesmo que passasse a língua sobre os lábios, não adiantava, sentia-os apenas rachados. Diogo abriu os olhos. Não conseguia enxergar nada, a escuridão encobria o local. Piscou várias vezes e de nada adiantou. Mexeu-se um pouco e com isso percebeu estar deitado no chão. Tentou se levantar forçando o tronco para frente, conseguindo apenas mover um pouco as costas antes de se deixar cair novamente.

Seu corpo todo doía, era como se tivesse levado a maior surra de sua vida. Mais uma vez insistiu em se mover e quase se sentou antes de voltar a cair. Respirava com dificuldade, o estômago vazio dava cambalhotas e fazia a quentura subir pelo esôfago e causar náuseas.

Tateou o chão ao lado de seu corpo para ver se havia algo, mas apenas sentia o piso frio. Respirou fundo e concentrou toda a força para o lado esquerdo, assim conseguiu se virar e ficar com o rosto no piso. Perdeu a noção do tempo, pois o movimento brusco fez a dor se intensificar e o tirou do dar por alguns minutos.

Colocou a testa no chão e assim ficou até que sua respiração se estabilizasse. Com a ajuda dos braços, suspendeu o corpo e jogou-se para o lado esquerdo, conseguindo finalmente se sentar, recostando-se em uma parede. Todos os seus músculos latejavam e o estômago praticamente berrava ensandecido.

Passou as mãos no rosto e se espantou por não estar nem um pouco suado. Lógico que achou aquilo estranho, porém o mal-

estar que o consumia requeria toda a sua atenção. Abraçou as pernas e ficou naquela posição até as dores diminuírem. Já um pouco melhor, ergueu a cabeça e olhou para os lados. Apesar da escuridão, agora conseguia enxergar algo: o que era aquilo? Esfregou os olhos e forçou ainda mais a visão, vendo que uma parte da parede era mais escura que o resto.

Uma porta, claro. Nessa hora sentiu-se um completo idiota por não ter pensado nisso antes. Mas mesmo assim era estranho, pois o cômodo não possuía nenhuma janela. Precisava descobrir onde se encontrava e o que acontecera com ele. Com essa decisão em mente, ameaçou se levantar e caminhar até a saída. Contudo, antes de qualquer movimento seu, ouviu um barulho que o fez tremer. A porta se abriu e uma fraca luz invadiu o ambiente. Diogo encolheu-se como se isso fosse capaz de impedir que o vissem ali. Uma pessoa toda vestida de preto atravessou a passagem, fechando a porta atrás de si, e sentando-se em uma cadeira ao lado, que até o momento Diogo não havia percebido.

— Olá, garoto, vejo que você acordou. Cheguei a pensar que tivesse morrido de verdade — sorriu. — Que cara é essa? Não está me reconhecendo?

Diogo não conseguia enxergar muito bem, porém depois de muito observar, percebeu que aquela pessoa era o homem que sempre via desde criança. Sabia que ele não lhe faria mal algum, mas mesmo assim, nesse momento se assustou tanto que levou seu corpo para trás, como se pudesse ir além da parede.

— Por que todo esse medo? — perguntou o sujeito, com a voz firme e serena.

Tentou responder algo e sua voz não saiu. Sempre teve vontade de saber quem ele era, e agora que essa oportunidade havia surgido tremia feito um cachorro na chuva. Respirou fundo para conter sua ansiedade, e olhou novamente para ele. A cada minuto que se passava podia enxergar melhor e agora via com nitidez seu rosto.

— Quem é você? — questionou, notando um sorriso no rosto dele por ouvir essa pergunta.

— Meu nome é Augusto — fez-se silêncio, ainda sorria.

— O que você quer comigo? Por que sempre me segue? — sua voz se alterou por causa do medo.

Esperou que ele reagisse pelo tom que havia usado, mas este apenas continuou a sorrir como se a situação fosse a mais engraçada desse mundo.

— Você é meu parente, sou irmão de Henrique, já ouviu falar dele?

— Não — respondeu sem ao menos pensar.

— Era bem provável que não conhecesse — disse pensativo.
— Você chegou a conhecer sua avó materna, não conheceu?

— Conheci — ainda respondia automaticamente.

— Pois bem, Marlene é filha de Luiza, que é filha de Henrique — fez-se uma pausa enquanto Augusto tirava um maço do bolso da camisa e acendia um cigarro.

O homem soltava a fumaça lentamente e Diogo o olhava. Prestava atenção em cada movimento que fazia pensando em suas palavras instantes atrás. Não mais aguentando toda aquela tensão, decidiu quebrar o silêncio:

— Você acha que sou idiota? Minha avó tinha mais ou menos uns 70 anos quando morreu, se ela é realmente filha dessa tal filha do Henrique, como poderia você ser irmão dele? Você teria que ter no mínimo uns 100 anos.

— Tenho 139 — viu o rapaz arregalar os olhos em uma expressão de surpresa. Chegara a hora de lhe contar a verdade. Deu mais uma tragada no cigarro e soltou a fumaça bem devagar, enquanto dizia: — Sou um vampiro e te transformei em um também.

O silêncio voltou a predominar durante alguns minutos no local até Diogo falar, agora com mais coragem:

— Não sei o que está acontecendo, mas você espera que eu acredite que você tem 139 anos e seja um vampiro? Não me venha com essa.

— Então como poderia você ainda estar vivo depois do que aconteceu? — indagou.

— Do que você tá falando?

— Não se lembra? — arqueou uma sobrancelha.

Coçou a cabeça como se tal ato fosse capaz de trazer as lembranças de volta. No entanto, não conseguia se lembrar de nada. Angustiado, passou a mão no rosto e sentiu algo, olhou para a palma de sua mão direita e notou um anel prateado em seu dedo: uma aliança. Júlia!

Recordou-se de tudo em segundos. Assustado com suas próprias lembranças, arrancou a camiseta que vestia. Olhando atrás dela, viu dois furos e sangue já seco, deixou-a de lado e começou a apalpar as costas. Não encontrou nenhuma cicatriz. Augusto, observando tudo aquilo, falou:

— Os tiros quase o mataram, aliás, teriam, se eu não tivesse dado do meu sangue a você.

Não prestou atenção nas palavras do vampiro, apenas continuou a se apalpar. Parou de repente lembrando-se de sua namorada e o encarou.

— O que aconteceu com a Júlia? — perguntou desesperado.

— Depois de matar aqueles dois vermes, eu a levei para casa.

Quando ouviu aquelas palavras, um alívio o percorreu por saber que sua amada não sofrera mais com tudo aquilo, mas seu relaxamento durou pouco. Augusto se levantou, tirou uma pequena faca do bolso e começou a andar em sua direção. Diogo prendeu a respiração, ficou apreensivo, porém o homem apenas se agachou ao seu lado e lhe entregou o objeto.

— Esse punhal era de Henrique — disse secamente e voltou a caminhar para a cadeira.

Os olhos de Diogo, agora já acostumados com a escuridão, fixaram-se sobre o punhal. Alisou-o detalhadamente e notou pedras em todo o cabo, as maiores eram verdes. Retirou-o da bainha e viu na lâmina a seguinte frase gravada: "*Passado de pai para filho*". Olhou do punhal para o homem à sua frente não conseguindo entender aquilo.

— Por que isso? — finalmente indagou. Provavelmente ele teria a resposta.

— Henrique queria que fosse entregue a seu herdeiro.

— Eu não estou entendendo nada — mais uma vez coçou a cabeça.

— Como já te disse, Henrique era seu parente, e como você é o único homem em gerações, esse punhal é seu — mirou o garoto. Deu mais uma tragada no cigarro antes de jogá-lo no chão e pisar em cima. Soltou a fumaça vagarosamente e disse: — Preste bem atenção, garoto, só vou lhe contar essa história uma única vez — respirou fundo como se precisasse do ar para os pulmões. — Nasci em 1868, minha mãe, ao me pôr no mundo, faleceu; meu pai, como não tinha condições de cuidar de um recém-nascido, entregou-me ao irmão dele, que era casado e já tinha um filho: assim Henrique e eu fomos criados como irmãos. Anos depois, saímos da fazenda de nossos pais para morar em um rancho na propriedade de Manoel Leme, pois havíamos conseguido emprego nas terras. Logo depois que Leme se tornou Município, Henrique se casou com Lurdes.

Diogo piscou várias vezes. Tentaria absorver aquela história por mais estranha que soasse.

— Lembro-me muito bem do dia em que Henrique me contou que sua esposa engravidara — continuou Augusto. — Nesse dia ele também me contou sobre o punhal, disse que era de seu avô, que passou para seu pai e agora era dele, e que um dia passaria para seu filho. Meses depois, em um domingo, estávamos na casa de nossos pais, Lurdes havia ficado na cidade, pois sua gravidez avançada não a permitia viajar. Quando pegamos o caminho de volta para a cidade, o sol já se punha. Quilômetros à frente, avistamos um homem no meio da pequena estrada de terra, ele fez sinal para pararmos, e falou que estava perdido e queria saber como fazia para chegar à cidade mais próxima. Henrique mostrou-se prestativo e ofereceu carona. O homem se apresentou

como Miguel, disse que era de São Paulo e que visitava a região para resolver alguns assuntos.

Diogo balançava a cabeça em concordância, marcando mentalmente cada nome por ele falado.

— Continuamos com o caminho, meu irmão com as rédeas e Miguel sentado entre nós. Eu sempre fui sensível desde criança e até hoje, mesmo sendo um vampiro, continuo sendo, por isso sabia que você tinha se metido em encrenca — disse olhando para Diogo. — Pois bem, quando olhei para Miguel, a sensação de algo ruim para acontecer se fez presente em mim. Tentei fazer algum sinal para Henrique, ele sempre acreditava nas minhas sensações, mas antes que conseguisse fazer com que olhasse para mim, Miguel nos pegou pelo pescoço, um com cada mão. Tentávamos nos desvencilhar dele, mas não conseguíamos. Ele ficou de pé na carroça nos puxando junto e pulou. Fui jogado em uma árvore enquanto ele cravava os dentes em Henrique. Fiquei desorientado com a batida, porém podia ver o sangue escorrendo do meu irmão e ouvia com clareza os gritos desesperados dele. Corri em direção a eles e ao chegar perto, Miguel me arremessou a metros de distância e desmaiei.

Augusto pegou o maço de cigarros e bateu nele para que um saísse. Colocou-o na boca ainda apagado e continuou a falar:

— Na noite seguinte, fui acordado por Henrique. Estávamos em um lugar muito escuro e sujo, sentíamos um gosto ruim na boca e dor por todo o corpo, como você agora, não é? — Diogo assentiu rapidamente e Augusto sorriu de canto de boca. — Eu me recordava do que acontecera com nós, e antes que pudesse perguntar ao meu irmão se também se lembrava, vimos Miguel adentrar o lugar. Claro que na mesma hora partimos para cima dele,

contudo, com apenas um golpe nos repeliu facilmente. Já que não podíamos com ele, resolvemos nos acalmar e ouvir a sua longa história — Augusto vasculhou os bolsos em busca do isqueiro. — Miguel contou que nos transformara em vampiros e que cada cidade possuía um vampiro responsável, e como morávamos em uma recém-formada, seríamos os responsáveis por ela. Disse também que no começo vários vampiros vadios tentariam tomá-la, por isso ele tinha resolvido deixar a princípio dois de nós para garantir lealdade ao Conselho. Ele nos explicou tudo sobre nossa futura vida noturna, falou que ficaria conosco até que aprendêssemos tudo que fosse necessário.

Encontrou o isqueiro e acendeu o cigarro, tragando longamente e soltando a fumaça enquanto prosseguia:

— Nos primeiros dias de nossa vida noturna, percebi que Henrique se afastara muito de mim. Quando resolvi perguntar o que acontecia, ele me contou que toda noite ia às escondidas à cidade ver como Lurdes estava, pois temia pelo bem-estar dela. Eu sabia que ele a amava muito, mas Miguel havia nos dito que vampiros não podem ter contato com humanos, se não for para matá-los ou transformá-los. Por isso encorajei Henrique a esquecer a esposa. Miguel permaneceu conosco algum tempo, e após estarmos aptos a exercer nossa função de vampiros e líderes da cidade, ele nos deixou.

O silêncio se instaurou no ambiente e Augusto fumava tranquilamente olhando para baixo. Diogo teve a impressão de que procurava a melhor forma de continuar com o relato, e por isso não ousou interromper seu momento de reflexão. Após pigarrear e apagar o que restara do cigarro, voltou a falar:

— Não demorou muito para Henrique vir com a notícia de que Lurdes havia dado à luz duas crianças, um menino e uma menina, Luiz e Luiza para ser mais exato. Foi nesse dia que fiquei sabendo das verdadeiras intenções de Henrique. Disse-me que queria trazer o filho para a vida noturna, que quando ele fosse um homem feito o transformaria e lhe entregaria o punhal. Achei a ideia absurda, porém dei todo meu apoio. Com o passar de cinco anos já possuíamos um covil com mais quatro vampiros. Infelizmente, no inverno de 1902, uma virose se alastrou pela cidade, muitas pessoas morreram, principalmente crianças. Os filhos de Henrique ficaram muito doentes, e ele por sua vez ia toda noite para a cidade, mesmo sabendo que não adiantava de nada ir lá. E claro que não pôde impedir que Luiz falecesse. Luiza ficou à beira da morte, mas conseguiu sobreviver, só que depois disso ela nunca mais foi tão saudável, sempre adoecia. Henrique temia muito pela vida dela, pois já havia perdido seu único filho. Quando lhe perguntei sobre o punhal, disse que esperaria pelos filhos de Luiza, pois já que era imortal teria todo o tempo do mundo. Contudo, ele nunca chegou a ver os netos.

Apanhou mais um cigarro e o acendeu, tragando e segurando a fumaça por um tempo absurdamente longo. Diogo chegou a pensar que morreria. A fumaça saiu pelo seu nariz.

— Em 1914 tínhamos sete subordinados, com isso tive que fazer uma viagem à capital para informar ao vampiro responsável como andava nossa situação. No caminho de volta encontrei Fábio. Mal pude acreditar quando o vi, pois à primeira vista parecia um corpo jogado no meio do mato. Cheguei perto dele e perguntei o que havia acontecido, e ele me disse que, por ser negro, as pessoas

maltratavam-no e que um grupo de homens começou a bater nele sem motivo algum, por isso estava daquele jeito, todo machucado. Havia um desejo de vingança nele e por isso o transformei, podendo assim, na noite seguinte, matar todos aqueles que lhe fizeram mal.

Diogo ficou horrorizado. Como ele podia falar de morte com uma naturalidade daquela?

— Fábio e eu continuamos o caminho de volta para Leme. Ausentara-me por duas semanas da cidade, e sentia que algo de ruim tinha acontecido. Quando chegamos ao covil, tive a pior visão de toda minha vida: todos os vampiros decapitados, inclusive Henrique. Aproximei-me de seu corpo, vi em sua mão o punhal, peguei-o e notei sangue nele, o odor era de sangue humano. Ao lado do corpo do meu irmão jurei vingança e que faria o que ele almejava tanto. Ter seu herdeiro ao meu lado era o mínimo que podia fazer por ele. Naquela noite, Fábio e eu vasculhamos toda a cidade e as redondezas procurando o humano que fizera aquilo. Pouco antes do amanhecer o encontramos dormindo encostado em uma árvore junto de mais três homens. Antes de matá-los, fiz com que me dissessem o porquê de terem atacado o covil. Contaram que um tal de vampiro Nelson disse-lhes que, se atacassem aquele lugar durante o dia, conseguiriam matar a todos, e como recompensa os transformariam em seres imortais. Queria que eles me dissessem onde poderia encontrar Nelson, mas não sabiam, então os matei. Nunca encontrei esse maldito vampiro. Daí em diante ficamos apenas Fábio e eu.

Augusto fitou Diogo profundamente nos olhos, o que provocou no garoto um incômodo, forçando-o a desviar a vista.

— A filha de Henrique casou-se sete anos após o acontecido, muito tarde em minha opinião, porém, por ter uma saúde frágil desde criança, não conseguia engravidar. Mulher inútil — havia indignação em sua voz —, perdi as contas de quantos abortos ela sofreu. Conseguiu levar a gravidez até o fim apenas três vezes: na primeira Matilde nasceu, na segunda um menino que morreu uma semana depois do parto e na terceira, com Luiza já em idade avançada para ter uma gravidez, nasceu Marlene, que é sua avó. Com o passar dos anos, Matilde resolveu entrar para um convento e Marlene se casou, tendo duas filhas: sua mãe Sílvia e sua tia Roseli. Como vê, você, sua prima Sofia e sua irmã são os herdeiros mais jovens de Henrique.

Toda aquela conversa o deixara confuso. Como podia ele conhecer tão bem sua árvore genealógica? Perdeu-se em seus pensamentos só voltando à realidade ao notar os olhos frios de Augusto pregados nele. Diogo abriu a boca para dizer algo, porém as palavras não saíram, não sabia o que dizer. Augusto endireitou o corpo na cadeira e comentou:

— Mesmo sendo ainda um garoto, você se parece muito com Henrique. Ainda me pergunto como pôde nascer tão parecido — levantou-se. — É claro que eu queria esperar mais uns três anos antes de te trazer para a vida noturna, nunca quis um moleque ao meu lado, mas você se meteu em encrenca, não é? — Augusto caminhou até a porta, parou e disse: — Vamos.

— Aonde?

— Como aonde? — virou-se para encará-lo. — Você não achou que um vampiro do meu porte viveria em um quartinho como

esse, achou? Aqui é onde os vampiros recém-transformados ficam. A casa é no andar de cima. Vou te apresentar aos outros.

Augusto abriu a porta e se preparava para subir quando ouviu a voz de Diogo:

— Ainda não acredito que você é um vampiro — murmurou pondo-se em pé, seu corpo já não doía mais.

— Garoto insolente! — usando sua velocidade, apareceu à frente do menino.

Diogo se sobressaltou, contudo, não teve tempo sequer de raciocinar, pois foi pego pelo pescoço e encostado violentamente contra a parede. O medo voltou a dominar seu corpo e mente, e assim que viu os olhos vermelhos e os dentes pontudos de Augusto, apavorou-se. Jurou para si mesmo que se permanecesse vivo, nunca mais duvidaria da palavra do vampiro. *Sim, agora sei que ele é o que diz ser.*

Augusto o arrastou até a entrada do quartinho e ali o soltou. Diogo caiu estatelado no piso frio.

— Nunca duvide do que eu digo, garoto! Sou um vampiro e não tenho paciência para te convencer de nada — passou por ele e começou a subir uma escada que começava logo após atravessar a porta. — Vamos! — gritou autoritariamente.

Diogo nunca levantou tão rápido em sua vida. Apanhou a camiseta que ficara jogada perto da parede e a vestiu. Pendurou o punhal no cinto da calça e correu atrás de Augusto, que já alcançara o topo da escada. Terminando de subir, virou-se e viu que o quartinho onde havia ficado era debaixo da terra. Olhou para frente e, apressando-se um pouco para poder ficar ao lado do vampiro, perguntou:

— Quanto tempo fiquei desacordado?

— Três dias, por isso pensei que tivesse morrido de verdade. Nunca tinha visto alguém ficar tanto tempo assim para se transformar, e olha que eu vinha aqui toda noite te dar do meu sangue.

Ficou imóvel, a ideia de ter se transformado em um vampiro parecia mentira. Sentiu o gosto na boca e percebeu que era de sangue. Nesse momento seu estômago doeu ainda mais, fazendo com que colocasse as mãos nele e se curvasse para frente. Augusto o analisava.

— Não se preocupe, essa dor que sente é só seu corpo pedindo por sangue, logo poderá se alimentar — pôs-se em movimento e atravessou o quintal em direção à casa.

Diogo engoliu em seco e se recompôs para conseguir seguir o vampiro. Deu passos incertos pelo gramado prestando atenção em tudo ao seu redor. Sua vista fixou-se na residência que possuía dois andares. Pensou em como seria a casa de um vampiro: será que os móveis eram antigos? Se é que possuía móveis. E será que dormiam em caixões como nos filmes? Isso seria irado.

Caminharam por um corredor e chegaram a uma pequena porta. Quando Augusto a abriu, Diogo ficou espantado. Na garagem havia vários carros e inúmeras motos, todos últimos modelos, alguns importados e outros populares. Notando a surpresa do garoto, Augusto comentou:

— Quem sabe te dou uma moto algum dia.

Olhou para o vampiro querendo dizer algo, mas nada saiu, e apenas seguiram até outra porta que parecia ser a de entrada. Ao passarem por ela, Diogo não podia acreditar: na sala os móveis

eram lindos e tinham aspecto de serem muito caros, desde os tapetes, cortinas muito grossas e até a televisão de plasma 42 polegadas.

— Olha só se não é o protegido do Augusto — uma voz feminina invadiu o ambiente.

Seguindo o som, Diogo se virou em direção ao sofá e a viu: uma mulher linda, seus seios foram a primeira coisa que notou, ainda mais pelo decote que usava. A roupa toda de couro acentuava suas curvas; calçava botas de salto fino que iam até o joelho; os olhos e cabelos negros se destacavam por causa da pele extremamente branca. Ela se levantou e veio até eles, o cabelo comprido preso em um rabo de cavalo balançando de um lado para o outro. Aproximou-se de Diogo, o rosto quase se encostando no dele, parecia que ela o examinava; por fim colocou o dedo indicador no nariz do garoto.

— Até que você é bonito, Marta vai adorar te conhecer — disse tirando o dedo do nariz do jovem vampiro.

— Essa é a Samantha — apresentou Augusto. — Onde estão os outros?

— Fábio, Vítor, Hugo e Samuel estão por aí, os outros saíram.

— Vá chamá-los para mim.

Samantha olhou de Augusto para Diogo e novamente para Augusto, sorriu e o abraçou, dando-lhe um beijo logo em seguida. Ele a pegou pelos braços, afastando-a.

— Pare de brincadeiras e vá logo fazer o que mandei.

Samantha deu de ombros e deixou-os sozinhos. Diogo a observava enquanto se afastava.

— Gostou dela? — perguntou Augusto já sentado no sofá.

— Não, é que... — correu e acomodou-se ao seu lado.

— Sei que Samantha é uma linda vampira, só tome cuidado com ela.

— Por quê?

— Ela é muito vingativa, arrependo-me até hoje de tê-la transformado.

— Mas por quê? Ela parece gostar de você.

— Preste muita atenção no que vou lhe contar. Pense mais de uma vez antes de transformar uma mulher em vampira, pois elas dão muito trabalho: primeiro choram durante dias por terem sido transformadas, depois ficam fascinadas com sua própria beleza, sendo capazes de matar outra vampira ou humana só para mostrar que ela é a mais linda e poderosa. Mas a pior parte é que elas conseguem seduzir qualquer homem e muitos vampiros, deixando-os loucos, porém quando são rejeitadas, tornam-se vingativas e exaltadas, matam qualquer um que veem pela frente, principalmente a pessoa que a rejeitou. Por isso, tome muito cuidado com a Samantha e com a Marta. Pode-se dizer que são lobos em pele de cordeiro.

— Quantos vampiros existem aqui?

— Agora, com você, somos dezesseis — olhou para ele e viu certa preocupação em seu rosto. Acrescentou: — No começo tome certo cuidado com os mais fortes, é claro que eles não fariam mal algum a você, mas é sempre bom ser cauteloso. São aqueles que eu mesmo transformei: Fábio, Vítor, Leandro e Samantha; os outros são filhos deles, assim como você é meu filho. Vocês têm

uma forte ligação comigo. Um dia você ficará tão poderoso quanto eles, pois nunca estive tão bem antes.

Não entendeu direito sobre esse assunto de poderes, ia perguntar, porém foi interrompido por vozes no corredor. Samantha entrou na sala acompanhada de quatro homens, todos vestiam roupas pretas. Sentaram-se em poltronas espalhadas pelo local, menos a vampira, que se ajeitou ao lado de Augusto, que disse:

— Eu os chamei até aqui para que conheçam meu parente, herdeiro de Henrique, Diogo.

Todos encararam o garoto, seus olhos penetrantes faziam com que ele sentisse um frio na espinha. Augusto apontava para os vampiros e os apresentava. Começou por Vítor, um homem com cabelos compridos e loiros, olhos azuis que pareciam pintados, aparentava no máximo uns 25 anos. Passou para Hugo, um jovem rapaz como Diogo, ruivo com muitas sardas no rosto. Depois apresentou Samuel, um homem alto e robusto, em seu rosto com traços fortes predominava a barba, e por último Fábio, o vampiro que está com seu parente desde a morte de Henrique. Pela aparência, fora transformado quando tinha por volta de 20 anos, sua pele negra possuía um tom acinzentado. Foi o único a sorrir amistosamente para o recém-vampiro.

— Por incrível que pareça, você é a cara do Henrique. Parece uma versão mais nova dele — comentou Fábio.

Diogo apenas afirmou com a cabeça, pois até aquele dia não sabia da existência de Henrique e muito menos de como ele era.

O líder do covil ficou conversando com eles sobre vários assuntos enquanto Diogo perdia-se em seus pensamentos. A ideia de nunca mais poder ver Júlia, seus amigos e principalmente sua

família o deixou muito mal, ainda mais quando se lembrou de Natália. *Será que posso pelo menos vê-los de longe?* Quando tivesse oportunidade, perguntaria a Augusto.

Voltou a prestar atenção na conversa quando ouviu seu nome; Augusto o chamava para ir conhecer a casa e seu quarto. Levantou-se e caminhou atrás dele. A cada passo pela casa ficava ainda mais surpreso: por todo o corredor viam-se lindos quadros, vasos de flores, objetos decorativos e mais e mais tapetes.

Entraram em uma enorme sala de jantar, atravessando-a e chegando em uma cozinha. Em cima da mesa ao centro, numa travessa, havia algumas bolsas de sangue. Seu estômago doeu com mais força quando as viu.

— Pegue uma.

— Isso é sangue de verdade?

— Não, é suco de morango — ao ver que ele não entendera, bufou e resmungou: — Mas é claro que é sangue.

— Eu não quero — negou rispidamente.

Augusto, já sem paciência, pegou uma bolsa e jogou nos braços do garoto.

— Se não tomar sangue, você vai atrofiar até morrer.

Diogo contorceu os lábios e desviou a vista do líquido vermelho. O líder da cidade, percebendo que ele não tinha a mínima intenção de tomar, ameaçou:

— É melhor beber tudo senão vou ser obrigado a fazer algo para aquela garota ruiva.

— Se você fizer algo a ela eu... — fechou o punho e a raiva não tardou em o queimar por dentro.

— Vai fazer o que, me matar? Antes de você pensar em algo, aquela menina já vai estar morta.

Ao ouvir aquelas palavras ficou tão nervoso que avançou para cima dele, pegando-o pela camisa, seus olhos acenderam e os caninos brotaram para fora da boca. Diogo espantou-se com a própria reação raivosa. Onde estava com a cabeça? Afastou-se, seus olhos e dentes voltaram ao normal. Augusto sorria.

— É isso que espero do herdeiro de Henrique. Agora pegue a bolsa de sangue e me siga, vou levá-lo ao seu quarto.

Voltaram à sala e subiram as escadas em direção aos dormitórios. Diogo notou que havia várias portas por todo o corredor. Entraram em um dos últimos. O aposento tinha apenas uma cama, um guarda-roupa e uma mesinha com um rádio. Augusto caminhou até o móvel e pegou um jornal, que mostrou ao rapaz.

— Não saia da casa por pelo menos um mês.

Pegando o jornal, viu que na primeira página o assunto era sobre seu desaparecimento. Uma tristeza lhe inundou o peito quando notou uma foto, na qual aparecia com toda sua família. Lágrimas escorreram pelo seu rosto, mas ao secá-las sua mão ficou vermelha.

— Não desperdice o pouco sangue que tem em lágrimas — avisou o vampiro sentando-se na cama.

Colocando o jornal de lado, ajeitou-se no colchão e perguntou:

— Posso pelo menos observá-los de longe?

— Pode, mas jamais tente, em qualquer momento, algum tipo de contato com eles, principalmente com aquela garota ruiva.

Apenas meneou a cabeça positivamente. Várias coisas passaram por sua mente. Vampiro. Agora era um vampiro. Sempre assistia a filmes relacionados, contudo nunca pensou que eles realmente existissem. Como seria sua vida agora? Se é que podia chamar de vida. Decidiu deixar tudo aquilo de lado. Não queria mais pensar no assunto. Seria melhor ocupar os pensamentos com outras coisas e por isso questionou:

— Como conseguem morar em uma casa tão luxuosa como essa? De onde vem o dinheiro? — fitava a expressão séria de Augusto.

— Sou dono de quatro lojas de roupas e de duas casas noturnas da cidade. É claro que os empregados não sabem que trabalham para um vampiro — esboçou um fino sorriso. — Também tenho subordinados humanos que vigiam a casa durante o dia, a limpam e doam de seu sangue para nós.

— E eles sabem que vivem vampiros aqui?

— Sabem, mas uma boa quantia de dinheiro por mês faz com que fiquem bem calados.

Agora entendia como ele vivia, era como se fosse um empresário cercado de guarda-costas. Quem poderia se chatear em viver para sempre com aquele luxo todo?

— Vou deixá-lo sozinho agora. No guarda-roupa tem algumas coisas que comprei para você — caminhou até a porta. — Amanhã vamos conversar mais, tenho muita coisa para te explicar — saiu.

Diogo ficou ali sentado por mais alguns minutos, era difícil absorver tudo aquilo, sua vida acabara de mudar de uma forma

drástica. Deitou-se na cama e fitou o teto colocando em ordem o que descobrira sobre sua família e sua nova condição.

Seus devaneios só cessaram ao sentir uma forte dor no estômago, e na mesma hora viu a bolsa de sangue. Pegou-a e a moveu de um lado para o outro. O líquido balançava e seus olhos o seguiam como os de um gato acompanhando um peixe dentro do aquário.

Os caninos alongaram-se instintivamente e com eles perfurou a bolsa, deixando o sangue escorrer para dentro de sua garganta. O ardor no estômago arrefeceu como em um passe de mágica. Bebeu um litro de sangue em segundos: era tão delicioso que rasgou mais a bolsa e lambeu a parte de dentro, parecia um morto de fome.

Ao terminar viu que se sujara todo, do rosto até sua camiseta. Andou até o guarda-roupa e o abriu, surpreendendo-se com a quantidade de roupas novas, todas de cor preta: calças, camisetas, camisas, blusas de frio, sobretudos e sapatos. Escolheu uma camiseta e uma calça, e antes de sair do quarto, retirou o punhal de seu cinto e o deixou em cima da mesinha. Esquecera-se de perguntar a Augusto onde ficava o banheiro. Sendo assim, precisaria procurar.

Desceu as escadas, passou pela cozinha e viu que ainda havia bolsas de sangue. Automaticamente, sua língua percorreu os lábios. Tentou se controlar, mas não conseguiu, acabou adentrando o cômodo e ingeriu mais uma boa quantidade daquele líquido que estranhamente agradava tanto o seu paladar.

Após ter se lambuzado ainda mais, seguiu pelo corredor, e depois da cozinha notou mais três portas, uma delas devia ser o

banheiro. Aproximou-se da primeira e um cheiro familiar exalou dela, não conseguiu definir o que era e achou melhor ir para a próxima. Tanto a segunda quanto a terceira pareciam normais, entretanto a última estava trancada, fazendo-o ter apenas uma única opção.

Um banheiro lindo surgiu à sua frente. A primeira coisa que viu foi um espelho em cima da pia, o que o fez pensar se aquela velha lenda de os vampiros não terem reflexo era verdadeira. Bom, hora de descobrir a verdade.

Aproximou-se e olhou o reflexo, sangue cobria seu rosto. Sorriu. Agora sabia que era mentira. Abriu a torneira e lavou o rosto, no entanto se assustou com a própria imagem, pois seus traços haviam mudado: notou uma aparência mais firme, não tinha mais espinha alguma e seus olhos estavam verdes como nunca vira antes. Tirou a camiseta e outra surpresa: seu abdômen se definira ainda mais. Despiu-se completamente e se fitou, ficou impressionado em como seu corpo se transformara, todos os músculos estavam muito definidos. Olhou outra vez para o espelho percebendo agora a pele pálida.

Ligou o chuveiro e deixou que a água quente caísse sobre seu corpo frio. Ao terminar o banho se vestiu com as roupas novas e voltou a se analisar no espelho. Sorriu. Sempre lera em livros e vira em filmes que os vampiros eram seres atraentes, e se vendo todo vestido de preto tinha certeza disso.

Retornou ao seu quarto e percebeu um pequeno relógio em cima da mesinha: marcava 6h. Andou em direção à janela, levantou as grossas cortinas e olhou através dela: via só o quintal da casa e ao horizonte uma pequena faixa vermelha se formando. Logo o sol nasceria. Apagou a luz do seu mais novo aposento e deitou-se

na cama. Bem, se tudo o que sabia sobre os vampiros era verdade, eles não andavam durante o dia. Mas será que depois de dormir tanto conseguiria pegar no sono? Sua pergunta foi respondida ao sentir um leve formigamento por todo o corpo, seus olhos se fecharam involuntariamente e em poucos segundos entrou em transe profundo.

Capítulo 7

A primeira coisa que Diogo fez após acordar foi ver se realmente anoitecera. Achou incrível o fato de não ter despertado um segundo sequer durante o dia. Saiu do quarto se perguntando o que faria naquela noite. Descia os primeiros degraus da escada quando ouviu a voz de Samantha, que gritava com alguém. Parou assim que pôde escutar a discussão com clareza.

— Como você pôde fazer isso, já não te disse para tomar cuidado? E se alguém tivesse entrado naquele depósito e exposto você ao sol?

— Mas não aconteceu nada, estou bem, não estou? E compensou a noite que passei com ele — respondeu uma voz feminina. Lembrou-se que Samantha havia lhe dito algum nome. Devia ser ela.

— Não se esqueça de que fui eu que a trouxe para essa vida de luxo, ou vai me dizer que se esqueceu daquela prostituta que encontrei jogada no asfalto quase morrendo por causa de um aborto mal feito?

— Não me esqueci, mas realmente queria — sua voz ficou fraca. — Desculpa por te deixar preocupada, juro que não faço mais isso.

— É melhor mesmo, posso te tirar dessa vida em segundos — fez-se silêncio.

Como Diogo precisava encontrar Augusto, resolveu terminar de descer a escada e entrar na sala.

— Samantha, você viu o Augusto? — perguntou ao ver a vampira, porém seus olhos pararam na outra, que sorriu largamente para ele.

— Olá, Diogo — cumprimentou, olhando para Marta. — Esse é o herdeiro de Henrique, acordou ontem.

— Prazer em conhecê-lo — a mulher caminhou em sua direção. — Sou Marta — Diogo estendeu a mão para que ela o cumprimentasse, mas em vez disso ela o abraçou, pegando-o de surpresa. — Você tem um cheiro gostoso — os lábios vermelhos dela encostaram-se em seu pescoço. E não soube o que fazer quando ela o lambeu suavemente.

A vampira soltou-o, sorriu e afastou-se, deixando-o sem reação. Era como se tivesse ficado hipnotizado pela sua beleza. Uma linda morena de cabelos cacheados bem volumosos na altura dos ombros, ela sim podia ser chamada de mulher com o corpo violão. Fitou-a ainda abobalhado, voltando a si ao ouvir seu nome.

— Você queria saber onde Augusto está? — Samantha quebrou seu momento de admiração.

— Ah... sim, sim.

— Está no quarto.

— E qual é?

— A primeira porta no corredor depois da cozinha.

Agradeceu e se retirou. Parou frente à porta do quarto, recordando-se de que aquele cheiro lhe era familiar na noite passada, só não sabia ser o do líder. Bateu.

— Pode entrar, garoto — ouviu a voz dele.

Um quarto muito maior do que o seu surgiu diante de si, possuía uma cama de casal, um guarda-roupa enorme, televisão,

computador e claro, um lindo tapete no chão.

— Sente-se aqui — disse Augusto apontando um lugar ao seu lado na cama.

— Como sabia que era eu? — obedeceu-o.

— Posso sentir sua presença a quilômetros, e quando está perto sinto seu cheiro.

— Legal.

— O que você quer comigo?

— É que você disse que me explicaria sobre outras coisas hoje. Fiquei curioso — percebeu um leve sorriso no rosto do vampiro.

— Claro. Vamos lá fora que vou te mostrar umas coisas.

Saíram do quarto e caminharam em direção à porta da frente, e ao passarem pela sala, Diogo olhou para a linda morena sentada no sofá, que retribuiu seu olhar com um sorriso. Quando saíram, Augusto perguntou:

— Ficou interessado na Marta?

— Não, não, gosto muito da minha na... — parou. Não tinha pensado nela até aquele momento, sentia sua falta.

— É melhor você esquecer-la.

— Não posso.

— Não perguntei se pode ou não, mandei esquecer-la.

Continuaram andando até chegarem ao imenso quintal, Augusto parou e explicou:

— A primeira habilidade que temos consciência quando somos transformados é poder enxergar melhor no escuro, mas quando acendemos nossos olhos é como se acendesse a luz. Faça.

Augusto falava como se fosse a coisa mais simples desse mundo. Diogo contorceu os lábios e pensou em como faria aquilo assim do nada. Lembrou-se da noite anterior quando atacou o vampiro, seus olhos acenderam e os dentes cresceram, sentia-se com muita raiva no momento. Respirou fundo mesmo sabendo que tal ato não fazia mais diferença para ele, porém já era um hábito. Fechou os olhos, concentrando-se para que mudassem de cor. Ao abri-los, orgulhou-se por conseguir, enxergava com uma clareza impressionante. Fechou-os, fazendo com que voltassem ao verde natural.

— Muito bom. Agora preste atenção em mim — mandou Augusto parando à sua frente e, antes que o jovem vampiro percebesse, desapareceu e reapareceu às suas costas. — Conseguiu me ver? — perguntou fazendo com que Diogo se assustasse e virasse de frente para ele.

— Não — respondeu animado.

— Sabia que não conseguiria. Tente você agora. No começo só atingirá uma pequena velocidade, demorará anos para conseguir fazer o que fiz, se é que um dia conseguirá. Agora tente.

Depois de algumas tentativas, conseguiu adquirir uma boa velocidade, até Augusto ficou surpreso com o progresso. Ainda explicou-lhe um pouco sobre a força vampírica e disse que agora todos seus sentidos tinham sido aguçados, poderia encontrar um humano a quilômetros, pois o cheiro deles era muito mais forte do que um de sua mesma espécie. Porém, para encontrar um humano ou vampiro específico, precisaria pelo menos ter um breve contato antes para que pudesse guardar o cheiro.

— Quando cheguei perto da porta do seu quarto, senti um cheiro familiar, mas só depois percebi que era seu.

— É assim mesmo que funciona. Agora vamos até a cozinha, quero te apresentar aos outros que você ainda não conheceu. Eles acabaram de chegar.

O jovem concordou e o seguiu. Chegando à cozinha, todos pararam de conversar e olharam para eles. Como sempre, vestiam roupas pretas. Augusto o apresentou e depois foi nomeando cada um para que já fosse se acostumando. Leandro, um dos mais fortes, era loiro com olhos verdes, depois Antônio, Helton, Nilton, Guilherme, Ícaro, Murilo e Jarison, todos com aparências jovens.

Logo após serem apresentados a Diogo, saíram do cômodo, deixando-os a sós. Aproximaram-se da mesa e se sentaram, notou bolsas de sangue no mesmo local da noite anterior, só que dessa vez eram várias.

— Seus empregados doam sangue todos os dias?

— Não. É que temos um bom estoque.

— Mas por que um estoque?

— Para que não matemos com muita frequência. Imagine se cada um de nós matasse um humano diariamente, seriam dezesseis mortes por dia, e isso é muito para uma cidade pequena como a nossa. Esse sangue é usado como se fosse um lanche, pois a verdadeira refeição é quando bebemos direto da fonte. Um vampiro da minha idade já não se alimenta com tanta frequência. A última vez que matei foi no dia em que te salvei, três em uma noite.

Ficou pensando nas famílias das pessoas que Augusto matara, era algo horrível perder um ente querido, ainda mais quando sofrem algum tipo de violência. Não queria que ninguém

sentisse essa perda, por isso decidiu que nunca mataria, se ficasse bebendo sangue doado não precisaria matar e também se manteria vivo.

Como se lesse seus pensamentos, Augusto completou:

— A verdadeira refeição é quando se mata, pois o medo e dor da pessoa se tornam forças para nós. Então, não adianta querer ficar bebendo só o sangue das bolsas porque não vai adiantar, a cada dia que passar você vai querer mais e mais. Por isso amanhã você vai comigo para sua primeira caçada.

— Eu não vou — falou decidido.

— Não se esqueça de que a qualquer momento posso me livrar de uma linda garota ruiva.

Sua raiva era tanta que quebrou a ponta da mesa onde mantinha a mão.

— É assim que funciona a força vampírica — riu Augusto.

— Por que você fica me chantageando?! — esbravejou raivosamente.

— Só quero que você fique forte.

Diogo rangeu os dentes, porém não argumentou contrariamente. Augusto pegou dois copos no armário, abriu uma bolsa de sangue e despejou o conteúdo nos recipientes. Empurrou um para ele.

— Beba.

Que cara mandão. Observou o líquido, sentindo-se tonto por causa do aroma adocicado que exalava. Sorveu-o em segundos, não sabia que estava com tanta vontade assim.

— Muito bom — o líder bebeu também. — Você está com o punhal? — questionou mudando de assunto.

— Deixei lá em cima.

— Quero que ande sempre com ele.

— Por quê?

— Já se perguntou por que nunca ninguém descobriu que as pessoas foram mortas por vampiros?

— É verdade, como fazem isso?

— Quando matamos, não cravamos os dentes na pessoa e sim a cortamos com algum objeto, e sorvemos o sangue do corte. Se quiser cravar os dentes, não tem problema, desde que faça algo depois para que não fique a marca da mordida. Por isso quero que ande com o punhal, amanhã você verá melhor.

Diogo assentiu e encheu mais uma vez seu copo. Agora bebia mais calmamente, não como um louco. Augusto perguntou:

— O que achou das roupas?

— São ótimas.

— Sabe por que vampiros usam preto?

— Não.

— Para nos camuflar na noite, não é óbvio?

Sorriu e afirmou com a cabeça. Realmente era óbvio.

— Preciso comunicar aos superiores que tenho um novo vampiro no meu covil — comentou o líder colocando-se em pé.

— Por quê?

— Eles gostam de manter o controle sobre a quantidade de nós existentes. É coisa rápida, só vou enviar um e-mail.

— E-mail? Pensei que você precisasse ir até lá.

— Agora o sistema é todo computadorizado, acho bem melhor, pois antigamente tínhamos que ir até São Paulo para avisá-los, não podíamos escrever cartas, pois era arriscado demais.

— Por que sentem tanto medo de que os humanos descubram sobre os vampiros?

— Não é medo e sim cuidado. O que seria do leão na savana se suas presas descobrissem seus pontos fracos, seu modo de ataque e as horas mais propícias para que esse ataque ocorra? E além do mais somos minoria, se os humanos se juntarem podem acabar conosco em um piscar de olhos. É claro que muitos deles morreriam antes, mas nossa derrota seria quase certa.

Augusto o deixou sozinho. Pegou outra bolsa de sangue e bebeu. Seus pensamentos passaram por muitos lugares, imaginando como a raça dos vampiros viveu todos esses anos entre os humanos. Era tão irreal que chegava a ser incrível. *Será que também existem outros tipos de criaturas?* Para um adolescente como ele, tudo aquilo era muito excitante.

Depois de se alimentar de mais uma bolsa — a terceira da noite —, resolveu subir até seu quarto. Contudo, ao sair da cozinha trombou com Marta, o cheiro que exalava da vampira lembrava algo amargo e ao mesmo tempo doce.

— Desculpa — disse Diogo.

— Tudo bem, até que é bom trombar com você — sorriu e olhou por todo o cômodo. — Pode me fazer companhia um pouco? Vim pegar uma bolsa de sangue.

— Claro.

Sentaram-se à mesa e observou-a beber o sangue. Cada gesto que fazia o deixava mais atento, era como se estivesse em câmera lenta. Notava todos os detalhes, podia contar cada vez que seus longos cílios se encontravam ao piscar e as vezes que a língua percorria os lábios.

Ao terminar sua refeição, Marta colocou o cabelo para trás da orelha, debruçou-se sobre a mesa e fixou seus olhos castanhos aos verdes dele.

— Por que você fica me encarando? — perguntou, deixando-o sem graça.

— Não é nada, só te acho bonita — desviou a vista para baixo.

— Que bom — sorriu um pouco vitoriosa. Tocou com o indicador o anel na mão dele. — Do que é feito esse anel?

— Aço inox, por quê?

— Ainda bem, pois se fosse de prata seu dedo ia ser comido por ele. Somos alérgicos.

— Na época eu não tinha dinheiro para comprar alianças de prata — deu de ombros, algo dentro do peito doía ao se recordar de Júlia.

— Então você tinha uma namorada. Amava-a muito?

— Muito, só que nunca disse isso a ela e agora me arrependo.

— Mas tenho certeza de que vocês passaram ótimos momentos juntos, não é? Como o primeiro beijo entre vocês, coisas engraçadas que faziam juntos, quando saíam, a primeira vez que fizeram amor... — Diogo fechou a cara e desviou os olhos. — Disse algo que não devia?

— Não, tudo bem, é que... — sentia-se envergonhado de contar isso.

Marta enrugou a testa e o analisou atentamente. De repente compreendeu a reação dele.

— Eu não acredito — começou a rir. — Vocês nunca?

— Não — seu rosto teria esquentado se ainda fosse um humano.

— Então você ainda é virgem? — tentava conter o riso.

— E o que tem de mais nisso? — começou a se irritar com aquela garota.

— Nada, nada, só me admira um rapaz bonito como você não ter experiência nenhuma — respirou fundo e balançou as mãos na frente do rosto. — Bom, vamos mudar de assunto. Quantos anos você tem?

— 17 e você?

— 25. Fui transformada aos 18 anos, por isso temos praticamente a mesma idade — sorriu.

— Por um lado, sim — retribuiu o sorriso. — Hoje na sala ouvi a Samantha brigando com você.

— Ela acha que é minha mãe. Na verdade tem medo de que aconteça algo comigo, não quer me perder, pois Augusto disse que não quer mais nenhuma mulher na casa, e sem mim não vai ter ninguém para ela se lamentar quando ele a chutar pra fora da cama. Augusto é um cara muito machista.

— É, percebi, mas eles têm um caso?

— Digamos que sim e que não, ele só a chama pra cama dele quando quer, nas outras noites não dá a mínima pra ela, daí que eu entro, pois ela vem se lamentar comigo.

— E ela aceita isso assim?

— Sempre que ele a rejeita, ela diz que nunca mais vai se deitar com ele e coisas do tipo, mas hoje mesmo lá estão eles no quarto.

— Isso é realmente complicado — levantou-se. — Bem, vou pro meu quarto.

— Vai fazer o que de bom? — ela também se levantou.

— Nada, por quê?

— É que eu combinei de assistir um filme com os outros, se você quiser pode ficar com a gente.

— Será que não vai ter problema?

— Claro que não, só que é daqui a uma hora. Não quer me fazer companhia até lá? Tenho que arrumar umas coisas no meu quarto, você pode vir comigo e depois descemos para vir assistir o filme.

Concordou e a seguiu até seu quarto. Ao entrar, Diogo se impressionou com a decoração: as paredes eram vermelhas com crânios pretos pintados, na mesinha via-se um amontoado de maquiagem. Ela percebeu seu olhar.

— Não faça essa cara de espanto, tenho esse tanto de maquiagem para poder disfarçar a cor da pele, a minha fica num tom acinzentado.

— Eu notei como a do Fábio fica.

— Pode ficar à vontade, tenho várias revistas ali dentro do guarda-roupa.

A vampira sentou-se na cadeira em frente a uma escrivaninha e retirou vários envelopes de cartas de dentro de uma gaveta, colocando-os diante de si.

— O que você vai fazer? — indagou Diogo se aproximando para olhar melhor.

— Eu escrevo para uma revista de adolescentes, as meninas me mandam cartas e eu as respondo na revista. Sou chamada de "A

Melhor Amiga”.

— E o que elas perguntam? — sua curiosidade foi aguçada.

— Na maioria das vezes é sobre amor, olha só essa — disse abrindo um envelope. Começou a ler: — *“Eu amo um cara de 26 anos que tem namorada. E ele diz que também gosta de mim e vive me pedindo para ficar com ele. Eu nunca aceito, mas agora ele disse que, se eu ficar com ele, ele vai largar a tal namorada. E aí, será que eu fico ou não?”* Carla, 13 anos — olhou para ele. — E então, o que você acha?

— Que ele está enrolando a menina.

— Você tem razão, mas não posso escrever isso, tenho que dar uma enrolada e mostrar só um pouco do que acho, e sempre deixar que a garota tome a decisão.

Diogo se interessou pelo conteúdo das cartas, o que rendeu uma longa conversa. Marta as lia e ele dava sua opinião sobre o assunto.

— Ouve essa: *“Namoro há três meses, amo muito meu namorado e tudo mais, só que ele fica insistindo muito para que nós façamos amor. Não que eu não queira, só que acho que ainda não estou preparada, pois acho que é um grande passo num relacionamento. O que posso fazer para que ele me entenda?”* Thamires, 15 anos. E aí, o que acha desse caso?

— O namorado dela só quer que os dois fiquem mais íntimos, pois ele a ama.

— Você não entendeu a pergunta, ela disse que também gostaria de fazer amor com ele, só que ele não entende que ela não está preparada para tal passo. Para uma mulher, a primeira vez não é tão simples assim, aposto que se ele não insistisse tanto ela ficaria

tão mais à vontade e tranquila e se entregaria quando ele menos esperasse.

— Será mesmo? — perguntou incrédulo.

— Tenho certeza — sorriu e piscou para ele. — Nossa, olha que horas são! — disse se levantando. — Vou tomar banho e já volto, fique à vontade — saiu.

Pegou a última carta e a releu. *Será que era assim que Júlia se sentia?* Nunca havia pensado por esse lado, para ele era só capricho dela, mas agora pensando bem nas palavras de Marta conseguia entender melhor.

Perdeu a noção do tempo ao continuar a leitura das cartas. Por mais que achasse tudo uma bobeira sem tamanho, prosseguiu, quem sabe assim conseguiria entender melhor a cabeça complicada das mulheres.

Vasculhava o amontoado de papel quando a vampira entrou enrolada em uma toalha. Na mesma hora ele avisou que sairia para que ela se trocasse.

— Não precisa, é coisa rápida.

E lá ficou ele sem saber o que fazer enquanto ela escolhia as peças de roupa e começava a se trocar. Mais uma vez ficou hipnotizado ao olhar para Marta, só que dessa vez fitava suas curvas bem definidas, era a primeira vez que uma mulher ficava nua na sua frente, tão próxima de seu toque... Sentiu vontade de tocá-la e beijar cada parte daquele corpo maravilhoso. Sua mão ameaçou traçar o caminho até aquela pele morena, mas a conteve, fechando os olhos e respirando fundo.

Assim que terminou de se vestir, Marta encarou o jovem vampiro vendo-o praticamente em estado de choque. Ela cobriu o

rosto com as mãos e começou a rir.

— O que foi? — perguntou Diogo, não entendendo nada.

— Me desculpa — ela não conseguia parar de rir. — Eu me esqueci que você é virgem, aposto que foi a primeira vez que uma mulher ficou nua na sua frente, não é?

— É — ficou tão sem graça que abaixou a cabeça.

Marta, ainda rindo, escovou os cabelos e se maquiou. Nunca havia visto uma mulher passar tanta coisa, principalmente no rosto, demorou uns quinze minutos até que ela terminasse e descessem para a sala.

Como estava nervoso. Será que os outros vampiros aceitariam sua presença entre eles? De todos, só havia conversado com Marta, Samantha e um pouquinho com Fábio, que pareceu ser bem simpático, mas isso não o deixava mais calmo. Ao entrarem na sala todos o olharam, os únicos não presentes eram Augusto e Samantha.

— Sentem-se aqui — o vampiro negro ergueu o braço para chamar a atenção de ambos e depois apontou um lugar ao seu lado.

A maioria sentava-se no chão, os únicos no sofá eram Fábio, Leandro e Vítor. Diogo caminhou entre os outros até chegar ao local indicado, acomodou-se entre Marta e Fábio.

— Que filme vamos assistir? — indagou a única mulher presente no local, debruçando-se sobre Hugo, que se sentava à sua frente no chão.

— A Rainha dos Condenados — respondeu o vampiro ruivo.

— De novo? Puta filme velho — falou Marta.

— Não sei por que você reclama — disse Fábio. — Fica toda derretida ao ver Lestat.

Ela não respondeu, só revirou os olhos para ele. Diogo nunca havia assistido àquele filme e gostou da oportunidade. Deu muitas risadas, pois toda vez que Lestat aparecia, Marta fazia um comentário de como ele era lindo e com isso todos a vaiavam. Assistir algo sobre vampiros foi interessante, pois pôde comparar a ficção com a realidade.

Logo após o término do filme, a maioria dos vampiros disseram que dariam uma volta na cidade, o convidaram, porém avisou que não podia sair da casa, Augusto o proibira. Na sala permaneceram apenas Fábio, Hugo e Marta.

— Vou para o meu quarto — avisou a linda morena, levantando-se.

— Vai pensar no Lestat? — perguntou o vampiro ruivo rindo.

Ela lhe mostrou a língua e arremessou uma almofada nele, porém antes de sair olhou para Diogo e lhe mandou um beijo.

— Acho que já sabemos quem vai ser o próximo da lista da Marta, não é, Hugo? — Fábio cutucou o novo membro do covil com o cotovelo.

— Você acha? Eu tenho certeza! — os dois começaram a rir.

Ficaram os três a conversar. Acabou descobrindo um pouco do passado de Hugo, que contou não ser da cidade. Bem que havia notado o sotaque diferente. O vampiro ruivo disse que a sua transformação foi a melhor coisa que já lhe havia acontecido, adorava a vida noturna.

— Há quanto tempo é um vampiro? — perguntou Diogo.

— Dez anos.

— Quem é o mais novo, além de mim?

— O Murilo, faz dois anos que foi transformado.

Quando ia perguntar algo, percebeu que os dois olharam simultaneamente para o corredor, segundos depois Augusto entrou na sala, vestia apenas uma calça.

— Vejo que você está se enturmando.

— Não se preocupe, Augusto, vamos cuidar bem dele — falou Fábio.

Augusto balançou a cabeça e voltou para o corredor. Ficaram em silêncio, por um breve instante Diogo teve a impressão de ouvir a porta do quarto abrir e se fechar, mas antes de ter certeza, Fábio indagou:

— Quanto tempo?

— Três horas e vinte e cinco minutos — respondeu Hugo.

— Quem acertou?

— Ninguém, o que mais se aproximou falou três horas e cinco minutos.

— E quem foi?

— A Marta.

— Do que vocês estão falando? — Diogo interveio na conversa já que não compreendia absolutamente nada.

Ambos riram. Fábio praticamente sussurrou:

— Toda vez que Augusto e Samantha vão pra cama nós fazemos apostas de quanto tempo eles vão ficar no quarto, e por pouco a Marta não ganha de novo.

Fitou-os boquiaberto antes de cair na gargalhada e ser acompanhado por eles.

Um pouco antes do amanhecer, jogou-se em sua cama recordando-se de tudo que passara só aquela noite. Ficou pensando em como criaturas como eles podiam viver em tal harmonia. Queria

que aquele mês passasse logo, assim poderia ir à cidade ver sua família e Júlia, nem que fosse de longe. Sentia muita falta de todos.

Capítulo 8

Encontrava-se em um beco sem saída. As palavras de Augusto foram bem claras, não havia escapatória, teria que sair para a sua primeira caçada.

Diogo rodou diversas vezes na cama tentando encontrar um jeito de não seguir as ordens do líder. No entanto, sabia não ter alternativa, ainda mais por causa das ameaças, ele prometera machucar Júlia caso não obedecesse.

Deu um soco no travesseiro. Sentia-se impotente, não era capaz nem de fazer suas próprias escolhas na nova vida que começava a percorrer. Do que adiantava ser um vampiro se precisava cumprir os caprichos de Augusto? Estava tão angustiado que a primeira vez que bateram à porta não escutou.

— Por que você tá aí deitado? Augusto está esperando você lá embaixo — avisou Hugo. Sentou-se na cama ao lado do garoto. — Por que essa cara?

— Ele quer que eu vá caçar hoje.

— Então é isso. Vai ser sua primeira vez?

— Vai.

— Não se preocupe. Todos ficam com certa pena dos humanos antes, mas depois você só vai vê-los como alimento. Vai ser como se pisasse em uma formiga, ninguém sente pena delas.

Mas mesmo assim não queria matar ninguém. Hugo o acompanhou até a sala e ao entrarem viram Samantha e Augusto se beijando, ficou um pouco sem jeito por presenciar aquela cena. O vampiro soltou-se dela e o encarou nada contente.

— Você demorou demais, quando disser que vamos sair espero sempre que esteja pronto quando eu chegar. Vamos!

Diogo o seguiu, porém antes de alcançarem a garagem, lembrou-se que deixara o punhal no quarto. Desculpou-se e subiu correndo para buscá-lo, colocou-o no cinto da calça e desceu. Augusto o esperava dentro de um Honda Civic preto de vidros com *insulfilm*, sentou-se no banco do passageiro.

— Aonde vamos? — questionou, curioso.

— Ainda não sei — deu a partida no carro e saiu.

A casa localizava-se em uma avenida e as outras residências eram tão lindas quanto a de seu líder, só podia ser um bairro nobre da cidade.

— Que bairro é esse?

— Jardim do Bosque.

— Não sabia que morávamos em um lugar como esse. Você deve ser bem rico.

— Digamos que sim — esticou a mão ao porta-luvas, retirado um boné e um óculos de sol de dentro, estendeu-os para o menino. — Use isso.

— Por quê?

— Tudo você pergunta o porquê... — resmungou. — Vamos passar pelo centro e mesmo dentro do carro alguém pode te reconhecer, então coloque.

Sem discutir os colocou. Não havia muitas pessoas no centro e logo que começaram a percorrer a Avenida 29 de Agosto, Augusto disse para abrir um pouco o vidro do seu lado. Ao fazer isso muitos odores diferentes invadiram suas narinas, todos tão fortes que cobriu o nariz na tentativa de amenizar o choque.

— Muito dos fortes odores que está sentindo são de humanos — explicou o vampiro. — Tente sentir de uma pessoa específica, por exemplo, aquela mulher ali — apontou para uma moça a uns cinquenta metros de distância. Diogo a olhou, alguns segundos depois conseguiu diferenciar seu cheiro dos demais.

Continuaram seguindo pela avenida movimentada e Diogo olhava atentamente pela janela do carro. Queria muito encontrar alguém conhecido, mesmo que só pudesse ver de longe. Mas isso não aconteceu.

Assim que o carro entrou na Avenida 7 de Setembro, o estômago do garoto revirou. Sabia que a hora se aproximava. Não demoraria muito para ter a primeira vítima em seus braços. Pelo que havia dito seu protetor, a verdadeira refeição de um vampiro é quando este mata, pois o medo do humano se transforma em energia para seu predador. Por um lado, até que se sentia ansioso para provar dessa sensação, mas por outro, seu lado humano não podia admitir aquela situação. Na verdade todos aqueles sentimentos conflitavam em seu íntimo.

Só voltou a prestar atenção à sua volta quando o veículo parou. O vampiro havia estacionado no acostamento da estrada que ligava a cidade ao bairro rural Taquari.

— A mais ou menos uns cem metros depois dessa curva tem um humano, quero que você o pegue — aconselhou Augusto. Ao ver que Diogo não se mexia, elevou o tom vocal de forma autoritária: — Desça agora!

Mesmo contrariado, Diogo obedeceu. Uma lufada de vento frio chocou-se contra sua pele e fez as roupas esvoaçarem. Olhou para os lados e não viu ninguém, apenas a estrada totalmente

deserta. O vento trazia consigo odores distintos e ao respirar fundo, sentiu o de humano. Deu alguns passos incertos para frente, contudo, cessou o caminhar e virou-se para trás, vendo o vampiro escorado na frente do carro.

— Pegue-o com força — orientou.

Balançou a cabeça e seguiu pelo asfalto. Não demorou até poder ver aquela silhueta, retirou os óculos de sol e o boné e os jogou no chão. Não sabia o porquê, mas ficou excitado. Andou calmamente em direção ao homem que cambaleava pelo acostamento. Sem dúvida os efeitos do álcool dominavam aquele pobre coitado.

O recém-vampiro sentiu seu corpo formigar. Fechou os punhos para conter os ânimos. Não soube explicar, mas de repente sua boca ficou seca. Passou repetidas vezes a língua pelos lábios, não adiantando de nada, apenas aguçando cada vez mais sua vontade de aniquilar o homem à sua frente e lhe sugar até a última gota de sangue. Parou a pouco menos de dois metros de sua vítima, esta por sua vez só percebeu o garoto quando trombou com ele, quase indo ao chão.

— Menino imbecil, não para na minha frente desse jeito, não tá vendo que tô passando? — o homem forçou a vista para enxergar melhor. — Vamos, moleque, sai da minha frente! — disse um pouco irritado. Diogo apenas o observava. Queria esperar a hora certa para o ataque. Mesmo com dificuldades para manter o próprio equilíbrio, o sujeito colocou uma das mãos no ombro do rapaz. — É melhor você sair daqui, moleque, se não vou ser obrigado a lhe dar uma surra.

A felicidade que tomou conta de seu corpo no momento foi tanta que gargalhou alto. Chegara a hora. De repente, o sorriso maligno em seu rosto se dissolveu, dando lugar para os olhos vermelhos e os dentes pontudos. Pegou com tanta força o braço do homem que pôde ouvir os ossos se quebrarem. Sua vítima caiu de joelhos, urrando de dor. O garoto apenas o fitava, inclinando a cabeça enquanto o ouvia agonizando. Sorriu maldosamente e puxou o sujeito para cima pela camiseta.

— O que você vai fazer comigo? — choramingou o homem já sem o efeito do álcool.

— Nada de mais — sua voz propagou-se mais grossa do que o normal. — Apenas sugarei sua vida pelo líquido vermelho que corre em suas veias.

Lágrimas escorreram dos olhos da vítima, molhando toda a face. Sem mais demora cravou os dentes na jugular. Excitante. Maravilhoso. Saboroso. Sensações nunca sentidas tão intensamente. O sangue ainda pulsante de sua vítima escorria para dentro de sua garganta, chegando até o estômago, causando conforto.

Mesmo sabendo que não conseguiria se livrar do monstro que o agarrava, o homem tentava em vão salvar a própria vida. Diogo conseguia ler os pensamentos do indivíduo em seus braços. Adalberto era uma pessoa simples, vivia não muito distante dali com a mulher e os três filhos. Sabia que não devia ter saído de casa aquela noite, bem que havia sentido algo de anormal, mas mesmo assim resolveu sair para beber. Não suportava mais tanta pressão. Mulher, família, emprego, sua filha caçula grávida de um homem imprestável. Tudo o atormentava. Relembrou os melhores momentos de sua vida, eram poucos, porém felizes. Pediu a Deus para que

protegesse sua família, pois ele não mais o poderia. Pediu também que seus filhos tivessem um futuro melhor do que o seu, e que a esposa o perdoasse por tudo de errado que já havia feito nessa vida, e para que ela não sofresse com sua morte. Por último, desejou de todo o coração que o paraíso existisse.

Por mais que pudesse saber de tudo aquilo, o garoto vampiro não largou um segundo sequer sua presa. Aos poucos o homem foi perdendo as forças até cair inerte nos braços de Diogo, que continuou a sugar o sangue até não haver mais nenhuma gota no corpo. Por fim, jogou-o no chão. Fitou o defunto enquanto o vampiro chefe se aproximava.

— Muito bem, garoto, mas nunca sugue todo o sangue, sempre deixe um pouco para escorrer do ferimento. Agora use o punhal e faça mais alguns cortes — parou ao seu lado.

Obedecendo, retirou o punhal do bolso da calça e começou a retalhá-lo, fez cortes por todo o corpo, pescoço e principalmente no local da mordida. Pegou o falecido pelas pernas e o arrastou para dentro do mato alto. Andou por alguns minutos até chegar a um local onde tinha certeza de que ninguém o encontraria tão cedo.

Ao voltar à estrada, viu Augusto escorado na frente do carro fumando um cigarro. Ele sorriu ao ver o menino se aproximar e lhe deu os parabéns por um trabalho bem feito. Diogo nada disse, apenas abriu a porta do passageiro e sentou-se no banco. Ficou em silêncio todo o caminho de volta. Sentia-se estranho, havia passado por várias emoções em poucos minutos e isso mexera com ele. Envergonhava-se em admitir que gostou de matar. Mesmo podendo ouvir os pensamentos da vítima, em momento algum teve pena e continuou a tirar-lhe a vida. *Em que tipo de monstro me tornei?*

Podia sentir a vida daquele ser inferior correndo por seu corpo que agora não estava tão gelado como o normal.

Não demorou muito para que chegasse em casa, ao descer do carro foi direto para o banheiro e se trancou lá. Olhou-se no espelho, havia sangue seco em volta de sua boca e respingos por todo o rosto. Sua camiseta e o sobretudo estavam manchados daquele líquido adocicado. Abriu a torneira e lavou toda a área suja. Retirou a camiseta junto com o sobretudo e os jogou em um canto do enorme banheiro. Passou água mais uma vez pelo rosto e ao secar-se voltou a olhar seu reflexo no espelho. Percebeu algo diferente, era como se sua pele tivesse retornado à vida por um breve momento. Por mais que achasse aquilo surpreendente, não se sentia bem com a situação.

Caminhava para o quarto quando ouviu seu nome, olhou para trás vendo Marta.

— Oi, senti seu cheiro, como vai? — cumprimentou ela da porta de seu quarto. — Por que está sem camisa? — perguntou rindo.

— Não tô muito bem — foi em sua direção. — Estou me sentindo um monstro.

— Por quê? Pra mim você parece ótimo, está até corado — colocou a mão no rosto dele. — Só não entendi o porquê do monstro, você é tão lindo — sorriu.

— Acho melhor eu ir para o meu quarto — queria se afastar dela, ficava nervoso na sua presença. Virou-se, mas antes de sair ela o segurou.

— Posso ir conhecer seu quarto?

— Não é tão diferente do seu — uma parte dele queria que ela fosse, pois a desejava, porém a outra era totalmente fiel a Júlia.

— Deixa, vai. Juro que não vou ficar muito, só se você quiser, é claro — sorriu e colocou o cabelo para trás da orelha.

Nesse exato momento perdeu sua capacidade de pensar e apenas meneou a cabeça positivamente. Ao entrarem no cômodo, Diogo sentou-se na cama e Marta ao seu lado.

— Realmente o meu era igual a esse.

— Eu te avisei — debruçava-se sobre as pernas e olhava para baixo, não queria encará-la. Conseguia captar perfeitamente as intensões dela.

— Por que está olhando para baixo? Olhe para mim — puxou-lhe pelo braço.

Ao levantar-se e virar o rosto foi surpreendido por um beijo que o deixou tonto. Não sabendo o que fazer o retribuiu. Beijaram-se calorosamente por um longo tempo, até ela se afastar e dizer:

— Calminha, menino, não vou sair correndo daqui, vamos aproveitar cada minuto.

Ficou tão fora de si que foi movido totalmente pelo impulso. Pegou-a pela cintura, deitando-a e ficando por cima. Suas mãos transitavam pelas definidas curvas daquela linda mulata. Começou a beijar-lhe o pescoço, sentia a respiração dela mudando. Seu corpo se movia com vontade própria, pedindo pelo contato íntimo.

Marta o abraçava com tanta força que as unhas dela penetravam em suas costas. Sem mais demora, colocou suas mãos

por debaixo da blusa da vampira. Tocou os seios volumosos. Com um pouco de esforço conseguiu arrancar-lhe a blusinha bem justa. Com a língua percorreu do umbigo dela até chegar aos seios. Seu corpo todo tremeu ao sentir as mãos dela dentro de sua calça. “*Você jura que nunca vai me trair, Diogo?*” As palavras de Júlia lhe percorreram a mente. “*Mas é claro que nunca vou te trair*”. Sua resposta para a pergunta da namorada foi imediata. Amava muito aquela garota, não podia magoá-la.

Sentiu-se mal por recordar daquilo. Ainda mais por estar na situação em que estava. Afastou-se tão rápido da morena de cabelo cacheado que chocou as costas contra a parede.

— O que foi? — indagou ela, sentando-se na cama. Diogo não respondeu. — O que foi? — insistiu.

— É melhor você voltar para o seu quarto — disse com dificuldade, pois sua respiração mantinha-se alterada.

— Mas por quê? Você parecia estar gostando tanto — aproximou-se dele e passou a mão em seu abdômen, mas quando foi beijá-lo ele virou o rosto.

— É melhor você ir — mantinha o rosto virado.

Marta pegou sua blusa e a vestiu, caminhou até a porta e antes de sair, avisou:

— Você não vai me escapar, garoto — e bateu a porta atrás de si.

Passou as mãos no rosto, tinha ficado totalmente fora de controle. Deitou-se na cama e pôde sentir o cheiro dela em seu lençol. Uma parte dele queria ir chamá-la de volta e continuar de onde pararam, no entanto, a outra pensava na sua pimentinha.

Nunca havia traído sua namorada, traíra sim as outras, mas não Júlia.

Um arrependimento o assombrou. Decidiu que manteria distância de Matta, sabia que na próxima vez que aquilo acontecesse, nem Júlia nem ninguém o fariam parar. Trocou o lençol da cama e tomou banho para se livrar daquele odor. Ficou o resto da madrugada pensando, pensando e pensando até adormecer.

Capítulo 9

As noites se seguiram, e com elas adquiria mais conhecimento sobre sua vida noturna. Aprendeu sobre seus pontos fracos como o alho e a prata, coisas que, dependendo da dosagem, poderiam matá-lo. Também descobriu que a igreja, o crucifixo e a água-benta não lhe eram ameaças.

Seus poderes evoluíram muito, agora conseguia detectar cada um da casa pelo cheiro. Sentia-se poderoso e cada vez mais confiante em si mesmo. O lamento de suas vítimas não mais lhe deixava a pensar, não sentia mais remorso, não sentia mais nada por elas, apenas tinha água na boca quando as via. Agora sim podia ser considerado um verdadeiro vampiro.

Muito de suas emoções humanas começaram a se perder com o tempo, mas uma delas ainda persistia em continuar: seu amor por Júlia. Desde a noite do beijo com Marta, nunca mais ficara sozinho com ela, sempre a evitava, pois cada vez que se aproximava dela seu corpo se descontrolava.

Contou a Leandro o que sentia, ele disse que vampiros são amantes noturnos e por isso seu corpo reagia daquela forma. Depois de saber disso se afastou ainda mais. Sempre quis que sua primeira vez fosse com sua namorada. Por mais que tentasse, não conseguia esquecer-se dela, e enquanto esse sentimento não sumisse por completo não conseguiria envolver-se com ninguém. Augusto lhe dissera que vampiros não podem manter contato com humanos, então do que adiantaria amá-la se não poderia pelo menos lhe dar

um beijo? Sentiu saudades do tempo em que saía com todas e não se apegava a nenhuma.

Um mês se passou e com ele sua ligação com seu protetor se intensificou. Não conseguia mais passar uma noite sem pelo menos conversar alguns minutos com o vampiro. Podia-se dizer que ele mimava demais o garoto. Era como ter encontrado uma nova família na companhia dele.

Fitava com atenção o teto quando ouviu passos e sentiu um odor familiar.

— Pode entrar, Murilo — disse, sentando-se na cama. Murilo entrou sem ao menos bater à porta.

— Tá a fim de sair? — perguntou.

— Sei lá, faltam poucas horas para amanhecer — olhou para o pequeno relógio em cima da mesinha, marcava 3h. — Aonde você vai?

— Combinei com o Guilherme, o Ícaro, o Nilton e a Marta de irmos a uma festa em um rancho aí. Tá a fim?

— Que tipo de festa?

— Só vai descobrir se for — sorriu maliciosamente. — Decide logo, pois já estamos saindo.

Pensou um pouco e decidiu ir, colocou um sobretudo e desceu com Murilo para a sala onde todos já aguardavam. Percebeu o olhar da vampira sobre ele, porém não o retribuiu. Pegaram um carro na garagem e saíram, ao volante ia Nilton e ao lado dele Marta, os outros se acomodaram no banco traseiro.

Seguiram pela estrada em direção ao bairro Taquari, onde Diogo matou pela primeira vez. Rodaram cerca de meia hora até chegarem ao local. Na frente do rancho viam-se muitos carros

estacionados. Lá dentro, havia muitas pessoas e a escuridão predominava no ambiente, mas a pista de dança era iluminada por luzes coloridas.

— Se quiser pode matar uma pessoa, ninguém vai ver — sussurrou Nilton ao seu ouvido.

Quando se virou para vê-lo já havia desaparecido. Ficou andando junto de Murilo e Ícaro pelo local, reparando em cada detalhe.

— O que acham da gente se enturmar? — sorriu Ícaro, que logo se aproximou de uma garota e começou a beijá-la.

— Vai ficar aí parado? — Murilo cutucou Diogo. — Vai, Diogo, se mexe — puxou-o pelo braço e soltou na pista de dança.

A música eletrônica que tocava incomodava seus ouvidos, que agora eram muito sensíveis, contudo, decidiu aproveitar a festa. Nunca fora de dançar, porém não podia ficar ali parado, e por isso resolveu se mexer. Murilo se aproximou, fazendo companhia, e logo depois várias garotas dançavam perto deles, todas os olhavam atentamente e até com segundas intenções. *Já que é assim vou aproveitar.*

Apesar do remorso que o dominava, lutou contra ele e analisou todas as jovens ao seu redor. Se quisesse realmente esquecer de Júlia, precisava começar de algum lugar, e a oportunidade estava bem diante dele. Deu de ombros, escolheria a mulher mais bonita.

Ele apenas sorria quando uma ou outra se insinuava, tentando chamar a sua atenção. Todavia, não foram seus gestos que o prendeu, mas sim o cheiro. Uma garota muito branca de olhos castanhos, com o cabelo preto e comprido na altura da cintura,

mirava-o atentamente. Se não fosse pelo odor de humana poderia jurar ser uma vampira. Aproximou-se para dançar com ela.

— Oi — cumprimentou ao ouvido da garota. — Posso saber seu nome?

— Larissa, e o seu?

— Diogo.

Dançaram mais algumas músicas juntos, e o cheiro meio adocicado que impregnava a pele da jovem, deixava-o excitado. Puxou-a pela mão, levando-a para debaixo de uma árvore num local totalmente escuro à margem do rio Mogi. Encostou-a na árvore e começou a beijá-la, o aroma de Larissa ficava cada vez mais intenso. Ao pararem com o carinho ficaram abraçados, o corpo dela e o seu vibravam.

— Como você é gelado, Diogo — colocou a mão em seu rosto.

— A noite me deixa assim — pegou-lhe a mão e beijou, passou depois para o pescoço e para a boca.

Desde a noite em que saiu para sua primeira caçada não parou mais, o sangue que sorvia do corpo humano era muito saboroso, totalmente diferente do das bolsas. No entanto, nos últimos três dias só se alimentava do sangue doado pelos subordinados de Augusto e por causa disso sentia uma vontade tremenda de tomar aquele líquido maldito vindo direto da fonte.

Suas mãos passavam por todas as partes do corpo de Larissa, que ficava mais quente, lembrou-se que eram raras as vezes em que podia fazer aquilo com Júlia. *Que se foda, sempre tive a mulher que quis e agora que elas se sentem ainda mais atraídas por*

mim não posso deixar passar, não vou me prender a alguém que nem posso mais ver.

O sangue dela pulsava mais e mais rápido, captava-o correndo pelas veias. Não controlando seu instinto, cravou os dentes na jugular da garota. Larissa ficou tão surpresa que não teve forças para gritar. Logo toda a vida fora drenada de si.

O corpo caiu inerte nos braços de Diogo, que a olhou admirado e sorrindo. Agora não sentia mais nenhuma pena de seres inferiores a ele, e além do mais, foi ela que procurou por isso quando lhe deu mole. Pegou o punhal que prendia em seu tornozelo e fez alguns cortes na garota antes de jogá-la no rio. Encostou-se na árvore para poder aproveitar aquela sensação de conforto no estômago, mas antes de poder relaxar, um aroma ao mesmo tempo amargo e doce invadiu suas narinas.

— Então ela você beija? — perguntou Marta se aproximando.

— E o que tem de mais nisso? — lembrou-se que naquela noite em que se beijaram, só não foram além por causa de seu pensamento em Júlia. — Você quer um também? — indagou caminhando até a vampira. Aproveitando a surpresa dela, pegou-a com força pela cintura e a beijou.

— O que você pensa que está fazendo? — ela empurrou-o.

— Queria te pedir desculpa por aquela noite, eu estava meio confuso — segurou-a novamente pela cintura. — Você sabe que sempre te achei linda — beijou-lhe o pescoço. — Que sempre a desejei.

Marta acabou se rendendo a ele. Beijaram-se por muito tempo e só pararam ao ouvirem a voz de Nilton os chamando. A

alvorada não demoraria a acontecer e por isso tinham que ir embora. Chegando ao carro notaram a ausência de Ícaro.

— Ele me disse que iria a algum lugar e depois voltaria para casa — contou Nilton.

Marta sentou-se ao seu lado no banco de trás, fazendo com que Murilo fosse à frente com Nilton. Distraía-se olhando para fora através da janela quando ela o tocou na coxa.

— Dessa vez não vou te deixar escapar — murmurou ao seu ouvido.

Sorriu com o comentário e a beijou lascivamente. Sequer notaram o tempo que permaneceram dentro do automóvel.

O covil estava com a sua capacidade completa naquele horário já que a maioria dos vampiros retornara de alguma andança. Diogo cumprimentou a todos e se encaminhou para seu quarto, porém, antes de adentrar o cômodo, a vampira o alcançou.

— Vou com você.

Ela mordeu seu lábio inferior e o empurrou para dentro do dormitório. Não tinham muito tempo, logo o dia amanheceria. Pegou-a no colo e a pousou sobre a capa, ficando por cima e a despindo apressadamente, desejava com todas as suas forças tocar aquele corpo nu.

Contudo, a troca de carícias não durou muito, pois Marta se levantou, deixando-o sem entender nada.

— Aonde você vai? — quis saber.

— Para o meu quarto, já vai amanhecer — colocou a roupa sorrindo pela feição de desapontamento do rapaz. — Amanhã logo que eu acordar vou sair para resolver alguns assuntos em outra

cidade, mas acho que em três dias estarei de volta, daí podemos continuar de onde paramos, o que você acha?

Diogo contorceu os lábios e ela sorriu. Beijou-o em despedida, porém ele a agarrou pelo braço e a puxou, fazendo com que caísse sobre ele, beijou-a mais uma vez e disse:

— Vou ficar te esperando para que possamos continuar de onde paramos.

Capítulo 10

Folheava um antigo álbum de fotografias de sua família. Parou em uma foto na qual se via a mãe, o pai, sua irmã mais velha e ela mesma. Mesmo a fotografia sendo em tons não tão nítidos, Sílvia lembrava-se perfeitamente do dia em que fora tirada. Sua mãe queria uma linda fotografia da família para colocar em um retrato e pendurar na parede da sala. Como sempre, as duas meninas não queriam tirar a foto, pois estavam emburradas pelo fato de nunca ninguém acreditar nelas, mas por fim foram obrigadas a se juntar aos pais para que a fotografia fosse batida. Uma cópia foi parar na parede da sala e a outra guardada naquele álbum.

Continuou a olhar as outras fotos até parar em uma não tão antiga. Nessa havia mais pessoas, sua mãe já em idade avançada e as duas irmãs já adultas com seus filhos à frente. Observou o rostinho das crianças: Diogo e Sofia não queriam de jeito nenhum participar da foto, porém acabaram sendo forçados e foram fotografados emburrados.

Por que mesmo sabendo que o que diziam era verdade, não davam importância para o relato das crianças? Foi assim com ela também, seus pais nunca acreditavam no que contava. Por que tinha que cometer o mesmo erro com seu filho?

Sílvia assustou-se ao ser tocada no ombro pela irmã.

— Me desculpa, não queria te assustar — disse Roseli, sentando-se ao seu lado no sofá e lhe estendendo uma xícara de café.

— Tudo bem. Obrigada.

— O que você está vendo?

— As fotos de família. Você se lembra desse dia? — mostrou-lhe a fotografia que tiraram com seus pais quando eram crianças.

— Lembro sim — pegou o álbum da mão da irmã. — Ficaria muito mais bonita se fosse tirada com uma câmera digital, daria pra ver melhor, os olhos da mamãe eram lindos.

— Por que diz isso? Sabe muito bem que os nossos são iguais — ficou em silêncio observando a foto. — Sabe... às vezes acho que nossa família tem algum tipo de maldição — Roseli nada disse, apenas fitou os olhos verdes de Sílvia. — Por que nascemos com os mesmos olhos há gerações?

— Eu realmente queria saber o porquê.

— Acho que aquele homem poderia nos explicar...

— Não fale nisso.

— Por que não? Não somos mais crianças, sabemos diferenciar o que é real do imaginário.

— Não gosto de me lembrar dele, ainda bem que não o vejo mais.

— Do que adianta não vê-lo mais se nossos filhos passaram a vida toda sendo atormentados por ele? — Roseli abaixou a cabeça. — Tenho certeza de que ele fez algo com o Diogo. Agora sei que não é apenas nossa família que o vê, Júlia o viu também.

— Você sabe que ele é um monstro, estávamos juntas quando o vimos pela última vez — passou as mãos nos braços para conter os arrepios. — Diogo estava aprendendo a andar, você se lembra daquela cena, não lembra? — Sílvia meneou positivamente a

cabeça. — Aqueles olhos vermelhos, a boca, o rosto e as mãos manchadas de sangue... — esfregou o rosto.

— Me lembro muito bem, mas mesmo assim tenho que procurar por ele. Só ele pode nos dizer onde encontrar o Diogo.

— Eu não acredito! — uma voz invadiu o ambiente e as duas irmãs olharam ao mesmo tempo para a porta da sala, vendo Sofia parada com os olhos vermelhos e o rosto molhado de lágrimas. — Vocês também o viam... — caiu de joelhos no chão, sua mãe e sua tia se levantaram para ajudá-la.

— Sofia... — Roseli tentou se aproximar.

— Não toquem em mim! — gritou. — Por que sempre mentiram para o Diogo e para mim? Por que fingiam que não acreditavam em nós quando falávamos sobre aquele homem? Se vocês tivessem nos contado antes, aposto que tudo isso não estaria acontecendo. As culpadas são vocês por Diogo ter desaparecido!

Ao ouvir aquelas palavras, Sílvia encostou-se na parede e chorou desesperadamente. Sentia-se culpada pelo sumiço do filho. Se pudesse voltar no tempo mudaria tudo, contaria a seu menino sobre aquele homem e não o deixaria abandonado com seus pensamentos e medos como fez. Queria seu filho de volta, faria tudo para tê-lo ao seu lado pelo menos por alguns instantes.

Júlia entrou correndo no quarto, bateu a porta e se jogou na cama, chorando. Não entendia como aquilo tudo podia estar acontecendo. Ninguém conseguia encontrar os corpos dos bandidos

nem o de Diogo, mas sabiam que havia acontecido alguma coisa com eles, pois encontraram no local muito sangue.

Depois que saiu do hospital, ficou acompanhando as investigações do sumiço dele. Os policiais a interrogaram e ela contou tudo do que se lembrava, desde a hora em que voltavam a pé até o homem de preto que apareceu fazendo com que ela desmaiasse. Um mês já havia passado e todos desistiam da procura, menos ela, pois sentia que ele estava vivo em algum lugar, ainda mais por ter visto aquele homem. Nunca desistiria de procurar a pessoa que mais amava no mundo e, se realmente tivesse acontecido o pior com ele, acabaria com sua própria vida para não sofrer mais.

— Júlia, posso entrar? — perguntou sua mãe, batendo na porta.

— Vá embora, quero ficar sozinha! — esbravejou, mas sua voz de choro fez com que a mãe entrasse acompanhada de Jaqueline.

— Você está chorando de novo? — a mãe sentou-se em uma cadeira próxima à cama.

— Disse que não era para vocês entrarem — enxugou raivosamente as lágrimas.

— Ju, não fica assim — disse sua irmã, sentando-se ao seu lado na cama.

Jaqueline tinha 20 anos e era uma irmã muito chata para o gosto da caçula. Sempre certinha e nojenta, vivia grudada na mãe como uma sombra. Tudo o que Jaqueline queria na vida era se casar, cuidar dos filhos e do marido.

— Querida, é melhor você começar a pensar mais em você e em seu futuro, fiquei muito triste por saber que são altas as chances de Diogo ter morrido, mas você não pode ficar presa a uma pessoa que não está mais entre nós.

— Ele não morreu! — gritou, encarando a mãe. — Eu sinto aqui dentro que ele está vivo — colocou as mãos em seu próprio peito e começou a chorar novamente, Jaqueline a abraçou, mas ela se afastou. — Se vocês não acreditam em mim, é melhor me deixarem sozinha.

Sua mãe e Jaqueline olhavam-na com certa pena, mas a deixaram sozinha. Passou o resto da tarde chorando, no último mês só fazia isso, não frequentava mais a escola, não saía com as amigas e nem conversava com elas. *Se Diogo realmente morreu, então morrerei junto com ele.*

Não que isso fosse a melhor saída, porém se sentia culpada pelos tiros que ele havia levado tentando protegê-la. Se fosse mais corajosa, menos indefesa, poderia ter impedido tudo aquilo, mas não passava de uma menina inútil, que só sabia chorar por algo sem volta. Pensou em vários modos de se matar não encontrando nenhum.

Ao fim da tarde, bateram à porta, já a irritando, pensando ser novamente alguém querendo lhe encher a paciência.

— Júlia, posso entrar? Sou eu, Ruth — mesmo querendo ficar sozinha respondeu que sim. — Você está chorando de novo?

— O que você quer? — falou rispidamente.

— Vim ver como você está.

— Estou ótima. Se for só isso, pode ir embora.

— Por que você está me tratando assim? — aproximou-se da amiga.

— Você ainda tem coragem de perguntar? — elevou o tom vocal. — Vai me dizer que não se lembra do que você disse para o Diogo aquela noite: “*Espero que um dia você suma da vida dela, Diogo, e nunca mais volte*” — começou a chorar. — Está satisfeita agora que ele sumiu?

— Eu não disse aquilo por mal, foi em um momento de raiva — ela tentou abraçá-la.

— Me larga! Eu até hoje não consegui entender por que você nunca gostou dele — muitas lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Você realmente nunca desconfiou? — perguntou Ruth, abaixando a cabeça e olhando para baixo.

— Desconfiar do quê? — ficaram em silêncio, teve a impressão de ver algumas lágrimas caindo do rosto de Ruth. — Você gostava dele? — Ruth não respondeu e colocou as mãos no rosto. — O que foi?

— O único garoto de quem gostei era muito mais velho que eu, e nem mora mais aqui. Depois dele nunca mais gostei de garoto algum — sua voz era abafada pelas mãos, Júlia as tirou de seu rosto e pôde ver que ela realmente chorava.

— Eu não consigo entender, você sempre saía com vários garotos e nunca me disse nada em relação a isso — encararam-se. — Se você quiser me contar...

— Você não vai entender.

— Por que não me conta? — Ruth ficou em silêncio, olhando para sua melhor amiga, até que explodiu.

— É que eu sempre gostei de você!

— Como assim? — seu coração veio parar na boca.

— Sou apaixonada por você, Júlia. No começo pensei que era apenas ciúme de amiga, mas quando você saía com algum garoto eu ficava com muita raiva, e com isso acabei percebendo os meus sentimentos — virou o rosto e fitou o chão. — Eu realmente não queria aquilo, não queria me apaixonar por outra mulher e é por isso que saía com vários garotos, eu me entreguei a muitos deles para ver se tirava você da minha mente, mas nada disso adiantou. Quando você começou a namorar o Diogo, fiquei tão angustiada que me trancava no quarto e chorava, cheguei a pensar que se eu o maltratasse ou te empurrasse para outro ele largaria de você, mas isso não aconteceu — voltou a olhá-la. — Me desculpe por tudo que fiz você passar, não queria ver você sofrendo assim — abraçou-a e começaram a chorar.

— Você foi e sempre vai ser minha melhor amiga — disse Júlia. — Mas não vou poder corresponder o que você sente por mim.

— Eu sei disso — soltou-se do abraço e enxugou as lágrimas com as mãos. — Me sinto muito melhor por ter contado tudo a você. Acho melhor deixá-la sozinha agora — levantou-se, caminhou até a porta e parou. — Você pode fazer um favor pra mim?

— Claro.

— Não chore mais, você fica tão linda quando sorri — e, dizendo isso, saiu.

Ficou pensando no que Ruth lhe dissera, realmente fazia sentido tudo o que ela fez para seu namorado. Olhou para o relógio em seu pulso: 18h. Se quisesse acabar com tudo aquilo teria que ser aquela noite.

Puxou a gaveta da escrivaninha e começou a revirar o conteúdo até encontrar o que tanto procurava. Faria sim um ato covarde. Não aguentava mais toda aquela dor.

Capítulo 11

— Júlia! — gritou, erguendo-se de sobressalto da cama.

Olhou ao seu redor e não viu nada além dos poucos móveis de seu quarto. Passou a mão no rosto ainda com a imagem de Júlia nítida em sua mente. No sonho a via chorando muito e com algo nas mãos cortava os pulsos. Voltou a deitar-se.

Seu último sonho foi o que teve em sua casa na noite em que foi baleado, desde então nunca mais sonhou. Augusto lhe dissera que quando era humano tinha sensações que lhe indicavam o perigo, e mesmo depois de ser transformado, elas ainda continuaram. Os vampiros sempre apareciam em seus pesadelos, talvez fosse um aviso do que viria pela frente. No entanto, nunca teve um tão real quanto aquele. *Será que ela pensa em se matar?* Sacudiu a cabeça tentando esquecer-se do sonho e de seu pensamento.

Procurar por Marta seria uma boa. Saiu de seu quarto e parou na frente do de Marta, bateu na porta e a abriu, vazio. Desceu as escadas, encontrando Nilton no corredor.

— E aí, garanhão? Pensa que não vi você com a Marta ontem? Posso até imaginar o que teria acontecido se eu não tivesse atrapalhado vocês — comentou brincalhão.

— Acho que iríamos queimar ao sol — disse descontraído.
— Falando nela, você a viu?

— Foi a São Paulo, uma vez a cada seis meses os chefes da revista para qual ela escreve exigem sua presença lá.

— Mas isso não tem problema, já que ela não é humana?

— Você já viu o tanto de maquiagem que ela usa? Nem dá para saber que ela é uma vampira, e além do mais, Augusto preparou os documentos falsos pra ela.

— Agora entendi. Você viu o Augusto por aí?

— Ele saiu e não disse pra onde ia.

— Valeu, então — deu alguns passos se afastando de Nilton, porém acabou voltando e lhe perguntou, hesitante: — Você já sonhou?

— Quando era humano sim, mas desde que estou nesta vida nunca mais tive um sequer. Por quê?

— É que tive um sonho.

— Isso é estranho — olhou-o com certa desconfiança. Pensou um pouco. — Acho que tirando você e o Augusto, nenhum de nós sonha.

— Ele também sonha? — a surpresa foi tanta que acabou alterando a voz. Nilton confirmou com a cabeça.

— Mas são raras as vezes que isso acontece. Se não estou enganado, seu último sonho foi há cinco anos, quando disse que havia sonhado que você se envolveria em uma briga de rua e que apanharia tanto que ficaria em uma cadeira de rodas.

Paralisou, realmente fora salvo por ele naquela noite. Então, quer dizer que seu sonho poderia ser verdade? Júlia tentaria se matar? Deve ter feito uma cara horrível, pois Nilton lhe perguntou o que havia acontecido.

— Não é nada — deu-lhe as costas. Precisava impedi-la de fazer aquilo de qualquer maneira, mas como? Augusto saíra e tinha a sensação de que se fosse a pé não chegaria a tempo. Virou novamente para Nilton. — Você tem uma moto, não é?

- Tenho.
- Pode me emprestar?
- Mas você sabe dirigir?
- Fábio me ensinou.

Nilton o olhou com certa desconfiança, chegou a pensar que ele não lhe emprestaria a moto, porém foi surpreendido com ele lhe jogando a chave. Agradeceu e apressou-se em ir até a garagem. Subiu na Fazer preta estacionada ao lado de outras motos, colocou o capacete e a ligou, ganhando a rua logo em seguida.

Realmente estava preocupado, nunca imaginou que Júlia pudesse cometer uma loucura daquela. Acelerou a moto indo em direção à casa dela, não demorando mais que dez minutos para parar em frente à residência. Mesmo receoso de que alguém o visse, sua prioridade era Júlia.

Retirou o capacete e concentrou-se para captar os sons vindos de dentro da casa. Pôde ouvir as vozes dos pais de sua namorada, a mãe chorava e dizia que tinha muito medo do que ela pudesse fazer, o marido a aconselhou a ficar calma e que esperassem até que ela voltasse.

— Mas e se ela não voltar? Você viu como ela passa os dias chorando? Tudo por causa do sumiço do Diogo, sei que é difícil pra ela... — falou a mulher com a voz embargada de tristeza e desespero.

Diogo apertou o guidão da moto para conter o nervoso, perguntando-se onde Júlia teria ido. Fechou os olhos e pensou em todos os lugares possíveis para se cometer suicídio, mas alguma coisa lhe dizia que ela não iria para nenhum daqueles. Precisava se

lembrar de algo, pelo menos uma pista. Caso contrário percorreria a cidade de cima a baixo até encontrá-la.

Mirou o céu estrelado frustrado por não ter ideia de onde Júlia estaria. De repente uma corrente de vento chocou-se contra seu corpo e o fez olhar para o outro lado da rua, vendo o terreno vazio. Recordou-se da noite em que avisara a namorada da presença de Augusto ali. Sua última noite com ela... A única pessoa que acreditou nele...

Mas é claro! Ligou a moto e saiu. Como pudera se esquecer da praça? Ela adorava aquele lugar que a marcou tanto com relação ao tio.

Estacionou na esquina da Rua Getúlio Vargas, perto da Praça da Maristela. Ao retirar o capacete aliviou-se por avistá-la sentada ao balanço. Mesmo de longe podia ver seu rosto e seus olhos muito vermelhos, várias lágrimas escorriam deles. Sentiu um forte aperto no peito por vê-la assim, ele era o culpado por fazê-la sofrer daquela forma.

Debruçou-se sobre o guidão e ali ficou observando-a de longe, lembrando de como era bom quando podiam ficar juntos; de como adorava a cor avermelhada de seus cabelos e do jeito tímido e meigo. Sorriu sozinho. Teve certeza de que ainda a amava muito.

O tempo continuou correndo enquanto as pessoas que por ali andavam com filhos ou passeavam com os cachorros, dissipavam-se, ficando apenas Júlia na praça. Ao se ver sozinha, ergueu a cabeça e olhou ao seu redor, pegou a bolsa que deixara no chão ao lado e a colocou no colo. Enxugou as lágrimas e abriu a bolsa, retirando algo muito pequeno dela.

Diogo estreitou os olhos para ver o que seria o objeto, contudo, antes de comprovar qualquer que fosse sua suspeita, um forte cheiro de sangue tomou o ambiente. Vinha de Júlia. Sem pensar direito e movido pelo impulso, jogou o capacete no chão e correu em sua direção usando a velocidade vampírica.

Ela não o viu se aproximar, só percebendo sua presença quando a mão que segurava a lâmina foi afastada da outra brutalmente. O sangue escorria do pulso aberto da jovem, mas parecia não se importar, seus olhos não se afastaram de Diogo um segundo sequer. Ele tomou a lâmina dela e a arremessou longe. Tentava não olhar para o líquido vermelho, porém não conseguiu, ele o atraía. Rangeu os dentes tentando controlar seus instintos assassinos.

— Diogo... — a voz de Júlia saiu tão fraca que mal pôde ouvi-la.

Fitou os olhos arregalados dela e engoliu em seco. Só agora percebia a gravidade do seu ato.

— Você ficou louca? — rasgou um pedaço de sua camiseta e agachou-se diante dela.

Segurou o pulso machucado e o enfaixou por mais que ela tremesse. Após dar o último nó, encarou-a, notando seu estado de choque. Tocou-a suavemente no rosto, o calor dela aqueceu o seu.

— Não desperdice sua vida, Ju — colocou-se em pé. — Se cuida — virou-se para ir embora, mas sua camiseta foi puxada por ela.

Algo não o deixava sair de lá, e na verdade não queria. Chegou a pensar que começava a esquecê-la, porém se enganara,

ainda a amava com todas as forças. Respirou fundo e pôde sentir o cheiro dela, era muito doce e suave.

— Você es-está vi-vivo... — gaguejou e voltou a chorar, dessa vez copiosamente.

— Me desculpa, mas não posso te ver nunca mais — percebeu que ela se assustou com suas palavras. — Por favor, peço que não conte a ninguém que me viu, não posso mais manter contato com vocês.

— Mas por quê? — perguntou, tentando conter o choro.

— Não posso te contar, só peço para que viva a sua vida ao máximo e me esqueça — mais uma vez ameaçou sair, mas ela o abraçou, recuando logo depois com os olhos arregalados.

— O que aconteceu com você? Por que está tão gelado? — não respondeu de início, apenas abaixou a cabeça. — Por favor, me conta. Passei todo esse mês preocupada com você e quando te vejo é assim que me trata, com essa indiferença? — chorava ainda com mais desespero. — Eu... eu vi aquele homem de preto que você me contou, acho que foi ele que salvou a mim e a você, não é? Você está morando com ele?

— Júlia — disse sério. — Se eu te contar tudo, você me promete que não fala pra ninguém sobre mim? — ela apenas meneou a cabeça.

Diogo sentou-se em um balanço e ela no outro. Contou tudo o que foi preciso para que ela entendesse sua nova condição. Ao terminar, ficaram em silêncio por alguns minutos até Júlia perguntar:

— Vampiro? — aquilo ainda não fazia sentido.

— É, me tornei um vampiro que se alimenta de sangue humano. Por isso não posso mais ter contato com você e nem com a minha família. Sou uma ameaça a cada um de vocês.

— Você já matou alguém? — perguntou, olhando-o nos olhos.

— Já — desviou o olhar. Ao se levantar, ela também o fez.

— Por favor, não me deixe sozinha novamente.

— Não posso ficar com...

Ficou mudo ao ser beijado por ela, havia se esquecido de como era bom seu beijo, melhor do que o da Marta, da Larissa... Diogo a empurrou, fazendo com que caísse. Vê-la no chão despertou os sentimentos humanos que tentava suprimir. Acomodou-se no balanço e suspendeu a cabeça nas mãos.

— Você não pode pedir isso pra mim, você não sabe o quão difícil foi ter de ficar longe de vocês, e agora que tudo já ficava melhor isso acontece... — lágrimas vermelhas lhe desceram dos olhos, e antes que pudesse enxugá-las, Júlia as secou com as próprias mãos, abraçando-o logo depois.

Foi o melhor abraço que já recebera, não teve noção de quanto tempo ficaram naquela posição. Todas as suas preocupações sumiram da mente, só o fato de tê-la ali o deixava mais tranquilo. Tinha em seus braços o amor de sua vida. Olhou-a nos olhos e a beijou, voltando a abraçá-la logo em seguida.

— Senti muita saudade de você — falou Diogo, encostando suas testas enquanto ela o segurava pelos cabelos escuros.

— Eu também — respondeu, afastando-se um pouco para poder ver o rosto do namorado. — Me transforme em uma vampira, assim posso... — Diogo tapou-lhe a boca com a mão.

— Nunca mais diga isso, eu não quero que você perca essa sua graciosidade para virar um monstro como eu.

— Mas se não posso ficar com você, a vida não me interessa mais.

— E se nós mantivermos contato?

— Mas você disse que não pode.

— Acho que se você não contar nada a ninguém não tem problema. Só espero que o Augusto não descubra.

— Por quê?

— Tenho quase certeza de que ele vai acabar comigo se souber — Júlia ameaçou falar algo, mas ele impediu-a com um gesto. — Mas corro esse risco só para ficar ao seu lado — disse, e ela sorriu ao ouvir suas palavras.

— Tudo bem, então nada de ser vampira — falou ela animada. — Só quero ficar com você.

Beijaram-se longamente. Saíram do balanço e se sentaram em um dos vários bancos espalhados pela praça. Conversaram sobre o último mês que ficaram separados, e ele lhe contou sobre tudo o que acontecia no covil, disse que os outros vampiros eram muito legais com ele e que a moto que usava era de um deles.

— Moto? — perguntou, acariciando os cabelos de Diogo, que deitava a cabeça sobre seu colo. — Desde quando você dirige?

— Fábio me ensinou, os vampiros têm uma capacidade de aprendizado bem maior que a dos humanos. Agora posso cumprir a promessa que te fiz — sentou-se ao seu lado, abraçando-a. Júlia se arrepiou. — O que foi?

— Ainda não me acostumei com sua pele fria — tocou-lhe o rosto, analisando-o atentamente. — Tenho a sensação de que algo

mudou em você.

— Meu corpo mudou com a transformação. Não tenho mais nenhuma espinha e melhorei em outros sentidos — levantou um pouco a camiseta para que ela visse seu abdômen.

— Nossa! — exclamou tocando o local descoberto. — Nunca imaginei que você pudesse ficar ainda mais lindo.

— Você que é maravilhosa — puxou-a e lhe deu mais um beijo, seu corpo vibrou de tal forma que o fez lembrar-se das coisas que havia falado e feito com Marta. Afastou-se.

— O que foi? — questionou a namorada, estranhando a reação repentina.

— Nada — era melhor que ela nunca soubesse daquilo, não queria magoá-la.

— Você me disse que o tal do Augusto te deu um punhal que era do seu parente, não é? — confirmou. — Posso vê-lo?

— Claro — ergueu a barra da calça, retirando-o da bainha e o entregou a ela, que ficou a observá-lo.

— Como é bonito.

— Pode até ser, mas foi por causa disso que acabei virando um sanguessuga noturno... Viver entre monstros e me tornar um deles já estava decidido antes mesmo de eu nascer.

— Seus olhos estão tão verdes quanto essas pedras — devolveu-lhe o punhal. — Você me disse que os vampiros não cravam os dentes nas pessoas, então quer dizer que esse punhal é usado para matar? — Diogo ficou calado, não tinha coragem de lhe contar. — Me conta.

— Eu não sou mais um humano, Júlia, me mantenho vivo matando, e agora que voltei a te ver não me sinto mais orgulhoso

de matar pessoas.

— Me desculpa, não queria te chatear.

— Que horas são? — perguntou mudando de assunto e lembrando-se que tinha que voltar antes que Augusto resolvesse procurá-lo.

Júlia abriu a bolsa e pegou seu relógio de pulso.

— 1h15.

— É melhor eu te levar embora, quando passei na sua casa pude ouvir sua mãe chorando por você ter saído.

— Tudo bem.

Andaram em direção à moto, pegou o capacete que jogara no chão e o colocou. Mesmo depois de um mês não podia arriscar ser reconhecido por ninguém, já bastava Júlia. Seguiram pela Avenida Carlo Bonfanti, os cabelos ruivos de sua namorada esvoaçavam com o vento. Ao se aproximarem da casa, achou melhor não passarem em frente e por isso estacionou em uma rua próxima.

— Quando vou te ver de novo? — perguntou a garota, descendo da moto.

— Apenas deixe a janela do seu quarto aberta — retirou o capacete. — Mas não vamos poder nos ver sempre.

— Pra mim, assim já está ótimo — sorriu lindamente e bagunçou ainda mais o cabelo do namorado antes de beijá-lo. — Quem sabe amanhã? — indagou meigamente, sendo Diogo incapaz de negar.

— Amanhã — confirmou, já rendido. — Se cuida.

Ele a acompanhou de longe até entrar em sua casa, acenando em despedida. Só não continuou sorrindo feito um bobo porque percebera como o odor de Júlia impregnara suas roupas. Se

aparecesse assim no covil, Augusto perceberia de imediato. Precisava fazer algo a respeito.

Uma vítima desprotegida e em um lugar deserto era tudo o que queria. E não foi difícil encontrar. A mulher se debateu em seus braços enquanto sugava-lhe a vida. Ainda passou um pouco do sangue sob a camiseta, tornando assim imperceptível o aroma de Júlia. Agora sim estava pronto para retornar ao covil.

— Onde você foi? — perguntou Augusto ao vê-lo entrar na sala.

— Fui dar uma volta para me alimentar — pelo menos falava a verdade, escondendo só a parte de ter se reencontrado com Júlia.

— Espero que seja isso mesmo — olhou-o desconfiado. — Há alguns dias fui informado de que um vampiro vadio está rondando por aí, deixando marcas em suas vítimas. Estou conseguindo abafar os casos, mas preciso dar um jeito nesse assunto e por isso quero que você acabe com ele pra mim.

— Por que eu?

— Porque sim. Todos aqui se revezam em turnos pela cidade para evitar que casos assim aconteçam e já está na hora de você fazer parte também — acendeu um cigarro. — Quando Marta voltar ela vai com você.

— Eu não estou te entendendo. Por que tenho que fazer isso e ainda mais com a Marta? Você sabe muito bem que não posso ficar andando por aí.

— O vampiro que está por aí fica entre os adolescentes e vocês dois são perfeitos para isso.

— Não sou o único aqui, muitos aparentam ser adolescentes.

— Não te perguntei nada! — Augusto amassou o cigarro no cinzeiro e o encarou com raiva. — Quando te mandar fazer algo, você vai fazer sem discutir — Diogo apenas se calou, não podia argumentar contra ele. — Sente-se aqui — apontou um lugar ao seu lado. Esperou ele se acomodar. — Quando Nilton me contou que você havia pegado a moto dele, decidi te dar isso — estendeu-lhe uma chave. — Sei que é um modelo popular, mas por enquanto está ótimo. Gosta de Twister? — mesmo incrédulo pegou a chave. — Está lá fora, é uma preta.

Correu até a garagem e a viu. Nunca na vida pensara que ganharia uma moto de alguém. Subiu nela e a ligou, ouvindo o ronco do motor. Agora poderia levar Júlia para qualquer lugar.

— Gostou? — o vampiro andou em sua direção.

— Muito. Valeu, Augusto — percebeu por um instante um discreto sorriso em seu protetor, que logo desapareceu.

Antes de amanhecer, testou a moto. Quando voltou para casa, o ancião lhe entregou uma boa quantia em dinheiro, disse também para não se preocupar com o combustível, pois seus subordinados mantinham todos os veículos da casa com o tanque cheio.

Diogo deitou-se em sua cama pensando em tudo que acontecera naquela noite, só o fato de ter se reencontrado com Júlia o deixava muito contente, porém tinha muito medo da reação de Augusto se soubesse. Não entendia o porquê de não poder ter esse tipo de contato com ela, sabia que ela nunca contaria a ninguém sobre ele e os vampiros. Pensou no assunto até se cansar dele, permitindo-se fantasiar sobre seu encontro com Júlia que aconteceria na noite seguinte.

Capítulo 12

Desejou como nunca que a noite chegasse e com ela o fim de seu transe. Deixou o covil tão depressa que não encontrou com ninguém. No céu a lua cheia reinava e os cheiros da noite o animavam ainda mais.

Parou em frente à casa de Júlia olhando para os lados, averiguando não ter ninguém na rua. Saltou o muro da casa caindo com uma leveza incrível. Viu a luz da sala acesa, aproximou-se da janela e com muito cuidado olhou através dela. Os pais de Júlia sentavam-se no sofá assistindo televisão e Jaqueline ao chão, lendo uma revista. Afastou-se dali e foi em direção ao corredor que levava aos fundos, parando na terceira janela, o quarto de sua pimentinha. Passou por ela tão rápido que fez com que sua namorada desse um grito.

— Sou eu.

Júlia colocou as duas mãos no peito que se movia muito rápido. Diogo se aproximou dela e a abraçou, sentindo a jugular pulsar e até o cheiro do sangue correndo por suas veias. Encostou os lábios no pescoço dela e o beijou carinhosamente, lambendo em seguida.

No entanto, notou uma movimentação e pulou para fora pela janela. Menos de um segundo depois a mãe dela entrou no quarto e perguntou por que ela havia gritado. Júlia falou qualquer coisa e praticamente expulsou a mãe do cômodo, alegando que precisava dormir. Assim que ela saiu, trancou a porta e correu em direção à janela.

— Pode entrar agora.

Foi a vez dela iniciar o beijo assim que o teve ao seu alcance. Diogo a segurou pelos braços e a encostou na parede, pressionando-a com seu corpo. Júlia soltou um gemido abafado, deixando-o mais excitado. Mexeu nos cabelos dela e o cheiro que exalava da namorada se intensificou, levando-o a querer mais, não lhe permitindo parar, ainda mais quando o calor de seu corpo atingia sua pele fria. Era como se ao ser tocado por ela, voltasse à vida por um breve instante.

Entregou-se tanto ao momento que perdeu o controle sobre si, causando o crescimento involuntário dos caninos. A língua de Júlia cortou-se ao tocar as presas, preenchendo a boca de ambos com o sabor do sangue. Ela tentou se afastar, mas Diogo a segurou com mais força, ainda mais agora com aquele gosto maravilhoso.

Júlia tremeu de medo e o empurrou. Isso foi o suficiente para ele perceber que tinha passado dos limites e se descontrolado. Deu mais alguns passos para longe dela. O gosto do sangue ainda presente em sua boca.

— Me desculpe — disse ele, sentando-se na cama e colocando as mãos na cabeça.

— Você não pode agir assim comigo... — falou baixinho.

— Eu não sei o que aconteceu comigo. Acho melhor eu ir embora, sou uma ameaça pra você — colocou-se em pé.

— Não vá! — correu até ele e o abraçou.

— Eu não posso ficar aqui com você, Ju — fitou-a nos olhos.
— Não sei se vou conseguir controlar meus instintos, não quero fazer mal a você. Viu o que acabou de acontecer?

— Vamos juntos controlar o seu instinto — sorriu. — E não terá beijo até a minha língua parar de sangrar — riu e ele também sorriu da tentativa dela de deixar a situação mais confortável. — O que você acha da gente dar uma volta?

— Por mim tudo bem, aonde você quer ir? Aproveita que estou de moto — falou vanglorioso.

— Fiquei pensando sobre um lugar o dia todo e cheguei à conclusão que tem de ser um deserto, para que você não corra o risco de ser visto. Que tal irmos para Santa Cruz?

— Você que manda.

Ajudou Júlia a atravessar a janela e a pegou no colo para pular o muro da casa. Entregou-lhe o outro capacete e ela se segurou em sua cintura quando saiu com a moto. Seguiram pela rodovia Anhanguera em direção à Santa Cruz da Conceição, município vizinho não muito distante.

Assim que adentraram a cidade, encaminharam-se até os bares que estavam movimentados. Muitas pessoas haviam estacionado os carros na rua e faziam churrasco nos quiosques à margem do enorme lago de Santa Cruz. Passaram por toda a extensão da rua, a música alta dos bares e dos carros, as pessoas conversando e nadando no lago, tudo deixava os ouvidos de Diogo um pouco irritados, tanto que mal pôde ouvir quando Júlia o chamou. Parou a moto.

— Está muito cheio aqui — disse ela com certo descontentamento.

— Acho que sei de um lugar onde poderemos ficar sozinhos.

Tomou outro trajeto, passando em frente do cemitério da cidade e pegando uma pequena estrada de terra. Andaram mais um

pouco e pararam diante do antigo clube Riviera.

— Que tal aqui? — ele apontou para o lugar.

— Será que não tem nenhum guarda aí?

— Me deixe ver — retirou o capacete e farejou o ar. — Acho que não tem ninguém muito próximo.

— Como você sabe? — franziu o cenho.

— Posso sentir cheiro de humano à distância.

— Legal.

Colocou a moto entre as árvores num terreno em frente, onde antigamente costumava ser o estacionamento do clube. Andaram até a recepção abandonada.

— Será que não tem ninguém aí dentro mesmo, Diogo? — olhava pela cerca.

— Tenho certeza — surpreendeu-a, pegando-a no colo. — Segure-se em mim — pulou em cima do pequeno telhado da recepção, descendo logo depois e colocando-a em pé no chão. Vários quiosques se estendiam ao longo de toda a margem do lago. — Vem! — chamou, puxando-a pela mão. Caminharam até a areia de onde podiam ver a lua e ficarem perto da água.

— Nossa, que lua linda! — exclamou Júlia, sentando-se na areia.

— Realmente está muito bonita hoje — sentou-se ao seu lado. — Mas tenho certeza de que ela está morrendo de inveja.

— Por quê? — perguntou, virando-se para ele.

— Porque mesmo ela estando assim, você é muito mais linda que ela.

Júlia sorriu e o beijou apaixonadamente.

O tempo foi passando enquanto permaneciam juntos, e cada vez que olhava, a lua mais alta no céu ficava. O calor que emanava do corpo de sua namorada deixava o seu aquecido, e com isso não a soltava por nada, permanecendo abraçados. Nunca esteve com ela em um lugar tão romântico, e a cada beijo e abraço, sentia-se mais próximo e mais apaixonado.

Deitavam-se na areia e miravam o céu, em uma tarefa inútil de contar as estrelas, quando ela levantou.

— Vamos nadar? — indagou já se afastando dele e indo em direção à água.

— O quê? — não acreditava no que ouvia.

— Vamos nadar? — repetiu.

— Mas... mas... Você tem certeza? Não sei se acho uma boa ideia. E se alguém aparecer?

— Não tem problema porque meu namorado é um vampiro e tenho certeza de que ele vai me proteger de tudo e de todos.

— Acho melhor não, Júlia, você vai ficar com a roupa toda molhada e não quero que fique doente por causa disso — realmente se preocupava com o bem-estar dela.

— Se for esse o problema... — começou a retirar a roupa, ficando apenas com suas peças íntimas. Diogo não acreditava no que via. Ela sempre teve vergonha de mostrar seu corpo a ele e agora fazia isso? — Vamos, Diogo! — chamou. Ele se levantou e enquanto se despia, outra surpresa, Júlia havia retirado seu sutiã e a calcinha e entrava na água. — Está muito gelada — abraçou os próprios braços. — Vem logo pra você me aquecer.

Ficou nu em tempo recorde e entrou na água. Nunca, em seis meses de namoro, ela o deixou ver seu corpo assim, a ansiedade era

tanta que nem sabia o que fazer, ficou parado em sua frente só olhando.

— O que foi? — perguntou a menina com um lindo sorriso que o deixou um pouco mais nervoso. — Não fique aí parado — andou até ele e o abraçou. Seus seios o tocavam e todo seu corpo grudava-se ao dele.

— Por que isso agora? — ela o olhou. — Não que eu não esteja gostando — coçou a cabeça. — É que você nunca... — a mão suave de sua namorada lhe tapou a boca.

— Não importa mais o que eu fiz ou deixei de fazer, agora só quero aproveitar todos os momentos que tenho com você — encostou seu nariz ao dele, ficando assim por um longo tempo até se beijarem.

Tanto suas mãos quanto as dela passavam pelo corpo um do outro. A cada minuto que se seguia a sentia se entregando mais e mais ao prazer, tanto que sua respiração era mais profunda e forte. Júlia o abraçava fazendo com que seus corpos ficassem ainda mais unidos, muitas vezes foi arranhado por ela.

Realizava um antigo desejo: tê-la em seus braços daquela forma.

Excitara-se tanto que tremia cada vez mais quando a tocava. Nesse momento já imaginava como iniciaria o ato, porém Júlia se afastou dele e saiu correndo da água. Pegou o sobretudo do namorado e o estendeu na areia, deitando em cima. Diogo respirou fundo, jogou um pouco de água no rosto e saiu do lago. Realmente seria muito fácil se ela se entregasse assim. Deitou-se ao lado dela.

— O que aconteceu pra você sair daquele jeito da água?

— A água está muito gelada — virou-se e se apoiou sobre os cotovelos para que ficasse bem perto do rosto de seu amado.

— Eu te disse que não era uma boa ideia — pegou-a pela cintura, fazendo com que ela ficasse em cima dele. Olhou fundo naqueles olhos castanhos, colocou uma mecha do longo cabelo molhado que caía sobre ele atrás da orelha dela e disse: — Eu sempre sonhei em ficar assim com você.

— Acho que eu também — ruborizou. — Sempre te quis assim bem pertinho de mim — sorriu, mas notou que ele ficou sério. — O que foi?

— A partir do momento em que descobri que não poderia mais ver você, me bateu um enorme arrependimento por nunca ter dito que te amava muito — acariciou seu rosto. — Júlia, eu te amo muito, nunca amei ninguém assim. Minha vida não tem sentido se você não estiver ao meu lado. Quero ficar para sempre com você, pois te amo muito, amo muito mesmo.

Júlia nada disse, apenas encarou o namorado vampiro. Beijou-o longamente e depois o abraçou.

— Você não sabe o quanto esperei para ouvir estas palavras. Ficava me perguntando o porquê de você nunca ter falado que me amava.

— Eu era um idiota, mas isso não importa mais. Quero apenas ficar com você o máximo que eu puder.

— Eu também quero ficar com você, também te amo muito — beijou-o. — Posso te contar um segredo?

— Claro.

— Prometi a mim mesma que só me entregaria depois que algo que eu queria muito fosse feito por você.

— Como assim? Se entregar a quê? — ela o confundia.

— Prometi a mim mesma que só faria amor com você depois de ouvir você dizer que me amava — sentiu o corpo de sua namorada esquentar um pouco e percebeu que seu rosto ficara ainda mais vermelho. — Bem... você disse que me ama.

Nesse exato momento seu mundo caiu. Só agora havia percebido o que estava acontecendo, quais eram as verdadeiras intenções dela com aquela conversa. Ficou tão espantado que sua atitude fez Júlia perguntar o que aconteceu com ele.

— Não é nada, só me espantei com o que você acabou de dizer. Falando sobre isso, você tem certeza do que quer? Afinal, não sou mais o mesmo de antes, agora sou um vampiro, não há mais vida nesse corpo. Não sei se te mereço mais.

— Nunca estive tão certa em toda minha vida e não me importo com o fato de você ser um vampiro, quero apenas ficar com você, quero apenas ser sua de verdade.

Diogo mais nada disse, apenas aceitou o desejo de sua namorada — que era o seu também. Enquanto a lua iluminava seus corpos, eles se entregavam um ao outro. Júlia parecia tão delicada que tinha medo de tocá-la e quebrá-la. Tudo era diferente, beijo, abraço e carinho transbordavam amor. Era como voltar à vida, sentia seu corpo vivo, como se fossem um único ser. Seu amor por ela lhe queimava o peito, lhe confundia os sentidos.

A menina que se tornava mulher sentia-se leve, achava que se tentasse voar conseguiria. Era totalmente diferente do que havia imaginado, o corpo dele mudara de temperatura, saindo da fria para a quente. Sentimentos puros cercavam seus corpos, todo desejo,

atração, prazer e excitação haviam se transformado num único sentimento, o amor.

Júlia deitou a cabeça sobre seu peito e ali ficaram olhando a lua. Acariciou seus longos cabelos ruivos e lhe beijou a cabeça repetitivas vezes. Ela brincava com os dedos sobre seu abdômen.

— Ju — chamou, ela levantou a cabeça e o olhou. — Eu te amo — a garota fechou os olhos, sorriu e o beijou.

— Eu também te amo — abraçaram-se.

Curtiam cada segundo juntos, sentindo o amor emanar de seus corpos. No entanto, o calor que recebera dela já não existia mais, não sendo mais capaz de esquentá-la.

— Acho melhor você se vestir, está com o corpo gelado — falou ao notar os braços dela arrepiados e frios.

Não discutiu, apanhou suas roupas e começou a vesti-las. Ele fez o mesmo. Prendia o punhal ao tornozelo quando sentiu cheiro de humano. Sobressaltou-se e pegou sua namorada pelo braço.

— O que aconteceu? — indagou assustada com a reação dele.

— Tem uma pessoa aqui — não houve mais tempo, a luz de uma lanterna os encontrou e com isso precisaram correr. Diogo apanhou o sobretudo da areia e o vestiu sobrenaturalmente rápido.

— Ei, vocês, o que estão fazendo aqui? — gritou o guarda-noturno correndo em direção a eles.

Por sorte ele corria com dificuldade pela areia e com isso demoraria para alcançá-los. Apressaram-se em direção à cerca. Pegou Júlia no colo e pulou; com ela ainda em seus braços usou sua velocidade vampírica, chegando ao lugar onde escondera sua

motocicleta. Aguardaram alguns minutos em silêncio até Diogo dizer que o guarda já havia se afastado.

— Essa foi por pouco — suspirou aliviada.

— Acabei me distraíndo e não pude notá-lo antes — olhou para ela e começaram a rir.

— Você consegue correr muito rápido — aproximou-se dele e o abraçou.

— Júlia, você não tem medo de mim? — perguntou com certa hesitação. Ela se afastou e o fitou.

— Por que teria?

— É que agora não sou mais o de antes.

— Pra mim você sempre vai continuar sendo aquele garoto por quem me apaixonei na primeira vez que vi e que amo até hoje.

— Mesmo? — balançou positivamente a cabeça. — Fico feliz ao ouvir isso.

— Gostei muito do que fizemos hoje — disse ela sorrindo envergonhada. — Nunca imaginei que pudesse ser tão bom.

— Também gostei muito — abraçou-a com força.

Júlia bocejou, colocando a mão na boca, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Vejo que está cansada. Que horas são? — Júlia olhou no relógio que agora usava no pulso direito.

— 4h05.

— Nossa. É melhor eu te levar embora.

— Ainda não — sua voz ficou totalmente infantil. — Quero ficar mais com você.

— Tudo bem, mas pelo menos vamos voltar pra Leme.

Percorreram o caminho rapidamente, tanto que quando Júlia se deu conta, Diogo já a pegava no colo para pular o muro de sua casa e depois a janela do quarto. Pousou-a na cama e sentou-se ao seu lado.

— Quando vou te ver de novo?

— Infelizmente não sei. Augusto quer que eu vá fazer um trabalho pra ele.

— Que trabalho?

— Quer que eu dê um jeito num vampiro que está rondando por aí deixando marcas em suas vítimas.

— Você vai sozinho?

Ele desviou o olhar, só de pensar em Marta e no que havia feito e prometido a ela sentia-se um completo canalha.

— Não, uma vampira vai me acompanhar.

— Vampira? Você não me disse que havia uma mulher — olhou-o com certa desconfiança.

— Eu não contei? — disfarçou. — É que só há duas na casa, a Samantha, que é praticamente do Augusto, e a Marta.

— Qual vai com você?

— A Marta.

— Ela é bonita? — mesmo tentando segurar, o ciúme saiu em sua voz.

— É sim. Mas você é muito mais linda que ela, isso eu posso afirmar — tentou beijá-la, mas ela se afastou. — Não me diga que você está com ciúmes?

— Não estou — respondeu, cruzando os braços e olhando para o lado. Seu namorado começou a rir, deixando-a brava.

— Não fica assim, não — tentava não rir. — Você sabe que eu não aguento quando você fica desse jeito — abraçou-a, respirando fundo para ficar sério. — Pra mim a mulher mais linda desse mundo é você, Ju — beijou-a.

Ficaram a maior parte do tempo conversando, beijando e se acariciando. Após as 5h, Júlia, já muito cansada, mal conseguia manter os olhos abertos. Diogo a colocou deitada na cama e a cobriu, observou-a por alguns minutos, beijou-lhe a testa e se levantou para sair quando a ouviu chamando.

— Quando vou te ver de novo? — perguntou sonolenta e se levantando.

— Apenas deixe a janela destrancada que eu venho quando puder.

Pulou a janela e virou-se para dentro do quarto, para o beijo de despedida.

— Eu te amo — disse Diogo.

— Eu também te amo — beijaram-se novamente.

Ela o viu pulando o muro de frente à janela do quarto. Voltou para a cama e deixou-se cair nela. Admirava o teto, realmente estava muito feliz. Decidiu que da próxima vez que seu namorado aparecesse, aproveitaria cada minuto com ele. Fechou os olhos e relembrou cada instante do que haviam feito naquela noite. Abraçou com força seu cobertor e sorriu. Nunca se esqueceria dessa noite.

Capítulo 13

Assim que começou a descer as escadas, a discussão cessou. Podia ouvir os gritos de Samantha do seu quarto mesmo que não compreendesse, por isso decidiu averiguar o que estava havendo. Encontrou Jarison, Helton e Antônio sentados nos degraus, perguntou num sussurro o que acontecia.

— É tudo culpa sua, Diogo — respondeu Helton.

Antes que pudesse perguntar por que, pôde ouvir Samantha gritar novamente:

— Você só fica atrás daquele garoto; desde que ele entrou nessa casa você nunca mais me deu atenção e raramente que ficamos a sós, você só fala dele. Como acha que eu me sinto? — fez-se silêncio até ouvirem algo sendo quebrado. — Droga, Augusto, por que você não responde? — a porta do quarto se abriu. — Seu maldito, vá para o inferno você e aquele moleque! — Samantha a bateu e veio andando pelo corredor, nesse exato momento os quatro vampiros na escada se levantaram e correram para cima. Ouviram a vampira sair pela porta da sala.

— Dessa vez ela ficou muito irada — comentou Jarison.

— Bom, é melhor sairmos daqui antes que o chefinho apareça — disse Antônio.

Entraram na cozinha, onde viram várias bolsas de sangue sobre a mesa. Cada um pegou uma e se acomodaram nas cadeiras, em silêncio. Quando Augusto entrou, todos o olharam.

— Que caras são essas? — indagou, andando em direção a seu protegido. — Onde você foi ontem, garoto?

— Dar uma volta — disse um pouco nervoso.

— Deve ter sido uma volta e tanto para você ter chegado um pouco antes da alvorada — sentou-se numa cadeira e fitou-o atentamente. — Você está indo atrás daquela garota?

— Não, Augusto, eu nunca faria isso — tentava manter a calma.

— Espero que não mesmo, pois se você estiver se encontrando com ela vou ser obrigado a matá-la — avisou friamente, levantou-se. — Daqui a algumas horas Marta vai chegar, fique preparado para fazer o que mandei — saiu.

Diogo respirou fundo para que os outros não percebessem seu nervosismo. Como ele havia descoberto? Quer dizer, ele ainda não sabia de nada, mas daqui para frente teria que tomar muito cuidado se quisesse vê-la.

Voltou para seu quarto onde ficou pensando no que falaria para Marta quando ela chegasse. Arrependeu-se de tudo que havia feito com ela, ainda mais agora que teriam que sair juntos para resolver o assunto daquele vampiro. Decidiu não pensar naquilo, quando chegasse a hora veria o que fazer. Seus pensamentos voaram direto para Júlia, lembrando-se da noite que passaram juntos. Algum tempo depois saiu do quarto, encontrando Ícaro no corredor.

— Tava indo te chamar, o Augusto quer que você vá até a sala.

Seu olhar foi diretamente para Marta, que se sentava em uma poltrona, seus olhares se cruzaram e ela lhe deu um sorriso e mandou um beijo.

— Sente-se aqui, garoto — apontou um lugar perto dele. Esperou que ele se acomodasse. — Eu já expliquei todos os detalhes para a Marta, se você tiver alguma dúvida pergunte a ela — colocou a mão no bolso e tirou uma chave, entregando-a ao menino. — Vocês vão de carro — levantou-se, caminhando para o corredor.

— Calma aí, Augusto! — chamou Diogo. — Eu ainda não entendi o que é para fazer.

— Como não entendeu? Vocês têm que dar um fim naquele vampiro, é só isso — deixou-os sozinhos.

Marta sentou-se ao seu lado, abraçando-o.

— Sentiu minha falta?

— Tenho que ter uma conversa séria com você — tirou os braços dela de sua volta.

— O que aconteceu?

— Aquela noite que passamos juntos foi ótima, mas acho que não estou preparado para tudo isso, ainda estou meio confuso com tudo que aconteceu na minha vida — tinha reelaborado aquela desculpa várias vezes. — Você me entende?

— Não. Eu não vou te prender a mim como a Samantha faz com o Augusto, só quero você na minha cama, só quero ser a primeira pra você — beijou-o. Retribuiu o beijo, mas logo se afastou.

— É melhor deixarmos isso para depois — distanciou-se, caminhando em direção à porta. — Vamos logo fazer o que o chefe mandou.

Entregou a chave para ela, pois não queria dirigir. Permaneceram em silêncio por algum tempo. A culpa causava um aperto no peito por tê-la beijado, não entendia por que não conseguiu dispensá-la. Amava muito Júlia, disso não tinha dúvidas,

mas Marta era diferente, sentia apenas atração por ela, nada mais. Coçou a cabeça, começava a ficar muito confuso.

— O que você fez nesses dois dias? — perguntou Marta, quebrando o silêncio.

— Nada de mais.

— Tenho a sensação de que algo aconteceu — olhou-o por um breve instante, voltando depois a prestar atenção no trânsito. — Você foi atrás daquela sua namorada?

— Claro que não — como eles podiam acertar sempre? Tinha que mudar de assunto. — O que Augusto lhe explicou sobre o vampiro?

— Disse que ele ainda é muito novo e que não consegue distinguir vampiro de humano. É apenas um qualquer que foi transformado por engano.

— E onde vamos encontrá-lo?

— Por hoje ser sábado, aposto que estará no centro com outros jovens.

— No centro? — sobressaltou-se. — Não posso ir lá, você tem ideia de quantos amigos meus iam lá aos sábados?

— Fique tranquilo, ele não fica em lugares como a 29 de Agosto e sim onde não há muitas pessoas, fazendo isso pode atacar a qualquer um.

Olhou para o relógio no painel do carro que marcava 23h30, o que o deixou aliviado, pois a maioria das pessoas ficava no centro até as vinte e duas e depois iam para outro lugar. O começo da avenida nunca era movimentado, as pessoas se concentravam mais entre as duas praças, a primeira da escola Maria Joaquina de Arruda e a outra da Matriz.

Durante o trajeto observavam cada indivíduo, porém não encontraram ninguém suspeito. Marta virou o carro para direita ao chegarem ao final da avenida, subindo a outra. Andaram por mais alguns minutos até ela lhe estender um óculos de sol.

— Coloque isso, vamos ter que descer assim que o encontrarmos. Sinto que está por perto.

Passavam pelo ginásio de esportes quando viram um pequeno grupo de pessoas sentadas perto da porta do recinto.

— Achamos! — Marta estacionou o carro. — Preste bem atenção, ele não vai saber que somos vampiros, por isso vou fazer de tudo para tirá-lo de perto dos outros, assim que conseguir você espera um pouco e me segue logo depois, aí acabamos com ele — Diogo apenas confirmou com a cabeça.

Desceram do carro e caminharam em direção ao grupo de pessoas, havia duas garotas de no máximo 15 anos e três rapazes. Analisou-os, sentindo o cheiro de cada um, parou em um garoto pálido que vestia uma camiseta da banda Nirvana e calça jeans. *Achei você.*

— Oi — cumprimentou Marta. — Meu primo e eu podemos nos juntar a vocês?

— Claro — respondeu um dos rapazes. Marta sentou-se ao lado do vampiro e Diogo ao de uma garota. — Como vocês se chamam?

— Eu sou Marta — respondeu com um lindo sorriso.

— Diogo.

— Por que você usa óculos de sol à noite, Diogo? — perguntou a garota ao seu lado.

— Acho legal — não sabia o que dizer, a garota sorriu.

— Me deixa ver seus olhos — puxou os óculos de seu rosto. — Nossa! Nunca vi olhos tão verdes.

Conversaram durante algum tempo e com isso descobriram que o vampiro chamava-se Régis. Percebeu que Marta dava muito mole para ele, cada movimento de suas mãos ou do seu corpo deixava o olhar de Régis totalmente preso a ela. *Como pode ele não saber que somos vampiros?* Minutos depois se levantaram.

— Vamos até ali — avisou Régis aos outros e saiu puxando Marta pela mão.

Atravessaram a rua caminhando em direção ao carro que o casal de vampiros usou para chegar até o local. Viu que Marta puxou Régis para dentro do veículo. Aguardou alguns instantes até avisar.

— Vou chamar a Marta para irmos embora — ao dizer isso todos se levantaram também, despediram-se e cada um foi por um caminho.

Agradeceu por terem ido embora. Ao atravessar a rua e se aproximar da janela do carro, viu que eles se beijavam e se agarravam no banco traseiro. *Então era essa a distração?* Riu. Ao colocar a mão na porta do carro, Marta abriu os olhos e segurou Régis, que percebeu alguém adentrando o automóvel.

— O que é isso? — perguntou o vampiro, desnorreado.

— Sinto muito, gatinho, mas você está causando muitos problemas para a nossa espécie — disse Marta.

— Então quer dizer que vocês são vampiros?

— Ainda não consegui descobrir como você faz para não nos reconhecer — comentou Diogo, estendendo a mão para trás e pegando a chave do carro que a vampira lhe estendeu.

Enquanto procurava um lugar deserto para fazerem o serviço, Marta segurava Régis e tapava-lhe a boca para que não fizesse nenhum tipo de barulho. Estacionou o carro em uma rua deserta não tão longe do centro. Desceu do veículo e ficou esperando Marta trazer o vampiro para fora. Retirou o punhal da bainha e se aproximou de Régis, que tentava se soltar da vampira, mas não conseguia.

— Esse será seu fim — encostou a lâmina afiada no pescoço dele, um fio de sangue escuro escorreu.

— Espere um momento, se o chefe de vocês for o Augusto, tenho uma mensagem para ele — informou Régis.

Assim que Diogo afastou o punhal dele, o vampiro relaxou a musculatura.

— Então fala logo — mandou, e um mau pressentimento lhe percorreu.

— O vampiro Nelson disse que se eu encontrasse algum de vocês era pra falar que ele sempre esteve por perto e que tomará o lugar de Augusto.

— Vampiro Nelson? — perguntou Marta.

— Foi ele quem mandou matar Henrique — informou Diogo, olhou para Régis. — Onde ele está?

— Eu não sei.

— Como não sabe?

— Não sabendo, caralho.

— Seu verme! — em menos de um segundo a cabeça de Régis caiu no chão, cortada pelo punhal.

Colocaram o defunto no porta-malas e voltaram ao covil. Não falaram nada durante todo o caminho. Ao entrarem na sala,

encontraram apenas Vítor e Hugo.

— Onde está Augusto? — indagou Diogo, ansioso para contar o que sabia ao líder.

— No quarto — respondeu Hugo.

Correu em direção ao quarto e abriu a porta, surpreendendo Samantha sem blusa e o vampiro que procurava ao seu lado.

— Tenho que falar com você, Augusto — não se importou em interromper o que fosse acontecer.

— Era só isso que faltava! — reclamou Samantha, pegando sua blusa e saindo do quarto.

— Fez o que mandei? — Augusto acendeu um cigarro.

— É por isso que estou aqui — fechou a porta e se sentou ao lado dele. — Aquele vampiro havia sido transformado por Nelson — notou certa surpresa em seu protetor ao dizer esse nome. — Régis disse que tinha uma mensagem dele para você.

— Fala logo, garoto.

— Disse que sempre estive por perto e que tomará seu lugar.

— Maldito! — levantou-se e começou a caminhar pelo cômodo. Virou-se para Diogo. — Ele só disse isso?

— Foi. Eu ainda perguntei se ele sabia onde o encontrar, mas não obtive nenhuma resposta.

— Sempre procurei por aquele maldito e nunca o encontrei, agora ele manda um qualquer me passar a mensagem de que sempre estive por perto! — tinha a impressão de que ele falava sozinho.

— É melhor eu te deixar sozinho — ao abrir a porta, ouviu do líder:

— Chame o Fábio e o Vítor para mim.

Voltou à sala encontrando Fábio com os outros, avisou que Augusto os chamava. Eles foram ao encontro do líder e Diogo caminhou para a cozinha, pegou uma bolsa de sangue e subiu para seu quarto. Não sabia muita coisa sobre Nelson, só que o líder do covil onde residia queria encontrá-lo e matá-lo, por ele ter feito o que fez com Henrique. Bom, mas isso já não era problema seu.

Ao abrir a porta do quarto, espantou-se ao ver aquela cena. Marta deitada nua em sua cama, apenas coberta pelo lençol.

— Agora podemos continuar de onde paramos — levantou-se da cama e caminhou tranquilamente até ele, abraçou-o e deixou que o lençol escorregasse pelo seu corpo até que caísse ao chão.

Enquanto se beijavam, a mente de Diogo lhe dizia para não fazer aquilo, para não se deixar seduzir por ela, porém sua parte racional não foi o suficiente para impedir seu corpo.

Capítulo 14

Augusto ficou em estado de alerta total após receber o recado de Nelson. Quase todas as noites se reunia com seus vampiros mais poderosos. Diogo não participava das conversas, porém o ocorrido o afetou diretamente: fora proibido de sair de casa. Augusto alegava que Nelson poderia tentar fazer algo a ele, e para evitar qualquer dor de cabeça, o melhor seria que ele permanecesse onde o líder estivesse.

Mesmo contrariado, Diogo o obedeceu. Contudo, o trancafiamento o torturava, pois Marta sempre se insinuava para ele, deixando-o perturbado, e com isso acabavam passando as noites juntos. Sabia que aquilo que fazia não era certo, não podia continuar a passar as noites com Marta, amava Júlia, disso não tinha dúvidas. Precisava arranjar um jeito de ir encontrar sua namorada, nem que precisasse se arriscar com Nelson.

Na verdade não entendia o porquê de Augusto se preocupar tanto assim com aquele sujeito. Fábio lhe dissera que o líder era realmente muito poderoso para um vampiro com em média 100 anos, disse também que a morte de Henrique fez com que ele se tornasse muito mais forte, que seu nível era um antes da morte do irmão e depois aumentou drasticamente em pouco tempo.

Duas longas semanas já haviam se passado e Diogo sequer colocara o pé na rua. Olhava-se no espelho, tocando a pele pálida, precisava de sangue. Caminhou até a sala e encontrou Augusto, Samantha, Fábio, Vítor e Leandro.

— Ia mesmo mandar te chamar — disse Augusto. — Quero falar com você — Diogo andou até uma poltrona e se sentou. — Terei que fazer uma viagem, ficarei fora por umas três semanas. Não vou exigir que fique mais aqui dentro, mas quero que tome cuidado — olhou no fundo de seus olhos. — Como você recebeu do meu sangue, seus poderes se desenvolvem com mais rapidez que o dos outros. Se você se empenhar pode até chegar a um nível muito alto em pouco tempo, mas por enquanto você não tem chance nenhuma se der de cara com Nelson. Por isso, fique atento.

— Onde você vai?

— Fazer algumas pesquisas. Partirei daqui a pouco.

No fundo ficou um pouco chateado por Augusto ter de viajar. No entanto, uma felicidade também se fez presente. Sem mais demora apanhou a chave da moto, ganhando a escuridão da noite fria. Uma fina garoa embaçava o capacete, que aos poucos se tornou uma forte chuva.

Não via e nem sentia cheiro de humano por todas as ruas em que passava, o que o fez pensar no que Augusto lhe dissera sobre seus poderes: se quisesse ser tão forte quanto os outros teria que se exercitar.

Alguns metros à frente, logo depois de entrar na Avenida Berta Buhrnheim, pôde inalar odor humano. Virou a moto e a estacionou em frente à Escola Técnica. Caminhou pela calçada, dobrou a esquina e viu um homem logo à frente. Foi em sua direção. Aproximou-se sorrateiramente com o punhal em mãos. Seus olhos acenderam e no segundo seguinte pulou nas costas do sujeito, puxando-o para trás e lhe cortando a garganta antes que reagisse.

A cada gole que sorvia daquele sangue, um conforto imenso tomava seu estômago. Bebeu boa parte antes de jogar o corpo pelos muros da escola. Voltou até a moto, ligou-a e saiu. Andou alguns metros e um novo odor invadiu suas narinas, um cheiro muito diferente: decidiu segui-lo. Já não chovia mais e com isso pôde ver três pessoas ao lado da faculdade Anhanguera. Uma onda de felicidade invadiu seu corpo. Parou a moto em frente a eles e os observou, percebeu que o cheiro que sentia era da maconha que fumavam.

— O que você quer aqui, meu chapa? — perguntou um dos homens se levantando da calçada.

Diogo gargalhou e pulou com o punhal, fazendo um profundo corte no peito do rapaz, que caiu no chão. Os outros dois foram para cima dele, mas antes que pudessem ter feito algo, o garoto vampiro jogou o primeiro contra uma árvore e o outro contra uma pilastra de concreto. Debruçou-se sobre sua presa no chão e sugou praticamente todo o sangue dele. Olhou para os outros dois: o que havia batido na árvore se levantava e o outro permanecia desacordado.

Caminhou em direção ao primeiro e pegou-lhe pela garganta, apertou fortemente antes de jogá-lo novamente contra a árvore. Pegando-lhe do chão, cravou os dentes em sua jugular. Após matar o último, deixou os corpos jogados na calçada, riu ao pensar no espanto da pessoa que os encontraria. Nunca havia bebido tanto sangue em uma única noite, sentia-se satisfeito.

Colocou a moto no terreno em frente à casa de Júlia. Olhou para o céu: a chuva voltava a cair forte. Aproveitou a água e lavou o rosto, retirando todo o sangue dele. Com um único salto

entrou na casa. Espantou-se com a leveza de seu pulo, realmente o sangue fazia transformações com seu corpo. Parou em frente à janela do quarto, abriu-a devagar para que não fizesse som algum e pulou para dentro dele. Sua amada dormia debruçada sobre vários cadernos e livros, aproximou-se vagarosamente e lhe beijou o rosto, ela estremeceu e abriu os olhos.

— Que bom que você veio, Diogo — abraçou-o. — Você está todo molhado — pegou uma toalha na gaveta do seu guarda-roupa. — É melhor você se secar.

— Obrigado.

Retirou o sobretudo, a camiseta, os sapatos e colocou o punhal ao seu lado. Secava-se distraidamente e por isso não percebeu quando Júlia pegou o punhal, puxou-o da bainha e viu sangue nele. Os olhos da garota se arregalaram, ela colocou uma das mãos na boca para abafar um pequeno grito. Diogo o tirou de sua mão.

— Você... O que você fez hoje? — perguntou, tentando não demonstrar o horror que sentiu ao ver o sangue, porém ele conseguia captar o sentimento que exalava dela.

— Não quero mais que o pegue — zangou-se. Ficaram em silêncio por alguns minutos, até sua amada se desculpar pelo que havia feito. — Tudo bem, não precisa pedir desculpa.

— Eu sei que você precisa fazer isso para se manter vivo — olhava para baixo. — Me conta mais sobre isso — pediu envergonhada.

— Na hora em que faço isso mudo completamente, sou movido pelo instinto — suspirou. — Tive que me alimentar hoje, não

pude evitar, desculpa vir aqui depois de fazer isso — ela o olhou espantada, mas logo depois sorriu e o abraçou.

— Senti saudades.

— Eu também — beijou-a. — Que livros são esses?

— É que fiquei um mês sem ir pra escola, agora tenho que pôr meu caderno em ordem e estudar.

— Que bom que você voltou pra escola, fico feliz — abraçou-a.

Deitou-se com ela na cama, conversaram e namoraram. Júlia lhe contou que haviam feito um enorme cartaz no colégio em homenagem a ele, disse também que no primeiro dia em que voltou a frequentar as aulas todos ficavam ao seu redor, dando-lhe atenção, sentia-se até popular.

— Então quer dizer que você está se aproveitando da minha morte para ser popular na escola?

— Não fala assim, seu bobo — deu-lhe um leve tapa no peito. — Hoje fui visitar a Natália.

— E como ela está?

— Bem melhor agora. Antes ela vivia perguntando onde você estava, mas agora sua mãe disse que você havia ido para o céu e virado um anjo, disse também para ela rezar todas as noites pra você.

— E os meus pais?

— Estão melhorando aos poucos, a Natália é que dá mais força pra eles. Mas sabe, Diogo, acho que sua mãe ficou um pouco perturbada com tudo isso.

— Perturbada como?

— Quando você sumiu, eu contei a ela sobre o homem que havia visto, e ela fez uma cara de espanto e começou a chorar desesperadamente. Até parecia que ela esperava por aquilo.

— Eu sempre tive a impressão de que minha mãe via o Augusto também, mas ela nunca me contou nada e ainda dizia que era minha imaginação quando eu falava dele pra ela. Mas fazer o quê, eu realmente sinto muita falta deles — abraçou-a. — Pelo menos posso te ver.

As horas passaram-se e Júlia adormeceu em seus braços, mesmo assim ficou deitado ao seu lado. Pensou em sua família, realmente devia ser difícil para eles, principalmente para Natália, que era apenas uma criança. Algumas gotas de sangue escorreram pelos seus olhos e as enxugou antes que manchassem o travesseiro. Ao se ajeitar na cama, fez com que sua namorada despertasse.

— Me desculpa por ter acordado você.

— Tudo bem, eu não queria ter dormido mesmo, quero aproveitar cada minuto que tenho ao seu lado — beijou-o.

O corpo dela era tão aquecido que fez com que ele a abraçasse com mais força, rolaram na cama até parar em cima dela. Via seu peito subindo e descendo por causa da respiração acelerada, e aproveitou para tocá-la embaixo da blusa enquanto a beijava. Acariciou os seios e a despiu da roupa.

Júlia o puxou pela camiseta, tirando-a dele. Trocavam carícias quando Diogo subitamente parou seus movimentos e ergueu a cabeça, prestando atenção ao seu redor.

— O que foi? — indagou Júlia.

Antes que pudesse lhe responder, ouviram a maçaneta da porta se mexer, forçaram-na por mais algumas vezes antes de

baterem.

— Júlia, que barulho é esse? — era sua mãe.

A garota sentou-se tão rápido que fez Diogo rolar para o lado, o nervosismo tomou conta de si, não sabia o que responder. Ouviu sua mãe chamá-la novamente.

— Não é nada — respondeu. — Só caí da cama, pode voltar a dormir, mãe, estou bem.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Boa noite então, querida.

— Boa noite — colocou as mãos no rosto e deixou-se cair deitada na cama, respirou fundo e começou a rir. — Ainda bem que tranquei a porta — olhou para seu namorado que estava pensativo. — O que foi agora? Não me diga que está ouvindo outra coisa.

— Não, é que eu sempre consigo sentir um humano a metros de distância, mas quando estou com você isso não acontece — encarou-a. — Acho que você me distrai — deu de ombros. — Mas fazer o que, eu não tô nem aí.

Voltou a abraçá-la e beijá-la, seu corpo realmente era aquecido pelo dela, sentia uma enorme sensação de conforto.

— Diogo — chamou-o em meio aos beijos delirantes.

— O quê?

— Você promete que nunca vai me deixar e nem me trair?

O silêncio tomou o ambiente. As batidas do coração dela eram tão fortes que as sentia em seu próprio corpo. Saiu de cima dela e sentou-se na cama, colocando as mãos no rosto. Não havia se lembrado do que fizera com Marta até aquele instante.

— Por que você está me perguntando isso agora? — Júlia se levantou e abraçou suas costas.

— Não sei, só senti que precisava perguntar.

— Eu te amo, Júlia — virou-se de frente para ela e a beijou. — Nunca vou te magoar.

Sorriu e o abraçou. Entregaram-se um ao outro, passando maravilhosas horas juntos.

Ela dormia ao seu lado enquanto Diogo acariciava seu rosto e contava as poucas sardas dela. Por que fazia aquilo com a garota que mais amava nesse mundo? Realmente não queria magoá-la. Então, por que continuava a passar as noites com Marta? Precisava terminar o que começou com ela, queria exclusivamente Júlia. Contudo, no fundo não sabia se conseguiria pôr um fim em tudo aquilo, pois gostava do que fazia com a vampira.

Capítulo 15

Esperou o relógio marcar 21h30 para sair do quarto. Caminhou sorrateiramente pelo corredor, não queria que ninguém o visse sair. Desceu as escadas e entrou na sala, respirou aliviado por não haver ninguém lá, continuou até a porta e deu de cara com quem menos queria.

— Onde você vai? — perguntou Marta.

— Não devo satisfação a você — passou por ela.

Marta o abraçou pelas costas e lambeu carinhosamente sua nuca.

— Por que está tão agressivo?

— Não é nada, só não quero ninguém no meu pé — soltou-se de seu abraço e a olhou.

Por mais que tentasse, não conseguia se afastar daquela linda morena de cabelos cacheados. Beijou-a.

— O que você acha de irmos a um lugar mais confortável? — sorriu maliciosamente.

Diogo não pensou, apenas a seguiu.

Deixou o quarto de Marta depois de algumas horas. Adorava estar com ela, mas toda vez que se separavam sentia-se muito mal por fazer tudo aquilo. Balançou a cabeça para se livrar daqueles pensamentos e quando se deu conta entrava na sala, onde encontrou Fábio com os outros.

— Que bom que te encontrei, Diogo — falou o vampiro negro. — Augusto ligou e me disse que é para você fazer parte do grupo de patrulhamento.

— Fazer parte do quê?

— Augusto não lhe contou que nos revezamos em grupos para patrulhar a cidade?

— É mesmo, ele me disse mais ou menos.

— Bom, venha aqui que vou lhe explicar tudo.

Fábio estendeu sobre a mesinha de centro da sala um mapa da cidade, explicou a Diogo que eles se dividiriam em cinco grupos de três e que cada um ficaria responsável por um lado.

— Hoje você vai comigo e com o Hugo, vamos patrulhar a parte sul da cidade — Fábio colocou a mão no bolso e retirou um anel, que estendeu ao novato. — Esse é o anel com o símbolo de que somos vampiros sob as ordens do Conselho, se um dia você encontrar algum vampiro por aqui que não possui esse anel, pode matá-lo.

Pegou o anel e o observou. Era muito bonito, todo feito de ouro com um desenho de uma rosa branca gravada em uma pedra escura sobre ele. Colocou-o no dedo anelar esquerdo.

— Por que uma rosa branca? — questionou, curioso.

— Ninguém sabe por que o Conselho escolheu esse símbolo. Apenas somos obrigados a usá-lo — pegou um canetão vermelho e riscou o mapa, fazendo um enorme círculo que abrangeu todos os bairros da parte sul da cidade. — Hoje vamos patrulhar esses bairros.

Diogo analisou o mapa. Leme não era uma cidade grande, porém havia alguns bairros ali de que nunca ouviu falar.

— Vamos patrulhar procurando o quê?

— Vampiros que não são daqui. Hoje em dia o Conselho é muito organizado, quando um vampiro quer ir até outra cidade, este

tem que pedir autorização ao responsável pelo local. Augusto deve ter dito a você que cada cidade tem um vampiro responsável — meneou positivamente a cabeça. — O Conselho não admite vampiros que não seguem suas ordens. Por isso, somos obrigados a sempre fazer a ronda na cidade para evitar que isso aconteça. Geralmente um único grupo faz uma ronda por semana, mas como nosso líder ligou e mandou que todos saíssem, temos que obedecer.

— Mas se vocês sempre patrulham a cidade, como não encontraram Nelson antes?

— Eu também queria saber...

Após reunir todos os vampiros da casa e dividi-los em trios, não demorou muito para que a deixassem. Cada grupo dispunha de um carro. Assim que Diogo, Hugo e Fábio entraram no seu, com este ao volante, dirigiram-se para a parte sul da cidade. Ao estacionar o carro, o vampiro negro disse que eles se separariam e que depois de cada um ter patrulado o local a que fora designado, se encontrariam naquele mesmo lugar.

Diogo iniciou sua caminhada, não se surpreendendo por não haver muitas pessoas na rua aquele horário. O máximo que se via eram alguns carros que passavam em alta velocidade. Andou tanto que perdeu a noção do tempo. *Que coisa mais chata é essa de patrulha.* Não aguentava mais andar, não que sentisse cansaço, isso jamais, estava sim de saco cheio de tudo aquilo.

Ficou responsável pelos cantos da cidade, desde o Jardim Santa Paula até o Jardim Europa. O pior era que tinha de andar por todos os outros bairros que ficavam entre esses dois.

Assim que começou a caminhar pela Avenida Hermínio Ometto, notou um aumento na movimentação de carros e pessoas.

Olhando um pouco à frente de onde se encontrava, pôde ver um casal ajoelhado em frente à imagem de Nossa Senhora. Segundos antes de se aproximar, estes se levantaram, fizeram o sinal da cruz, montaram em uma moto e foram embora. Diogo parou em frente à imagem e observou-a. Nada de mais. Uma simples estátua protegida por uma modesta construção de concreto feita especialmente para ela, com muitas fitas coloridas na grade e muita cera de vela por todo o lado.

No entanto, aquela imagem passou a lhe chamar a atenção. Não entendeu o motivo, já que anteriormente passara incontáveis vezes diante dela. Por que justo agora criara uma curiosidade sobre a representação? Aproximava-se para tocá-la quando sentiu cheiro de sangue. Olhou ao seu redor e não viu nada de anormal. Concentrou-se para saber de onde vinha aquele odor adocicado. Fechou os olhos, respirou fundo e farejou a noite fria.

De repente, fazendo uso de sua velocidade, correu em direção a um posto de gasolina não muito distante de onde se encontrava. Parou do outro lado da avenida de frente para o posto. Olhou ao redor. O cheiro não vinha de lá, mas ficou mais forte ao se aproximar daquele local. Virou-se e se deu conta de que dera as costas para um imenso terreno desabitado. Farejou o ar naquela direção e sentiu, além do sangue, o odor de vampiro. Não pensou duas vezes em se dirigir para lá.

Menos de um minuto depois via o que procurava. O rapaz se escondeu entre o mato alto e observou a cena. Um homem robusto debatia-se nos braços de uma pequena garota. Diogo acendeu os olhos e com isso a menina levantou o rosto, todo manchado de sangue, e olhou na direção dele. Se não fosse pelos

olhos vermelhos, os dentes pontiagudos e o sangue por todo o rosto, ninguém diria que aquela linda menina era uma vampira, pois não vestia roupas escuras e sim coloridas, e o longo cabelo castanho era dividido em dois e preso um de cada lado da cabeça. Do lado direito se notava uma longa mecha branca.

A garota grunhiu, soltou o homenzarrão no chão e saiu correndo do local. Diogo saltou de onde permanecia e conseguiu cair em cima dela. Prendeu-a debaixo de seu corpo e segurou seus braços.

— Quem é você? — perguntou com a voz um pouco mais grave que o comum. A vampira não respondeu, apenas grunhia e se debatia embaixo dele. — É melhor você me responder senão vou te matar mesmo assim.

— Vejo que você é um dos vários cães do Conselho — disse a vampira, fazendo com que seus olhos voltassem ao castanho natural e seus caninos se reduzissem.

— Quem é você? — repetiu a pergunta.

— Isso não importa — encarou seus olhos verdes, levantou um pouco a cabeça e lambeu o braço dele, sorriu. — Sorte sua que eu não posso fazer mal algum a você, menino Diogo.

Antes que pudesse ter falado ou feito algo, a garota soltou um grito tão estridente que não pôde resistir. Parecia que enfiavam ferros em brasa em seus ouvidos. A vampira o empurrou de cima dela, e ao cair no chão, colocou as mãos nas orelhas que doíam muito e começaram a sangrar.

Não conseguia ouvir mais nada, apenas viu a menina levantar, limpar a sujeira da roupa, sorrir para ele e desaparecer na noite levando consigo o corpo morto da vítima. Não acreditava que

na sua primeira noite de patrulha isso havia acontecido. Quais eram as chances disso acontecer na primeira ronda? E por que logo com ele? E como ela sabia seu nome?

Aos poucos sua audição foi voltando. Bateu as mãos nas roupas, livrando-as da terra e olhou para os lados: não havia sinal algum de que aquela vampira ainda estivesse por ali. Sentiu raiva de si mesmo, como pôde deixá-la escapar assim? E por que seu grito o afetou tanto? Precisava contar tudo o que aconteceu a Fábio. Ainda faltavam alguns bairros para patrulhar, porém não quis mais saber daquilo, decidiu retornar ao carro e esperar os outros.

Logo avistou o automóvel, Hugo e Fábio já o esperavam.

— Demorou muito, Diogo — reclamou Hugo. — Tô aqui morrendo de fome, não vendo a hora de ir embora e você me demora tanto assim? Mó sacanagem.

— Sacanagem? Isso não chega nem aos pés do que passei. Isso sim foi sacanagem.

— O que aconteceu? — perguntou Fábio.

Contou tudo a eles, e ao terminar, esperou de Fábio uma resposta, porém ele simplesmente ficou em silêncio. Já ficara estressado com tudo aquilo e agora que queria uma explicação ninguém lhe dava uma?

— Tenho que ligar para o Augusto — depois de algum tempo essa foi a única coisa que Fábio respondeu.

Ele colocou a mão no bolso, pegando um celular e a chave do carro; estendeu a chave para o garoto ruivo enquanto teclava um número no aparelho.

Diogo sentou-se no banco do passageiro ao lado do motorista. A todo instante olhava para Fábio no banco traseiro. Este

insistia em digitar o número no celular. Teclava, levava o aparelho ao ouvido, passavam-se alguns segundos, abaixava-o e voltava a digitar. Não demoraram a chegar em casa e, assim que desceram do carro, o vampiro negro desapareceu. Diogo ainda o procurou, sem sucesso. Ele e Hugo ficaram ali na garagem sozinhos.

— Você não vai conseguir falar com o Fábio agora — Hugo se aproximou, colocando a mão direita no ombro do garoto. — Ele não vai falar com ninguém antes de contar tudo para Augusto.

— Mas pra que tudo isso?

— O que aconteceu com você é algo muito sério. Foram poucas as vezes que encontramos vampiros em nossas rondas. E ainda por cima ela sabia seu nome. Eu acho que ela deve estar ligada a Nelson de alguma forma.

— Mas como vamos saber a verdade?

— Não vamos saber — afastou-se do jovem vampiro, caminhando em direção às várias motos. Parou ao lado de uma. — Essa é sua, não é? — assentiu com a cabeça. — Por enquanto vamos esquecer esse assunto, ficar remoendo isso não vai te levar a lugar algum — olhou para o garoto. — O que acha de darmos uma volta? Tô morrendo de fome.

Diogo sorriu e aceitou o conselho de seu mais novo amigo.

Capítulo 16

Desde a noite da patrulha não conseguiu, de jeito nenhum, falar com Fábio. Um mês havia se passado e Augusto não retornara. Samantha parecia estar em estado de nervos e toda vez que se aproximava dela, algo muito ruim emanava da vampira. Era como se ela o culpasse por seu amado líder não ter voltado. Antes apenas desconfiava, mas agora tinha certeza de que ela o odiava.

Tirando isso, sua vida noturna mantinha-se bem agradável. Quase toda a noite visitava Júlia e sempre que voltava da casa de sua namorada ficava com Marta. Com o tempo aprendeu a não dar mais importância ao sentimento de culpa que o consumia. Amava muito sua namorada, porém não conseguia se afastar da vampira, então decidiu não lutar mais contra seus instintos.

Naquela noite despertou e ficou inquieto, como se algo o cutucasse de dentro para fora. Seguindo a sensação estranha, saiu de seu quarto cautelosamente para que ninguém o visse. Desceu as escadas e entrou no corredor. Algo o puxava, era como se alguém quisesse lhe mostrar alguma coisa.

Passou pela porta do quarto de Augusto, pelo banheiro e parou em frente à última que vivia trancada. Engoliu em seco e colocou a mão na maçaneta, virando-a. Por incrível que pareça, a porta não fora trancada. Terminou de virar a maçaneta e a empurrou. Entrou em um cômodo todo acarpetado que cheirava a mofo. Assim que fechou a porta, as luzes se acenderam. Havia no local várias prateleiras onde se encontravam inúmeros livros, de todas as cores e tamanhos. Caminhou entre elas, chegando a uma

mesa bem no centro daquela pequena biblioteca particular. Viu muitos papéis espalhados sobre ela. Aproximou-se pegando um deles. Possuía o mesmo símbolo do anel que Fábio lhe deu. Leu:

Não se sabe muito bem como a habilidade se manifesta em um vampiro. Sabemos apenas que a grande maioria não a possui. Cada vampiro manifesta um tipo diferente de habilidade. Nós do Conselho acreditamos que ela varia conforme a personalidade de cada um. A mais comum delas é quando o vampiro consegue esconder sua presença. Cerca de quarenta por cento dos vampiros com habilidades possuem essa. A maioria desenvolve apenas uma, sendo de pouca frequência aqueles com a habilidade de camuflagem e mais alguma. Demora cerca de cinco a quinze anos para que ela se manifeste. Aquele que não a manifestou antes dos quinze anos não a manifestará mais.

Diogo voltou a colocar o papel sobre a mesa e passou a vista pelos outros. Todos possuíam o símbolo do Conselho. Eram cartas, bilhetes, relatórios e pedidos, todas direcionadas a Augusto. Aparentavam serem documentos antigos, pois eram escritos à mão e manchas amarelas e marrons predominavam sobre eles. Deu mais uma olhada na mesa, mas nada lhe chamou mais a atenção.

Continuou a caminhar pelas prateleiras e logo notou um enorme quadro na parede ao fundo da biblioteca. Aproximou-se e olhou, notando que era uma foto. Nela se via muitos homens juntos, a maioria em pé e alguns agachados para que a fotografia fosse batida. Ao fundo via-se a antiga estrada de ferro da cidade de Leme e a estação. O garoto olhou cada um presente naquela foto, parando

em dois homens sorridentes, um ao lado do outro. Um deles era seu protetor e o outro só podia ser Henrique, pois realmente se parecia com ele.

Desviou a vista da fotografia e sua atenção foi toda para uma porta de ferro no canto esquerdo. Colocou a mão na maçaneta. Como era pesada. Teve que fazer uso de um pouco de sua força vampírica para conseguir empurrá-la. Assim como na biblioteca, a luz se acendeu logo que a fechou. Não havia muita coisa naquele cômodo pequeno, apenas uma enorme caixa de metal. Aproximou-se dela. Tocou-a dos lados e percebeu que podia abri-la. Com as duas mãos fez muita força para poder levantar a tampa. Ao conseguir, olhou para o interior da caixa e se espantou com o que viu: o corpo de Henrique. Não acreditou.

Passou as mãos no rosto e olhou mais uma vez. Realmente era o corpo de seu parente. Este era protegido por um vidro e notava-se que a cabeça fora costurada ao corpo. Começou a sentir certo desconforto ao olhar para aquele homem naquela caixa. Era como ver sua própria imagem alguns anos mais velha. Contudo, algo o puxava. Encostou o rosto no vidro, ficando o mais próximo possível do suposto defunto. Não soube o porquê, mas queria tirá-lo daquele lugar. Por um instante teve vontade de quebrar a proteção que o separava de seu parente, porém se conteve.

Afastou-se, balançou a cabeça para se livrar daqueles pensamentos esquisitos. Fechou a caixa e ao sair do pequeno cômodo deu de cara com Fábio.

— O que você está fazendo aqui? — pegou Diogo pelo braço e o encostou à parede. — Ninguém além de mim e do Augusto pode entrar nessa sala.

— Me desculpa, não foi minha intenção.

— Não quero mais você aqui dentro — apertava muito o braço do garoto.

— Então por que você não me solta para que eu vá embora? — não esperou que Fábio o soltasse. Acendeu seus olhos e com muita força se livrou dele.

Deu as costas ao vampiro e saiu da biblioteca. Não havia nada de muito importante para que ele agisse daquela forma. Quer dizer, nunca imaginou que mantinham guardado o corpo de Henrique. Que coisa de louco. Mas que papo era aquele de habilidade que leu em um documento do Conselho? Ninguém nunca lhe dissera nada sobre aquilo. Entrou na sala e sentou-se em uma poltrona vazia. Pouco tempo depois, Vítor e Leandro apareceram.

— Faz tempo que não te vejo, Diogo, por onde você anda? — perguntou Vítor se aproximando e lhe dando umas palmadas nas costas.

— Fico por aí.

— Tá a fim de uma caçada?

— Claro.

Pegaram um carro na garagem e saíram. Em menos de cinco minutos estacionaram em uma das ruas perto do cemitério da cidade.

— Aonde vamos? — questionou Diogo.

— Nessa hora deve ter alguns jovens bem drogados dentro do cemitério — disse Leandro rindo. — Vamos apenas nos aproveitar da situação.

Diogo também riu. Caminharam por toda a extensão do muro do cemitério. Alguns metros antes do final pularam para

dentro do recinto. Sorrateiramente andaram por entre os túmulos. Podia sentir a presença de humanos não muito distantes dali. Os dois vampiros loiros iam à frente e assim que pararam aproximou-se deles.

A alguns metros, encostados no muro, viam-se alguns adolescentes. Notavam-se também várias garrafas de bebidas alcoólicas e algumas seringas em volta dos jovens. Três garotos e duas meninas. Todos muito bêbados e drogados. Os vampiros chegavam cada vez mais perto, seus caninos cresceram e os olhos ficaram vermelhos e, sem aviso, pularam ao mesmo tempo em cima do grupo.

Vítor rasgou o pescoço de um dos rapazes com as unhas e enquanto bebia seu sangue, segurava outro. Leandro e Diogo atacaram os três restantes juntos. Com o punhal em sua mão fez um corte na horizontal na garganta de uma das meninas; o vampiro loiro de olhos verdes derrubou o rapaz restante, com o pé o segurava e cravava os dentes na garota. Ainda com um pouco de sangue, Diogo jogou o corpo no chão e caminhou até Leandro, que também jogou o da garota. Ficaram olhando para o rapaz que ainda estava vivo e depois se encararam.

— Vamos dividir? — perguntou Leandro.

— Demorou.

Cada um mordeu de um lado do pescoço e em menos de um minuto o esvaziaram. Com o punhal fez os cortes habituais no local da mordida. Limparam os rostos do sangue e arrastaram os corpos, jogando-os pelo muro no fim do cemitério. O mato alto com certeza impediria que os encontrassem tão cedo.

Refizeram o caminho, só que agora na direção oposta. Em frente ao cemitério havia uma pequena praça, Leandro sugeriu que sentassem em um dos bancos um pouco. Felizmente naquela noite não acontecia velório, fazendo com que o local ficasse tranquilo.

Duas moças sentaram-se num banco um pouco à frente deles, elas olhavam, cochichavam e riam. Uma delas mantinha o olhar fixo em Vítor. Diogo o olhou atentamente e viu que ele chamava muita atenção por causa dos olhos azuis e do cabelo comprido. Realmente ficava em desvantagem ao sair com aqueles dois: ambos eram loiros, um de olhos azuis e o outro de olhos verdes, eram um pouco mais altos que ele e possuíam corpos de modelos.

— Acho que vamos ter que tirar na sorte — disse Vítor pensativo. — São apenas duas e nós somos três.

— Podem ir lá vocês — falou Diogo. — Não tô a fim.

— Tem certeza? — Diogo meneou afirmativamente a cabeça.

— Se vocês quiserem ir de carro, por mim tudo bem, voltarei a pé.

Afastaram-se do garoto e foram em direção a elas, conversaram por pouco tempo até conseguirem levá-las para o carro. Ao observar a cena, sorriu. *Elas não sabem onde se meteram.*

Sentou-se no meio do banco, esticando os braços sobre o encosto e colocando a cabeça para trás. Fechou os olhos e se permitiu inebriar com o maravilhoso cheiro da noite. Sentia-se satisfeito, começava a se acostumar com sua vida noturna, ainda mais podendo ter Júlia e Marta ao mesmo tempo. Com uma passava as melhores noites, ela o realizava em todos os sentidos, nunca

esteve tão feliz ao lado de sua namorada, amava-a muito e tinha certeza de que esse sentimento nunca mudaria. Com a outra fazia coisas que sempre teve vontade, mas escondia seus desejos nos lugares mais obscuros de sua mente; com a vampira podia realizar cada uma de suas fantasias.

Pensou em Augusto. Como ele reagiria se soubesse que seu protegido se encontrava com uma humana? Certo nervosismo o percorria ao pensar naquilo. Não demonstrava isso, mas sentia muito medo dele, não queria nem imaginar sua reação. Suspirou. Ele nunca lhe dera uma explicação de por que vampiros não podem manter contato com humanos, sabia que muitos não contariam da existência deles, e mesmo se contassem, quem acreditaria?

Respirou fundo pensando que apenas sentiria o maravilhoso cheiro da noite, contudo, isso não aconteceu, um odor diferente invadiu suas narinas, odor de vampiro. Abriu os olhos e automaticamente virou-se para a esquerda. Viu um homem todo de preto sentado no muro do cemitério, ele o observava. Levantou-se sobressaltado e encarou o homem, que sorriu e acenou. Antes que pudesse pensar em algo, ele desapareceu. Correu até o muro, olhou ao seu redor e farejou o ar, havia sumido.

Sentou-se novamente no banco, algo lhe dizia que aquele vampiro era Nelson. A única informação que possuía sobre ele era de que tinha mais ou menos a mesma idade de seu líder, sabia também que nenhum vampiro da cidade conseguia desaparecer daquela forma, a não ser Augusto e talvez Nelson. Ficou tão nervoso com a hipótese de dar de cara com o vampiro que mandou matar Henrique que decidiu voltar para casa. Fez todo caminho de volta bem atento a qualquer odor diferente. Ao passar pelo portão da

residência respirou aliviado, não teria chance nenhuma contra Nelson. Entrou na sala e encontrou Guilherme sentado numa poltrona lendo um livro e aproximou-se.

— Posso falar com você um pouco?

— Claro — Guilherme fechou o livro e o encarou, Diogo sentou-se próximo a ele.

— Tenho quase certeza de que vi o Nelson.

— Onde? — Guilherme arregalou os olhos.

— No cemitério. Leandro e Vítor haviam saído e eu estava lá sozinho quando o notei, ele ficou me encarando.

Guilherme passou as mãos no curto cabelo castanho, parecia preocupado. Ficaram em silêncio por alguns minutos.

— É melhor você tomar mais cuidado — falou ele por fim.

— O único que pode com Nelson é o Augusto. Fábio, Vítor, Samantha e Leandro não são tão fortes quanto ele, se bem que não sabemos a força de Nelson, mas pela idade que tem ele deve ser mais poderoso que qualquer um de nós, menos Augusto, é claro — olhou no fundo dos olhos dele. — Você recebeu do sangue de nosso líder em sua melhor fase, você pode desenvolver suas habilidades com mais rapidez que qualquer um de nós. É melhor que as desenvolva o mais rápido possível, assim não terá tantos problemas se der de cara com Nelson.

— Pode deixar — levantou-se, mas voltou a sentar-se no instante seguinte. — Queria te fazer outra pergunta.

— Pode falar.

— Por que vampiros não podem manter contato com humanos? Augusto nunca me explicou.

— É que antigamente tivemos muitos problemas por causa disso.

— Os humanos contavam de nossa existência? — supôs.

— Não era esse o problema, eram poucos os que sobreviviam para contar sobre nós.

— Então o que aconteceu?

— Muitos vampiros mantinham relação sexual com humanas, e com isso nasciam os mestiços — Diogo paralisou. — Muitos não sabiam disso também, pensavam que por seus corpos não possuírem mais vida isso não aconteceria. Só se esqueceram de que o sangue humano é capaz de trazer certa vida ao nosso corpo. Uma vampira não engravida mesmo que for de um humano, porém uma humana pode sim engravidar de um vampiro, é difícil, mas acontece, por isso que o Conselho criou essa regra.

— Mas... Como nascem essas crianças?

— Bom, não sei muita coisa, pois estou há apenas quarenta anos nessa vida, mas pelo que já li a respeito, as crianças nascem como um humano qualquer, porém possuem nossas habilidades e não têm nossas fraquezas, por isso são uma ameaça. Antigamente quando a Igreja conseguia pôr as mãos em algumas dessas crianças, elas eram levadas e treinadas para nos caçar. Possuem grandes vantagens sobre os vampiros, pois eles nascem sem cheiro e com isso são perfeitos para emboscadas, e também podem andar durante o dia e nos sentem a quilômetros. Por incrível que pareça o mestiço é imune ao nosso sangue, mesmo que ele beba não se transforma em um de nós. Essa regra foi o que salvou nossa espécie, e ainda bem que eles não vivem eternamente como nós e sim como um simples mortal.

— O que aconteceria nos dias de hoje se uma humana engravidasse de um vampiro?

— Isso já aconteceu algumas vezes, mas antes que a criança nasça a mãe é morta e o vampiro que a engravidou também para servir de exemplo — encarou o garoto de olhos verdes, parecia preocupado. — Mas por que tanta pergunta?

— É que eu só queria saber — levantou-se. — Obrigado, vou para o meu quarto.

Jogou-se na cama e fitou o teto, as palavras de Guilherme se repetiam em sua mente. Nunca, desde que começara a fazer amor com Júlia, se preocupou com isso, nem passou pela sua cabeça evitar algo do tipo. Será mesmo que ela podia engravidar? Temeu por eles se isso acontecesse. Todavia, já perdera as contas de quantas vezes tinham se relacionado intimamente. Se ela realmente pudesse engravidar... Já estaria...

Balançou a cabeça. Não queria pensar mais naquilo. Saiu de seu quarto e andou alguns metros parando em frente de uma porta. Assim que bateu ouviu a voz de Marta dizendo que ele podia entrar. Precisava ficar com ela aquela noite para poder se esquecer de algumas coisas.

Capítulo 17

Júlia debruçava-se sobre a carteira da sala de aula. Não sabia por que, mas nos últimos dias sentia-se cada vez mais cansada. Levantou a cabeça e olhou ao redor. Todos os seus colegas de classe conversavam uns com os outros, até o professor aderira ao falatório. Faltavam apenas alguns minutos para o intervalo. Voltou a acomodar a cabeça entre os braços e fitou as linhas de seu caderno. Tinha a impressão de que sua cabeça rodava. Alguém lhe tocou o braço.

— Você está bem, Júlia? — perguntou Ruth, puxando uma cadeira para se sentar ao seu lado.

— Estou bem, sim — ergueu a cabeça para olhar a amiga.

— Não parece — colocou a mão na testa da menina. — Você está muito pálida, percebi que também não anda comendo e sempre que ligo na sua casa sua mãe diz que você está dormindo. O que está acontecendo com você?

— Não é nada — retirou a mão dela de sua testa. — Já disse que estou óti... — colocou as mãos na boca.

Ruth a encarou espantada. Júlia ficou em pé e saiu correndo, atravessando a porta da sala. *Por que justo agora?* Saiu do corredor e correu desesperadamente pelo pátio da escola. Assim que entrou no banheiro feminino, dirigiu-se até a última porta, empurrou-a e vomitou no vaso sanitário.

Há dias não comia nada e sempre que tentava pôr algo no estômago aquilo acontecia. Por que passava tão mal? Não conseguia entender. Ruth entrou no banheiro e se aproximou dela, que

começara a chorar. Tirou a amiga de frente do vaso sanitário e a encostou na parede.

— O que está acontecendo com você, Júlia? E por que está chorando?

— Eu... Eu não sei... Não sei o que há comigo — chorava muito.

— É melhor você se levantar do chão e lavar esse rosto, daqui a pouco esse banheiro vai estar cheio de gente curiosa — a garota loira a ajudou a caminhar até a pia.

Ao saírem do banheiro, o sinal para o intervalo soou. Júlia disse que não queria ficar no meio daquele monte de gente, e por isso desceram pelo pátio e caminharam em direção ao último pavilhão. Agradecia pela escola Newton Prado possuir tanto espaço para que seus alunos transitassem.

Sentaram-se ao lado da quadra de areia e permaneceram em silêncio até Ruth dizer que ia à cantina e já voltava. Assim que sua amiga a deixou, começou a chorar. Sentia-se tão solitária ultimamente. Mesmo vendo Diogo quase todos os dias, algo havia mudado, não com seu namorado, e sim com ela. Não queria admitir, mas sentia falta de suas amigas e de sair com elas. No último mês sua vida era ir para a escola de manhã, dormir à tarde e se encontrar com seu amado de madrugada. Por mais que amasse Diogo, não aguentava mais ficar trancada em casa esperando que ele aparecesse.

Sem perceber, sua melhor amiga se aproximou e lhe estendeu uma garrafinha de suco.

— Comprei pra você — Júlia aceitou e agradeceu. — Você não vai mesmo me contar o que anda acontecendo?

— Já disse que não é nada.

— Não me venha com essa agora. Conheço você há anos e sei muito bem quando está escondendo algo — Júlia apenas abaixou a cabeça. — Eu fico preocupada com seu bem-estar. Desde que Diogo sumiu você não é mais a mesma.

— Me desculpa, não queria te preocupar.

— Não se desculpe. Quero apenas que você confie em mim, sou sua melhor amiga.

— E se eu dissesse que de alguma forma o Diogo está vivo? — levantou a cabeça e encarou Ruth. — Você acreditaria em mim?

— Vivo? Como?

— Acreditaria ou não?

— Acho que sim — disse lentamente escolhendo as palavras que falaria.

— Que bom que você acredita em mim, fico feliz — sorriu.

— Mas como o Diogo estaria vivo, Júlia? Isso é praticamente impossível.

— Para um vampiro isso não é impossível.

— Vampiro? Do que você está falando?

Decidiu que contaria tudo à melhor amiga. A cada palavra sua, a feição de Ruth mudava. Não sabia se ela acreditaria em seu relato, mas pelo menos poderia compartilhar o que estava vivendo com alguém. Terminou de contar no mesmo instante em que o sinal da escola soou, dessa vez para que os estudantes retornassem às suas salas.

Júlia mirou Ruth, que se levantou e disse para que voltassem para a classe. Subiram para a sala de aula em silêncio, logo que

entraram cada uma sentou-se em sua carteira e assim ficaram, sem se falar, até o término da manhã.

Escorava-se no pilar em frente ao local onde os alunos guardavam suas bicicletas, esperava que todos retirassem para que depois pudesse tranquilamente pegar a sua e ir embora.

— Eu acredito em você.

Assustou-se com aquela voz atrás de si. Virou-se e viu sua amiga sorrindo. Não conseguiu dizer nada, apenas sentiu lágrimas escorrerem pelo seu rosto, e antes que pudesse secá-las foi abraçada por Ruth.

— Não chore, Ju.

— Ultimamente ando chorando com muita facilidade — sorriu com o rosto molhado pelas lágrimas.

— Tenho um convite para fazer a você. Tá a fim de ir a uma festa hoje?

— Festa? Mas hoje ainda é quarta, temos aula amanhã.

— Não seja tão certinha, Ju. É uma festa de dia das bruxas em uma nova casa noturna perto do cemitério. Você vai comigo, não vai?

— Bem, acho que sim.

— Que bom — voltou a abraçá-la. — Minha mãe vai levar a gente, passo na sua casa, pode ser? — assentiu com a cabeça. — Você tem roupas pretas?

— Tenho, mas por quê?

— É traje obrigatório, todos têm que estar de preto. Bom, tenho que ir agora, fiquei de fazer compras com a minha mãe. A gente se vê mais tarde então, daí poderemos conversar melhor, se cuida.

Despediram-se e cada uma foi para um lado. Realmente precisava se distrair. Aliás, o que haveria de mais em uma simples festa de dia das bruxas?

Capítulo 18

Ainda perturbava-se com as palavras de Guilherme, mesmo não querendo pensar sobre o assunto, essa possibilidade lhe vinha à mente. *Se ela estivesse grávida teria me contado.* Precisava tirar aquela história a limpo, caso contrário enlouqueceria.

Deixou seu quarto decidido em ir se encontrar com Júlia e a questionar se desconfiava que pudesse estar grávida. Ao entrar na sala, encontrou com Samantha, que o olhava com frieza, era como se soubesse o que pretendia fazer. Passou por ela e saiu sem mencionar uma única palavra.

Parou em frente ao portão da casa de sua namorada. Não sentia o suave e adocicado cheiro de Júlia. Ainda assim, pulou o muro e caminhou até a janela do quarto dela. Vazio. Voltou até sua moto e retornou ao covil de Augusto. Irritou-se por ter ido até lá e não a ter encontrado.

Furioso, acomodou-se no sofá e pegou um cinzeiro de vidro sobre a mesinha de centro, arremessando-o na parede. *Aonde ela foi?* Passou a mão no rosto e deitou-se no sofá. Minutos depois Hugo apareceu.

— Onde você foi? Estava te procurando. Tá tendo uma festa de dia das bruxas aqui perto, tá a fim de ir?

— É claro — não pensou duas vezes.

Hugo lhe aconselhou a caprichar nas roupas pretas, pois a festa exigia que todos fizessem uso delas. Subiu em direção ao seu quarto, pegou um sobretudo e um óculos de sol. No banheiro, olhou-se no espelho, passou gel no cabelo, deixando-o todo

espetado. Vestiu-se e colocou os óculos. Sorriu. Agora só faltava o toque final. Ergueu a gola de seu sobretudo. Agora sim, sentia-se o próprio Conde Drácula. Na sala encontrou Hugo, Marta, Jarison e Murilo.

— Vamos? — perguntou Jarison se levantando. Todos seguiram o vampiro de cabelos negros e compridos.

Foram poucas as vezes que conversou com Jarison, porém tinha certeza de que ele era um vampiro muito amigável. *Vampiro amigável*, riu do próprio pensamento. O cabelo comprido e os vários piercings no rosto o deixavam estiloso.

Como o local da festa não era longe, logo chegaram. Assim que os vampiros desceram do veículo um forte vento veio em sua direção, trazendo o cheiro de vários humanos. Pagaram a entrada e adentraram o recinto. Ao passarem pelo portão principal, todos ali presentes sentiram certo arrepio e voltaram suas atenções para ver aquele quinteto entrar. Jarison parou em frente deles e disse:

— Não mordam ninguém aqui dentro, é um lugar fechado, não vamos querer causar problemas para Augusto, não é?

Todos sorriram e cada um foi para um lado. Aquilo sim que era uma boa festa de dia das bruxas. A decoração em preto e roxo deixava o ambiente bem sombrio e a luz negra dava um toque sinistro. Diogo andou por uma boa parte do lugar, parando assim que viu o bar. Pediu um copo de vinho e logo que sua bebida chegou ficou escorado em uma parede, observando a multidão.

Uma banda de rock começou a tocar no pequeno palco. Várias garotas passavam por ele e muitas repetiam o trajeto só para serem notadas pelo misterioso rapaz pálido de cabelo arrepiado,

sobretudo e óculos de sol. Já que estava ali sem fazer nada de especial, decidiu aproveitar seus encantos vampirescos e seduzir as mulheres mais lindas daquele lugar, precisava conhecer novas línguas.

Andou até o meio da multidão e começou a escolher. Caminhou na direção da primeira garota que sorriu para ele, aproximou-se e a beijou. Assim que o beijo terminou, sorriu para ela e se afastou. Perdeu a conta das meninas que beijou, só tinha a noção de que foram muitas.

Não podia mais continuar daquele jeito, sentia-se muito mal, precisava procurar um médico para dar um jeito naquele mal-estar todo. Lavou o rosto e ergueu a cabeça para que visse sua imagem refletida no espelho. Depois de enxugar o rosto teve de retocar a maquiagem.

— Você está melhor, Júlia? — perguntou Ruth, entrando no banheiro.

— Estou sim.

Demorou um pouco para seus olhos se acostumarem com a falta de luminosidade do salão, ainda mais depois de sair do banheiro que era o único lugar bem iluminado da festa. As amigas sentaram-se em umas cadeiras próximas à parede junto com alguns meninos que haviam acabado de conhecer, mas por sorte Francine estava com elas, pelo menos podia conversar enquanto Ruth era cobiçada pelos rapazes.

Depois de sua melhor amiga dispensar todos que chegavam nela, decidiram dar uma volta pelo salão. A luz negra não iluminava nada, apenas deixava o ambiente mais sinistro. Não conseguiam andar direito, havia muita gente, era difícil caminhar por ali naquele momento. Francine pegou na mão de Ruth e esta na mão de Júlia, para que não se perdessem, porém metros à frente, esbarraram nela e sem querer ela soltou da mão da amiga.

Júlia olhou ao redor, só via muitas pessoas de roupas pretas. Seus olhos pararam em um casal, uma morena muito bonita acompanhada de um rapaz extremamente pálido com inúmeros piercings no rosto. Eles passaram por ela e a encararam, esta sentiu um arrepio quando seus olhos se encontraram. *Vampiros.*

— Júlia! — chamou Ruth.

— Você não vai acreditar no que vi.

— O quê? Não estou te ouvindo? — aproximou-se mais.

— Vi vampiros aqui.

— Vampiros? Onde estão?

Apontou na direção por onde o casal se afastara, não os vendo mais, porém sua atenção voltou-se para outra cena. Viu um rapaz de sobretudo beijando uma moça, assim que ele se afastou foi até outra e também a beijou. Júlia apenas o seguia com o olhar. Como se viesse do além, voltou a ver aquela linda morena que anteriormente acompanhava o rapaz de cabelos compridos. Ela se aproximou do garoto e o puxou pelo braço com tanta força que fez com que se soltasse da menina e seus óculos de sol caíssem no chão.

Olhos extremamente verdes se mostraram. Não acreditava no que via. Diogo! Será mesmo que era o seu Diogo? Sequer

hesitou, só os seguiu.

— Júlia! — chamou Ruth. — Aonde você vai? — saiu correndo atrás de sua amiga de cabelos ruivos.

— O que você acha que está fazendo? — encostou Diogo na parede. — Parece um cachorro atrás de uma cadela no cio.

— Me deixa — ameaçou sair, mas a vampira o empurrou.

— Você não vai mais atrás de nenhuma mulher.

— E por que não?

— Porque eu não quero.

— Não me venha com essa — começou a gargalhar. — Foi você mesma que disse que não me prenderia a você, não foi?

— Disse sim, mas não quero ver você com outra.

— Para com isso, Marta — beijou o rosto da vampira. — Você sabe que elas são apenas brinquedinhos pra mim — beijou-lhe a boca. — Gosto mesmo é de você.

Pegou-a pela cintura, rodando-a e a encostou na parede. Enquanto a beijava, suas mãos deslizavam pelas curvas perfeitas de Marta. Como ela era gostosa. Transitava suavemente suas mãos pelo corpo dela quando ouviu um choro bem baixinho e sentiu um cheiro muito familiar. Soltou-se da vampira sobressaltado e virou-se para o lado. Viu o que menos queria ver naquela vida: Júlia ali parada, olhando-o com os olhos vermelhos e repletos de lágrimas. Não foi capaz de dizer nada, apenas a encarou.

— Por que você saiu correndo daquele jeito? — Ruth se aproximou e pegou sua amiga pelo braço, porém não teve mais

reação ao ver o namorado dela.

— Júlia... Eu... — Diogo começou a falar, mas ela saiu correndo. — Júlia! — gritou, ameaçou correr atrás dela, e só não foi porque Marta o segurou.

— Você não pode — avisou a vampira.

— Me larga! — seus olhos acenderam e com um único puxão se soltou dela.

Olhou para os lados, agora enxergava com clareza o ambiente, pôde ver sua namorada correndo com dificuldade, esbarrando em várias pessoas, sendo seguida de perto por Ruth. Usou sua velocidade e a alcançou perto da saída.

— Júlia, espera! — pegou-a pelo braço, mas com o outro que estava livre ela virou e lhe deu um tapa no rosto.

— Não quero mais que fale meu nome, não quero mais ver você na minha frente! — chorava desesperadamente, tentou se soltar dele, não conseguindo. — Me solta!

— Eu não vou soltar! — elevou o tom vocal. — Você tem que me escutar.

— Me larga! — o choro não cessou.

— Solta ela, Diogo — Ruth segurou em seu braço. — É melhor deixá-la ir.

— Cala a boca, você! — encarou-a com os olhos vermelhos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou um segurança se aproximando deles.

Soltou o braço dela, fez com que seus olhos voltassem ao verde natural e encarou o segurança.

— Não está acontecendo nada.

— Como você está, senhorita? — perguntou a Júlia.

— Estou bem, obrigada — olhou de Diogo para Ruth. —
Vamos embora?

— Vamos sim.

— Espera Júlia, quero falar com você — disse andando até ela, porém Ruth entrou em sua frente, impedindo que ele chegasse perto.

— Agora não, Diogo — pegou Júlia pelos ombros e a virou.
— Agora não — afastaram-se caminhando em direção à saída.

Pensou em correr atrás delas, não o fazendo já que ela não o queria ver, achou melhor deixar para depois. Teve vontade de se socar. Não conseguia acreditar que ela o viu com Marta, aquilo não podia ter acontecido. Nunca quis magoar sua namorada, nunca quis que aquilo acontecesse, foi burro, deixou-se levar pelo instinto, mas como adivinharia que sua namorada estaria na festa?

Olhou para o lado e viu que o segurança ainda o observava. Abaixou a cabeça e caminhou até a saída. Assim que passou pelo portão de entrada, viu Júlia sentada no chão não muito distante dele, Ruth agachava-se ao seu lado a consolando. Não podia mais ficar ali. Desejou ser tão rápido quanto Augusto e desaparecer dali o quanto antes. Correu tão rápido que nem conseguiu acreditar. Saltava com muita facilidade por cima das residências e qualquer outro obstáculo pela frente. Chegou em casa em menos de cinco minutos e se trancou em seu quarto. Nele ficou recluso por uma semana inteira, sem sair para nada, só pensando na besteira que fez.

Capítulo 19

Júlia correu para o banheiro e vomitou pela terceira vez naquele dia. Não aguentava mais aquilo, precisava tomar uma providência. Foi hesitante até a cozinha, não queria que alguém a visse, e revirou as gavetas do armário até achar o que procurava. Trancou-se em seu quarto e se ajoelhou perto da cama. Encostou a ponta da faca sobre o útero e começou a chorar. Não podia fazer aquilo, mas também não podia ficar assim. Pressionou a ponta cortante contra si mesma até ver um pouco de sangue manchar a lâmina. Assim que decidiu que levaria aquilo até o fim, bateram à porta.

— Júlia, você está aí? Sou eu, Ruth.

Levantou-se correndo e escondeu a faca debaixo do colchão, pegou uma blusinha qualquer em uma gaveta e limpou o sangue que escorria. Respirou fundo e abriu a porta.

— O que você estava fazendo? — perguntou Ruth entrando no quarto.

— Nada de mais — fechou a porta e acompanhou sua amiga até a cama para que se sentassem.

— Você está melhor?

— Estou sim.

— Voltou a ver o Diogo depois daquilo?

— Não, e não quero nunca mais ver ele — olhava para baixo mesmo que Ruth a encarasse. Resolveu fazer a pergunta que pairava em sua mente desde que descobrira o que vinha acontecendo com seu corpo. — Quero te fazer uma pergunta.

— Pode falar.

— Você sabe como faz para se ter um aborto?

— Aborto? Que papo é esse agora?

Júlia mordeu o lábio inferior. Agora teria de contar. Caminhou até o guarda-roupa e pegou um papel, que estendeu para Ruth.

— Eu estou grávida — disse pegando a amiga de surpresa.

Ruth espantou-se; como as palavras não saíam, concentrou no exame em suas mãos. Leu aquelas linhas inúmeras vezes enquanto Júlia chorava silenciosamente ao seu lado. O exame era positivo, realmente indicava a gravidez.

— O que você vai fazer agora? — indagou já que nem ela mesma sabia como agir.

— Não quero essa criança, tenho certeza de que ela vai nascer com alguma anomalia. Não quero ter mais nenhuma ligação com o Diogo — levou as mãos ao seu ventre, dando leves socos. — Quero esse monstro fora de mim o quanto antes.

— Não diga isso, Júlia — pegou-lhe as mãos. — Essa criança não tem culpa do que o Diogo fez, você não pode culpá-la.

— Mas eu não sei o que fazer — chorava desesperadamente. — Não posso ter um filho agora, tenho apenas 16 anos. Quanto mais eu esperar, mais difícil vai ser para tirar esse negócio de mim.

— Não fale assim. Você tem que contar isso para o Diogo, ele tem que saber que está grávida.

— Nunca! Prefiro morrer a ter que me encontrar novamente com ele.

— Onde está todo aquele amor que você sentia?

— Se transformou em ódio assim que vi que ele me traía.

— Mas isso não pode continuar assim, não permitirei que faça mal algum a essa criança, você tem que conversar com o Diogo. E não me olhe assim. Estou apenas dizendo a verdade.

— Pra você é fácil falar, mas as coisas não são assim tão simples. O que vou dizer para meus pais quando minha barriga começar a crescer? 'Olha, mãe, não se preocupe, estou grávida do Diogo. Não, não, ele não morreu, apenas se transformou em um vampiro e com certeza seu primeiro neto vai nascer com dentes pontudos e vai matar todas as outras crianças da maternidade' — respirou fundo. — Minha vida virou um inferno desde aquele dia que encontrei com ele. Como fui burra! — apoiou a cabeça nas mãos.

— Não fique assim. Tenho certeza de que vamos dar um jeito nisso. Ainda não sei como, mas vamos dar um jeito nisso com certeza.

As palavras de Ruth a deixavam um pouco mais calma. Sorriu e abraçou sua melhor amiga. Como ela não a apoiaria no aborto, por hora deixaria a ideia de lado. No entanto, não desistiria daquilo, terminaria o que havia começado.

— Você contou isso a mais alguém?

— Não, contei somente a você.

— Fez muito bem — Samantha parou em frente ao espelho para prender os cabelos.

— O que você vai fazer? — perguntou Marta.

— Por hora nada, Augusto já está voltando e tenho certeza de que ele não vai gostar nada de saber que seu protegido estava se encontrando com uma humana — riu. — Quero ver o circo pegar fogo.

Capítulo 20

Acordou de seu transe vampírico e continuou deitado na cama. Não podia mais ficar trancado daquele jeito, tinha de tomar uma decisão em relação à Júlia. Precisava conversar com ela e se explicar. Mas o que diria? Realmente não havia explicação para o que fizera.

Passou as mãos no rosto. Como era idiota, tinha vontade de bater sua cabeça na parede. Por que a amava tanto assim? Talvez por causa de sua graciosidade, da linda carinha que fazia quando queria alguma coisa, da voz suave, dos olhos sedutores, das poucas sardas em volta do nariz, sua compreensão, seu carisma, simpatia, alegria...

Sentou-se na cama e deu um soco na parede, fazendo um buraco maior que seu punho. Queria, não, precisava ter sua pimentinha de volta. Levantou-se e decidiu ir atrás dela, porém, assim que se aproximou da porta do quarto, um mau pressentimento tomou conta de seu corpo.

Deu dois passos para trás. Medo. Sentiu muito medo. A sensação foi aumentando, aumentando... Seu corpo começou a tremer. Sentiu o cheiro de quem menos queria naquele momento. Augusto adentrou o cômodo, furioso, quase bufando. Pegou Diogo pelo pescoço e o arremessou em cima do guarda-roupa. O choque fez com que pedaços de madeira e roupas voassem para todo canto. O vampiro se aproximou de seu protegido.

— Eu não disse que era para você ficar longe dela?! —
voltou a pegar o garoto pelo pescoço, suspendendo-o no ar. — Não

disse?

— Augusto... Eu... — sua voz não saía.

— Garoto maldito!

Jogou-o novamente, só que dessa vez no corredor. Foi arremessado com tanta força que mesmo após ter encontrado o chão, continuou a se arrastar por ele, quebrando todos os pisos. O barulho fez com que alguns dos residentes daqueles vários quartos saíssem para averiguar o que acontecia. Ao ver a cena, Hugo correu para ajudar.

— Não encoste nele! — ordenou o líder. O vampiro ruivo parou a poucos metros de Diogo na hora que ouviu a ordem. — Afaste-se! — abaixou a cabeça e obedeceu.

Augusto agachou-se próximo de Diogo e o pegou pela camiseta. Os vários cortes em seu rosto já se curavam.

— Eu te avisei — encarou os olhos verdes iguais ao de seu irmão e soltou o garoto, que caiu ao chão. — Não queria fazer isso, mas vou ser obrigado a matar aquela menina — começou a se afastar.

As palavras dele se repetiam em sua mente. Não podia permitir que ele encostasse um dedo sequer em sua namorada. Não permitiria isso. Nunca!

Pegou-o pela parte de trás do sobretudo e o arremessou para trás, Augusto girou a tempo no ar e conseguiu cair de pé. Diogo olhou para as próprias mãos. Quando foi que conseguiu se levantar e ir até Augusto?

— Vejo que você está mais forte — Diogo continuava espantado com a própria força. — Mas ainda não é páreo para mim — desapareceu do campo de visão dele e reapareceu em suas

costas. — Vou matar aquela garota de qualquer jeito, quer dizer, a menos que você consiga me impedir.

O jovem vampiro fechou os punhos e virou-se para acertá-lo, contudo este desviou com muita facilidade, chutando-o logo após voltar à postura ereta. O garoto caiu no chão, mas dessa vez se levantou com rapidez.

— É assim que você vai me impedir? — riu. — Para ser um pouco mais justo, não vou usar as mãos — colocou-as nos bolsos da calça. — Se você conseguir me derrubar, posso até pensar em não fazer aquela menina sofrer, prometo que a mato bem rápido — ria sarcasticamente.

Cerrou os punhos e correu em direção a seu protetor, que desviou mais uma vez de suas investidas. Diogo não conseguia acertar o vampiro, e este sempre lhe dava chutes que o faziam cair a metros de distância.

Apoiava o peso de seu corpo no joelho direito que estava ao chão. Fazia força, porém não conseguia mais se movimentar. Augusto apenas o observava com as mãos no bolso. O sorriso em seu rosto deixava Diogo cada vez mais furioso. Tinha que fazer algo, não podia permitir que ele a machucasse. Respirou fundo e tentou se levantar, pendeu um pouco para o lado, conseguindo.

De repente a imagem de Henrique dentro da caixa lhe veio à mente. Não entendeu o porquê dessa lembrança justo naquela hora. Sentiu algo estranho em seu corpo, algo que o pressionava de dentro para fora. Seus olhos acenderam e seus caninos se alongaram involuntariamente. Não conseguia controlar seu próprio corpo. Pegou o punhal em seu tornozelo direito e pulou em cima de Augusto, que voltou a se desviar, mas o garoto também usou sua

velocidade o surpreendendo pelas costas, e com o punhal fez um profundo corte na nuca do vampiro, que deu alguns passos para frente.

O menino vampiro grunhiu alto e pulou sobre seu oponente. Estava totalmente descontrolado, parecia possuído por algo. Investiu muitas vezes sobre ele, em algumas conseguia cortá-lo e em outras era derrubado. No entanto, logo se levantava como se nada houvesse acontecido.

Depois de levar mais um golpe, Diogo ficou em pé com uma rapidez inacreditável. Encurvou-se para voltar a atacar, mas ouviu algo. Olhou para os lados. Nada. Ouviu de novo. Não conseguia entender. Sentiu uma forte dor de cabeça. *Mate-o, mate-o.* Uma voz em sua mente. *Se não matá-lo agora ele irá pôr fim à vida da pessoa que mais amas.*

— Não! — berrou. — Quem está falando? — colocou as mãos na cabeça.

Ela morrerá e serás o culpado.

— Cala a boca!

Agonizarás de dor até o anjo negro sentir pena da pobre moça e levá-la para o inferno.

Diogo ajoelhou-se. Urrava de dor na cabeça, puxando os cabelos.

— Não, Júlia! — essas foram as últimas palavras que pronunciou antes de perder o controle de seu corpo e mente e cair desacordado.

Capítulo 21

Teve a impressão de ouvir um grito seu, porém não teve certeza. Diogo sentou-se na cama abruptamente. Respirava com certa dificuldade e notou que sangue escorria do nariz. Olhou à sua volta e viu os poucos móveis do quarto. Percebeu que seu guarda-roupa estava em pedaços e não conseguia se lembrar do ocorrido. Voltou a se deitar, sentia-se muito cansado. Poucos minutos depois Augusto adentrou o cômodo.

— Como você está se sentindo, garoto?

— Mais ou menos. O que aconteceu comigo?

— Tivemos uma pequena briga e você desmaiou — notou certa surpresa no rosto do garoto. Colocou a mão no bolso de seu sobretudo e retirou uma pequena garrafinha de vidro. — Tome isso — jogou-a para ele.

— O que é?

— Não faça perguntas, apenas beba.

Diogo desrosqueou a pequena tampa e cheirou o líquido vermelho de dentro da garrafinha. Sangue. No entanto, aquele era diferente, tinha um aroma estranho, parecia ser muito antigo. Mesmo desconfiado resolveu beber. Assim que o líquido encostou em seus lábios as lembranças perdidas da noite passada retornaram à sua mente. Depois de a última gota cair para dentro de sua garganta, Diogo se sentiu revigorado. Entregou a garrafinha a Augusto e perguntou que tipo de sangue era aquele.

— Isso não vem ao caso agora — respondeu secamente o vampiro.

— O que aconteceu comigo ontem?

— Ainda estou investigando o ocorrido, mas não se preocupe, acho que por enquanto aquilo não vai voltar a se repetir — encarou os olhos verdes do garoto. — E não me esqueci de que você continua a manter contato com aquela pirralha.

— Por favor, Augusto, não machuque a Júlia, eu te imploro. Ela não tem culpa de nada, eu que fui atrás dela, por favor. Faça qualquer coisa, mas não a mate.

— Não precisa implorar desse jeito. Decidi que vou deixar aquela menina viver, desde que você nunca mais vá atrás dela.

— Tudo bem, prometo que não vou, mas preciso ir uma última vez para explicar isso a ela. Posso ir?

Augusto o encarou por alguns segundos, Diogo chegou a pensar que ele não permitiria que a fosse ver uma última vez, porém se surpreendeu ao vê-lo menear positivamente a cabeça e sair em seguida. Trocou de roupa rapidamente, não queria esperar mais para ver Júlia.

Em poucos minutos estacionou em uma das ruas do bairro e caminhou até a casa de sua amada. Assim que parou em frente ao portão não conseguiu sentir o cheiro adocicado dela. Voltou para a moto e a ligou, procuraria Júlia por toda a cidade se fosse preciso.

Resolveu passar na casa de Ruth, pois era muito provável que sua namorada estivesse lá. Parou em frente à casa, retirou o capacete e farejou o ar, ficou muito aliviado ao sentir o cheiro de Júlia, tirando o dela havia só mais um, só podia ser de Ruth.

Deixou a moto do outro lado da rua e pulou para dentro da casa. Ao pisar na garagem, dois cachorros vieram latindo e rosnando em sua direção. Diogo acendeu os olhos e mostrou os dentes para

os animais, que saíram correndo e chorando de perto do vampiro. Escondeu-se no corredor assim que ouviu a porta da sala se abrir.

— O que foi, Ruth? — perguntou Júlia de dentro da sala.

— Não sei — atravessou a porta e caminhou até o portão, olhou para os lados e voltou para a sala, fechando a porta atrás de si. — Eu falo pra minha mãe que esses cachorros são loucos, eles latem à toa.

Saiu de seu esconderijo e andou sorrateiramente até a janela da sala. Agachou-se um pouco e olhou para dentro. Viu Ruth e Júlia sentadas no chão encostadas ao sofá assistindo um filme. Diogo escorou-se na parede para tomar coragem. Respirou fundo e andou até a porta. Ali ficou parado por cerca de cinco minutos. Se seu coração fosse vivo estaria disparado naquele momento. Ergueu o punho e bateu na porta, ouvindo assim o grito das garotas. Voltou a bater.

— Quem está aí? — indagou Ruth com a voz trêmula.

— É o Diogo — não esperou que elas reagissem, entrou. Olhou de Ruth para Júlia, que estavam muito espantadas. Deu um passo para dentro da sala. — Preciso falar com você, Júlia.

— Vá embora! — gritou a garota. — Não quero te ver nunca mais!

— Não vou sair daqui enquanto você não me ouvir.

— Fique o tempo que você quiser, pois não vou ouvir explicação nenhuma sua — desviou os olhos dele.

— Tudo bem, então — sentou-se no chão. — Não vou sair daqui e aproveito e espero o sol nascer, daí já acabo com essa vida maldita.

Ruth olhava de Júlia para Diogo: sua amiga mantinha o rosto virado e ele sentava-se em frente à porta olhando para o chão. Pareciam duas crianças emburradas. Ao se colocar em pé, ambos olharam para ela.

— Não vou ficar aqui parada assistindo essa idiotice, vou para o meu quarto — assim que deu alguns passos, Júlia se levantou. — Não venha atrás de mim. Vocês precisam conversar — olhou para Diogo. — Saia daí e sente-se aqui do lado dela — encarou sua amiga. — Você tem que contar a ele, Júlia — caminhou em direção ao corredor, mas parou antes de percorrê-lo e encarou mais uma vez a amiga. — Conte a ele — saiu deixando-os sozinhos.

— O que você tem que me contar? — Diogo se aproximou de Júlia.

— Não é nada. Se afaste de mim — deu alguns passos para trás.

— Não faz isso, Júlia, vim até aqui só para conversar com você, por favor me escuta.

— Não vou te escutar — colocou as mãos nos ouvidos. — Não quero ouvir sua voz nunca mais — começou a chorar. — Nunca mais.

Ficou em silêncio apenas observando as lágrimas caírem dos olhos de sua namorada. De repente Júlia colocou as mãos na boca a arregalou os olhos. Caiu de joelhos e começou a tossir. Diogo correu para acudi-la.

— Não encoste em mim! — disse com dificuldades entre a crise de tosse.

— O que há com você? Não está me parecendo nada bem — pegou-a pelos braços.

— Me larga! — berrou.

— Não vou! — foi sua vez de falar alto. — Não vou te soltar, você tem que me escutar e me dizer o que está acontecendo com você.

— Não tenho nada para falar — levantou-se, mas uma forte tontura a fez cair novamente, só que dessa vez nos braços de seu namorado. Diogo a abraçou.

— Por favor, me diz o que está acontecendo, tenho medo de perder você.

Júlia sentiu algo molhar seu ombro, colocou a mão no rosto frio de Diogo, assustando-se um pouco ao ver lágrimas de sangue escorrerem dos lindos olhos verdes dele.

— Eu te amo muito, Júlia, me perdoa por tudo que fiz, não consigo viver sem você.

— Você devia ter pensado nisso antes de me trair daquela forma — tentou sair dos braços de Diogo, não conseguindo. — Tudo bem, se você me soltar prometo que ouço sua explicação — Diogo a soltou e ambos sentaram-se no chão um de frente para o outro. — Por que você me traiu?

— Eu... Eu — não sabia o que responder. — Não foi minha intenção, quando me dei conta já estava envolvido com ela.

— Não me venha com essa, Diogo — lágrimas ainda manchavam suas bochechas. — Eu fui muito burra, mesmo sabendo da sua fama de galinha aceitei namorar com você. Como fui ingênua, aposto que essa não foi a primeira vez que me traiu, não é?

— Isso não é verdade, nunca havia te traído antes — olhou para baixo. — Sinto muito mesmo, não queria te magoar.

— Mas magoou. Nunca pensei que um dia ia te pegar com outra. Por que Diogo? — sua voz se alterou. — Você naquela casa com ela, tenho certeza de que não ficaram só nos beijos — encarou-o, mas Diogo desviou os olhos. Júlia começou a soluçar por causa do choro. — Sou uma idiota, me entreguei a você pensando que era a primeira e agora estou assim... — calou-se.

— Mas você foi a primeira, juro.

— E mesmo depois de ter feito amor comigo você ainda teve a coragem de se deitar com outra?

— Me desculpa.

— Desculpas não vão apagar o que você fez.

— Tudo bem, Júlia, eu sei disso, mas vim aqui hoje para tentar me desculpar com você e dizer que nunca mais vou poder te ver de novo. Augusto descobriu que nós mantínhamos uma relação e me proibiu de me encontrar com você novamente, hoje é a última vez que vamos nos ver — Júlia o olhou com os olhos arregalados. — Realmente sinto muito por tudo. Vou te amar para sempre — pegou-a de surpresa ao encostar levemente seus lábios ao dela.

Ainda a acariciou no rosto antes de ameaçar se levantar. Todavia, seus movimentos congelaram quando Júlia o abraçou fortemente.

— Eu te odeio tanto... — quase não foi capaz de ouvir as palavras pronunciadas por ela. Chorava tão desesperadamente que Diogo sentiu uma pontada no próprio peito. Afagou os longos cabelos ruivos de Júlia. — Mas também te amo tanto... Não me deixe de novo. Preciso de você agora como nunca precisei antes — afastou-se do ombro de Diogo e o fitou nos olhos.

— Não posso, Júlia. Quero muito ficar com você, mas Augusto disse que te mataria se nós continuássemos com isso.

— Mas preciso muito de você ao meu lado agora. Tenho algo muito sério para te contar.

— Tem a ver com o que Ruth queria que você me contasse?

— Júlia meneou positivamente a cabeça. — Então fala o que é. Você está me deixando nervoso.

— Eu, bem, eu... Não sei como dizer isso — respirou fundo, secou o rosto das lágrimas e olhou para Diogo que a encarava. — Bem, é que eu... Já faz algum tempo... Ainda tenho que ver direito...

— Pelo amor de Deus, Júlia — interrompeu-a. — Fala de uma vez.

— Estou grávida, pronto, falei.

Diogo paralisou, não podia ser. Guilherme disse que era difícil uma humana engravidar. Grávida? Não era verdade, só podia estar sonhando. Esfregou os olhos com as mãos e voltou a olhar para Júlia. Não era um sonho. *Droga!* O que ia fazer agora? Andou sem destino pela sala da casa de Ruth. Caminhou por alguns minutos sem nada dizer. Precisava fazer algo, mas o quê? Colocou as mãos na cabeça, agora sim ficara perdido. Virou-se para Júlia, esta continuava sentada no chão olhando para baixo. Sentiu-se um completo idiota por pensar só em si mesmo. Abraçou-a.

— Me desculpa, fiquei sabendo que você poderia engravidar só há pouco tempo.

— O que vamos fazer, Diogo?

— Eu não esperava por isso, mas tenho certeza de que agora sim Augusto vai me matar.

— Então não vou ter essa criança. Se ela não nascer você não corre mais risco algum, se bem que seria um bom castigo por você ter feito o que fez comigo, e não pense que te perdoei: vou jogar isso na sua cara por muito tempo.

— Pode fazer o que quiser, desde que você continue a ser minha namorada — colocou a mão no ventre de Júlia. — Tem certeza de que você vai tirar o bebê?

— Ainda não sei — disse pensativa. — O que você acha?

— Não posso prendê-la a mim dessa maneira, você ainda tem uma longa vida pela frente e uma criança agora vai trazer muitos problemas pra você, mas fazer um aborto é perigoso, pode te machucar muito.

— Já pensei em tudo isso. Ruth não quer que eu tire o bebê, ela diz que a criança não tem culpa de nada, mas realmente não sei o que fazer. O que vou dizer para meus pais? — colocou suas mãos em cima da de Diogo ainda sobre seu ventre. — Conforme os dias vão passando mais me apego à criança.

— Vou dar um jeito nisso, você só precisa me dizer se quer ou não ter esse bebê.

— Ainda não sei.

— Se você quiser, prometo que vou proteger vocês de tudo e de todos com minha própria vida se for preciso, pois a amo muito e com certeza vou amar essa criança.

Os olhos de Júlia encheram-se de lágrimas. Ela não conseguiu pronunciar uma única palavra, apenas demonstrou tudo o que sentia em um beijo que deu em seu namorado.

— Que casal mais lindo — Ruth entrou na sala. — Não parem por minha causa, continuem.

— Acho que vou ter essa criança — disse Júlia a Ruth.

— Vai mesmo? Que bom — sentou-se no sofá perto deles. — Gostou da notícia de que vai ser pai, Diogo?

— Levei um susto, mas agora já estou melhor. Só que ainda temos um problema.

— Qual? — perguntaram juntas.

Contou a elas tudo o que ouvira de Guilherme, desde o Conselho dos vampiros até quais seriam as diferenças de uma criança mestiça para uma humana. Ao término de seu relato, ambas ficaram caladas, podia sentir certo nervosismo emanar de Ruth e muito pavor vindo de Júlia, abraçou-a para que se sentisse melhor.

— Você tem certeza de que esse tal de Conselho faria isso mesmo? — indagou Ruth.

— Não tenho certeza de nada, mas acho que Guilherme não iria mentir para mim. De qualquer jeito tenho que contar isso a Augusto para que ele possa tomar alguma decisão — passou as mãos no rosto. — Já tô até vendo a surra que vou levar.

— E se você não contar nada a ele? — perguntou Júlia.

— Não posso, primeiro que disse a ele que viria aqui hoje só para me despedir de você e agora que descobri que está grávida não posso deixar de te ver. Não vai ter jeito mesmo, vou ter que contar. Mas não se preocupe comigo, vou ficar bem — colocou-se em pé. — Tenho que ir agora, se eu demorar mais tenho certeza de que ele vai vir atrás de mim.

Despediu-se de Júlia e de Ruth. Por um lado estava feliz por ter se entendido com Júlia, mesmo ela dizendo que não o perdoara, mas por outro se preocupava muito com a história da gravidez. Augusto ficaria furioso, tinha certeza disso.

Demorou mais que o normal para chegar até a casa. Estacionou a moto na garagem e antes de atravessar a porta da sala, respirou fundo. Encontrou alguns vampiros sentados nos sofás e poltronas, cumprimentou a eles e caminhou em direção à cozinha, assim que entrou encontrou Augusto.

— Sente-se aqui, garoto — disse ele apontando para uma cadeira ao seu lado.

Diogo se acomodou, pegou uma bolsa de sangue sobre a mesa e a bebeu de uma vez, pegou outra e fez a mesma coisa. Ia para a terceira quando Augusto perguntou:

— Falou com a menina?

— Falei.

Ficaram em silêncio. Bebeu a terceira bolsa de sangue. Não sabia como começar aquele assunto, mas tinha que falar de qualquer jeito.

— Por que você nunca me contou que humanas podiam engravidar de vampiros?

— Por que isso agora?

— É que perguntei ao Guilherme por que não podíamos manter contatos com humanos e ele me falou sobre isso. É verdade que o Conselho manda matar a humana que engravidar de um vampiro?

— É sim — Augusto encarou o garoto. — Se ela estiver grávida você vai estar muito encrencado — Diogo engoliu em seco.

— Me desculpa, Augusto, eu não sabia que isso podia acontecer.

O vampiro fechou o punho, Diogo já se preparava para o soco que levaria, porém Augusto socou a mesa, fazendo com que ela se

partisse ao meio. Passou as mãos na cabeça e se levantou da cadeira.

— Se eu não precisasse tanto de você te mataria agora! — disse furioso. — Não falei que era para você ficar longe dela? Você está me dando muito trabalho!

— Você não vai fazer nada com ela, vai?

— Ainda não sei.

— Por favor, Augusto, não a machuque. E além do mais, ela carrega um herdeiro de Henrique.

— Eu sei disso, moleque!

Augusto ficou pensativo e Diogo apenas o observava. Tinha medo das reações dele, não queria prejudicá-lo perante o Conselho, mas também não podia permitir que tocassem em Júlia.

— Essa criança pode me ser útil — comentou o líder quase inaudível.

— Então quer dizer que não vai machucá-la?

— Cala a boca, moleque. Se quer tanto saber, está bem, não vou matar aquela pirralha — Diogo sentiu como se tirassem um peso imenso de suas costas.

— Você não pode permitir isso, Augusto — Samantha se aproximou dele. — Você não pode permitir que um mestiço nasça em sua cidade, você deve matar a mãe antes que a criança venha a esse mundo.

— Isso não é da sua conta, a cidade é minha e faço o que bem entender — falou secamente.

— O Conselho não vai gostar nem um pouco desse assunto.

— O Conselho não vai ficar sabendo desse assunto — os olhos castanhos penetrantes de Augusto fitavam friamente os olhos

negros da vampira.

— Você não pode.

— Eu posso tudo.

Samantha se calou. Diogo teve a impressão de ver uma lágrima de sangue escorrer pelo rosto da vampira, porém esta passou a mão nele antes que pudesse ter certeza. Ela virou-se bruscamente na direção do garoto, acendeu seus olhos e em menos de um segundo o pegava pela garganta e o encostava na parede.

— A culpa disso tudo é sua — a cada segundo que passava sentia as unhas de Samantha penetrando cada vez mais em sua carne.

— Solte ele, Samantha! — ordenou Augusto.

— Vou matá-lo — ria alto.

Os vampiros da casa invadiram a cozinha e ficaram paralisados com a cena. Augusto apenas observava, Samantha ria com os olhos arregalados e Diogo tentava se desvencilhar dela, não sendo capaz.

Hugo foi o primeiro a correr para acudir o garoto, tentou afastar a vampira de Diogo, mas com um único golpe ela o repeliu. Outros correram para separá-los, depois de um pouco de esforço conseguiram fazer com que Samantha o soltasse. Diogo caiu nos braços de Helton cuspiendo sangue, teve certeza de que se demorassem mais um pouco as unhas dela se encontrariam dentro de sua garganta.

— Agora todos vocês vão proteger esse moleque? — gritou Samantha. — Ele infringiu uma das regras mais importantes para nossa espécie, engravidou uma humana! — ninguém comentou nada, apenas olhavam de Samantha para Diogo e por último para

Augusto. — Tsc, vocês são desprezíveis — saiu da cozinha muito irritada.

Enquanto passava as mãos pelas feridas abertas por Samantha, podia sentir os olhos de todos sobre ele. Queria dizer algo, e ao tentar, percebeu que o ferimento atingira suas cordas vocais, impossibilitando-o de falar. O silêncio do ambiente foi quebrado por Vítor:

— O que a Samantha disse é verdade, Augusto?

— É sim — olhou todos os vampiros ali presentes. — Não quero que toquem mais nesse assunto, o Conselho não pode saber disso. Tenho meus motivos para não seguir as regras, espero que entendam e confiem em mim.

Essas foram as últimas palavras que Augusto pronunciou antes de se retirar da cozinha seguido de perto por Fábio. Diogo sentou-se em uma cadeira onde ficou para poder se recuperar melhor. Marta, a única que permaneceu, se aproximou dele, agachou-se e pegou uma bolsa de sangue entre os destroços da mesa.

— Você vai se curar mais rápido se beber sangue — estendeu-lhe a bolsa.

Sem dizer nada a pegou e sorveu o líquido vermelho. Ela realmente sabia o que dizia, a cada gole os ferimentos se fechavam com uma rapidez incrível. Depois de sentir que seu pescoço e sua voz voltaram ao normal, agradeceu a Marta.

— Não precisa agradecer — puxou uma cadeira para se sentar ao seu lado. — Então quer dizer que você estava comigo e com ela ao mesmo tempo? — sorriu com tristeza. — Como você é

sem-vergonha, definitivamente homem nenhum presta. Ela deve ter ficado muito irritada quando descobriu.

— E ficou, mas por fim me aceitou de volta mesmo dizendo que não havia me perdoado.

— Não vou dizer “que bom pra você”, porque não acho isso, mas vejo que você decidiu ficar com ela, não é?

— Não queria te usar da forma que usei, me desculpe — encarou os olhos castanhos da vampira.

— Tudo bem, já me acostumei com isso, e não se preocupe, não vou mais ficar atrás de você — levantou-se. — Não traia mais ela, isso machuca muito uma mulher, ainda mais na idade em que ela está.

Ela o encarou por mais algum tempo antes de deixá-lo sozinho. Ele não sabia o porquê, porém sentia que aquele assunto não terminaria por ali. Algo cutucava sua mente, uma sensação ruim lhe invadiu o corpo. *Fique de olho na vampira de olhos negros, quando menos esperar ela retornará às suas origens.* Assustou-se, era aquela voz masculina novamente. Ficou em silêncio para ver se conseguia ouvi-la mais uma vez. Nada.

Coçou a cabeça. De quem era aquela voz? Caminhou pelo corredor parando em frente à porta da pequena biblioteca. Queria entrar. Forçou. Trancada. *Droga!* Procurou por Augusto, não o encontrando. Perguntou por ele a Leandro, que disse que Augusto havia saído com Fábio. Resolveu subir para seu quarto. Ao deitar-se na cama aquela voz lhe veio novamente à mente: *Não se esforce muito, preciso de você bem disposto. Relaxe e durma...* Tentou entender a finalidade daquilo, mas não conseguiu, pois entrou em transe profundo.

Capítulo 22

Samantha abriu os olhos. O teto foi a primeira coisa que notou e ele não lhe era familiar. Girou o corpo e se assustou ao ficar de frente para ele. Agora sim se recordava de onde se encontrava.

Depois de ser tratada como uma qualquer pela pessoa que mais amava nessa vida, decidiu voltar para o lugar de onde nunca devia ter saído, ou pelo menos, o lugar ao qual deveria ter voltado antes.

Rolou mais uma vez na cama. Seus pensamentos foram diretos para Augusto. Sentiu lágrimas de sangue lhe escorrerem pelos olhos. Enxugou-as. Não podia gastar o pouco de seu sangue em lágrimas, ainda mais pensando nele. Deveria ter ficado ao lado de seu senhor, mas na época era muito ingênua e realmente acreditou que Augusto a amava. Como foi idiota. Ainda bem que seu senhor a aceitou de volta sem hesitações e em agradecimento decidiu ajudá-lo em seu objetivo.

Sentou-se na cama, o lençol que a cobria deslizou pelo seu corpo nu. Ameaçou se levantar para pegar suas roupas do chão, e antes que pudesse ter feito algo, ele a puxou pela cintura.

— Onde você pensa que vai? — sua voz grossa e sedutora fazia com que qualquer mulher ou vampira se encantasse por ele.

O tom vocal combinava perfeitamente com a figura que o portava: um homem que deveria ter a pele morena-clara se não fosse pela palidez que a falta de sol lhe proporcionava; tinha os olhos e cabelos castanho-escuros e uma barba cerrada que cobria o rosto de traços fortes e queixo quadrado. Fez com que ela se

aproximasse mais e a abraçou, os longos cabelos negros da vampira caíram sobre seu peito descoberto.

— Vai voltar para aquele imbecil do Augusto?

— Já lhe disse que não vou mais voltar para ele, você foi e sempre será meu senhor — beijou-o.

— Mas é melhor você voltar.

— Por quê, Nelson?

— Ele vai desconfiar, se você ficar lá poderá me manter informado.

— Já lhe disse tudo o que aconteceu.

— Sei muito bem disso, mas você me deve um imenso favor — colocou os longos cabelos de Samantha para um único lado, fazendo com que o pescoço ficasse à mostra.

— Farei de tudo pelo senhor — aproximou seu pescoço de Nelson, que fez seus caninos crescerem e os cravou em Samantha. Muitas gotas de seu sangue caíam sobre o peito do vampiro. Mesmo sendo seu, era delicioso, pôde experimentá-lo ao beijar Nelson e lambê-lo de seu peito.

Foram incertas as horas que permaneceram juntos. Ao saírem do quarto, entraram no cômodo principal que era iluminado por uma única lâmpada. Tanto aquele quanto os outros não possuíam janelas, pois o covil de Nelson se localizava no subsolo. Todos os vampiros que ali estavam, cerca de oito, fitaram Samantha quando esta entrou acompanhada de Nelson. Sentaram-se em um pequeno sofá.

— Tenho uma ótima notícia para vocês — começou Nelson. — Finalmente vamos conseguir tirar Augusto da liderança da cidade.

— Como? — perguntou Gustavo, um vampiro com o cabelo volumoso, castanho e todo cacheado.

— Ele vai permitir que um mestiço nasça.

— E no que isso nos ajudaria? — indagou Luana, uma vampira loira com os cabelos na altura dos ombros.

— Mandarei uma mensagem para o Conselho dizendo que o vampiro responsável não está cumprindo com suas obrigações, com isso virão vampiros da capital para averiguar o que está acontecendo. Enquanto ele perde tempo tentando se explicar ou esconder do Conselho a garota que está grávida, vamos aproveitar a situação e atacar — gargalhou.

— E quem é essa garota? — questionou Cláudio, já sabendo da resposta.

— É sua sobrinha — Nelson continuava rindo.

— Maldito! — colocou-se em pé, enfurecido.

— Onde você pensa que vai? — perguntou Nelson, fazendo com que o vampiro ruivo parasse e se virasse para ele.

— Vou dar um fim naquele maldito garoto.

— Você não vai a lugar algum — disse Nelson seriamente indicando o sofá. Cláudio voltou a sentar-se. — Assim é bem melhor.

— Você é parente daquela garota? — Samantha interveio, incrédula.

— Sou tio dela.

— Que incrível coincidência.

— É — olhava para baixo. — Nunca imaginei que a Júlia fosse se envolver com um vampiro.

— O garoto não era vampiro — comentou Nelson. — E você também é um, ou vai me dizer que se esqueceu? — sorria em

deboche.

— Não, senhor, não esqueci. Se não fosse o senhor ter me tirado daquela maldita prisão a tempo, eu realmente teria morrido queimado por aquele bando de infelizes.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Nelson encarava a todos os vampiros e ria, era como se tudo para ele fosse engraçado, sentia-se realmente muito feliz. O silêncio foi quebrado por Alice, uma vampira com longos cabelos castanhos presos um de cada lado no alto da cabeça, do lado direito se destacava uma mecha branca e sua franja caía sobre os olhos. A mesma vampira que se encontrou com Diogo na noite da patrulha.

— Pelo que vi, o garoto usa o anel do Conselho e aposto que todos os outros também, eles devem ser bem fiéis aos velhotes superiores — falou ela. — E ainda não consegui entender o porquê do senhor ter essa obsessão pela liderança da cidade.

— Isso não tem problema, pois assim que descobrirem as travessuras de Augusto, o Conselho vai lhe meter o pé na bunda. E sobre a liderança — riu —, você sabe quem me transformou em vampiro? — perguntou, Alice meneou negativamente a cabeça. — Henrique.

— O Henrique, irmão do Augusto? — Samantha não acreditava no que ouvia.

— Ele mesmo — dessa vez permaneceu sério. — Acho que Augusto não sabe disso. Fui transformado por vingança, eu era primo de Lurdes, mulher de Henrique. Logo depois que ela teve as crianças passei a morar com ela para ajudá-la. Depois da morte de Luiz, Lurdes ficou muito mal, tive que cuidar dela e da menina. Desde criança fui apaixonado por ela, mas quando se casou com

Henrique desencanei. Mas em uma noite, depois de ter colocado Luiza para dormir, acabou que nos entregamos um ao outro. Tenho certeza de que Henrique nos observava, pois na noite seguinte, quando voltava para casa, fui abordado por ele — agora em seu rosto a expressão de indignação predominava. — Ele nem sequer me deixou falar, me bateu tanto que fiquei inerte no chão, ainda não satisfeito sugou todo o meu sangue. Essa é a última lembrança que tenho da minha vida humana. Acordei em uma casa abandonada. Henrique estava lá e disse apenas que havia me transformado em um monstro e que eu teria o castigo merecido. Após isso me largou à sorte. Passei por muitas coisas, tive que aprender tudo sozinho, pode-se dizer que sou um vampiro selvagem — sorriu. — Depois de conseguir me estabilizar resolvi que me vingaria de Henrique. Fiquei alguns anos a observá-los e percebi que era sempre Augusto que viajava, e, aproveitando uma dessas viagens, mandei alguns humanos atacarem o covil durante o dia. Só depois disso resolvi que tomaria a liderança da cidade, porém teria que esperar algum tempo. Sabia que não teria chance alguma contra Augusto, mas sei que agora tenho, pois ele se deixou vulnerável por causa daquele garoto que se parece tanto com Henrique — fitou Cláudio. — Sua sobrinha serviu de grande ajuda para nós.

— Só quero deixar claro uma coisa — avisou Cláudio. — Se o Conselho mandar alguém para executá-la, eu vou interferir, não vou deixar que a machuquem.

— Faça como quiser — disse Nelson se levantando e puxando Samantha pela mão.

Deixaram o cômodo e caminharam em direção a uma simples escada que ia até o teto. Subiram. Nelson empurrou uma pequena porta que fez um som estrondoso ao bater no chão do lado de fora. Terminaram de subir entrando num cômodo totalmente escuro, dali para a saída foi só alguns passos.

O vento que tocou seus corpos trazia junto o aroma da zona rural. Sentaram-se no terraço e Samantha olhou a paisagem ao redor da casa: só se via plantações de cana-de-açúcar. Tudo mudara muito desde a última vez que esteve lá há quase trinta anos. Ergueu a cabeça, mirando os demais andares da residência, os humanos que ali habitavam não saíam dos quartos ao cair da noite.

Percebeu que Nelson a fitava, perguntou o porquê.

— É que você ficou diferente, não é mais aquela garotinha assustada que encontrei — puxou-a para perto. — Vou te contar um segredo: depois de Lurdes, você é a mulher que mais amo — beijou-a. — Só que pensei que você nunca mais fosse voltar pra mim depois de ter sido transformada por Augusto.

— Nunca fui uma garotinha. Tinha quase 30 anos quando você me encontrou — riu. — E peço mil desculpas, senhor. Só agora percebi o erro que cometi por ter me deixado envolver.

— Você fez a coisa certa, pelo menos agora temos uma grande chance, coisa que não tínhamos antes. Se você tivesse traído Augusto anteriormente não nos manteríamos informados sobre o garoto — voltou a beijá-la. — Você fez tudo direitinho... — um largo sorriso mostrou-se em seu rosto. — Quero só ver a cara do Augusto quando descobrir que caiu perfeitamente nos meus planos, principalmente quando souber que você foi até ele por minhas ordens para que a transformasse — ria com ar de vitória.

— É mesmo, quero só ver a cara dele.

— É melhor você voltar agora.

— Me deixa ficar mais um pouco com o senhor — abraçou Nelson com mais força.

— Tudo bem, mas só por mais algum tempo, não quero que Augusto desconfie de nada.

Capítulo 23

Precisava conversar com Augusto, já fazia duas noites que não o via. Ele e Fábio definitivamente sumiram do mapa, não os encontrava de jeito nenhum, porém naquela noite ele não lhe escaparia. Podia sentir seu cheiro. Saiu correndo de seu quarto e desceu as escadas em direção ao de Augusto. Ao abrir a porta o viu com um celular no ouvido, concentrava-se totalmente no que ouvia. De repente esbravejou:

— Como assim mandarão alguém? Não me lembro de ter pedido ajuda para o Conselho — voltou a prestar atenção no que ouvia do outro lado. — Quero deixar bem claro que faço o que quero e que nenhum vampiro vai entrar na minha cidade sem autorização. Matarei qualquer um que tentar — arremessou o aparelho na parede.

— O que aconteceu? — perguntou Diogo com um pouco de receio. Augusto o encarou.

— Avisaram o Conselho, estão mandando alguém para cá.

Ao ouvir aquilo, Diogo perdeu as forças nas pernas, sentou-se na cama e ali ficou de cabeça baixa. Augusto se aproximou e colocou a mão em sua cabeça.

— Vai ficar tudo bem, garoto.

— Eu não quero que aconteça nada com a Júlia! Se acontecer algo me sentirei culpado pelo resto da minha vida.

— Não permitirei isso — Augusto puxou a gaveta do criado-mudo, retirando um revólver de dentro. Estendeu-o a Diogo. — Há balas de prata nessa arma, se precisar use-a.

— Mas... — pegou-a.

— Sua segurança e a daquela garota são mais importantes agora, só não deixe que atirem em você com ela — Diogo meneou afirmativamente a cabeça. Augusto começou a andar de um lado para o outro enquanto dizia: — Quem será que informou o Conselho? Apenas nós sabíamos do acontecido — parou. — Alguém nos traiu, mas quem? — pensativo ficou por alguns minutos. De repente chamou por Ícaro, que abriu a porta logo em seguida. — Reúna todos imediatamente.

Sem dizer nada, Ícaro saiu e em pouco tempo voltou com a notícia de que todos o esperavam. Augusto deixou o quarto e Diogo o seguiu. Adentraram a sala, todos os vampiros da casa esperavam reunidos, menos Samantha e Marta.

— Quero saber se alguém aqui é contra as atitudes que tomo — disse Augusto.

Todos se olharam e negaram. Augusto suspirou e acendeu um cigarro.

— Eu sabia que isso um dia aconteceria — deu uma longa tragada e soltou a fumaça logo depois. — Alguém sabe onde Samantha e Marta estão?

— A Marta disse que iria dar uma volta para se alimentar, não vejo Samantha a algumas noites — informou Guilherme.

— Quero que vocês fiquem de olho nelas para mim, principalmente em Samantha.

— Por quê?

— Avisaram o Conselho do que aconteceu e nesse exato momento estão se dirigindo para cá — o espanto foi geral.

— O que vamos fazer? — perguntou Fábio.

— Ainda não sei... — Augusto se calou e fitou a porta.

Não demorou para ouvirem o som de uma moto sendo estacionada na garagem e verem Marta aparecer.

— Eu vi... Vi vampiros do Conselho — falava rápido e com certo nervosismo.

— Onde você os viu? — perguntou Augusto.

— Há poucos quarteirões daqui.

— Quantos eram?

— Três.

— Maldição. Era só isso que me faltava! — amassou o cigarro nas próprias mãos. — Fiquem preparados para atacar — avisou.

Todos na sala ficaram atentos e preocupados, principalmente Diogo. Em poucos minutos não só ele, mas todos sentiram a presença dos vampiros do Conselho. Logo após o odor deles penetrar em suas narinas, viram três figuras todas vestidas de preto, com sobretudos e óculos de sol. Atravessarem a porta de entrada.

— Vejo que todos estão aqui, que bela recepção! — disse um deles retirando os óculos e fitando Augusto. — É um prazer revê-lo, senhor Augusto.

— Não posso dizer o mesmo, Alexandre.

— Que pena — sorriu.

— Que pena mesmo — também sorriu. — Essa será a última vez que vocês olharão para outros vampiros.

— Nossa. Não reaja dessa forma, senhor Augusto — comentou Otávio. — Viemos aqui apenas cumprir nosso serviço.

— Miguel não ia gostar de ver sua cria tão rebelde — foi a vez de Breno falar, sarcasticamente.

— Como vocês são ingênuos — sorriu Augusto. — Vocês realmente acham que as informações que possuem sobre mim e meus subordinados são verdadeiras? Eu nunca comuniquei ao Conselho o real desenvolvimento deles e muito menos o meu. Já faz décadas que ultrapassei Miguel, e não são vocês, simples vermes, que vão conseguir encostar um dedo sequer neles, e claro, muito menos em mim.

— Nossa ordem é apenas de matar o vampiro e a humana, não queremos arrumar mais intrigas.

— Sei disso. Mas não vou permitir.

— Por que essa relutância? — Alexandre se alterou. — O senhor, como vampiro responsável pela cidade, conhece muito bem suas obrigações e nesse caso a eliminação dos dois é inevitável. O Conselho não gostou nada de saber sobre tudo isso.

— E vocês acham que eu estou ligando?

— Com isso o senhor só está piorando as coisas — disse Otávio acendendo seus olhos num vermelho-sangue.

Imediatamente todos os vampiros se levantaram de onde permaneciam e também acenderam seus olhos, Diogo não sabia o que fazer, resolveu acender os seus também. Otávio grunhiu mostrando os dentes e ameaçou ir em direção a Diogo, mas antes que pudesse ter feito algo, Alexandre segurou-lhe pelo braço.

— Você sabe muito bem que não terá chance alguma contra todos eles — Otávio fitou novamente Diogo antes de fazer com que seus olhos voltassem ao castanho natural.

— Não sabia que todos vocês haviam aderido à proteção de um único vampiro — Breno encarou Diogo. — Você realmente se parece muito com o Henrique, pena que vai ser morto logo — riu.

— Por que você não tenta então? — Diogo também o encarou.

— Não com você sob as asas de Augusto. Sabia que tenho algumas informações sobre sua namorada? — Diogo fechou o punho para controlar a vontade de socar a cara daquele vampiro. — Ela parece ser bonita, pena que não sabemos onde ela mora, mas pode ficar tranquilo que quando a encontrarmos farei questão de brincar um pouquinho com ela antes de matá-la.

Acendeu seus olhos novamente e fez com que seus caninos se alongassem para fora da boca.

— Vou matar todos vocês! — sua voz não era mais a mesma, ameaçou saltar em direção a eles, mas Augusto o segurou.

— Não seja idiota, garoto.

— Não vou deixar que eles encostem um dedo na Júlia — ainda os fitava com seus olhos vermelhos.

— Eles não vão.

Aquilo começava a ficar cansativo. Nenhum dos lados atacava e quando alguém ameaçava, outro o segurava. Apenas se encaravam. Os vampiros do Conselho tinham um ar de vitória em seus rostos. A vontade de Diogo era de acabar com tudo aquilo o mais rápido possível, queria poder ir buscar Júlia, com ela ao seu lado ficaria muito mais tranquilo. Não entendia o porquê de Augusto não querer atacar, pois sabia que sairiam vitoriosos contra apenas três vampiros.

Seus olhos percorreram a sala, viu que todos encaravam os três. Seu instinto selvagem começava a aflorar, e o corpo inquietava-se. Quando havia decidido atacar, um cheiro familiar invadiu suas narinas, todos ali presentes também sentiram e fixaram seus olhos na porta; depois de alguns segundos, Samantha a cruzou.

— Nossa. Como essa casa está cheia hoje! — olhou para os três. — Olá, que bom revê-los.

— Oi, Samantha — cumprimentou Alexandre. — Vejo que você não aderiu a toda essa palhaçada.

— Claro que não, por mim vocês podem matar a humana e o garoto a qualquer hora — sorriu, olhou para Augusto e depois voltou a Alexandre. — Bom, com licença, vou para o meu quarto. Até mais.

Passou por todos e subiu as escadas, Marta foi atrás dela.

— Também vamos nos retirar — avisou Breno.

Em menos de um segundo haviam desaparecido. Diogo correu até a porta, não queria que eles fossem embora.

— Aonde eles foram?

— Deram no pé — disse Guilherme.

— Mas por que eles vieram até aqui? — perguntou fitando Augusto.

— Queriam apenas nos testar — caminhou em sua direção. — Fique tranquilo, eles não são capazes de muita coisa. Quero apenas que você não vá à casa daquela garota tão cedo, tenho certeza de que eles vão segui-lo e se isso acontecer não vão hesitar em matá-lo — encaminhou-se para a escada dando as costas a Diogo. — Tenho que fazer algo agora.

Augusto saiu da sala e começou a subir os degraus, ao entrar no corredor dos dormitórios, parou em frente a uma das primeiras portas. Ao abri-la viu Samantha e Marta sentadas na cama.

— Nos dê licença, Marta — ordenou Augusto com os olhos fixos em Samantha. Marta não titubeou e o obedeceu.

— O que você quer? — perguntou a vampira com certa indiferença na voz.

— Onde você esteve?

— Não te interessa.

Com os olhos ainda fixos nela, Augusto parou em sua frente. Ficou encarando-a até pegá-la pelo pescoço, fazendo com que ficasse em pé.

Samantha tentava se desvencilhar, seus olhos acenderam e os caninos se alongaram. Colocou as duas mãos em cima da dele para retirá-la de seu pescoço, mas ele não deu chance. Augusto a olhava friamente sem mover um único músculo da face.

— Enquanto estiver viva você deve satisfação a mim — sua voz havia ficado mais grossa. A cada segundo que passava apertava com mais força o pescoço de Samantha. — Foi você que informou ao Conselho?

Sabia que ela não conseguiria responder, porém fez questão de apertar mais um pouco antes de jogá-la na parede. O impacto fez com que os cabelos de Samantha, amarrados em um volumoso rabo de cavalo, se soltassem e caíssem sobre seus ombros.

— Foi você que contou, não foi? — chegou perto dela.

— Não... Augusto — disse com dificuldades.

— Onde você esteve? — voltou a perguntar.

Não respondeu, fitou o chão enquanto esperava os músculos de sua garganta se regenerarem. Pouco mais de um minuto depois se levantou e o encarou.

— Eu não sei por que você quer saber onde estive. Há tempos que não liga mais pra mim! — jogou na cara dele. — Vê se me esquece e vá atrás daquele maldito moleque! — Augusto se aproximou. — Você não passa de um bosta, covarde. Ficarei muito contente quando o Conselho puser as mãos neles e matá-los, vou adorar assistir a tu...

O tapa que levou do vampiro foi tão forte que a fez cair sobre a mesa que havia no quarto. Ele a pegou pelos cabelos, puxou-a e falou bem perto de seu ouvido.

— Agora não tenho tempo para ficar de discussão, mas quando tudo isso acabar vou fazer questão de dar um jeito em você — jogou-a de volta na mesa e caminhou até a porta parando antes de sair. — Não se esqueça de que sua vida pertence a mim, posso tirá-la quando bem entender — saiu.

Sobre a mesa ficou por alguns minutos. Ao se levantar, pegou o pequeno rádio que possuía e o arremessou na porta. Sentia um ódio mortal de Augusto. Sentou-se na cama e tempos depois, deixou-se cair nela, rindo. Ele não sabia o que lhe aguardava. A maior traição que alguém poderia sofrer.

Capítulo 24

— Ainda não consegui entender por que fomos até lá e não fizemos nada — comentou Otávio, deixando-se cair numa poltrona.

— Fomos apenas averiguar a situação — disse Breno, retirando o sobretudo e o jogando no chão. Pegou alguns cobertores e começou a forrar a cama, fazendo com que boa parte deles se encostassem nos pisos.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Otávio.

— Tenho que garantir que o sol não vá entrar debaixo da cama — encarou-o. — Você devia fazer o mesmo no seu quarto.

— Sem problemas, ainda falta muito para o amanhecer.

Ficaram em silêncio e Otávio observava Breno arrumar a cama. Os quartos que haviam alugado não eram grande coisa, cada um possuía apenas uma cama, uma poltrona, um banheiro e uma televisão. Olharam simultaneamente para a porta quando ela se abriu e Alexandre entrou.

— Acabei de informar ao Conselho da nossa atual situação.

— O que eles disseram? — indagou Breno sentando-se na cama.

— Que nossa obrigação é apenas de matar o garoto e a humana, nada mais além disso, e que depois eles pensam no que fazer com Augusto.

— Mas você disse que eles estão sob a guarda de Augusto?

— Claro. Relatei também que toda a informação que temos sobre o nível deles está completamente errada, principalmente a do garoto. Ele não está mais no nível inicial, pude sentir muito bem naquela hora, ele já possui a força de um vampiro com certa experiência — passou a mão pelos cabelos castanhos. — Não sei como conseguiu ficar tão forte em tão pouco tempo.

— Augusto deve estar mais poderoso do que imaginávamos, por isso conseguiu que sua cria se desenvolvesse com rapidez, aliás, ele mesmo disse que já havia ultrapassado Miguel há décadas — comentou Otávio.

— É isso que me irrita. Viemos até aqui com um plano e agora temos que modificá-lo completamente. Se aquele garoto ficou tão forte em pouco tempo, imaginem o nível atual de Augusto. Não sei mais se podemos contra ele.

— O que vamos fazer então?

— Eu pedi para o Conselho mandar reforços, mas eles não estão nem ligando, querem a morte do garoto e da humana, disseram que para matá-los um único vampiro já é o suficiente.

— Mas nem sabemos onde encontrar essa garota.

— Vamos ter que seguir o garoto, mas tenho certeza de que ele não vai procurá-la por enquanto — começou a andar de um lado para o outro. — Se não conseguirmos impedir que essa criança nasça vamos perder nossas cabeças.

— Então vamos ter que fazer marcação cerrada no moleque — disse Breno. — Ele vai ter que procurá-la em algum momento e quando isso acontecer nós atacaremos.

— Eu realmente queria que fosse tão simples assim — lamentou-se Alexandre parando de andar. — Não se esqueça de que

eles estão sob a proteção de Augusto e dos outros.

— Então vamos matar os outros um por um — disse Otávio se levantando da poltrona. — Isso vai deixar o garoto e o Augusto abalados e talvez assim eles corram para ir buscar a menina. E pelas informações que temos, quando uma humana engravida de um vampiro, ela passa por uma gravidez um pouco problemática. Vamos nos manter informados sobre cada entrada no hospital.

— Até que não é uma má ideia — Alexandre ficou parado pensando no assunto por alguns instantes. — Acho que pode dar certo — caminhou até a porta. — Vou sair para fazer uma boquinha — riu, abriu a porta e saiu.

— Eu também vou dar uma volta — Otávio se dirigiu até a saída. — Vê se não fica aí enfurnado.

— Pode deixar, acho que também vou dar uma volta.

Capítulo 25

— Muito obrigado pela informação, você está sendo muito útil para mim — desligou o celular e o colocou no bolso.

Todos o olhavam, sentou-se em uma cadeira e começou a gargalhar. Ninguém conseguia entender o porquê dele estar tão feliz, Nelson sempre achava graça em tudo.

— Por que o senhor está rindo dessa forma? — perguntou Pedro com certo receio.

Nelson ainda ria muito, respirou fundo e encarou seus vampiros.

— Acabei de receber uma ligação da Samantha. Os vampiros do Conselho foram até a casa de Augusto essa noite — ao terminar a frase voltou a gargalhar.

Cláudio se levantou bufando, olhou para Nelson sem saber o que dizer, deu-lhe as costas e andou em direção à escada.

— Onde você pensa que vai sem a minha autorização? — Nelson caminhou até Cláudio que havia parado.

— Tenho que ir ver como a minha sobrinha está — abaixou a cabeça. — É claro, se o senhor me permitir isso.

— Pode ir — deu-lhe as costas. — Estava até pensando em dar certa proteção para sua sobrinha, acho que não seria uma má ideia ter um mestiço no meu covil.

Todos o encararam surpresos, principalmente Cláudio.

— O senhor pretende pegar a criança?

— Estou só pensando no assunto. Como não faço parte do Conselho, não tenho que prestar contas dos meus subordinados, e

um mestiço do meu lado não seria nada mal — virou-se para Cláudio. — Vá logo, antes que eu mude de ideia.

— Muito obrigado, senhor.

Despertou por causa do enjoo que não a abandonava por nada desse mundo. Júlia limpou o rosto do suor e olhou para o pequeno despertador que estava sobre o criado-mudo: 23h15. Dormira muito por causa do mal-estar. Além do enjoo, a tontura sempre a vinha visitar.

Saiu da cama e caminhou até a porta, ao abri-la seus olhos cegaram-se momentaneamente, todas as luzes da casa permaneciam acessas. Ouvia as vozes de sua mãe e de Jaqueline ao longe, resolveu ver o que acontecia. Assim que entrou as duas se calaram.

— Podem continuar, não parem só porque eu cheguei — disse Júlia.

— Não é nada disso, Ju. Olha o que eu fiz para você — Jaqueline abriu o forno, pegou uma fôrma de bolo e levou até sua irmã mais nova. — Acabou de ficar pronto.

Júlia olhou para o bolo de chocolate e no momento em que o cheiro dele invadiu suas narinas, colocou as mãos na boca e saiu correndo para o banheiro. Vomitou apenas suco gástrico, pois há dias não conseguia manter algo no estômago.

Lavava o rosto na pia quando sua mãe entrou no banheiro acompanhada de Jaqueline.

— O que está acontecendo com você, Júlia?

— Não é nada, mãe, já estou melhor — começou a enxugar o rosto em uma toalha quando foi surpreendida com sua mãe a pegando com força pelos braços.

— Você acha que não percebi o que está acontecendo?

— Do que você está falando? — tentava se soltar dela.

— Você não anda comendo, mesmo tentando disfarçar já percebi que sempre corre para o banheiro e sei também que sua menstruação não veio esse mês. Por que você não me conta nada?

— Não tenho nada pra contar! — alterou-se.

— Não fale assim comigo, menina.

— Me solta!

— Não até me contar quem é o pai da criança que você espera.

Júlia paralisou, seus olhos se encheram de lágrimas e teve novamente vontade de vomitar, mas tentou contê-la. Sua mãe a olhava esperando uma resposta. Não podia contar a ela agora, não podia. Puxou-se com tanta força que conseguiu se ver livre. Correu para seu quarto e trancou a porta antes que sua mãe a alcançasse.

— Abra, Júlia! — batia na porta.

— Não vou, me deixe em paz! — sentou-se no chão perto da cama, abraçada com seu travesseiro.

A mãe continuou a insistir e Júlia não cedeu. Depois de algum tempo ouviu seu pai chegando. Pulou na cama e fingiu que dormia enquanto escutava a dona da casa contando ao marido o que acabara de acontecer.

Ouviu seu pai reclamando de cansaço e que não tinha tempo para aquelas bobagens, disse também que não arrombaria a porta porque não tinha dinheiro para mandar consertar depois.

Mandou sua esposa e Jaqueline irem dormir e deixarem Júlia em paz. Sentiu-se aliviada por seu pai pôr um fim em tudo aquilo.

Esperou até ter certeza de que todos já haviam dormido para sair do quarto. Atravessou a residência sorrateiramente e com muito cuidado destrancou a porta da sala e o portão, saindo para a rua escura. Sentou-se na calçada e começou a chorar. Queria falar com Diogo, precisava sair daquela casa o quanto antes, não queria que sua família visse sua barriga crescer por causa da gravidez. Abraçou os joelhos e assim ficou. Sentia-se sozinha e abandonada por todos.

Uma corrente de ar frio a fez olhar para a direita, na outra esquina viu um homem vestido de preto a observando, seus cabelos ruivos se destacavam. Júlia se levantou assustada, mas antes que pudesse correr, aquele homem a segurou por trás e colocou a mão em sua boca. Desesperada começou a se debater.

— Não tenha medo — tentou acalmá-la, sua voz não lhe era estranha. — Sou eu Ju, o tio Cláudio — paralisou ao ouvir aquilo. — Se você prometer que não vai gritar, eu te solto — Júlia concordou.

Ao ser solta, virou instantaneamente para fitá-lo. Era ele, não tinha dúvidas. O cabelo não era tão volumoso como antes, porém ele ainda continuava muito bonito. Ao analisá-lo com mais calma, percebeu sua pele extremamente pálida. Júlia o tocou no rosto. Gelado.

— Vampiro — disse retirando a mão de seu rosto.

— Sim — sorriu. — Fui transformado em um vampiro.

— Mas...

— Não se preocupe — abraçou-a. — Vim aqui só para ver como você está.

— Por que só agora?

— Desde que você começou a namorar aquele garoto eu já sabia o que o aguardava, pensei que isso não a afetaria, mas errei feio — olhou-a nos olhos. — Não posso te deixar sozinha agora, você está correndo perigo por causa da criança que carrega.

— Como você sabe de tudo isso?

— Isso não vem ao caso agora. Só quero que você não saia de casa durante a noite.

— Mas por quê?

— Vampiros foram mandados pelo Conselho para eliminarem a humana que carrega o mestiço — suas pernas ficaram fracas, se não fosse por Cláudio teria caído no chão. — Não vou deixar que eles toquem em você, e sei muito bem que Diogo também não permitirá isso, mas por enquanto é melhor você ficar dentro de casa.

— Quero ver o Diogo — choramingou Júlia com a voz fraca.

— Não sei se ele poderá vir, os vampiros vão estar na cola dele para descobrir onde você mora, mas não se preocupe, virei todas as noites te ver. Só peço que não conte nada ao Diogo sobre mim, não sou um vampiro legalizado como ele.

Júlia apenas balançou a cabeça, deu mais um abraço em Cláudio e caminhou em direção ao portão de sua casa. Ao fechá-lo, encarou o vampiro e disse:

— Foi bom te ver de novo, tio — sorriu.

Cláudio apenas sorriu e antes que pudesse vê-lo novamente, já havia desaparecido.

— Eu não vou a lugar algum! — gritou Júlia para a mãe.

— Vai ser melhor se você for por vontade própria. Quero que o médico te examine para ver o que você tem.

— Eu não vou!

Correu até o quarto e fechou a porta. Ao colocar a mão na fechadura para trancá-la, percebeu que a chave não estava mais no local.

Sentou-se na cama esperando a hora que sua mãe viria até ela. No entanto, ela não veio de imediato. Ouviu vozes vindas da sala, alguém havia chegado. Júlia colocou as pernas sobre a cama e abraçou aos joelhos, tinha medo do que sua mãe podia fazer. Estremeceu ao escutar passos no corredor, não demorou até a porta se abrir.

A dona da casa entrou acompanhada de um moço alto e ruivo, Jeferson. Júlia o fitou, incrédula. Fazia anos que não o via. Por causa da falta de dinheiro seu irmão não podia vir visitá-los. Ele caminhou em sua direção e se agachou em sua frente.

— Você está bem, Ju? — a garota apenas meneou a cabeça. — Fiquei preocupado com você.

— Estou bem — seus olhos se encheram de lágrimas. — Senti saudades — abraçou-o.

— Desculpe por não vir te visitar.

— Tudo bem, eu sei que não dava — enxugava as lágrimas.

— A mãe me contou o que aconteceu com o seu namorado — encarou-a. — Você realmente está bem?

— Já disse que estou — levantou-se. — Por que é tão difícil acreditar em mim?

— Você não está bem, Júlia — interveio a mãe. — Precisa de cuidados médicos.

— Não preciso de nada! — não conseguiu controlar o choro. — Por que não me deixa em paz? — ao gritar sentiu uma forte tontura, escorou-se no guarda-roupa. Sua mãe veio acudi-la. — Não encoste em mim!

Sua cabeça rodou e a vista tremeu. Podia vê-los, mas não ouvia o que diziam. Tudo parecia flutuar, agora não conseguia ouvir seus próprios gritos. Sentiu as pernas enfraquecendo.

Caiu desacordada.

Capítulo 26

Otávio sentava-se na poltrona e Breno na cama lia um livro. Alexandre havia saído para ver se conseguia descobrir algo sobre a garota. Tinham várias informações sobre ela, menos endereço e sobrenome. Quantas meninas ruivas de 16 anos com o nome Júlia poderiam existir em uma cidade pequena como Leme?

Achavam que não seria tão difícil descobrir a localização dela, porém desde que começaram a procura não descobriram nada. Se ela não fosse morta antes da criança nascer, seriam eles que pagariam. Como era duro ser vampiro do Conselho. Enquanto Breno envolvia-se com o livro, Otávio fitava os próprios pés. Olharam simultaneamente para a porta sentindo a presença de Alexandre, ele entrou e os encarou.

— Descobri onde a garota está! — disse com ar de felicidade. Percebia-se também certo alívio.

— Onde? — perguntou Otávio, levantando-se da poltrona.

— Ontem ela deu entrada na Santa Casa da cidade. Você realmente estava certo, ela está passando por algumas complicações por causa da gravidez.

— Quando vamos pegá-la? — indagou Breno com os olhos ainda sobre o livro.

— Não podemos simplesmente entrar no hospital e retirá-la de lá. Temos que manter vigia. Assim que ela sair, a pegamos.

Desde a hora que Diogo despertou do transe, uma forte aflição tomou conta de seu peito. Não conseguia parar de pensar em Júlia. Andava em seu quarto de um lado para o outro, a cada segundo aquela preocupação aumentava. Sentou-se na cama com as mãos na cabeça. Por que estava tão aflito assim? Nunca ficara daquele jeito antes. Coçou a cabeça. Lembrou-se de quando Augusto lhe contou como havia sido sua transformação e a de Henrique em vampiros, disse que uma sensação de algo ruim para acontecer o dominou, mas antes que pudesse avisar Henrique, Miguel os atacou.

Levantou-se e saiu correndo. Desceu as escadas em direção ao quarto de Augusto. Bateu na porta e ouviu a permissão para entrar.

— O que foi, garoto?

— Estou com um mau pressentimento em relação à Júlia.

Augusto franziu o cenho. Diogo não sabia como explicar o que sentia.

— O que você quer fazer? — questionou o líder.

— Eu... — não havia pensado nisso. Ficou alguns segundos em silêncio antes de dizer: — Posso ligar na casa dela?

Augusto colocou a mão no bolso da calça e lhe estendeu um celular. Pegou o aparelho e digitou o número. Chamou uma, duas, três vezes, ninguém atendia. Pensou em desligar quando atenderam.

— A Júlia está? — perguntou Diogo.

— Quem gostaria? — Diogo não conhecia a voz masculina do outro lado.

— Mário. Sou amigo dela — mentiu rapidamente.

— A Júlia passou mal e está no hospital.

Diogo paralisou. Então acertara em seu mau pressentimento. Ficou mudo no telefone, só voltou a si depois de ouvir a pessoa do outro lado da linha o chamando.

— Desculpe. Você é o que dela?

— Irmão.

— Então você é o Jeferson?

— Sim, sou.

— Muito obrigado por me avisar. Tchau — desligou o celular e mirou o aparelho sem saber o que fazer.

— Eu sabia que isso aconteceria — comentou Augusto pensativo após ouvir a conversa.

— Sabia?

— Sim, mulheres que engravidam de vampiros têm uma gravidez complicada, muitas chegam a morrer, pois a criança suga toda sua energia.

Sentou-se na cama e ali ficou de cabeça baixa. Por que tudo aquilo tinha que acontecer? Se soubesse que colocaria a vida de Júlia em risco nunca teria feito amor com ela, nunca. Era tudo culpa sua.

— Não fique se lamentando — disse Augusto. — Não temos tempo para isso. Aposto que os vampiros do Conselho já sabem da localização dela — Diogo o olhou espantado. — Mas tenho certeza de que eles não vão atacá-la enquanto estiver no hospital. Vão esperar que saia.

— O que vamos fazer então?

— Vou mandar alguém ficar de olho no local.

— Então eu vou.

— Não seja idiota. Isso é tudo o que querem, poder pegar vocês dois de uma única vez — colocou a mão na cabeça de Diogo.
— Não se preocupe tanto, não vou permitir que algo aconteça a ela.

Augusto saiu do quarto e caminhou em direção à sala. Não iria expor a Diogo daquela forma. Mandaria alguns dos seus subordinados para fazer a vigia. Sabia que com essa ordem poderia perder alguns dos seus, mas era melhor do que perder seu garoto.

Carmen desceu as escadas indo até à recepção do hospital. A enfermeira do setor avisara que uma jovem a esperava no local. Carmen ficou por mais alguns minutos a observar Júlia, que dormia, e só depois de ter certeza que ela não acordaria, saiu do quarto.

Ao entrar na recepção, viu apenas uma única moça sentada, seus cabelos loiros pareciam iluminados. Aproximou-se. Ruth, ao perceber sua presença, levantou-se para cumprimentá-la.

— Oi, dona Carmen — abraçaram-se. — Como a Júlia está?

— No momento está dormindo — sentou-se em uma das cadeiras.

— Que bom — acomodou-se também. — O médico disse o que ela tem?

— Está com uma forte anemia.

— Mas quando ela vai poder sair daqui?

— Espero que fique aqui por muito tempo — fitava o chão.

— Por quê?

Carmen encarou Ruth com os olhos vermelhos. Não demorou muito para começar a chorar.

— Você não sabe o quão difícil é para mim ver a Júlia sofrendo desse jeito. Sei que ela não está bem. Pedi para que o médico fizesse vários exames... — esfregava os olhos. — Você sabia que ela está grávida?

— Sim — confirmou Ruth.

— E quem é o pai da criança?

— Não sei se sou a pessoa certa pra contar à senhora sobre isso — Carmen a encarou novamente, mas agora com uma expressão de interrogação.

Ruth não sabia o que falar, contava ou não sobre tudo? Não podia permitir que Júlia ficasse internada, tinha certeza de que ela não gostaria nem um pouco de passar por vários exames. E se algum deles acusasse algo estranho na criança? Tinha que tomar alguma providência. Com esse pensamento em mente, resolveu começar a falar depois de um longo suspiro:

— Bem, acho que não tem problema se eu contar — hesitou por alguns segundos até finalmente deixar que aquela frase saísse: — O pai da criança é o Diogo.

— Pare de brincadeiras, Ruth, o assunto é sério.

— É por isso mesmo que estou contando.

Sua feição séria fez com que a mãe de Júlia prestasse atenção em cada palavra que dizia. Contou-lhe tudo o que sabia, não era muita coisa, mas pelo menos dava para se ter uma ideia de tudo o que estava acontecendo.

— Eu mesma o vi algumas vezes — continuou Ruth. — Diogo ia visitá-la todas as noites.

— Então você quer que eu acredite que o Diogo foi transformado em um vampiro e que engravidou minha filha? — Ruth

meneou positivamente a cabeça. Carmen se levantou e a olhou. — Vocês duas estão precisando de tratamento psiquiátrico! — deu-lhe as costas e começou a andar. — Tenho que voltar para o quarto.

— Espere, dona Carmen! — Ruth correu até ela. — Sei que é difícil de acreditar, mas tudo o que lhe contei é verdade e espero que a senhora esteja preparada para ver a Júlia partir, pois Diogo virá buscá-la. Aproveite cada instante em que estiver com ela e procurem não brigar — deu-lhe um beijo no rosto em despedida e se afastou.

Subiu as escadas pensando em tudo o que Ruth lhe contara. Será que era verdade? Diogo, um vampiro? Júlia, grávida de um vampiro?

Ao entrar no quarto, sentou-se ao lado da cama de sua filha e mirou-a dormindo. Logo que chegaram à Santa Casa, Júlia despertou desesperada e só conseguiram fazer com que se acalmasse por causa dos sedativos. Carmen voltou a pensar nos vampiros. Sacudiu a cabeça. Que idiotice. É claro que vampiros não existiam.

Hugo caminhava cautelosamente pelos arredores da Santa Casa de Misericórdia de Leme. Augusto lhe mandou junto com Ícaro e Samuel para que ficassem de olho no hospital e disse também para tomarem cuidado com os vampiros do Conselho, pois eles conseguiam esconder sua presença quando queriam.

O vampiro ruivo cobriu a cabeça com uma touca para não chamar tanta atenção assim, precisava ser o mais discreto possível.

Passou em frente de um bar uma rua antes do lugar que deveria estar vigiando e viu muitos homens bebendo. Prestou atenção e não notou nenhum vampiro. Continuou com a procura.

Cortou caminhou por um posto de gasolina e atravessou a rua, chegando à parte de trás do hospital, que naquele horário não era muito movimentada, apenas se via alguns carros apressados. Olhou para os lados e saltou caindo com leveza no gramado de dentro dos terrenos da Santa Casa. Seu sobretudo esvoaçava por causa do vento. Andou até o prédio. Respirou profundamente e cheiros diferentes invadiram suas narinas.

Agachou-se pegando impulso e saltou. Pulou pelas várias instalações do hospital. Olhou para cima vendo o topo do prédio principal e resolveu dar uma olhada no local. Começou a escalar as paredes. Riu. Sentia-se o próprio Homem-Aranha, pena que eram poucos andares.

Sentou-se em cima do pequeno edifício com as pernas penduradas. Seria muito mais divertido escalar vários andares. Lembrou-se de sua infância vivida no interior de Minas Gerais. Sempre chegava em casa todo ralado e machucado: sua mãe, em vez de cuidar de seus ferimentos, dava muitas chineladas nele. Assim que entrou na adolescência não parou mais em casa. Chegava a sair na sexta à noite e retornava só na segunda de manhã. Até que chegou o dia em que sua mãe, já cansada de tudo aquilo, o colocou para fora de casa.

Primeiramente ficou contente, depois percebeu o quão difícil era viver sozinho. Mas sua vida mudou no momento em que conheceu Leandro, que o trouxe a Leme e lhe mostrou as

maravilhosas vantagens da vida noturna. Adorava ser um vampiro e se apegou muito àquela cidade.

Ainda em cima do prédio de poucos andares, observou as várias luzes que seu campo visual alcançava. Distraía-se tanto que mal pôde ver o que o pegou, jogando-o para trás. Olhou ao redor e os viu. Dois deles riam muito, o outro permanecia sério com toda a atenção voltada para um livro que segurava aberto na mão esquerda.

Hugo espantou-se ao ver que tinha na mão direita duas cabeças, as de Ícaro e Samuel. Levantou-se. Desde que foi transformado em um vampiro não sentia mais medo, porém agora todo ele vinha à tona. Tinha medo de apanhar. Tinha medo de sentir dor. Tinha medo de morrer.

Ao ameaçar fugir, foi detido por Otávio, que o segurou pelo pescoço e o arremessou para Alexandre. Ficaram nesse joguinho por alguns minutos. Tentava se desvencilhar deles, mas a única coisa que conseguia era alguns socos no rosto e estômago. Hugo foi jogado ao chão. Otávio e Alexandre se aproximaram. Olharam-no. Riram. Pisotearam-no. Mesmo sendo um vampiro, não conseguia mais sentir o corpo.

Os dois se afastaram. Breno deixou o livro e as cabeças de lado. Colocou grossas luvas de couro e retirou do bolso do sobretudo um fio que brilhava. Fio de prata. Segurou-o com força entre as mãos. Otávio retirou a touca de Hugo e o puxou pelo cabelo ruivo, fazendo com que ficasse sentado. Sua pele começou a queimar quando Breno encostou o fio de prata em seu pescoço.

Não pôde gritar. Não deu tempo. Em poucos segundos sua cabeça decapitada rolava, parando apenas quando Alexandre

colocou seu pé em cima dela.

Capítulo 27

Diogo despejou o conteúdo em um copo e analisou aquele líquido vermelho. Não aguentava mais beber sangue da bolsa. Precisava de sangue quente, vindo direto da fonte. Ergueu o copo contra a luz. Parecia um idiota o olhando. Sorveu o líquido em poucos segundos. Precisava de mais, muito mais. Olhou para o relógio suspenso na parede da cozinha: 4h30. Hugo, Ícaro e Samuel estavam demorando muito. Ele devia ter ido, mas Augusto não lhe permitiu isso.

Assustou-se ao ouvir um grito. Marta. Saiu correndo da cozinha, no corredor trombou com Guilherme, olharam-se, ouviram Marta gritar novamente. Dispararam em direção à sala e saíram pela porta. Viram-na ajoelhada perto do portão, ao se aproximarem ficaram paralisados. As cabeças de Hugo, Ícaro e Samuel estavam ali jogadas. Havia um pequeno bilhete fincado com um prego na testa de Hugo. Diogo o pegou e leu:

Não mande simples vermes. Da próxima vez, venha pessoalmente.

Augusto se aproximou logo depois e Diogo estendeu o bilhete a ele. Ao terminar, Augusto o amassou. Diogo teve uma leve impressão de ver fumaça saindo da mão na qual o vampiro segurava o papel, mas antes que pudesse ter certeza, sua atenção se desviou para Marta, que disse:

— O que vamos fazer agora, Augusto? — havia um enorme sentimento de perda expressado em sua voz fraca. Ao virar o rosto para Augusto, pôde ver algumas lágrimas de sangue que escorriam pelo rosto da vampira.

— Ainda não sei — respondeu secamente. Encarou Diogo. — Venha comigo — deu as costas a Marta que ainda o fitava. Diogo olhou-a com pesar e seguiu o líder.

Augusto sentou-se em uma das poltronas que havia na sala. Retirou um maço de cigarros do bolso e acendeu um. Diogo acomodou-se em outra bem próxima e encarou o vampiro, que tragava longamente o cigarro e soltava a fumaça lentamente. Não conseguia entender, às vezes ele ficava preocupado e em outras não dava a mínima importância. Daria de tudo para poder saber o que se passava em sua mente.

— Foi por isso que não deixei você ir — disse logo depois de soltar a fumaça.

— Então você sabia o que podia acontecer? — Augusto estendeu o braço para um cinzeiro sobre uma mesinha de centro e apagou o cigarro, olhou para Diogo e meneou positivamente a cabeça. — Então, por que deixou que fossem?

— Sacrifícios são precisos.

Ao ouvir aquilo, a raiva lhe subiu a cabeça, seus olhos acenderam involuntariamente.

— Como você pôde fazer isso com eles...

— É melhor você sossegar — interrompeu Augusto. — Preferia que eu tivesse te mandado? Muito bem, então por que você não vai lá nesse exato momento? — seus olhos voltaram ao verde natural, Diogo abaixou a cabeça e fitou o chão. Augusto tinha razão.

— Quero deixar uma coisa bem clara, moleque, se você morrer eu não vou mais me preocupar com aquela garota, talvez eu mesmo acabe com ela — Diogo o encarou. — Então, por isso, pense muito bem no que vai fazer daqui pra frente.

— Tudo bem, Augusto, já entendi.

— Melhor assim.

Ficaram alguns minutos em silêncio. Diogo o observava, agora percebia que Augusto realmente se preocupava. Ele sempre mantinha o rosto sério, porém dessa vez notava algo diferente; estava pensando, pensando muito.

— O que faremos? — perguntou Diogo com cautela e escolhendo as palavras para não levar outra bronca.

— Temos que tirá-la daquele hospital.

— Mas como, se aqueles malditos estão cercando o local?

— Pare de fazer perguntas idiotas e pense um pouco — Diogo se calou na hora. — Teria que ser durante o dia, mas para nós isso é impossível.

— Podemos mandar algum dos seus empregados — preparou-se para ser repreendido.

— Já pensei nisso, porém acho que não vai dar certo. Provavelmente a mãe dela está lá no hospital, e sei que por ela ser menor de idade um responsável tem que ficar junto. Não posso mandar alguém que a garota não conheça, uma pessoa com rosto familiar poderá ficar a sós com ela sem levantar suspeitas e tenho certeza de que a mãe dela não vai desgrudar do lado da cama.

— Então vamos mandar alguém conhecido.

— Não é tão simples assim, garoto.

— É sim, Augusto — sorriu. — Você pode me emprestar seu celular?

Augusto lhe estendeu o aparelho. Ao pegá-lo, Diogo pensou um pouco. Que ótimo, conseguia lembrar-se com clareza do número do celular da Ruth. Agradeceu por ela viver ligando no seu celular para falar com a Júlia. Teclou o número. Chamou algumas vezes e caiu na caixa postal. Com certeza estava dormindo. Tentou de novo. No terceiro toque ela atendeu.

— Alô — disse com voz de quem acabou de acordar.

— Alô, Ruth?

— Sim... — ouviu um bocejo.

— Sou eu, Diogo.

— Diogo? — a voz mudou completamente. — É você mesmo?

O que aconteceu?

— Preciso que você faça um favor pra mim.

Explicou-lhe com detalhes tudo o que acontecia. Disse que precisava tirar Júlia daquele hospital o quanto antes, e que só ela poderia fazer aquilo.

— Mas não vou conseguir isso sozinha.

— Fale com o pessoal, se for preciso conte a eles o que está acontecendo, fale da minha situação. Sei que o irmão dela está aqui na cidade também, tente convencê-lo.

— Eu contei tudo o que sabia para a dona Carmen, mas ela não acreditou em mim. E acho que mesmo que deem alta para a Júlia, ela não vai deixar que a tirem do hospital.

— Sei. É bem a cara dela fazer isso, mas, por favor, Ruth, tente tirar ela de lá o quanto antes.

— Pode deixar, farei de tudo.

Nelson caminhava tranquilamente pelo canavial próximo ao seu covil. Não poderia se afastar muito, pois a alvorada se aproximava. Quem sabe com um pouco de sorte não encontraria algum humano desprotegido andando por ali. Ainda bem que se sentia com muita sorte naquela noite.

De longe podia reconhecer o odor humano, seguiu-o. Parou a poucos metros de uma caminhonete que adentrara o canavial. O veículo balançava de um lado para o outro. Nelson pôde ver o casal deitado na caçamba. Aproximou-se sorrateiramente. Os movimentos frequentes faziam com que seus corpos esquentassem e com isso o sangue ficava mais saboroso. Observou-os por mais alguns minutos antes de saltar na caçamba.

Ao verem aqueles olhos vermelhos e os dentes pontudos, começaram a gritar desesperados. Nelson ria muito. Adorava provocar o medo, pavor, terror... O líquido quente escorria por sua garganta forrando o estômago. Uma das coisas que aprendeu ao observar outros vampiros mais experientes era nunca deixar suas vítimas com marcas. Retirou do bolso um pequeno canivete e com ele terminou o trabalho.

Assim que desceu da caçamba, deu uma última olhada para o casal. Que cena linda. Um casal apaixonado dormindo juntinhos e banhados em sangue. Riu. Logo que chegou ao covil, Cláudio veio em sua direção.

- Preciso falar com o senhor.
- Pode falar.

— Minha sobrinha foi internada na Santa Casa e os vampiros do Conselho estão de guarda, só esperando a hora certa de atacar. Sei também que Augusto mandou três de seus vampiros para observar o local, mas eles foram mortos.

— Como você sabe de tudo isso?

— Não sei como, mas eles não conseguem me sentir quando me aproximo.

— Vejo que uma ótima habilidade se manifestou em você.

— Habilidade? — enrugou a testa.

— Isso mesmo. Depois de alguns anos uma pequena porcentagem dos vampiros manifestam um tipo de habilidade, porém isso varia de vampiro para vampiro. Existem aqueles que nunca desenvolveram nada e nunca o irão — notou um ar de surpresa no rosto de Cláudio. — No seu caso foi desenvolvida a camuflagem, nenhum vampiro consegue te sentir, ao menos que você queira. Os vampiros do Conselho do nível desses que estão aqui são selecionados por causa dessa habilidade.

— Acho que isso veio a calhar.

— Também concordo. Mas voltando ao que você me contou, acho que sua sobrinha está correndo um grande perigo, só que tenho certeza de que Augusto vai intervir de algum modo. Pelo que a Samantha me contou, ele faz de tudo por aquele moleque.

— O que vamos fazer então?

— Nada.

— Nada?

— Isso mesmo. Vamos apenas esperar o momento certo. Não dou mais de uma semana para aquela garota estar sob os cuidados de Augusto, e quando isso acontecer os vampiros do Conselho não

vão deixá-lo em paz, daí quem sabe poderemos nos manifestar — encarou Cláudio. — Quero que você fique de olho em tudo o que vai acontecer.

— Sim, senhor — Cláudio se afastou, mas parou a poucos metros de Nelson, olhou para trás e voltou-se novamente a ele. — Posso fazer uma última pergunta para o senhor?

— Fala, rapaz.

— Qual é a habilidade do senhor?

Nelson gargalhou.

— Isso não posso te contar, mas ficará sabendo no momento certo.

Capítulo 28

Ruth olhou ao redor não encontrando ninguém. Sentou-se em uma das mesinhas que havia na praça da escola Maria Joaquina e voltou a olhar para o relógio em seu pulso, ainda faltavam dez minutos para a uma da tarde, chegara muito cedo.

Depois de receber a ligação de Diogo não conseguiu mais dormir. Pelo que lhe contou, Júlia corria sério risco permanecendo na Santa Casa. Ficou muito nervosa e preocupada, temia que os outros não acreditassem em seu relato, não conseguiria fazer nada sem a ajuda deles. Poucos minutos depois viu Robson se aproximar, cumprimentou-o.

— Nossa, Ruth, você está com uma cara horrível.

— Muito obrigada pelo elogio.

Robson acomodou-se em um dos cinco bancos desocupados.

— O que aconteceu? Você estava muito séria ao telefone.

— E realmente é um assunto sério, mas vou esperar que todos estejam presentes para que eu comece a contar.

Não demorou muito para Carlos, Fernando e Francine chegarem. Agora só faltava uma pessoa.

— Agora sou eu que estou ficando preocupada de ver sua cara — disse Francine, olhando para Ruth.

— Só estou esperando mais uma pessoa. Tenho certeza... — parou de falar ao vê-lo de longe. — Ele chegou.

Todos olharam automaticamente para o rapaz ruivo que se aproximava. Como fazia tempo que não o via. Pelas suas contas, Jeferson passou quatro anos morando fora. Se não se enganava, ele

ainda tinha mais um ano para terminar o curso de engenharia. Sentiu um arrepio ao vê-lo. Como ficara bonito, não era mais aquele garoto magricela e insuportável de que se lembrava e por quem foi apaixonada desde criança; agora era alto, tinha ombros largos e, quem sabe, tornara-se mais amigável.

— Quem é ele? — perguntou Fernando.

— Irmão da Júlia — respondeu Ruth.

Ao se aproximar, Jeferson cumprimentou a todos, tinha os olhos fixos em Ruth.

— Nossa! — exclamou depois de abraçá-la. — Como você cresceu — sorriu. — Estou parecendo aqueles velhos que se espantam ao verem o quanto as crianças cresceram, mas eu estava esperando ver uma menina e não uma mulher — percebeu Ruth ficando corada, e mesmo assim ela não riu. — O que aconteceu?

— Agora que estão todos aqui, eu posso falar — sentou-se novamente, todos mantinham a atenção nela.

— Fala logo, Ruth — falou Carlos, impaciente.

Ruth suspirou fundo.

— Precisamos dar um jeito de tirar a Júlia do hospital.

— Por quê? — Jeferson foi o primeiro a perguntar.

— Sua mãe não acreditou no que eu disse a ela — fitou-o nos olhos — e insiste em manter a Júlia lá — olhou para os outros. — Ela está correndo perigo.

— Que tipo de perigo? — indagou Fernando.

— Prestem muita atenção no que vou contar a vocês, isso não é uma brincadeira, peço que acreditem em mim.

Começou seu relato. Contou-lhes tudo o que sabia com detalhes. Ao terminar, todos ficaram a observá-la sem dizer nada.

Seu coração batia tão rápido que parecia que sairia pela boca, sentia muito medo da reação de seus amigos.

— Você tem certeza disso? — questionou Robson, quebrando o silêncio.

— Mas é claro, eu não chamaria vocês aqui em vão. Vocês conseguem entender a gravidade do problema?

— Eu não consigo acreditar nessa sua história — comentou Jeferson. — É praticamente impossível. Vampiros...

— Eu não estou brincando! — gritou Ruth, encarou-o com lágrimas nos olhos. — Diogo me ligou essa madrugada, ele precisa que o ajudemos, ou você prefere ver sua irmã morta?

— Agora eu consigo entender — disse Francine pensativa. — Tudo se encaixa — olhou para os outros. — Não me lembro muito bem, mas algum tempo atrás, acho, tive a impressão de ver Júlia montada em uma moto com um cara todo de preto. Eu estava voltando de uma festa quando meus amigos e eu decidimos sentar um pouco ali na frente da biblioteca. Quando olhei para a avenida a vi passando. Eu a reconheci porque ela não usava o capacete.

— Mas você nunca comentou nada — falou Carlos.

— Eu sei. Na época pensei que era coisa da minha cabeça, pois naquela noite havia bebido um pouco.

— Espera um pouco! — exclamou Fernando. — Me deixa ver se entendi. Você disse que Diogo foi transformado em um vampiro, que ele passou esses últimos meses se encontrando às escondidas com a Júlia, que ela engravidou dele, vampiros superiores descobriram e por isso querem matá-la? — Ruth meneou positivamente a cabeça. — Nossa!

— Diogo disse que três vampiros estão montando guarda nos arredores da Santa Casa, por isso ele não pode se aproximar, disse também que três dos vampiros que moravam com ele foram mortos por se aproximarem do local. Por isso, ele pediu nossa ajuda, temos que tirar Júlia de lá o quanto antes.

— Mas como vamos fazer isso? — indagou Carlos.

— Também não sei, não faço ideia de como funciona lá dentro. Só sei que precisamos tirar a mãe dela de perto enquanto a retiramos de lá — olhou para Jeferson. — É aí que você entra. Você precisa dar um jeito de tirar sua mãe do hospital pelo menos por uma hora.

— Eu ainda não sei — cruzou os braços diante do peito.

— Sua irmã está correndo perigo, Jeferson, por que é tão difícil de acreditar no que digo?

— Porque é surreal, Ruth. Vampiros? Faça-me o favor... Isso é uma brincadeira de muito mau gosto.

Ela se irritou e deu um tapa na mesa. As lágrimas escorreram de seus olhos.

— Se acha que estou brincando, vá embora daqui agora! — exaltou-se. — Não preciso de alguém que não acredite em mim. Mas preste bem atenção no que vou te dizer: a Júlia está correndo perigo. Eu não estaria aqui, falando essas coisas se não fosse verdade. O que eu ganharia com isso?

Ficaram se encarando por algum tempo. O maxilar de Jeferson estava tenso e ela percebeu algo de diferente no olhar dele. Contudo, antes de argumentar novamente, Jeferson rodou os olhos nas órbitas.

— Tudo bem, então — disse se rendendo. — Eu acredito em cada palavra sua, não precisa se irritar. O que vamos fazer?

— Antes de tirá-la de lá precisamos pensar em um lugar para levá-la depois.

— Pode levá-la em casa — sugeriu Carlos.

— Mas e o seu pai?

— Estou morando sozinho agora, meu pai se juntou com aquela mulher estranha com quem ele namorava, daí ele se mudou e eu fiquei.

— Isso é ótimo. Agora só precisamos pensar em um jeito de tirar a Júlia de lá.

— Quando vamos tentar?

— Hoje à tarde — todos se surpreenderam, Ruth sorriu e piscou com o olho direito. — Isso vai ser emocionante.

Depois de discutirem muito, decidiram que tentariam retirar Júlia do hospital naquela tarde no horário de visita. Sabiam que o mais difícil seria afastar Carmen da filha. Ainda bem que Jeferson estava na cidade, seria de grande ajuda. Ruth não sabia o porquê, mas se sentia estranha perto dele. Ele e Ruth subiram até o quarto de Júlia. Ao entrarem no corredor podiam ouvir a discussão de ambas.

— Já disse que não preciso ficar aqui! — gritava Júlia.

— Não é você que decide e sim o médico — disse Carmen com a voz alterada.

— Ele que vá para o inferno!

— Não fale assim, menina!

As duas ficaram em silêncio ao verem a porta se abrir. Ruth e Jeferson respiraram fundo antes de entrarem. Agora não podiam voltar atrás.

— Oi, maninha — cumprimentou Jeferson dando um beijo no rosto de Júlia. — Vejo que está melhor hoje, dava para ouvir seus gritos lá da recepção — riu.

— Não seja exagerado — Ruth lhe deu um leve tapinha nas costas, fazendo com que saísse de perto da cama para que ela pudesse cumprimentar sua amiga.

— Que bom ver vocês — Júlia lhes mostrou um lindo sorriso.

Ela realmente parecia bem saudável, não tinha mais fundas olheiras e engordara um pouco, as maçãs de seu rosto estavam coradas.

— Como está se sentindo? — perguntou Ruth.

— Muito bem. Ainda não cresceu quase nada, mas olhe só uma coisa — Júlia retirou o lençol que a cobria, pegou a mão de Ruth e a colocou sobre sua barriga. — Não parece que está mexendo?

— É mesmo.

— Eu tenho essa impressão, mas acho que o bebê ainda é muito novo para se mexer.

Ruth deu uma rápida olhada para dona Carmen, percebeu que se não fosse o cansaço, ela estaria falando algo, quer dizer, discutindo com elas. Olhou para Jeferson tentando dizer que era para ele começar. Confirmou levemente com a cabeça e virou-se para sua mãe.

— Mãe, a senhora não está cansada de ficar aqui?

— Só um pouco, filho.

— Por que a senhora não vai até em casa descansar um pouco enquanto a Ruth e eu ficamos aqui com a Júlia?

— Não precisa se preocupar, querido — bocejou e ajeitou-se na poltrona.

Jeferson mirou Ruth, não sabia o que fazer. Ela lhe retribuiu o olhar franzindo o cenho. Tentaria de novo.

— Mesmo com todos esses anos morando fora ainda não consigo cozinhar direito — coçou a cabeça. — O pai não está gostando nem um pouco da comida que faço, reclamou muito. Está até pedindo para que entreguem comida em casa.

— Ele está fazendo isso?

— Está — percebeu que atingira o ponto certo. — Não que eu queira que a mãe deixe a Júlia aqui sozinha — ignorou os argumentos de Júlia —, mas a situação lá em casa não está das melhores, ainda mais porque a Jaque foi viajar com a igreja, se ela estivesse lá as coisas não estariam tão ruins.

Dona Carmen ficou em silêncio por alguns minutos, até se levantar e dizer:

— Vou avisar lá embaixo que vou sair por algumas horas e que volto para passar a noite aqui. Vocês não se importam de ficar? — automaticamente negaram com a cabeça. — Volto em pouco tempo, até depois — abriu a porta e saiu.

Esperaram o sinal para ter certeza. O celular de Ruth tocou, ao atender ouviu Francine dizer que Carmen havia saído do hospital.

— Daqui a pouco vamos descer — desligou o celular com um largo sorriso no rosto, Jeferson retribuiu o sorriso.

Ruth sentiu um leve arrepio ao fitá-lo. O que estava acontecendo? Era como se Jeferson ficasse mais bonito cada vez que o olhava. O sorriso no rosto de ambos se desfez, ficaram se encarando naquele silêncio comprometedor.

— Com licença — disse Júlia rindo. Saíram do transe e a fitaram. — Desculpe interromper o momento “troca de olhares”, mas por que ficaram tão felizes depois que minha mãe saiu?

— Júlia, vista suas roupas, vamos sair daqui agora — disse Jeferson.

— O quê?

— É isso mesmo! — confirmou Ruth. — Diogo me pediu para tirá-la daqui o quanto antes — percebeu que Júlia não esperava por aquilo. — Vamos, Júlia, se troque que depois te conto o que ele me disse.

Logo depois de Júlia vestir suas roupas, saíram do quarto. Caminhavam com cautela pelo corredor, não queriam dar de cara com nenhum dos funcionários. Ao deixarem o elevador podiam ver a recepção, Ruth e Jeferson disseram para que Júlia esperasse até eles atravessarem a porta de entrada e que depois fosse em direção a eles.

Ao passarem pela recepção, ambos entregaram os crachás para a moça que controlava a entrada de visitantes, assim que ficou de frente para a saída, Ruth fez um sinal para Fernando, que esperava sentado em uma das cadeiras. Ele se levantou e foi até a moça no balcão.

— Olá, boa tarde — cumprimentou Fernando. — Eu queria visitar Roberto Silva do Nascimento, por favor.

— Desculpe, mas não há ninguém aqui com esse nome — informou a recepcionista.

— A senhora tem certeza? — perguntou Fernando ao ver Júlia entrar na recepção. Mudou de lado para que a moça o seguisse com os olhos e ficasse de costas para sua amiga.

— Realmente não há ninguém aqui com esse nome.

— Será que me enganei? — Fernando coçou a cabeça e deu uma rápida olhada para a entrada do hospital. Júlia havia saído. — Bom, acho que sim. Muito obrigado pela atenção e desculpa por tomar o seu tempo.

Saiu não acreditando no que fizera. Ao chegar à calçada começou a rir. Correu em direção a um carro estacionado a uns cinquenta metros. Ficou feliz ao entrar no veículo e ver Júlia no banco de trás junto com Jeferson, Ruth e Francine. Sentou-se no banco dianteiro e fechou a porta. Carlos, ao volante, não demorou muito para ligar o veículo e sair do local.

Jeferson pediu que Carlos parasse o carro na Avenida Joaquim Lopes Águila. Despediu-se de Júlia dizendo que a visitaria quando desse. Ficou sem jeito depois de dar um beijo no rosto de Ruth, percebeu que ela ficara vermelha. Ainda não conseguia acreditar que aquela menina que vivia enfiada na sua casa se tornara aquela linda mulher.

Saiu do automóvel e caminhou até sua casa. Agora sim seria a parte mais difícil da história, contar para a mãe o que haviam feito.

Ao entrar, sua mãe veio lhe receber, ela o olhou com espanto e perguntou o que ele fazia ali.

— É melhor a senhora se sentar — sugeriu.

Sentaram-se no sofá. Carmen encarava Jeferson com preocupação.

— Aconteceu alguma coisa com a Júlia? — perguntou aflita.

— Pode-se dizer que sim — respirou fundo se preparando para a bronca. — Nós tiramos a Júlia do hospital.

— O quê?!

— Foi isso mesmo o que a senhora ouviu. Ajudei os amigos dela a retirarem ela de lá.

— Por que vocês fizeram isso? Sabem que ela está doente e precisa de tratamento.

— Ruth me contou tudo e eu acredito nela.

— Sobre a história de Diogo ter virado um vampiro? Não me venha com essa você também, Jeferson. Você não é mais um garoto, como pôde acreditar em uma coisa dessas?

— Se a senhora não acredita, por mim tudo bem, eu só tinha que te informar que a Júlia não está mais no hospital.

— Para onde vocês a levaram?

— Isso não posso te contar.

— Como não pode me contar?! — esbravejou. — Sou mãe dela e tenho o direito de saber onde minha filha se encontra! Se você não me disser vou te acusar de sequestro!

— Faça o que quiser — levantou-se. — Por que será que quanto mais velhos ficamos mais insensíveis nos tornamos? — disse fitando sua mãe nos olhos. — Eu também não acreditei de princípio, mas depois de ver uma forte angústia nos olhos de Ruth, percebi

que tudo o que me contava era verdade. Vi em seus olhos o medo de perder a melhor amiga... — voltou a sentar-se. — Os amigos dela acreditaram com certa facilidade em tudo o que ela contou, foi aí que me perguntei o porquê de comigo ser tão diferente — fez uma leve pausa. — Sabe, mãe, não é só porque ainda a vemos como meninas que não devemos acreditar no que elas nos dizem. Voltei a aprender algo que há muito tinha esquecido, voltei a acreditar e confiar nas pessoas.

Saiu da sala deixando sua mãe sozinha. Carmen refletiu sobre o que seu filho havia lhe dito. Será que era uma pessoa insensível? Será que tudo o que lhe disseram era verdade? Sentiu-se horrível por não acreditar na própria filha, e se sentiu humilhada por receber uma lição de moral de Jefferson. Desatou a chorar.

Desceram do carro logo que Carlos o estacionou na garagem. Ao entrarem na sala todos se jogaram no sofá.

— Ainda não estou acreditando no que fizemos! — comentou Fernando.

— Não fique tão empolgado — disse Francine lhe dando um leve tapinha no ombro. — Não fizemos mais do que nossa obrigação como amigos — fitou Júlia.

— Eu realmente agradeço a todos vocês.

— Não precisa agradecer — falou Carlos. — E é claro que não podemos esquecer que Robson nos ajudou a bolar boa parte do plano.

— Por que ele não foi junto?

— Não podia, tinha um compromisso inadiável — riu Carlos.
— Ele está parecendo um tonto atrás daquela namorada dele — todos caíram na risada.

— Agora é só esperar — comentou Ruth, fazendo com que parassem de rir e prestassem atenção nela. — Não sei o que o Diogo pretende daqui pra frente.

— O que ele disse a você? — perguntou Júlia.

Ruth contou-lhe tudo e ao terminar viu que sua melhor amiga estava com os olhos arregalados e com os braços sobre o ventre.

— Não se preocupe, Ju, tenho certeza de que o Diogo não vai permitir que eles se aproximem de você.

— E agora você tem a gente — tranquilizou Francine.

— Mas acho que ele ainda não poderá ver você, pois pelo que me contou, os vampiros ficarão atrás dele.

— Tenho medo do que pode acontecer com ele... — os olhos de Júlia encheram-se de lágrimas.

— Não vamos mais falar sobre isso — sugeriu Carlos. — O importante é que agora você está segura em minha casa.

— Não se ache o gostosão só porque agora mora sozinho — disse Ruth rindo.

— E então, Carlos, quando vai ser a festa de inauguração? — indagou Fernando empolgado.

— Nem sei.

Como era bom estar com os amigos, há muito não sabia mais o que era aquilo. Os últimos meses de sua vida se resumiram a procurar por Diogo e, depois de tê-lo encontrado, ficava acordada de madrugada para poder aproveitar o tempo que tinha com ele. Só

agora percebia que não ficaria sozinha. Acariciou sua barriga. Não ficaria sozinha por muito tempo.

— E minhas roupas? Como vou ficar aqui sem roupas? — questionou Júlia voltando a si.

— Fique tranquila — informou Ruth. — O Jeferson colocou várias roupas suas em uma mala que está no quarto do Carlos.

— Falando em Jeferson... — sorriu Francine com um olhar de desconfiança para cima de Ruth. — Você acha que não percebemos os olhares que vocês trocavam?

— Não é nada disso que vocês estão pensando — Ruth se enrolou com as palavras.

— Não estamos pensando em nada — riu Fernando.

— Fique tranquila, Ruth, eu apoio o namoro — foi a vez de Júlia tirar sarro.

— Você também, Júlia? — ficou vermelha.

Depois de tantos anos, Ruth pensou que aquele sentimento já havia se extinguido de dentro dela, mas assim que seus olhos se encontraram com os dele teve certeza de que ainda gostava muito daquele rapaz. Jeferson foi e continuava sendo o único homem por quem se apaixonou.

Capítulo 29

— Como você pôde deixar algo assim acontecer? Não te mandei ficar de olho na garota? — Alexandre arremessou o homem contra o muro.

— É isso que dá confiar uma tarefa dessa a um viciado como ele — comentou Breno, sentado na calçada com um livro nas mãos.

— É melhor você calar sua boca! — gritou Alexandre encarando Breno, que não lhe deu nenhuma atenção.

— Fique calmo — sugeriu Otávio. — Tenho certeza de que agora aquele moleque irá atrás da garota, e quando fizer isso nós a pegamos.

— E se ele não for?

— Alguma hora terá que ir.

Alexandre suspirou. Otávio tinha razão, não adiantaria de nada ficar nervoso daquela forma. Andou em direção ao homem, pegou-o pelo pescoço fazendo com que seus pés saíssem do chão.

— Sinto muito, mas você não vai receber o pagamento — apertou-lhe o pescoço. — Isso é para você aprender a não se drogar durante o trabalho.

— Eu não tive culpa — dizia com dificuldades. — Quando me dei conta, o carro já havia partido.

— Isso realmente é uma pena, mas fazer o quê. Eu também não tenho culpa pelo que vai acontecer com você agora.

Voltou a arremessar o homem contra o muro. Aproximou-se e começou a chutá-lo. Ao perceber que os gritos haviam cessado,

Alexandre admirou sua obra de arte. O corpo praticamente fundira-se com o muro. Gargalhou.

— Agora temos que ir atrás daquele maldito moleque — reclamou Breno levantando-se da guia e fechando o livro.

— Isso é verdade — disse Otávio. Parou e encarou os dois companheiros. — Será que ele já desenvolveu alguma habilidade?

— Creio que não — falou Alexandre. — Ele ainda é muito novo.

— Qual é a de Augusto?

— Nos arquivos do Conselho não consta nada sobre o assunto.

— Será que ele não possui nenhuma?

— Com certeza possui, sim — disse Breno. — Só que ele nunca nos informou nada. Até parece que ele já sabia de tudo o que aconteceria.

— Maldito seja.

Diogo precisava de sangue vindo direto da fonte. Arrastou-se do quarto direto para a cozinha, onde perdeu a conta das bolsas que ingeriu. Mesmo bebendo todo aquele líquido não se sentia satisfeito. Precisava de mais, muito mais. Ao entrar na sala, viu Augusto sentado em uma poltrona com um cigarro entre os dedos.

— Posso usar seu celular? — perguntou Diogo.

Augusto não lhe respondeu, apenas lhe entregou o aparelho. Digitou o número. Antes de chamar pela segunda vez Ruth atendeu.

— Sabia que você ia ligar — disse ela.

— E aí, conseguiu retirar a Júlia de lá?

— É claro. Espera um pouco, tem alguém aqui que quer falar com você.

Diogo ficou feliz por Ruth ter conseguido tirar Júlia de lá, e ficou ainda mais contente por ouvir a voz da namorada.

— Oi, Diogo — falou Júlia.

— Como é bom ouvir sua voz. Como você está?

— Muito bem. Estou morrendo de saudades de você.

— Eu também, mas não posso ir até você tão cedo.

— Eu sei — Júlia fez uma pausa. — Vou colocar no viva-voz, espera um pouco.

— Olá, Diogo — ouviu várias vozes falando ao mesmo tempo.

— Quem está aí? — cada um de seus amigos se apresentaram. — Não acredito que estou falando com vocês.

— Pois é — ouvia a voz de Fernando. — Hoje fizemos uma ótima operação resgate. Foi emocionante.

Conversou com eles por muito tempo. Não sabia que sentia tanta falta de seus amigos. Contaram a ele como conseguiram tirar Júlia do hospital, ficou sabendo que Robson começara a namorar e que Ruth mantinha um rolo com Jeferson.

— Não é nada disso — Ruth reclamou em meio aos risos do pessoal. — Não temos nada.

— Não minta para nós, Ruth — dizia Francine rindo. — Se vocês realmente não têm nada, então não dou mais que uma semana para algo rolar — risos ecoaram pelo local.

— E então, Diogo, quando você vem buscar a Júlia e nos fazer uma visita? — perguntou Carlos.

— Infelizmente não posso informar isso, pois nem eu sei quando vou poder sair de casa — suspirou, realmente queria muito se reencontrar com seus amigos e principalmente com a mulher que amava. — Bom, pessoal, tenho que desligar agora — ouviu algumas reclamações. — Infelizmente tenho que desligar. Boa noite para vocês — todos se despediram. — Júlia — chamou Diogo.

— Sim.

— Não se esqueça de que eu te amo muito — ao dizer isso ouviu várias risadinhas. — E quando der vou te buscar para que você possa viver ao meu lado.

— Ficarei te esperando.

— Boa noite, minha linda.

— Boa noite, meu cavaleiro noturno.

Sorriu do termo que ela usou e ao desligar o celular, sentiu uma imensa felicidade transbordar de seu peito. Há muito não se sentia assim. Entregou o aparelho para Augusto. Como sabia que ele era capaz de ouvir a conversa pelo celular, não se preocupou de contar.

— Ótimo — comentou o vampiro, dando uma longa tragada no cigarro, soltando a fumaça lentamente logo depois. — É algo a menos para me preocupar.

— O que faremos agora?

— Temos que nos livrar desses malditos do Conselho e ficar de olhos abertos para qualquer movimento do Nelson.

— Eu até tinha me esquecido dele.

— Eu não.

Enquanto Augusto fumava, Diogo pensava. Há quanto tempo já permanecia naquela vida? Fez as contas. Cerca de quase quatro

meses. Fez mais algumas contas. Deduziu que Júlia devia estar com uns dois meses de gravidez. Será que a barriga dela já começara a crescer? Queria muito vê-la. Mas o que aconteceria depois de a criança nascer? Teria coragem de manter Júlia e a criança dentro de uma casa cheia de vampiros? E os pais dela? Será que o Conselho desistiria de matar Júlia e a criança? A única coisa que sabia era que não podia contar com essa última suposição, teria que proteger Júlia, nem que isso lhe custasse a própria vida.

Sentiu uma forte dor no estômago. Que droga. Mesmo depois de todo aquele sangue seu corpo ainda pedia por mais. Olhou para Augusto que se concentrava em seu cigarro. Ia lhe dizer algo, porém ao ameaçar falar, Augusto disse primeiro:

— Antônio está chegando.

— O quê?

— Mandei que ele lhe trouxesse algo.

Sem entender o significado daquelas palavras, Diogo se calou. Não demorou muito para que o vampiro atravessasse a porta da sala carregando duas pessoas amarradas e amordaçadas.

— Um presente de mim para você — sorriu Antônio para Diogo.

Analizou as pessoas que ainda estavam conscientes. Dois homens. Lembrou-se daqueles dois malditos que o assaltaram naquele dia.

— Antes que você sinta pena deles, esses dois miseráveis abordaram uma pobre mocinha em uma rua escura. Você pode até imaginar o que fariam com ela se eu não tivesse aparecido.

— Você nem precisava ter me contado isso — Diogo se agachou ao lado de um deles. — Só de olhar para eles consigo sentir

como são bonzinhos — riu.

— Boa refeição.

A primeira coisa que fez foi tirar a mordação da boca do primeiro.

— Qual é seu nome?

— Cabeça — respondeu o rapaz não entendendo o que acontecia. — O que vocês querem com a gente?

— Eu que faço as perguntas aqui.

— Olha aqui, seu pirralho, se você acha que vou me intimidar... — Diogo lhe deu um soco que fez seu nariz sangrar. — Filho da puta, eu vou te matar! — esbravejou.

— Você vai me matar? — Diogo gargalhou. Passou o dedo indicador no sangue que escorria do nariz do homem e o levou até a boca — Ainda falta medo.

— Mas que porra é essa? — gritou Cabeça, começando a tremer.

— Você já vai descobrir — comentou Antônio rindo.

Diogo fixou os olhos no sujeito. Ainda bem que Antônio havia lhe trazido aquele presentinho. Seus olhos acenderam e os dentes brotaram para fora da boca. Ao ver aquela cena, Cabeça ficou aterrorizado. Sem mais demora, Diogo cravou as presas em sua jugular. Esvaziou o primeiro e partiu para o segundo, que chorava de medo. Retirou sua mordação.

— Qual é seu nome? — perguntou com a língua ainda passando pelos lábios, limpando o sangue.

— Por favor, não me mate. Eu juro que nunca mais farei mal a ninguém.

— Não perguntei isso. Quero saber seu nome — sorriu e os caninos se destacaram.

— Kleber.

— Muito bem, Kleber. Você promete que se eu te soltar você nunca mais vai maltratar nenhuma pessoa?

— Prometo, sim senhor — tremia tanto que mal conseguia falar. — Eu juro, eu juro.

— Mas devia ter pensado nisso antes de entrar para essa vida... — agora a língua percorreu os dentes. Seus olhos acenderam. — Tente se redimir na próxima vida, pois essa acaba aqui.

Os gritos de Kleber davam mais sabor ao sangue. Ajudou Antônio a levar os corpos para o quintal onde seriam enterrados. Terminando o serviço, caminhou até o banheiro para se limpar da terra e do sangue seco que ficou em seu rosto.

Como podia ser tão amigável com Júlia e seus amigos e com outros ser tão monstruoso? Riu olhando sua face coberta de sangue no espelho. Era apenas uma questão de escolha. Poderia ser adorável ou sanguinário, só dependia de sua vontade.

Capítulo 30

— Eu não aguento mais isso! — Otávio saiu de perto de Breno, caminhando apressado.

— Onde você vai? — perguntou Breno, fitando com atenção as páginas do livro.

— Fazer algo que já deveria ter feito antes.

Sem mais explicações continuou a andar. Não aguentava mais aquela situação. Bando de babacas. Faria tudo do seu jeito sem mais demoras.

Depois de alguns minutos de caminhada, parou em frente à casa e a observou. Escondeu-se e viu quando Augusto deixou a residência. Seguiu o carro com os olhos até ele virar a esquina. Já sorriu vitorioso.

Encaminhou-se até o muro e saltou. Caiu com leveza. Olhou ao redor e não viu ninguém, mas sentia o cheiro de vários vampiros. Deu mais um salto alcançando o telhado da casa. Andava lentamente. O cheiro daquele maldito garoto ficava mais forte a cada passo que dava em direção à parte de trás. Parou, vendo o moleque sentado no meio do quintal. Sem pensar muito saltou caindo em cima dele. Com as garras fez vários cortes no rosto e no pescoço do menino.

Ao conseguir se desvencilhar do vampiro, Diogo se afastou. Olhou para sua roupa coberta com seu próprio sangue.

— Vejo que Augusto lhe ensinou muito bem a fugir — aquela criatura gargalhava com os olhos vermelhos e os dentes à mostra. —

Não pense que só porque conseguiram tirar aquela menina do hospital vocês vão se dar bem.

— Nós não pensamos isso — seus olhos acenderam. — Temos certeza.

Era tudo o que queria. Poder acabar com aquela brincadeira de uma vez por todas. Não aguentava mais ficar trancafiado em casa, queria sair, ver Júlia, matar aqueles malditos vampiros do Conselho.

Otávio foi quem atacou primeiro. Usando sua velocidade vampírica desapareceu da vista de Diogo e reapareceu atrás dele, fazendo mais um profundo corte em seu pescoço. O garoto caiu com tudo no chão, porém arrastou-se a tempo de evitar outra investida do vampiro. Por que não conseguia ver seus movimentos? Estendeu a mão ao tornozelo e retirou o punhal ali preso. Antes mesmo de se levantar foi atacado novamente. O soco que levou o arremessou contra o muro.

— Pensei que você fosse mais forte, moleque.

Diogo se levantou encarando-o. Sua atenção voltou-se para o corredor de onde vieram Marta, Fábio, Murilo e Antônio. Percebeu que eles ameaçaram atacar Otávio.

— Não interfiram! — gritou para eles.

— Não seja burro, Diogo, você não pode com ele — disse Murilo, dando alguns passos à frente.

— Mandei não interferirem!

Com o punhal na mão direita saltou sobre Otávio, que desviou com facilidade.

— Acho melhor você deixar que te ajudem, garoto.

— Cala a boca!

Sentiu muita raiva ao ver que ele zombava. Alongou suas presas para fora da boca. Usou sua velocidade e surpreendeu Otávio, que não esperava por aquilo. Com o punhal fez um corte na horizontal na garganta dele. Sem perder tempo, investiu novamente, só que dessa vez o vampiro do Conselho o pegou pelo pulso, girando-o e prendendo seu braço nas costas. Apertou tanto que Diogo sentiu seus ossos sendo quebrados, não conseguia mais segurar o punhal, ele caiu aos pés de Otávio.

— Você não pode comigo, moleque! — com a mão livre puxou a cabeça de Diogo pelo cabelo para trás, pegou o punhal sob seus pés e fincou a ponta no pescoço do menino. — Seria muita ironia você ser morto pelo punhal de Henrique, não é?

Sentia a lâmina penetrando sua pele cada vez mais. Precisava fazer algo, mas o quê? *Não seja um fraco, faça alguma coisa, você não pode morrer agora.* Novamente aquela voz. Lembrou-se do que Augusto havia lhe dado. Com a mão esquerda retirou a arma que prendia no cinto da calça e antes que Otávio percebesse, atirou em seu abdômen.

Otávio caiu de costas, colocando a mão no buraco que havia formado no local do tiro.

— Bala de prata! — assustou-se olhando para o ferimento que a cada segundo ficava maior.

Diogo via uma fumaça negra saindo do local do tiro, agora do tamanho de uma bola de tênis. Aproximou-se e encostou o cano da arma na testa do vampiro. Preparava-se para atirar quando sentiu algo em seu pulso. Um pouco daquela fumaça negra desprendeu-se do lugar junto de uma forte dor, sua mão desgrudou-se do pulso. Urrou de dor. Nesse momento os outros se aproximaram dele. Olhou

para frente e avistou outro vampiro do Conselho com a mão dentro do ferimento de Otávio, agora do tamanho de um melão, retirando a bala de prata. Não conseguia pensar direito tamanha a dor que sentia.

Depois de retirar a bala de dentro de Otávio, Breno se levantou com o fio de prata entre as mãos. Acabaria com aquilo. Correu em direção a eles, porém Fábio parou em frente de todos enchendo os pulmões de ar e soltando uma rajada de gelo sobre Breno. Espantou-se com todo aquele gelo vindo para cima de si, usando sua velocidade recuou pegando seu companheiro no colo e pulando o muro.

— Até que você lutou bem — Fábio agachou-se ao lado de Diogo, pegando a mão do menino que se localizava a uns dois metros de distância deles. — Não se preocupe, vou colocá-la no lugar — ao segurar a mão de Diogo junto ao pulso, Fábio soprou, e uma fina camada de gelo se formou em volta do ferimento, cobrindo todo o pulso. — Daqui a pouco você poderá senti-la novamente.

— O que foi isso que você fez? — perguntou, olhando para todo o gelo em volta.

— Essa é minha habilidade.

— Habilidade?

— Augusto nunca te contou sobre isso? — perguntou Murilo. Diogo meneou negativamente a cabeça. — É que podemos desenvolver habilidades, mas não são todos que têm esse privilégio.

— Já chega, Murilo — ordenou Fábio. Olhou para Diogo. — Depois você pergunta para o Augusto. Agora vamos voltar para dentro — levantou-se. — Augusto vai ficar uma fera quando souber o que aconteceu... — deu de ombros. — Mas fazer o quê.

Diogo sentou-se no sofá da sala. Esperaria por Augusto, ele precisava lhe explicar aquele negócio de habilidade. Lembrou-se que havia lido sobre algo na vez que entrou na biblioteca e nem deu importância na época. E também precisava contar a ele sobre a voz em sua mente. Aquilo realmente o preocupava. Depois de alguns minutos foi capaz de sentir os dedos de sua mão direita. Colocou a outra sobre a camada de gelo para retirá-lo, não conseguindo. Teve que fazer uso da sua força vampírica para conseguir remover o gelo.

Ficou muito tempo a esperar por Augusto, mas esse não retornava. Assim que decidiu subir para seu quarto, ouviu o ronco do motor e pôde sentir o cheiro do vampiro que não demorou a entrar na sala.

— Que cara é essa, garoto?

— Um dos vampiros do Conselho me atacou — contou tudo o que acontecera a Augusto, que apenas ouviu sem demonstrar nenhuma alteração de humor.

— Não se preocupe, garoto, vamos dar um jeito nisso.

— Não aguento mais ficar longe da Júlia, quero ela ao meu lado o mais rápido possível! — a alteração em seu tom de voz demonstrava sua fúria.

— Calma, garoto, calma.

— E por que você nunca me disse que vampiros possuem habilidades?

— Por que não vi necessidade e ainda não vejo.

— Mas que droga, Augusto! — bufou. — Você nunca me diz nada. Tenho que descobrir tudo sozinho.

— Assim você aprende a se conhecer.

— Então, quer dizer que eu vou aprender a me conhecer? — encarou-o. — Então acho que a voz na minha cabeça vai me ajudar nisso, pois ela não cala a boca.

— Que voz? — indagou interessado no assunto.

— Às vezes ouço uma voz na minha cabeça que me diz coisas.

— Por que não me contou sobre isso antes, garoto?

— Não vi necessidade — Augusto cerrou os olhos nada contente com aquele comentário. — Tenho mais uma coisa para te perguntar. Por que você guarda o corpo do Henrique?

— Como você sabe disso? — sua expressão facial se alterou completamente.

Diogo contou a ele da vez que entrou na biblioteca. Percebeu que Augusto não ficou nem um pouco feliz em saber de tudo aquilo. Mas logo sua feição voltou a ficar fria e calma. Acendeu um cigarro. Chegara a hora de entrar naquele assunto.

— Já percebeu que todas as mulheres de sua família, descendentes diretas de Henrique, e você, têm os mesmos olhos? — Diogo meneou positivamente a cabeça. — Pois é, eu que fiz isso.

— Como assim?

— Logo após a morte de Henrique, fiz um pacto com as forças obscuras desse mundo. Queria trazer meu irmão de volta. Disseram-me que era muito difícil trazer um vampiro de volta à vida, mas que não era impossível. A ressurreição só poderia ser realizada se o corpo do vampiro morto recebesse do sangue de outro vampiro, este tendo obrigatoriamente uma ligação sanguínea com ele. Lembrei-me da filha de Henrique, pensei em transformá-la em vampira e fazer uso dela no ritual, mas não foi possível, pois

Henrique só poderia receber do sangue de um vampiro e não de uma vampira. Segundo as criaturas, tem algo a ver com a energia — deu de ombros, apagou a bituca do cigarro no cinzeiro e acendeu outro, voltando ao relato assim que soltou a fumaça. — Com ajuda dos seres do submundo joguei uma maldição em sua família, uma maldição que só cessaria assim que o verdadeiro herdeiro nascesse, este já nasceria preparado para dar de seu sangue a Henrique, pois se eu transformasse qualquer outro homem que pudesse ter nascido não funcionaria. E em troca tive que esperar, pois me avisaram que demoraria para que o herdeiro, que nasceria com fragmentos da alma de Henrique, viesse para esse mundo, e para que a maldição se realizasse, eu teria que tomar conta de cada criança que nascesse anteriormente a ele. Segui sua família por gerações. Luiza, Matilde, Marlene, Roseli, Sílvia, Sofia e você. Depois de alguns anos soube que você era o verdadeiro herdeiro de Henrique, pois não havia morrido. Lembra que contei que a Luiza teve um filho? — Diogo confirmou. — Pois bem, ele não era o verdadeiro herdeiro, tanto que morreu uma semana depois de nascer, e assim que Natália nasceu tive ainda mais certeza de que era você o escolhido, pois em gerações ela foi a única a nascer sem os olhos de Henrique. A maldição acabou em você.

— Então você esteve guardando o corpo de Henrique por todos esses anos só para trazer ele de volta?

— Sim, mas há algum tempo eu já havia, de certa forma, desistido disso.

— Por quê?

— Os seres do submundo nunca me revelaram todos os detalhes para que a ressurreição pudesse ser feita. Pensava que só

com você isso seria possível, mas me enganei. Na minha última viagem fui até eles para saber se já podíamos realizar o ritual. Disseram a mim que não, pois precisavam de um sangue amaldiçoado e um levemente amaldiçoado. Perguntei o que significava aquilo, porém, como sempre não me revelaram. Mandaram eu voltar dali alguns meses.

— Mas o que isso quer dizer?

— Na época não soube também. Contudo, assim que você me contou que aquela menina estava grávida consegui encaixar as coisas. Precisávamos de sangue amaldiçoado, o seu no caso, e sangue levemente amaldiçoado, o sangue de um mestiço.

— Então é por isso que você não fez nada com a Júlia quando descobriu de sua gravidez?

— Isso mesmo. Assim que soube me reuni com os seres do submundo e perguntei se o sangue levemente amaldiçoado seria o de um mestiço. Eles disseram que sim e quando a criança nascer vamos poder trazer Henrique de volta à vida.

— Nossa! — aquilo tudo era muita informação de uma vez. — Se realizarmos o ritual com o bebê, isso não vai machucá-lo?

— Não se preocupe, garoto, não vai acontecer nada de mais com a criança e com você.

— Que bom, mas ainda não entendi por que ouço uma voz na minha mente.

— Não se preocupe. É Henrique.

— Henrique?

— Para transformá-lo dei do meu sangue e o de Henrique para você. Com isso os fragmentos da alma dele que ainda se mantinham dispersos se juntaram, e conforme seus poderes vão

aumentando, mais ligados vocês ficam. A alma dele só retornará ao corpo quando o ritual for realizado.

Diogo refletiu sobre tudo o que ouvira de Augusto. Então quer dizer que a alma de Henrique estava dentro dele? Que estranho. Será que desde sempre ela esteve com ele? Será que foi Henrique que planejou que ele voltasse a se encontrar com Júlia depois de sua transformação? Muitas perguntas sem respostas rondavam sua mente.

— Tudo o que Henrique me fala é verdade? — indagou a Augusto.

— Deve ser, por quê?

— Ele me disse para ficar de olho na Samantha, pois ela retornaria às suas origens — Augusto franziu o cenho.

— Ele só disse isso? — Diogo confirmou. — Estranho. Preciso averiguar isso — levantou-se e começou a se afastar, porém Diogo o chamou.

— Você possui alguma habilidade, Augusto?

— Mas é claro — o vampiro sorriu.

— E qual é?

— É melhor que não fique sabendo agora, na hora certa mostro a você.

Saiu deixando o garoto sozinho. Não conseguiu entender o porquê de tanto mistério, mas decidiu não se preocupar com aquilo. Ficou mais curioso em saber se um dia poderia desenvolver uma habilidade, seria maneiro. Sorriu.

Capítulo 31

Como podia se sentir tão insegura com ele por perto? Nunca em toda sua vida ficou assim perto de um garoto. Não conseguia mais entender seus próprios sentimentos. Desde criança era apaixonada por Jeferson, mas por ele ser mais velho nunca prestou atenção na pequena menina que ficava grudada em sua irmã caçula. Por causa dos estudos dele cada vez o via menos e quando se mudou, Ruth sofreu tanto que acabou se apegando muito em Júlia e com isso se apaixonou por ela. Sempre saiu com garotos para poder esquecer o que sentia por sua melhor amiga, porém, desde que contou tudo a ela, aquele amor que sempre sentiu minguava a cada dia que se passava. Agora não sabia mais o que queria. Não sabia mais o que sentia.

Assustou-se e deu um grito ao sentir algo em seu ombro, derrubou na pia o prato que lavava fazendo com que se quebrasse.

— Nossa, como você está tensa — Francine ajudou Ruth a recolher os cacos que se espalharam.

— Não me assuste mais assim — disse com as mãos no peito, o coração disparara.

— Não era minha intenção. Te chamei várias vezes, você que não respondeu. Foi aí que resolvi ver o que estava fazendo — encarou-a. — Você está pensando nele, não está?

— É claro que não.

— Se você não quer me contar, tudo bem. Só vim até aqui te avisar que estou indo embora, meus pais estão me enchendo por

ficar todo esse tempo fora de casa — abriu a torneira e lavou as mãos.

— Onde está a Júlia?

— No quarto dormindo, ela teve um pouco de tontura e resolveu descansar — voltou a encarar Ruth e cochichou: — Você vai ter que ficar sozinha com ele — sorriu. — Tchauzinho.

Francine saiu da cozinha deixando Ruth sozinha com seus pensamentos. Pôde ouvir ela se despedindo de Jeferson, abrir a porta e sair. Uma forte onda de desespero se chocou contra seu corpo. Não se preparara para ficar a sós com ele. Pediu silenciosamente para que ele ficasse bem longe dela, mas antes mesmo de terminar o pedido, Jeferson entrou na cozinha.

— Precisa de ajuda? — perguntou se aproximando dela.

— Não — respondeu secamente. Todo seu corpo tremeu. — Não se preocupe, já estou terminando — não o olhou.

Jeferson sentou-se em uma cadeira, debruçou-se sobre a mesa e a observou. Sabia que ela o evitava, só não entendia o porquê. Toda vez que se aproximava ela sempre arranjava uma desculpa para sair de perto. Agora lá estavam eles, praticamente sozinhos.

Seus olhos percorreram o corpo dela. Como podia uma menina magrelinha se transformar em uma linda mulher em apenas quatro anos? Sentia vontade de ir até ela, abraçá-la e beijá-la. Balançou a cabeça. Como podia pensar aquilo? Ruth era muito mais nova que ele. Se não se enganava ela devia ter 17 anos, e ele completara 26. Não deveria pensar sobre aquilo, colocou as mãos na cabeça querendo esquecer suas vontades.

Depois de terminar de lavar a louça, Ruth começou a secá-la, colocando os utensílios em cima da mesa.

— Você quer que eu vá guardando? — perguntou Jeferson.

— Não precisa — evitava olhar para ele.

— Está querendo dizer que homem não sabe fazer essas coisas? — levantou-se e pegou o prato de sua mão. Ruth ficou ruborizada ao sentir a mão dele encostar-se à sua. — Onde eu guardo isso?

— Já que você insiste — pegou os outros pratos e os colocou nas mãos de Jeferson. — Coloque naquela porta ali — disse apontando para o armário.

Terminaram de guardar a louça em poucos minutos. Ao perceber que ele a olhava, Ruth desviou a vista e disse:

— Vou ver como a Júlia está — mas antes que pudesse sair da cozinha, Jeferson a pegou pelo braço.

— Por que você foge de mim? — seus olhos se fixaram nos dela.

— Eu não estou fugindo de você — puxou seu braço, fazendo com que ele o soltasse.

Ficaram se encarando por um longo tempo. Jeferson passou as mãos no rosto.

— Me desculpe. Não sei o que está acontecendo comigo — viu que Ruth abaixou a cabeça e fitou o chão.

Como era linda. Seus cabelos loiros lhe cobriam o rosto, e Jeferson conseguia ver que estava vermelha. Chegou mais perto dela, ao fazer isso Ruth levantou a cabeça. Pegou-a pelo queixo.

— Acho você linda...

Aproximou-se mais. O calor que o rosto dela emanava chegava a queimar o seu. Encostaram seus lábios levemente. Como era macio. O beijo durou pouco, pois ela se afastou.

— O que pensa que está fazendo? — colocou a mão na boca. Tremia dos pés à cabeça.

— Nem eu mesmo sei — puxou-a para perto de si e a abraçou.

— Não podemos fazer isso.

— E por que não? — olhou-a no fundo dos olhos.

— Eu, eu... — não sabia o que dizer. Tentava controlar a tremedeira e o frio no estômago, mas suas tentativas eram vãs.

— Apenas relaxe — disse Jeferson, sorrindo e acariciando seu rosto. — Vamos aproveitar o momento.

Era a primeira vez que beijava alguém com vontade. Nunca havia compartilhado daquilo com outra pessoa. Sabia que todos os namorados que teve só ficavam com ela por causa de seu corpo e não por quem ela era, mas agora sentia que era diferente, algo a ligava a Jeferson. Seus beijos eram maravilhosos, algo que nunca provou antes. Perdeu a noção do tempo só voltando a si ao ouvir uma leve risadinha. Afastou-se dele e olhou para a porta da cozinha. Viu Júlia ali escorada com as mãos na boca tentando conter o riso.

— Me desculpe. Não quis atrapalhar vocês — deu as costas e saiu. — Podem continuar — gritou ela do corredor.

Ainda tonta por causa dos beijos, Ruth encarou Jeferson que sorriu para ela. Segurou-a em seus braços e lhe deu mais um beijo.

— Infelizmente tenho que ir embora — disse acariciando o rosto da garota.

Ruth, porém, não conseguia responder nada, não sabia o que dizer. Jeferson lhe deu um forte abraço e lhe beijou a testa.

— Não fique tão nervosa assim.

— Não estou nervosa — atrapalhou-se com as palavras.

— Sei... — tentava se segurar para não rir.

— Vai ficar rindo de mim agora? — distanciou-se dele e lhe deu as costas.

— É que você fica ainda mais linda quando está com vergonha — abraçou-a pelas costas e lhe beijou o pescoço. Cochichou em seu ouvido: — Da próxima vez que nos encontrarmos podemos continuar de onde paramos?

Ruth suspirou e virou-se para poder encará-lo.

— Acho que sim — disse sem jeito, colocando o cabelo para trás da orelha.

— Fico feliz em ouvir isso — deu-lhe mais um beijo. — Acho que agora a Júlia não vai te deixar em paz depois do que ela viu.

— Você acha? Eu tenho certeza — riram juntos.

Depois de uma longa despedida de Jeferson, Ruth foi em direção ao quarto de Júlia, esta, logo que a viu, começou a rir.

— Olá, cunhada.

— Não vai começar — sentou-se ao lado dela na cama.

— E aí, meu irmão beija bem?

— Júlia, para com isso — sentiu seu rosto queimar.

— Vamos lá, Ruth, me conta. Você está apaixonada, não está?

— Não vou te responder.

— Então, quer dizer que sim — esfregou os olhos, pois começaram a lacrimejar de tanto ela rir.

Parou de rir no exato momento que sentiu uma pontada no ventre. Colocou as duas mãos sobre ele.

— O que foi? — indagou Ruth com um olhar preocupado.

— Não foi nada. Foi só o bebê que mexeu. Agora consigo compreender o quanto ele é diferente. Mesmo sendo tão pequeno o sinto mexer, isso não é comum no começo da gravidez... — encarou Ruth. — Não mude de assunto! — voltou a rir. — Você está apaixonada pelo Jeferson, não está?

— Está bem, Júlia, você venceu. Eu estou sim apaixonada pelo seu irmão. Tem algo de errado nisso?

— É claro que não! — olhou para sua barriga. — Viu, neném, essa é sua tia Ruth — sentiu outro chute. — Acho que ele me entende — fitou Ruth. — O Diogo te ligou?

— Não.

— Entendo — disse desanimada.

— Não fique assim, tenho certeza de que não vai demorar muito para ele vir te ver.

— Sinto muita falta dele — acariciou novamente a barriga.

Capítulo 32

Depois que ela deixou o hospital, não conseguiu mais encontrá-la. Prometera para a sobrinha que sempre a visitaria, porém, como cumpriria sua promessa se não sabia onde ela se encontrava? Sentiu ódio daquele maldito moleque por meter Júlia numa situação dessas. Enquanto ele ficava sob a guarda de Augusto, ela tinha que correr perigo solta por aí. Sua vontade era de ir até lá, pegá-lo e dar uns bons socos nele, mas se fizesse isso Júlia não lhe perdoaria.

Sentava-se em um canto escuro do terreno em frente à casa de sua irmã. Pensou em Carmen. Como ela estava se saindo com tudo aquilo? Viu um carro estacionar a poucos metros da casa. Ficou atento. Notou uma linda garota dentro dele. *É ela de novo*. Há alguns dias aquela mesma moça aparecia em frente à casa, ficava esperando algo e depois de algum tempo ia embora. Perguntou-se quem ela era e o que queria, mas antes de terminar suas conclusões o portão da casa se abriu e viu Jeferson atravessá-lo com uma bicicleta. *Como esse menino cresceu*, pensou olhando para o seu sobrinho. Jeferson montou na bicicleta e começou a pedalar. Assim que ele andou alguns metros, a garota ligou o veículo e o seguiu. Cláudio intrigou-se com tudo aquilo e resolveu segui-los também.

A menina no carro andava um pouco atrás de Jeferson, às vezes estacionava para poder manter uma boa distância dele. Cláudio já começava a ficar irritado de seguir aqueles dois, pois já fazia vinte minutos desde que saíra da casa de Carmen. Agradeceu por ver Jeferson parar a bicicleta em frente a uma casa no Jardim

Santa Paula. Assim que o rapaz entrou, a moça do carro esperou poucos segundos, saiu do veículo, dirigiu-se até o portão e bateu palmas. Um garoto de cabelos compridos atendeu a moça, ela perguntou de Júlia, ele disse que não sabia dela.

— Eu sei que ela está aqui.

Antes que Carlos pudesse ter feito algo, a garota de olhos verdes passou correndo por ele e entrou na casa.

— Ei! Você não pode entrar — correu atrás dela.

Cláudio pulou o muro da casa logo em seguida e se manteve agachado debaixo da janela da sala de onde podia ouvir tudo.

— Eu sei que ela está aqui! — gritou. — Júlia! — chamou. — Sou eu, Sofia, prima do Diogo. Preciso falar com você.

— É melhor você sair daqui — Carlos a pegou pelo braço.

Ele a empurrava para fora da sala quando Júlia apareceu. Sofia se soltou dele e correu até ela.

— O que você quer aqui? — perguntou Júlia olhando-a com desprezo.

— Você... Está grávida? — olhou a garota ruiva dos pés à cabeça.

— Isso não é da sua conta. O que quer aqui? — cobriu o ventre com as mãos.

— Tive um sonho — ergueu seus olhos extremamente verdes para encará-la. — Nele vi Diogo, você e aquele homem de preto que vejo desde criança. Senti algo de estranho — colocou a mão no peito. — Algo que não consigo explicar, e vi também um bebê banhado em sangue... — reparou que Júlia se assustou com suas palavras. — Eu sei que só você pode me contar onde o Diogo está.

— O Diogo morreu — disse Júlia, desviando os olhos de Sofia.

— Não morreu, eu sei que não, pois desde seu desaparecimento sonho com ele todas as noites, eu o vejo vestido de preto e acompanhado daquele homem, e há algum tempo você começou a fazer parte dos meus sonhos — aproximou-se de Júlia. — Já faz dias que observo seu irmão e assim que vi ele saindo decidi segui-lo, pois sabia que a encontraria. Eu sei que você sabe do Diogo, por favor, me conta.

Júlia respirou fundo. Podia ver o desespero nos olhos verdes de Sofia. Sentou-se no sofá e pediu que ela se acomodasse a seu lado. Contou-lhe tudo o que sabia. Assim que terminou teve a impressão de que Sofia já esperava por tudo aquilo.

— Agora consigo encaixar as coisas — disse pensativa.

— Só peço que você não conte isso a ninguém.

— Não vou falar. Obrigado por tudo e sinto muito por ter criado uma má impressão de mim a você, é que sempre gostei do Diogo.

— Agora isso não importa mais.

Cláudio levantou-se para poder olhar sua sobrinha pela janela, na mesma hora o bebê chutou a barriga de Júlia. Ela se assustou com a força do chute e por instinto olhou para a janela, vendo Cláudio, que se agachou no instante seguinte. *Já que o bebê é um mestiço, acho que ele sente a presença de vampiros*, pensou Júlia.

— Muito obrigado por me contar tudo que sabe — agradeceu Sofia se levantando. — Acho melhor te deixar descansar agora, essa gravidez não está sendo fácil, né? Vi isso em um sonho.

— Eu queria te fazer uma pergunta antes — falou Júlia.

— Pode perguntar.

— Os sonhos que você tem se realizam?

— Às vezes, mas é raro, por quê?

— Por nada.

— Mas tenho pressentimentos que sempre se realizam — voltou a se sentar ao lado de Júlia. — E assim que a vi senti que você deve proteger sua família.

— Proteger como? — algo se apertou dentro do peito.

— Não sei direito, mas acho que algo vai acontecer... — reparou que os olhos da garota haviam se enchido de lágrimas. Pegou as mãos dela. — Se quer um conselho, acho melhor você pedir que eles saiam daquela casa.

— Você tem certeza?

— Não, apenas sinto — abraçou a namorada de seu primo com lágrimas nos olhos. — Tenho que ir agora.

Logo depois de Sofia ir embora, Júlia ficou pensando em tudo o que ela falara. Será mesmo que sua família corria algum perigo? Se acontecesse algo com eles se sentiria culpada pelo resto de sua vida.

— Fala pra mãe que amanhã vou voltar para casa — avisou Júlia a Jeferson, quebrando o silêncio da sala.

— Por quê?

— Preciso falar com ela.

— Se você quiser posso te levar hoje — sugeriu Carlos.

— Agora não, já está de noite, irei amanhã cedo — olhou para Ruth, teve vontade de rir, pois ela e Jeferson trocavam olhares e sorrisos. Depois de fazer com que Ruth voltasse sua atenção para ela, disse: — É melhor você ir embora, já ficou demais aqui.

— Não, quero ficar aqui com você.

— Não precisa, o Carlos está aqui comigo e além do mais, voltarei para casa amanhã.

— Você tem certeza de que não quer que eu fique?

— Claro que tenho e acho que você tem coisas mais importantes para fazer agora — sorriu, Ruth ficou vermelha.

Despediu-se de Jeferson e Ruth e logo que foram embora disse a Carlos que iria se deitar. Assim que entrou no quarto, caminhou até a janela e a abriu. Não se espantou nem um pouco ao ver Cláudio.

— Oi, tio — cumprimentou Júlia ao mesmo tempo em que o bebê mexeu. — Ele não vai nos fazer mal algum — disse olhando para a barriga.

— Como você está?

— Estou bem.

— Sua barriga está ficando bem redondinha, nem parece que está no início da gravidez.

— Todo mundo fala isso. É verdade que os vampiros do Conselho estão fazendo marcação cerrada em cima do Diogo?

— É verdade. Fui até lá ontem e pude ver com meus próprios olhos, eles não saem dos arredores da casa.

— Mas se é assim, por que não invadem o local?

— Porque morrem de medo do Augusto — tocou o rosto de Júlia com sua mão gelada. — Não fique com essa cara, tudo vai dar certo. Você foi muito esperta em não querer ir embora durante a noite. Enquanto dois dos vampiros ficam a vigiar Diogo, o outro anda pela cidade procurando por você — ao ouvir aquilo Júlia estremeceu. — Não se preocupe, se acontecer o pior serei o primeiro a me sacrificar por você.

Cláudio ficou com sua sobrinha até que esta adormecesse, indo para um sonho onde se lembrava das longas tardes em que brincava com seu tio no balanço.

Capítulo 33

Samantha ficou por muito tempo à procura daquele pulgueiro. Quando finalmente encontrou, entrou e notou que todos os homens ali presentes só faltaram se jogar aos seus pés. Adorava aquilo. Sabia que era linda e que nenhum mortal resistia à sua beleza fria. Disse ao homem do balcão o quarto para onde pretendia ir, ele apenas falou que podia subir. Ao dar as costas para aquele bando de desocupados, ouviu vários assobios.

Subiu lentamente as escadas, a cada passo que dava o salto de sua bota batia nos degraus fazendo um barulho repetitivo. Chegara a hora da virada. Daria um jeito naquela menina e naquele maldito moleque de uma vez por todas, e para satisfazê-la ainda mais, tudo isso deixaria Augusto vulnerável a Nelson.

Encaminhou-se para a primeira porta do corredor. Colocou a mão na maçaneta, girando-a e abrindo. Ao entrar no aposento, viu Otávio sentado em uma poltrona, Alexandre de pé perto da janela e Breno sobre a cama com um livro nas mãos.

— Até que enfim você apareceu — Alexandre se aproximou.
— O que você queria nos contar?

— Eu é que deveria ser membro do Conselho e não vocês — saiu de perto de Alexandre caminhando em direção a Otávio, puxou-o pelo braço fazendo com que se levantasse e sentou-se na poltrona.

— Fala logo o que você quer — disse Otávio irritado por ela o ter tirado do lugar.

— Descobri onde aquela maldita garota mora.

— Como você descobriu?

— É que sou mais eficiente que vocês três juntos — Samantha riu, colocou a mão em seu decote e retirou um pedaço de papel, estendeu-o para Alexandre. — Este é o endereço.

— Como conseguiu? — perguntou Alexandre depois de pegar o papel e ler.

— Foi simples, mandei que invadissem o colégio onde ela estudava. Foi só procurar a ficha — encarou Alexandre. — Em vez de vocês ficarem montando guarda nos arredores da casa de Augusto, deveriam ter feito isso antes.

Sentiu-se humilhado por ela, mas não demonstrou.

— Muito obrigado por sua ajuda. Comunicarei ao Conselho sua participação no caso, quem sabe eles a chamem para se juntar a eles.

— Não pretendo ir para o Conselho, além do mais, não possuo nenhuma habilidade.

— Falando em habilidade... — interveio Otávio. — Augusto possui alguma?

— Sim, mas não sei qual, acho que o único que sabe é o Fábio — encarou Alexandre. — Quando vocês vão dar um fim na garota?

— Não podemos ir hoje porque não falta muito para a alvorada, mas amanhã à noite daremos um fim em tudo isso.

Samantha se sentiu realizada ao ouvir aquilo. Augusto conheceria a vingança de uma mulher. Saiu do quarto. Agora se encaminharia para os braços de Nelson. Contar-lhe-ia sobre tudo o que planejava, é claro, depois de satisfazer aos desejos de seu senhor.

Deixou a casa de Carlos logo de manhã acompanhada de Ruth e Jeferson. Depois de ouvir o que Sofia disse, Júlia ficou muito preocupada com a segurança de sua família. Se a prima de Diogo realmente estivesse certa, eles estariam correndo perigo, sabia que precisava tirar seus pais e sua irmã de lá antes do anoitecer. No entanto, se perguntava se eles aceitariam abandonar a casa assim de repente.

Percorreram todo o trajeto a pé, o que lhes custou uns quarenta minutos. Assim que pararam em frente ao portão, Júlia respirou fundo e decidiu fazer aquilo o mais rápido possível.

— O que vocês dois tem na cabeça? — perguntou Jaqueline logo que passaram pela porta da sala.

— Onde a mãe está? — perguntou Júlia não dando importância para o comentário da irmã.

— Ela saiu — encarou Jeferson. — Como você pôde permitir que ela fizesse isso? E ainda por cima engravidou, que vergonha.

— Cala a boca, Jaqueline! — irritou-se Jeferson. — Se você estivesse realmente assim tão preocupada com a Júlia, não teria viajado com aquela merda de igreja para correr atrás de um marido.

— Não fale assim da minha religião! — disse furiosa.

— Acho melhor vocês pararem com isso — interveio Ruth. — Viemos aqui para outra coisa, lembra? — olhou para Jeferson, este suspirou, aproximou-se dela e lhe beijou a testa. Ruth ficou ruborizada.

— Você está certa — dirigiu-se a Júlia. — É melhor você ir para seu quarto e esperar a mãe chegar, não fique perto dessa víbora — olhou rapidamente para Jaqueline.

Júlia e Ruth encaminharam-se para o quarto. Enquanto entravam no cômodo podiam ouvir a discussão de Jeferson e Jaqueline. Desde sempre eles nunca se deram bem. Sua irmã sempre quis impor a Júlia seu modo de agir e pensar, mas esta não aceitava isso. Seu irmão mais velho a defendia e com essa atitude acabava brigando com Jaqueline. Júlia tentava apaziguar a relação de ambos, nunca conseguindo, eles realmente não se davam bem.

As melhores amigas se sentaram na cama, mesmo não querendo ainda ouviam a discussão.

— Vejo que você e o Jeferson estão realmente juntos — comentou Júlia querendo dizer algo para abafar as vozes vindas da sala.

— Mais ou menos. Nós conversamos bastante ontem.

— Vocês saíram? — perguntou rindo.

— Apenas fomos dar uma volta para conversar.

— E?

— Bem... Ele disse que queria ficar sério comigo, mas eu disse que era melhor não.

— Mas por que, Ruth?

— Você sabe melhor do que eu que o Jeferson ainda está estudando, não vou ficar aqui esperando por ele. Falei que é melhor a gente só assumir algo mais sério quando ele voltar definitivamente.

— Por um lado você está certa.

Depois de alguns minutos, Jeferson adentrou o quarto e ficou fazendo companhia a elas. Sua mãe e seu pai Alberto retornaram a casa só um pouco antes do almoço. Quando a viu, dona Carmen a abraçou e começou a chorar. Não conseguindo segurar a emoção, Júlia também chorou. Seu pai apenas a olhou sem nada dizer. Ela levou toda sua família para a sala, inclusive Ruth. Contou a eles tudo o que aconteceu com o Diogo e com ela. Contou sobre os vampiros do Conselho, sobre a criança, Sofia e até Cláudio, e disse que eles precisavam deixar a casa naquele mesmo dia.

— Você não respeita mais nem a alma do seu tio, menina! — seu pai se exaltou.

— Não é isso, pai, tudo o que contei a vocês é verdade, por favor, acredite em mim.

— Não quero mais ouvir nada disso. Além de aparecer grávida não sei de quem ainda inventa essa história absurda? Vou dar um jeito em você — pegou a filha pelo braço fazendo com que se levantasse e a arrastou para o corredor.

— Não faça isso, pai! — Jeferson correu atrás dele e tentou tirar Júlia de seus braços, mas não conseguiu. — Você tem que acreditar nela.

— Já disse que não quero mais saber disso e não se aproxime de mim, Jeferson, ou serei obrigado a dar uma surra em você.

O rapaz apenas se calou. O que poderia fazer contra seu pai? Nunca levantaria a mão para ele, apenas observou Alberto levar Júlia arrastada para o quarto, jogando-a lá dentro e trancando a porta pelo lado de fora.

— Agora você não vai mais causar problemas — disse Alberto.

— Não, pai, me deixe sair! — Júlia chorava e batia na porta pelo lado de dentro. — Por favor, vocês não podem ficar aqui. Pai!

Saiu de perto da porta e correu para a janela do quarto. Trancada. Ajoelhou-se frente a ela. Aquilo não podia acontecer, não podia ficar ali, tinha que sair. Voltou para a porta e continuou a bater nela, de nada adiantou.

A cada hora que se passava sentia seu coração apertando cada vez mais. Espantou-se ao olhar para o pequeno despertador em cima de seu criado-mudo. Já começava a anoitecer. Rezou mesmo não conhecendo muitas orações.

Seu coração disparou quando ouviu um barulho ensurdecedor vindo da sala e logo depois o grito desesperado de Jaqueline.

Júlia chorava copiosamente, agora era tarde demais, eles haviam chegado.

Capítulo 34

— O que você fez?

— Consegui o endereço da menina para o Conselho — respondeu Samantha, insegura.

Nelson se levantou da cama e caminhou pensativo pelo quarto. Se realmente quisesse aquele mestiço, não podia permitir que nada acontecesse à mãe da criança. Voltou para perto da cama, recolheu suas roupas do chão e começou a vesti-las.

— Onde o senhor vai?

— Não posso deixar o Conselho matar a mãe do mestiço — encarou-a. — Você devia ter me contado isso ontem!

— Me desculpa, eu não sabia quais eram as suas reais intenções em relação à criança — abaixou a cabeça.

— Não fique assim — sentou-se ao lado dela. — Você fez tudo o que pôde, eu que devo me desculpar por não a ter informado sobre isso.

Samantha ergueu os olhos e fitou seu senhor. Sorriu e o beijou. Tinha certeza de que se fosse Augusto, teria ficado muito furioso com ela. Ainda bem que não era ele e sim seu senhor Nelson.

Acorde, Diogo. Levante-se o mais rápido possível e vá atrás daquela que você ama e que carrega a chave para minha

ressurreição. Vá agora, pois se não for, ela morrerá pelas mãos do Conselho.

Levantou-se da cama de um pulo, a voz de Henrique se repetia em sua mente. Não perdeu mais tempo. Saiu correndo de seu quarto à procura de Augusto, mas não o encontrou. A casa estava vazia. Fechou os olhos e respirou fundo para se concentrar nos odores ao seu redor. Sentiu o cheiro de Marta ao longe. Encontrou-a no quintal sentada no gramado olhando para a palma da própria mão esquerda.

— Onde o Augusto foi? — perguntou Diogo, fazendo com que Marta se assustasse.

— O ouvi dizendo que ia dar uma saidinha, mas que já voltava — notou inquietude no garoto. — O que aconteceu?

— Não tenho tempo para te explicar agora, mas assim que o Augusto voltar diz pra ele ir até a casa da Júlia, pois estou indo pra lá agora, diz também que ouvi a voz de Henrique.

— Tudo bem, mas você não pode sair assim.

— Não tenho outra escolha.

Saiu deixando a vampira sozinha e correu até sua moto. Nem se lembrou de pegar o capacete. Rasgou a Avenida Joaquim Lopes Águila em alta velocidade. Quase voava ao atravessar as lombadas, não tinha tempo para reduzir, sua preocupação estava na segurança de sua namorada, nada mais.

Assim que fez a curva em alta velocidade, quase se chocando com um carro, pôde ver a casa de sua amada, e também sentia cheiro de sangue humano. Parou a moto em frente à residência, ouvia muito choro. Pulou o portão e atravessou apressadamente a porta da sala que havia sido arrancada do lugar. Seus olhos se

espantaram com o que viram: os móveis do local todos revirados e os pais de Júlia agachados ao lado de Jaqueline, que tinha o rosto e o ombro direito machucados. Reparou que Jeferson sangrava muito pelo pescoço, por cortes que pareciam garras. Ruth levantou-se do lado dele e caminhou na direção de Diogo quando o viu entrar. Chorava muito.

— Onde a Júlia está? — perguntou já sabendo da resposta, porém não queria assumir para si mesmo.

— Eles a levaram, Diogo, eles a levaram — chorava e soluçava.

Não conseguia, não queria assimilar aquelas palavras. Muitas coisas passaram por sua mente. Sentiu-se impotente. A culpa daquilo tudo era sua, apenas sua.

O que você está fazendo aí parado? Vá atrás dela, eles ainda não a mataram.

— Como você sabe disso, Henrique? — indagou em voz alta, fazendo com que todos ali presentes o encarassem.

Eu sei de tudo, Diogo, mas se você não for agora não a encontrará mais viva.

— Para onde eles a levaram?

Não estão longe de sua atual localização, continue seguindo pela avenida que logo a encontrará.

— Me diz onde — Henrique não mais respondeu. — Henrique, Henrique! Droga.

— O que aconteceu, Diogo? — perguntou Ruth, não entendeu com quem ele conversava.

— Não se preocupe, Júlia ainda está viva — viu os olhos verdes dela se iluminarem. — Tenho que ir.

Logo que voltou a pular o portão da casa, um carro parou ao lado de sua moto e dele desceu Augusto, acompanhado de Marta e Fábio.

— Eles a levaram, Augusto! — comunicou Diogo. — Mas eu sei onde encontrá-la, Henrique me disse.

Augusto permaneceu quieto, apenas o olhava, e antes que o garoto pudesse subir na moto, ele o chamou.

— Preciso te dar uma coisa — disse o vampiro se aproximando. Estendeu sua mão direita e tocou a testa de Diogo com o dedo indicador, depois de alguns segundos a retirou — Agora você pode ir.

— O que você fez?

— Apenas te passei uma habilidade temporária, com isso os vampiros do Conselho não vão conseguir te sentir. Fiz a mesma coisa em Marta e Fábio — Diogo o encarava. — Vamos logo salvar aquela menina.

Diogo subiu em sua moto e foi à frente. Chegando à avenida, virou à esquerda e acelerou o máximo que pôde. Lembrou-se do cheiro de Júlia. Com o vento batendo em seu rosto e trazendo com ele odores diferentes era difícil se concentrar. *Assim você não vai conseguir. Concentre-se!* Henrique estava certo, tinha que se concentrar se quisesse salvar sua amada. Tentou mais uma vez. Lembrou-se das vezes que ficaram juntos, do cheiro adocicado e suave que emanava de seu corpo aquecido.

Aos poucos, cada odor diferente à sua volta ia perdendo a importância até sobrar apenas um. Júlia. Acabara de se aproximar da escola CAIC quando sentiu o cheiro, ele vinha de um barracão abandonado que antigamente era o clube São Remo, poucos metros

depois da escola. Diogo acelerou ainda mais a moto indo em direção ao local. Subiu com ela o gramado que separava a construção da rua. Abandonou seu veículo na grama e correu até o barracão, saltando por todos os obstáculos presentes, desde cavalos ali deixados por seus donos até a antiga quadra poliesportiva do clube. Pulou com facilidade um pequeno muro e encostou-se à parede debaixo de uma janela quebrada. Ouvia com clareza o choro de Júlia.

Capítulo 35

Júlia não tinha mais forças para chorar, e mesmo assim muitas lágrimas involuntariamente escorriam de seus olhos. Não aguentava mais tudo aquilo, não queria mais ver ninguém sofrer e se pôr em perigo por sua causa; se não fosse pela criança que carregava em seu ventre, já teria ela mesma acabado com a própria vida. Depois de ver seus irmãos sendo machucados pelos vampiros, entrou em desespero, nunca quis envolvê-los naquilo, nunca. Não pôde averiguar a gravidade dos ferimentos deles, pois havia sido levada por aqueles monstros, eles a jogaram em um canto de um barracão abandonado não muito distante de sua casa. Assim que se encostou naquele chão imundo, sentiu-se enjoada. Não sabia se era por causa da gravidez ou pelo nojo de inalar o odor fétido do local e ver muitos animais rastejantes dos quais sentia pavor.

Alexandre se aproximou da garota encostada na parede, agachou-se e a pegou pelo queixo, fazendo com que ela o olhasse. Muitas lágrimas escorriam dos olhos agora vermelhos.

— Calma, menina, juro que vai ser rápido, você não vai sentir dor alguma — levantou-se rindo e lhe deu as costas.

— Vamos acabar logo com isso, Alexandre — disse Otávio.

— Já que está tão empolgado assim, pode fazer as honras.

— Vou adorar — Otávio esfregou as mãos e começou a caminhar lentamente na direção de Júlia. — Como vou fazer isso? Tem que ser de um jeito que eu possa ver o sangue escorrendo — gargalhou.

— Não invente moda, Otávio — repreendeu Breno. — Acabe logo com isso antes que alguém resolva aparecer.

— Está bem — encarou seus companheiros. — Vocês nem deixam eu me divertir um pouquinho — voltou a andar em direção à menina. — Já que não posso brincar com você, então vamos acabar logo com isso.

Pegou a garota pelo braço levantando-a do chão. Lágrimas marcavam suas bochechas, mas ela não reagia de forma alguma. O vampiro ergueu a mão esquerda na altura do pescoço de Júlia. Preparava-se para dar o golpe que o livraria das ameaças do Conselho e acabaria logo com tudo aquilo. Encostou a mão no pescoço da garota, pressionou um pouco, e antes que pudesse tê-lo esmagado, algo caiu em cima dele, com isso foi obrigado a largá-la.

Cláudio não pensou duas vezes ao ver o vampiro pronto para matar sua sobrinha. Saltou da janela de onde observava a cena e caiu sobre o vampiro, fazendo com que ele soltasse Júlia. Rolou algumas vezes no chão com ele antes de se levantar e encará-lo.

— Quem é você? — perguntou Otávio.

— Isso não importa, vim aqui só para levar ela embora.

— Mas você não vai fazer isso! — Alexandre se aproximou de Cláudio enquanto Breno caminhava em direção a Júlia, pegando-a do chão. — Mate ela agora, Breno! — gritou.

Alexandre e Otávio partiram para cima do rapaz ruivo ao mesmo instante, acertando-o. Este tentou se livrar dos vampiros, não obtendo sucesso. Não conseguia enxergar os movimentos de ambos, apenas sentia que eles o acertavam cada vez mais intensamente. Caiu de joelhos cuspiendo sangue no momento em

que seu abdômen foi atravessado por algo. Otávio retirou o braço de dentro do vampiro ruivo e o balançou para se livrar do sangue.

— Você não pode conosco.

Breno pegou a garota e a arrastou por alguns metros até chegar ao centro do barracão. Soltou a menina, retirou uma pistola do cinto da calça e encostou o cano frio entre as sobrancelhas de Júlia.

— Assim vai ser mais rápido e eficiente.

Júlia fechou os olhos rezando e chorando enquanto Breno engatilhava a arma e logo após colocava o dedo indicador no gatilho. Estava pronto para o disparo quando uma forte corrente de ar frio bateu em seu rosto e o fez olhar para uma das várias janelas do barracão. Em uma delas viu um ser de olhos vermelhos e dentes pontudos, cujo sobretudo esvoaçava conforme as repetitivas correntes de vento o atingia.

Diogo saltou caindo entre ambos e lhe acertou um soco bem no meio do rosto que o fez voar por metros de distância, só parando ao encontrar o outro lado do barracão.

Ao ouvirem o som estrondoso, Alexandre e Otávio olharam ao mesmo tempo para Breno, que já começava a se levantar. Ameaçaram correr até Diogo, mas foram surpreendidos por uma rajada de gelo que os fez recuar.

— Eu avisei ao Conselho que mataria qualquer um que entrasse em minha cidade sem permissão — disse Augusto se aproximando de Fábio e lhe tocando o ombro. — Muito bem, vejo que desenvolveu ainda mais sua habilidade.

— Você não vai sair vivo daqui, Augusto — avisou Alexandre, fechando os punhos.

— E quem vai me matar? Você? — gargalhou. — Não me faça rir.

— Não sabemos qual a habilidade que você possui, mas isso não importa mais, pois vamos dar conta de você com as nossas.

— Essa eu quero ver.

Diogo bufava de raiva e mantinha seus olhos fixos em Breno, que já permanecia em pé.

— Quer que eu te ajude com ele? — perguntou Marta se aproximando.

— Não precisa, eu mesmo faço isso — encarou a vampira e depois olhou para sua namorada que chorava ainda mais. — Leve ela daqui, Marta — pediu.

— Pode deixar — Marta se agachou em frente à garota. — Venha comigo, vamos sair daqui — pegou Júlia pelo braço, porém esta o puxou de volta e virou o rosto. Marta suspirou. — Eu sei que você não deve gostar nem um pouco de mim, mas não estamos em um bom momento para isso, sua vida é mais importante agora.

Júlia encarou os olhos castanhos da vampira. Sentia-se muito insegura com ela por perto, ainda mais por ser tão linda. Respirou fundo e decidiu que aceitaria a ajuda dela, mas jurou para si mesma que todo aquele assunto do envolvimento dos dois não acabaria só naquilo.

— Você não vai fazer isso! — gritou Breno ao ver Marta levando a garota.

Fez uso de sua velocidade indo para cima de ambas, contudo, antes que conseguisse alcançá-las, Diogo parou à sua frente,

estendendo o dedo indicador e balançando-o de um lado para o outro em um sinal de negação.

— Você não vai a lugar nenhum, sua luta é comigo.

— Até parece que um garoto como você vai conseguir me deter.

— Por que não experimenta?

— Tudo bem, menino, já que quer tanto assim morrer, por mim tanto faz, mas antes vou fazer uma coisinha.

Breno saltou para trás mantendo uma boa distância de Diogo. Fechou os olhos e abriu os braços. Recitou o pequeno encantamento em sua mente. Poucos segundos depois os morcegos do local começaram a emitir um som insuportável aos ouvidos vampíricos e muitos outros começaram a adentrar o barracão pelas janelas, formando no teto uma imensa nuvem de asas batendo.

Diogo observou aquilo tudo. Como podia tantos morcegos se reunirem em um único lugar daquele jeito? Olhou para Breno e viu que ele ainda mantinha os olhos fechados e com isso percebeu tudo. Correu até o vampiro, entretanto, antes de alcançá-lo este abaixou os braços em um movimento brusco, todos os morcegos ali presentes viraram-se na direção de Marta e Júlia, emitiram um som estranho e voaram para cima delas.

— Não! — gritou Diogo.

Correu para acudi-las, porém Breno parou na sua frente lhe empurrando com uma das mãos e fazendo com que caísse no chão.

— Não, não, garoto, você vai lutar comigo agora.

Pensou em tentar escapar de Breno, mas tinha certeza de que não conseguiria. Olhou na direção de Augusto e viu que ele e Fábio já haviam começado a enfrentar os outros vampiros do

Conselho, notou também outro vampiro caído perto deles, não sabia quem era, e aquilo também não importava agora, sua real preocupação se voltava toda para Júlia.

Ao notar aquela nuvem de morcegos vindo em sua direção, Marta pegou Júlia no colo e correu com ela. No entanto, não daria tempo de retirar a garota dali. Por isso encostou a menina na parede e a protegeu dos ataques com seu próprio corpo.

Os morcegos não apenas a mordiam, cada vez que encostavam em seu corpo algo de anormal penetrava em sua pele e com isso uma forte dor tomava conta do local. Não sabia por mais quanto tempo conseguiria suportar aquilo. Ainda não estava preparada para usar, porém não tinha outra escolha. Colocou Júlia no chão e virou-se. Estendeu os braços à frente do rosto e das palmas abertas das mãos uma forte labareda de fogo saiu atingindo a vários morcegos.

Só descobrira a habilidade há pouco tempo, ainda não treinara ela o suficiente para usá-la de tal forma, mas mesmo assim a usava para queimar aqueles bichos asquerosos que se aproximavam. Mesmo sendo queimados, eles voltavam a se levantar e atacar. Sentia-se cansada pelo uso abusivo de sua habilidade e com muita dor causada pelos ferimentos. Não sabia por mais quanto tempo aguentaria aquilo.

— Vocês não vão conseguir me matar assim! — disse Augusto levando a mão ao bolso de sua calça, retirou um maço de cigarros e acendeu a um.

— Não se preocupe, isso foi só um aquecimento — falou Otávio olhando para Augusto e depois voltando a encarar Fábio.

— Então me mostre o que os vampiros do Conselho sabem fazer — pediu Fábio.

Otávio sorriu. Levou os dedos indicadores de ambas as mãos até suas presas e fez cortes profundos neles. Ao abaixar os braços, o sangue não escorria dos ferimentos.

— Não me diga que agora você vai cortar os pulsos — riu o vampiro negro.

— Infelizmente isso só funciona com os dedos.

O vampiro fez um leve movimento com os braços e a partir de cada corte se formou um fino chicote de sangue. Eles aumentavam e diminuíaam de tamanho a cada segundo, até parecia que eram vivos. Avançou sobre Fábio.

Conseguiu desviar de algumas das investidas de Otávio, mas nas outras vezes foi pego pelos chicotes. Os locais atingidos instantaneamente machucavam-se e o sangue do vampiro que ficava no lugar começava a corroer a pele de Fábio. Afastou-se o máximo que pôde dele e observou seus ferimentos, a cada segundo que se passava perdia os movimentos dos membros atingidos.

Fábio encarou Otávio, este ria muito. Não podia permitir aquilo, tinha que proteger a qualquer custo os objetivos de Augusto. Respirou fundo enchendo os pulmões, só que em vez de soltar uma rajada, retirou de sua boca uma lança de gelo. Mirou Otávio e a arremessou, este desviou com facilidade.

— Você nunca vai me acertar jogando diretamente...

Sentiu algo. Seus olhos se arregalaram ao ver a lança jogada por Fábio o atravessar bem no meio do peito. Caiu de joelhos. Colocou uma das mãos na lança para retirá-la, e se surpreendeu ao ver seus membros sendo congelados. No mesmo instante percebeu que seu peito também começava a congelar, tendo início a partir do ferimento e se espalhando.

— Vejo que os vampiros do Conselho ainda não estão preparados para enfrentar as crias de Augusto — Fábio se aproximou de Otávio, agachando-se em sua frente. — O congelamento não vai cessar até você se tornar uma imensa pedra de gelo.

— Seu maldito... — pronunciou o vampiro com dificuldades, pois o gelo encobria quase toda sua garganta.

— Tchauzinho, vampirinho do Conselho — Fábio afastou-se rindo enquanto Otávio tinha o corpo todo coberto, e em poucos segundos tornou-se uma estátua fria e amaldiçoada.

Diogo aliviou-se ao ver Marta se defendendo dos morcegos e protegendo Júlia. Agora sim podia se dedicar a acabar com aquele maldito.

— Levanta logo, moleque — disse Breno. — Não era você que estava tão ansioso para morrer?

— Eu não vou morrer! — respondeu Diogo se levantando. — Vou acabar com você.

— Não se iluda dessa forma, sou um vampiro com quase 100 anos. Você está nessa vida há poucos meses — passou as mãos no rosto. — Sabe de uma coisa? Eu cansei disso, vou acabar com tudo agora.

Breno partiu para cima de Diogo tão rápido que este não teve tempo de se desviar dos golpes. *O que é isso, Diogo? Você não pode deixá-lo vencer.* Mas é claro que sabia disso, ou Henrique achava que ele apanhava de propósito?

Assim que conseguiu se desvencilhar de Breno tentou se afastar, porém o vampiro não permitiu que sua vontade fosse realizada. Precisava fazer algo e rápido, senão seria morto.

Uma dor descomunal tomou conta de sua cabeça, Diogo caiu de joelhos e gritou de dor, seus olhos ardiam e seu corpo tremia, não conseguia controlar a si mesmo. Uma onda de raiva o atingiu. De repente se levantou não sentindo mais nada, era como se todos seus músculos estivessem relaxados. Seus olhos continuavam vermelhos, mas seu globo ocular tornara-se negro como a noite. Sua percepção do ambiente melhorou muito.

Caminhou tranquilamente na direção de Breno, que o encarava espantado. Ficou cara a cara com ele, estralou o pescoço e sorriu mostrando as longas presas. Antes que qualquer um pudesse ter visto, Diogo enterrou o punhal no abdômen do vampiro e o puxou na horizontal logo após.

Breno, assustado e não entendendo o que estava acontecendo com o garoto, distanciou-se com as mãos no abdômen perfurado.

— Moleque maldito, você vai pagar por isso.

Diogo nada respondeu, apenas gargalhou. Assim que Breno investiu novamente, o garoto desapareceu da vista do vampiro e reapareceu atrás dele. Sem aviso algum pulou em suas costas, fazendo com que ele caísse no chão, e com o punhal em mãos esfaqueou repetitivamente o vampiro. Não deu chances para que Breno se levantasse, queria matá-lo a qualquer custo. Gargalhava cada vez mais alto. Uma felicidade tremenda tomou conta de seu corpo ao ver o sangue espirrando para todos os lados.

Ao ouvir as gargalhadas de Diogo, Augusto olhou na direção dele. *Droga, está acontecendo de novo.*

— Augusto! — chamou Fábio. — Está acontecendo aquilo com o Diogo.

— Eu já percebi. Vá ajudar Marta que do Diogo cuido eu.

Desapareceu da frente de Alexandre, correndo até seu protegido. Ao se aproximar passou os braços pelo peito de Diogo, retirando-o de cima de Breno.

— Me larga! — gritou Diogo com uma voz que não era a sua. — Me larga, seu maldito, quero matá-lo, quero matá-lo! — debatia-se muito.

Augusto virou o garoto ficando cara a cara com ele e encarou aqueles olhos anormais até mesmo para um vampiro. Pegou-o pela garganta, içando-o.

— Você não pode fazer isso com ele, Henrique! — o garoto se debatia cada vez mais impaciente e raivoso, acertou-o algumas

vezes com o punhal. — Não se preocupe, cuidarei disso sozinho, não precisa usar o Diogo dessa forma.

Diogo voltou a sentir a insuportável dor de cabeça e a ardência nos olhos, e poucos segundos depois elas cessaram. Augusto o colocou em pé no chão.

— Não me pergunte o que aconteceu — disse Augusto. — Apenas vá ficar com aquela menina e deixe o resto comigo.

Não conseguia mais. As labaredas que saíam de suas mãos a cada minuto ficavam mais fracas e a dor já consumia todo seu corpo. Pediu desculpas a Augusto e a Diogo por não conseguir proteger a menina. Marta fechou os olhos e abaixou seus braços caindo de joelhos, preparada para os ataques dos morcegos, que felizmente não aconteceram.

Uma fraca corrente de ar frio a atingiu no rosto. Abriu os olhos a tempo de ver Fábio congelando todos os morcegos. Uma enorme pedra de gelo se formou, caindo no chão logo após seu companheiro vampiro terminar o serviço.

Fábio se aproximou de Marta e Júlia, esta tremia dos pés a cabeça, e ao pousar seus olhos sobre a vampira viu o corpo desta todo marcado por mordidas.

— Você está bem, menina? — perguntou se agachando ao lado de Júlia, que apenas meneou positivamente a cabeça. — E você, Marta?

— Estou bem — olhou para Fábio e sorriu, mas deixou que seu corpo caísse ao chão.

— Marta! — Fábio a pegou, encostando a cabeça em seu peito. — Você não está nada bem.

— Não se preocupe comigo, bonito, vou melhorar já já.

— Júlia! — gritou Diogo, correndo na direção deles. Caiu de joelhos ao lado de sua namorada, abraçando-a. — Você está bem?

— Sim — respondeu com a voz fraca.

— Que bom — encarou Marta. — Obrigado por tudo.

— Não precisa me agradecer — tossiu um pouco de sangue.

— Não pensem que tudo acabou — alertou Fábio. — Fiquem em alerta, eles ainda podem nos atacar a qualquer momento.

Capítulo 36

Agora sim poderia se dedicar à luta, pois sabia que a garota estava protegida ao lado de Diogo, Marta e Fábio. Olhou para o corpo de Breno. Demoraria um pouco para ele se recuperar, mas não se importava com ele e sim com Alexandre. Queria enfrentar o mais forte dos três. Caminhou tranquilamente parando a poucos metros dele.

— O que aconteceu com o garoto? — indagou Alexandre.

— Isso não importa ao Conselho — respondeu secamente.

Alexandre deu de ombros. Augusto passou a mão nos locais onde foi atingido pelo punhal, felizmente os ferimentos haviam desaparecido. Encarou seu oponente. Chegara a hora de acabar com tudo aquilo.

Desapareceu da vista do vampiro. Alexandre, percebendo os movimentos de Augusto, virou-se para atingi-lo com um soco, porém este se agachou a tempo e lhe investiu um chute na parte de trás dos joelhos. Alexandre pulou antes de ser atingido, rodou no ar e chutou o rosto de Augusto, que voou alguns metros.

Sem perder tempo, Alexandre correu na direção de seu alvo que levantou de um pulo e lhe acertou o estômago. Ao ser atingido, afastou-se, tomou fôlego e investiu novamente.

Todos que assistiam àquela luta podiam dizer que ambos se equivaliam na força e velocidade. Um duelo totalmente equilibrado, demorado e cansativo para os participantes. A cada golpe bloqueado uma forte corrente de energia emanava de ambos e com isso todo o ar em volta deles era dissipado com uma velocidade incrível. O teto

do barracão não aguentou tanta pressão e começou a ruir. Enquanto os destroços caíam, os vampiros continuavam a luta, apenas iluminados pela luz da lua. Uma batalha de titãs.

— Por que você não me mostra sua habilidade, Augusto? — perguntou Alexandre depois de se afastar dele.

— Já que quer tanto assim ver...

Augusto estendeu o braço direito com a palma da mão voltada para cima. Segundos depois uma pequena esfera de vento se formou.

— Então você manipula o ar? Isso é muito básico.

— Fique quieto e apenas me observe.

Estendeu o outro braço e dele emanou inúmeros raios. Augusto sorriu e fez com que a esfera e os raios desaparecessem. Estalou os dedos de ambas as mãos e deles surgiram pequenas labaredas, estalou novamente e elas sumiram. Fechou o punho esquerdo e ao abri-lo notava-se um pequeno buraco na palma da mão de onde foi retirada uma espada formada de sangue. Augusto a rodou no ar e a cravou no chão. Colocou as mãos nos bolsos e piscou os olhos. A espada levitou e girou no ar só parando quando a ponta afiada se voltou para Alexandre. Voltou a piscar e ela saiu em disparada na direção do vampiro, que desviou.

— Mas que merda é essa? É impossível um vampiro possuir tantas habilidades assim!

— Na verdade possuo apenas uma como a maioria de nós — ergueu o braço e apanhou a espada que voltou levitando para sua mão.

— Então como você explica isso? — tentava controlar seu espanto.

Rodou mais uma vez sua espada no ar, empunhou-a e investiu contra Alexandre que se protegeu usando o próprio braço. Ao atingi-lo, ouviu som de metal e notou que o local onde o sobretudo dele havia sido acertado rasgara-se e com isso pôde ver que o braço de Alexandre estava todo negro. Afastou-se.

— Vejo que possui uma boa defesa — sorriu. — Você ainda deve estar intrigado com relação às minhas habilidades, não é? Pois bem, vou lhe dar o privilégio de saber de tudo antes de ser morto por mim — hesitou por alguns segundos. — Possuo uma habilidade nunca vista antes, eu a nomeei absorção.

— Absorção?

— Isso mesmo. Consigo absorver outros vampiros, com isso aumento minha força e consigo fazer uso das habilidades deles.

— Então quer dizer que...

— Possuo inúmeras — interrompeu-o. — E o que mostrei a você são apenas algumas, mas agora não quero mais falar sobre isso.

Segurou a espada com ambas as mãos e raios começaram a percorrê-la. Uma forte corrente de ar envolveu seu corpo, fazendo-o levitar. Olhou para Alexandre que, mesmo tentando disfarçar, parecia muito espantado. Sorriu e investiu contra o vampiro, e antes de se aproximar totalmente, abriu a boca e dela saíram inúmeras agulhas que no meio do trajeto pegaram fogo.

Alexandre cruzou os braços à frente do rosto. As agulhas bateram nele e caíram no chão. Augusto, ao atingi-lo com a espada, foi repellido. Assim que o vampiro do Conselho se endireitou, notava-se que todo seu corpo tornara-se negro como a noite, voltando logo em seguida à cor normal de sua pele.

Contudo, para a surpresa de Augusto, ao invés de se manter pálida, a pele de Alexandre começou a ficar transparente. Este estendeu o braço, que se esticou como um elástico, envolvendo o corpo de Augusto e o trazendo para perto. O vampiro escureceu e desferiu inúmeros socos em seu adversário, parando apenas ao ver seu punho atravessar o abdômen dele.

Não acreditava que um simples vampiro do Conselho lhe atingira com tantos golpes daquela maneira, mas aquilo não ficaria assim. Ao ser solto por Alexandre, Augusto caiu de joelhos. Um enorme buraco se formou no lugar de seu abdômen. Sorriu. Um pouco de concentração foi o suficiente para fazer com que o ferimento se fechasse. Levantou-se, limpou as roupas e encarou Alexandre.

— Essa habilidade de recuperação absorvi de um vampiro do Nordeste — sorriu. — Gostei da sua, acho que vou querê-la para mim.

— Não fale asneiras. Vou acabar com você agora.

Alexandre ficou transparente e o atacou com uma velocidade incrível. Conseguiu acertá-lo algumas vezes com seu punho negro, mas sempre que o feria, ele se recuperava logo depois. Não acreditava no que via. Como um vampiro poderia ter uma habilidade tão eficiente quanto aquela? Augusto não possuía nenhum ponto fraco e se fosse encontrado algum em determinada habilidade, ele simplesmente usava outra. Não podia morrer naquela batalha, tinha que sobreviver para contar aos seus superiores sobre Augusto. Se bobeassem ele poderia reunir tanto poder e bater de frente com o vampiro do Estado. Causaria muitos problemas. Tinha de acabar com aquilo o mais rápido possível.

Mesmo investindo inúmeras vezes sobre ele, Augusto apenas sorria e se regenerava quando era ferido. Não usava sua verdadeira força. A cada sorriso que recebia do vampiro, Alexandre ficava cada vez mais perturbado. Aos poucos perdia sua capacidade de raciocínio rápido, tanto que não notou Augusto se aproximar, ele parou ao seu lado e murmurou:

— Essa habilidade absorvi há pouco tempo, por isso não consigo usá-la adequadamente, mas pelo menos consegui te confundir um pouco, não é?

Pegou Alexandre pelo pescoço. De sua mão dispararam algumas agulhas que penetraram a garganta do vampiro, fazendo com que muito sangue espirrasse. Perdeu totalmente o movimento do corpo, caindo quando Augusto o soltou.

— Essas agulhas não apenas furam, sugam de tal forma a energia que o indivíduo perde os movimentos quando entram em contato com o corpo — agachou-se ao lado de Alexandre. — O Conselho não é mais páreo para mim — sorriu. — E agora vou aumentar minha força e ganhar mais uma habilidade — colocou a mão direita sobre a testa do vampiro. — Adeus, Alexandre.

Os olhos do vampiro arregalaram-se como nunca ao sentir que começava a ser sugado. Em poucos segundos todo o corpo de Alexandre foi absorvido, apenas sobrando no local as roupas que vestia. Augusto fechou os olhos e pôde sentir todo aquele poder fluindo dentro dele. Uma sensação maravilhosa. Seu corpo ficou negro e no instante seguinte transparente. Conseguia usar plenamente a nova habilidade.

— Augusto, atrás de você! — ouviu o grito de Diogo.

Virou-se a tempo de ver Breno se aproximando com um fio de prata entre as mãos. No entanto, antes que ele pudesse ter-lhe atacado, o vampiro foi atingido por uma meia esfera de energia negra que o fez se chocar com a parede do barracão.

Todos ali presentes olharam ao mesmo tempo para uma das janelas, vendo passar por ela um indivíduo, Jarison, que se juntou a Leandro e Vítor já dentro do barracão. O vampiro loiro de cabelos compridos mantinha o braço estendido, uma fina fumaça saía de sua mão e seus olhos azuis haviam se tornado negros.

— Recebemos seu aviso mental, mas estávamos muito longe, por isso demoramos um pouco. Você está bem? — perguntou Vítor abaixando o braço e se aproximando de Augusto, seus olhos voltaram ao azul natural.

— Estou bem, sim, obrigado por aparecerem. Agradeço.

— Você realmente acha que isso vai acabar assim?

Uma voz feminina invadiu o ambiente. Pelo teto esburacado viram uma linda mulher com roupas de couro e bota de salto fino pular para dentro do barracão. Samantha olhou todos com desprezo e caminhou na direção de Breno, que começava a se levantar.

— Vá embora o mais rápido que você conseguir e conte tudo ao Conselho.

— Eu não vou fugir — seus olhos queimavam de ódio.

— Não seja imbecil, Breno. Alexandre e Otávio já estão mortos, se você ficar vai ser mais um eliminado.

O vampiro encarou os olhos grandes e negros de Samantha. Ela tinha razão, não podia morrer, precisava informar ao Conselho, precisavam saber de tudo. Breno assentiu com a cabeça e pulou na primeira janela que viu.

— Ele vai fugir! — gritou Jarison já correndo atrás do vampiro.

Samantha parou à sua frente e lhe acertou um soco no rosto. Sua força foi tanta que Jarison não apenas se chocou com a parede, mas fez um enorme buraco no local.

Leandro e Vítor ameaçaram investir contra a vampira, porém foram impedidos por Augusto.

— Dela cuido eu.

Quem o via caminhar podia jurar que contava cada passo. Parou diante de Samantha, olhou-a no fundo dos olhos e a pegou pelo queixo, aproximando seu rosto do dela.

— Por que me traiu? — perguntou quase num sussurro.

— Não me venha com essa agora, Augusto — bateu em seu braço para que ele a soltasse. — Você sempre me tratou como um cachorro e depois que aquele maldito moleque apareceu as coisas só pioraram.

— Não foi essa a pergunta...

— Cale a boca! — interrompeu-o. — Eu te odeio com todas as minhas forças. Espero que o chefe do Estado venha e dê um jeito em você e em todo esse bando.

— Samantha... — disse sorrindo. — Você nunca deveria ter me traído assim — balançou a cabeça de um lado para o outro. — Eu avisei que sua vida pertencia a mim — pegou-a pela garganta. — E agora vou tomá-la de volta!

Augusto a jogou no chão. Samantha caiu de joelhos, e ao olhar para o vampiro, ele a chutou. A vampira voou alguns metros antes de cair e bater a cabeça, a ferida que se formou manchou seus cabelos negros de vermelho. Augusto a levantou do chão.

— Ainda está viva? Pois bem, não vou perder mais tempo com você.

Fez um leve movimento com o braço livre, que ficou rubro e uma ponta afiada tomou o lugar do pulso e da mão de Augusto. Encostou sua mais nova arma no pescoço de Samantha, pronto para perfurá-lo, quando algo envolveu o corpo da vampira. Uma espécie de barreira com um leve tom azul repeliu o vampiro. Samantha continuou suspensa no ar, desacordada. A barreira se desmanchou dando forma a uma esfera que envolveu a vampira. A esfera iluminada começou a flutuar e passou por um dos vários buracos do teto. Augusto bufou de raiva e foi atrás. Logo que atravessou outro buraco, pôde ver um vampiro que não conhecia, ele segurava Samantha nos braços.

— Olá, Augusto, até que enfim nos conhecemos pessoalmente.

— Nelson? — fechou os punhos.

— Isso mesmo, sou Nelson, o vampiro que mandou matar seu irmão — o vampiro de voz grave gargalhou.

— Então, quer dizer que você seduziu essa aí? — indicou Samantha com a cabeça.

— Pois é, mas ela sempre esteve comigo — passou a mão no rosto da vampira para limpar o sangue. — Eu que a mandei para você e assim como planejado você a transformou e a colocou dentro de seu covil — riu. — Você caiu como um patinho, Augusto.

— Foi você que avisou o Conselho, não foi?

— É claro que fui eu.

— Seu maldito!

Augusto investiu contra Nelson, que desviou de todos seus ataques. O teto do barracão, que já estava todo esburacado, não aguentou e iniciou o desmoronamento. Diogo pegou Júlia no colo e pulou uma janela, seguido de perto por Fábio que também tinha Marta em seus braços. Procurou Augusto com os olhos, vendo-o lutar com alguém em uma quadra de esportes abandonada. Sentia que tinha que ir até lá. Deixou Júlia aos cuidados de Fábio e correu para mais de perto. Logo que se aproximou, viu o vampiro encostar Samantha em um pedaço de concreto. Ele se virou na direção de Augusto, mas depois olhou para o rapaz e sorriu.

— Olá, menino Diogo, faz tempo que não o vejo — disse Nelson.

Diogo voltou a sentir a insuportável dor de cabeça. Caiu de joelhos. Seus olhos ficaram vermelhos e seu globo ocular negro. Do mesmo jeito que surgiu, o mal-estar passou e ele andou confiante até Nelson, parando à sua frente.

— Vejo que conseguiu sobreviver — a voz que saiu de sua boca não era a de Diogo.

— Eu conheço essa voz... — Nelson franziu o cenho, pensativo. De repente sobressaltou-se. — É você, Henrique?

— Ficou com medo? — gargalhou.

— Mas como isso é possível?

— Isso não importa agora, só fique sabendo que quando você menos esperar voltarei a pôr meus pés nesse mundo e a primeira coisa que vou fazer é acabar com essa sua existência insignificante.

— Mortos não voltam do inferno — uma esfera iluminada se formou em sua mão e antes que Augusto pudesse ter feito algo para impedir, ele atingiu Diogo no estômago.

Augusto, usando sua velocidade, pegou o garoto no ar. Este empurrou o vampiro para que ele o soltasse.

— Você não pode usar o corpo do Diogo dessa forma, ele não vai suportar — disse Augusto.

— Eu quero matá-lo, não importam quais sejam os prejuízos depois.

— Não seja irresponsável, Henrique, se o garoto morrer, como vamos trazer você de volta?

— Que saco! — encarou Augusto. — Me prometa que você não vai matá-lo, eu quero fazer isso.

— Por quê?

— É uma longa história, te conto depois, mas agora me prometa.

— Tudo bem. Agora, deixe o menino em paz.

Diogo caiu de joelhos e depois de sentir todos aqueles mal-estares voltou à consciência. Olhou de Augusto para Nelson.

— Aconteceu de novo? — perguntou, encarando o vampiro que meneou positivamente a cabeça.

— Agora, saia daqui.

Sem mais demora, Diogo voltou correndo para perto dos outros. Escutavam com clareza a conversa dos vampiros.

— Como você ouviu, prometi que não te mataria — informou Augusto.

— Então, quer dizer que o Henrique vai voltar? — sorriu. — Por um lado até que vai ser bom, vou poder me vingar.

— Vá embora antes que eu resolva não cumprir minha promessa.

— Vou sim, mas não por sua causa.

Nelson andou até onde havia escorado Samantha, pegando-a no colo. Olhou mais uma vez para Augusto e os outros vampiros, e antes de partir seus olhos pararam em Diogo. Sorriu e desapareceu da vista de todos.

Segundos depois de Nelson ir embora muitos curiosos começaram a aparecer. Tinham que sumir dali o mais rápido possível. Preparavam-se para a partida quando Júlia lhes informou sobre seu tio. Não muito tempo depois Leandro apareceu com um vampiro ruivo nos braços. Foram deixados para trás as provas do que acontecera ali, como o vampiro e os morcegos congelados.

Augusto pediu que fossem à frente, pois precisava dar um fim naquele lugar. Voltou ao barracão e ao estalar os dedos, enormes chamas cercaram o local. Pessoas ali presentes gritaram desesperadas. O vampiro responsável por aquela cidade sabia que tudo aquilo daria o que falar e o que ele menos queria agora era a atenção de todos voltada para uma pequena cidade no interior do Estado de São Paulo, mas suas atitudes daquela noite, com certeza, se espalhariam pela região mais rápido que o vento. Precisava contatar as pessoas certas o mais urgente possível para que tudo fosse abafado, senão Miguel viria até ele e isso não podia acontecer. Ainda não estava preparado para tomar o Conselho.

Agradecimentos

Primeiramente à minha família e amigos, que me apoiaram desde o começo, quando tudo isso ainda era um sonho e as coisas pareciam ser fáceis.

À Thamiris Dotta (Mizu), por sempre ler o que eu escrevo e por ter me incentivado a publicar. Nem parece que faz tanto tempo, não é?

À Janaína Ogawa, por ter me ensinado tanto sobre gramática com a primeira edição desse livro e ter conversado comigo sobre as continuações.

À Paula Vendramini, por ter lido após as minhas alterações.

E agradeço a todos os leitores que estão comigo desde 2012, quando a primeira edição *de O Punhal* foi lançada, e também aos blogueiros pelas críticas construtivas.

E a você, que está lendo essa obra. Obrigada.

A autora

Jéssica Anitelli é uma leitora voraz de fantasia, mas nos últimos tempos descobriu gostar de ler de tudo um pouco, variando entre os gêneros.

Nasceu na cidade de Leme/SP em 1990 e atualmente mora em São José dos Campos/SP. É formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e escritora em tempo integral.

Escreve desde os 17 anos quando deu início aos primeiros capítulos da sua obra de estreia no mundo literário, *O Punhal*, uma história de vampiros dividida em quatro livros que tem como palco sua pequena cidade natal no interior de São Paulo.

É também autora dos romances eróticos *Volúpia*, publicado pela Editora Literata, *Notas de Luxúria* e *O Aroma da Sedução*, lançados em versão digital pela Amazon.

Outras obras da autora disponíveis na Amazon:

O Ritual (livro 2) – série O Punhal

O Conselho (livro 3) – série O Punhal

Volúpia: do desejo ao amor – romance erótico

Notas de Luxúria – romance erótico

O Aroma da Sedução – romance erótico

Eterna Maldição – conto sobrenatural de vampiros

Entre em contato pelo e-mail jessianitelli@gmail.com